

J. F. de Almeida Prado

PERNAMBUCO E AS CAPITANIAS DO NORTE DO BRASIL

(1530 - 1630)

Historia da Formação da Sociedade Brasileira

4.º TOMO

Edição ilustrada

Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 175-C
Biblioteca Pedagógica Brasileira

Pernambuco e as Capitánias do Norte do Brasil

4.º TOMO

ju' 3

OBRAS DO MESMO AUTOR

PUBLICADAS:

Primeiros Povoadores do Brasil — 1500-1530 —
2.^a Ed. ilustrada. Cia. Editora Nacional. São Paulo. Vol. 37 da “Brasiliiana”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 1.^o Tomo — Vol. 175 da “Brasiliiana”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 2.^o Tomo — Vol. 175-A da “Brasiliiana”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 3.^o Tomo. — Vol. 175-B da “Brasiliiana”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 4.^o Tomo — Vol. 175-C da “Brasiliiana”.

NO PRELO:

A Baía e as Capitânicas do Centro do Brasil —
1530-1624

EM PREPARO:

S. Vicente e as Capitânicas do Sul do Brasil —
1530-1680

OBRAS DO MESMO AUTOR

PUBLICADAS:

Primeiros Povoadores do Brasil — 1500-1530 —
2.^a Ed. ilustrada. Cia. Editora Nacional. São Paulo. Vol. 37 da “*Brasiliana*”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 1.^o Tomo — Vol. 175 da “*Brasiliana*”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 2.^o Tomo — Vol. 175-A da “*Brasiliana*”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 3.^o Tomo. — Vol. 175-B da “*Brasiliana*”.

Pernambuco e as Capitânicas do Norte — 1530-1630. 4.^o Tomo — Vol. 175-C da “*Brasiliana*”.

NO PRELO:

A Baía e as Capitânicas do Centro do Brasil — 1530-1624

EM PREPARO:

S. Vicente e as Capitânicas do Sul do Brasil — 1530-1680



THEATRI
RERUM NATURALIUM
BRASILIAE
TOMUS IV,

EXHIBENS
I C O N E S
VEGETABILIIUM,
quibz. Supremi JOMIS indultur PAN & FLORA Tutelares president.

NUTU
SERENISSIMI & POTENTISSIMI PRINCIPIS
AC DOMINI,

D^N FRIDERICI WILHELMI
MARCHIONIS BRANDENB:
S. R. IMP. ARCHICAMERARII
atq. ELECTORIS PRINCIPIS

dec. dec. dec.
adornavit opus. ac
perfecit

Christianus Mentzelius D.

Serie 5.^a ★ B R A S I L I A N A ★ Vol. 175-C
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

J. F. DE ALMEIDA PRADO

Pernambuco e as
Capitanias do
Norte do Brasil
(1530 - 1630)

Historia da Formação da Sociedade Brasileira

4.^o TOMO

Edição ilustrada

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1942



710011370

ÍNDICE

Os meios de produção	1
O comércio	115
Laseres, deveres, doenças e remédios	183
Bibliografia geral	289
Índice onomástico	300

OS MEIOS DE PRODUÇÃO

Em uma das obras do século 17 que mais trata do litoral negro, de autoria do médico Dapper, temos informação de que estavam em pleno viço na lavoura africana quantidade de plantas e sementes remetidas do Brasil. Encontrou-as o olandês perfeitamente aclimadas, desde as imediações do castelo de Mina, até o sul de Angola. Notou ainda o viajante a presença de frutas, raises e arbustos americanos, disseminados não só na costa, mas bem longe, no sertão. Os portugueses, em geral, pouco se ufanaram deste meritório feito. Voltavam os seus historiadores a atenção para os sucessos da efêmera, posto que grandiosa aventura indiana, esquecendo fatos menos retumbantes em aparência, mas de natureza muito mais duradoura e universal. A difusão das espécies vegetaes a que os portugueses procederam, por todos os continentes e ilhas onde estiveram pelos quatro ângulos da Terra, teve conseqüências ainda mal estudadas, mas que se pode afirmar serem das mais importantes na vida do antigo e novo mundo. Do médico Dapper, e das suas próprias observações, o mercador inglês Barbot escrevia no auge

do tráfico negro: *"The Portuguese first enrich'd these African countries with the Indean wheat, or maiz, bringing the seed from the island of St. Thomas, in the bight of Guinea, to the Gold Coast... that it has been ever since the main subsistence of the Blacks, not only on the coast but far up the inland: besides the vast profit those people yearly make, by selling it at the European forts, and to the slave ships; as also to all the other nations about them. Their name of Maiz is properly Indian, given to this grain by the natives of America, where is great plenty of it. The Portugueses call it Milho Grande... It is positively asserted, that before the Portugueses came to this coast, the natives never used"*.

Antes de conhecerem este recurso, serviam-se os guinéenses apenas de raises e batatas para fazerem o seu pão. Depois da introdução do milho, habituaram-se a prepara-los com a farinha das espigas exóticas, ás veses misturadas com sorgo, e outras com arrô. Desprovidos de fermentos, os pães dos africanos eram demasiadamente compátos: *"The bread made of rice only, is very white, but heavy. That which is made with millet (1), is the brownest of all but clumsy, and not very pleasing. That wich is made of maiz only, after the Portuguese fashion, is pretty good; but if mix'd with millet, is incomparably more grateful, and eats much like rye-*

(1) R. Burton *Lands of Cazembe* 17 in foot note.

bread in Europe... and is of the sort most used on the coast". Em grande extensão do golfo de Guiné, as raparigas moem desde o alvorecer arrôz e milho no pilão, tal qual como ao depois fizeram no Brasil. Estendem a seguir, com um seixo achatado, os resíduos sobre lages de pedra, deitando por cima água morna e sal, misturando e batendo a massa, que dividem em pãesinhos e colocando-os em grandes vasilhas de barro quente, tampadas com um prato cheio de brasas, "*comme nous faisons quand nous nous servons de tourtieres em cuivre*", diz Labat, que aceitava com boa vontade o produto, "*le pain de cette façon & mangé frais est bon, & on s'y accoutume aisément*".

Em alguns setores da costa (nos quaes incluímos a zona imediata sertaneja), as mulheres costumavam adoçar os pães, e por meio de certos meios conserva-los por dois ou tres meses. Variava também o modo de preparar a matéria prima, que passou com a mão de pilão para a América. Uma das mais comuns era o fuba de milho, com que faziam o angú, "*espécie de mingau ou porridge do Brasil, composto com a sua farinha*", explica Burton, que era o grande recurso alimentício das populações. Referindo-se ás pipocas, escrevia Barbot que na Santa Escritura se pode encontrar menção ao milho torrado entre os israelitas, obtidos tal qual como faziam os boys e as girls africanas.

Com o tabaco acontecera no continente negro a mesma desdita que sucedera á cana de assucar. Por mais que tentassem os portuguezes, dera medíocres resultados, não podendo de forma alguma competir com a Guiné, e, mais longe ainda, com o Brasil. Consumido em cachimbo parecia aos ingleses "*abominably*". Mesmo assim, era procurado pelos rústicos habitantes do interior, que de muito preferiam sentir fome a privar-se do seu consumo. Os habitantes da costa tinham oportunidade de obter tabaco de Pernambuco, principalmente da região das lagoas, graças ao intenso tráfico negreiro que ligava as possessões portuguezas (2), o qual embora "*not very pleasant, and very strong, is for more tolerable than that of Guinea*". Vinha em cordas de espessura de um dedo pequeno, no valor de cinco shillings por libra de peso, "*sold commonly by the fathom measure, one fathom of Brazil weighting about a pound*". Concorreram os franceses na exploração deste gênero de comércio, no começo do tráfico para as Antilhas, quando apresentaram no mercado uma qualidade superior chamada Garlick, pela qual davam os negros até ouro em pó.

Os ananases foram mais bem sucedidos no solo africano. Tornaram-se na opinião do traficante inglês a melhor fruta da Guiné, tão saborosa quanto a da América. Barbot alonga-se sobre o assunto informando os nomes que recebera a sumarenta e

(2) v. Schweinfurth in Festschrift Eduard Seler.

dourada p̃inha nas ilhas Canárias, no arquipélago das Caraibas, no Rio da Prata, em S. Domingos, onde havia as maiores e mais gostosas, e no Brasil onde se achavam duas espécies. As bananeiras receberam do mesmo autor larga referência, de que daremos apenas ligeiro resumo. É curioso notar nos muitos nomes desta planta ocorridos em Dapper, onde se lê que os olandeses a designavam por Baccoven (e pronunciavam Paccoven) e Banana; aduzindo Barbot, “to distinguish the two species thereof”. A primeira tinha provavelmente origem americana, conhecida entre os ingleses por Plantan, de frutos mais compridos que os da segunda, “about eight inches long, and the Banana not about six”, o que vem em abono dos partidários da coexistência simultânea das espécies nos dois continentes antes de qualquer intercâmbio entre eles. Por isso Piso se viu na obrigação de citar o nome que os portugueses davam á brasileira, seguindo a terminologia indígena, “*Lusitam fructus Pacoba, Brasiliane Pacobeté nominant*”, e lembrava que Serápio e Avicena, ás africanas e asiáticas, *musas* denominavam. Na descrição da planta e fruto, o sábio estabelece a diferença entre as várias qualidades da mesma espécie, “*Banana; at turbinatum illud, floriferum & odoriferum corpus paulus minus est, & flores parum differunt: estque floris scapus, non instar scapbae, sed rectus, attamen cavus, fructus etiam haud multum diferunt á Pacoeira, sed minus crassi, verum longiores & in-*

curvati". Os portugueses muito religiosos, recuzavam-se cortar quaesquer dos frutos quando neles vislumbravam o símbolo da religião cristã, desenhada por fibras mais sólidas sobre o miolo restante, explicando Barbot: "*but break or bite them, thinking they cannot cut them with a knife or other tool, without losing the veneration they bear to the cros*" (3).

O algodão vicejou perfeitamente na Ilha de S. Tomé, onde, ao que parece, os portugueses plantaram em primeiro lugar as sementes trazidas do Brasil. Dalí passou para o reino de Benim, onde deu igualmente bom resultado. Em ambas regiões começaram os indígenas a fiar panos, remetidos em quantidade para Angola, sendo melhores os segundos, fosse pela matéria prima, fosse pelo acabamento. Nas outras aplicações, rivalizava com o nativo capoc, existente nas visinhanças das tribus, e que era mais facil de aproveitar que a nossa paina. Acontecia pois com o algodão o mesmo que succedeu ao cacao, tão bem sucedido em S. Tomé, onde as sementes vindas da América se aclimaram do modo mais auspicioso,

(3) Barbot achava mais indicado servir-se da banana para fazer misturas, de que damos a receita á título de sugestão para registo de gastrónomos, "*It eats weil also with a sauce made with pimento or malaguetta, salt and lemon juice... It is likewise very agreeable stew'd with wine, cinnamon and sugar, and also made into tarts, baked in an oven, or raw, or boil'd into puddings as I shall more fully observe hereafter*". Voyage etc... 201.

sendo hoje considerado o melhor do mundo, rivalizando com o da Venezuela.

Temos a seguir, entre as plantas trazidas do Brasil, a preciosa mandioca. Apareceu em S. Tomé, e depois em Angola, frutificando com tal força que Barbot assegurava haver raises com a grossura da perna de um homem. Diferiam as qualidades mandadas á Africa das plantas de orijem, por não conterem veneno algum. Tornavam-se uma bençã para as populações negras periodicamente ás voltas com a fome, escrevendo o viajante, "*Many here (em S. Tomé) as well as at Prince's Island, make bread of it, first rasping and drying the meal in the air; and it is much better food than that of Brasil and Angola*".

O subsídio alimentar que estas importações proporcionavam foi pelo menos igual ao do amendoim. Arvorou-se a pequena semente, em muitas regiões da África, principalmente nas limítrofes do deserto central, a salvadora das tribus que a plantavam. Outras espécies de vegetaes mandados da América concorreram para o bem estar e ornamentação dos campos e hortos africanos, dos quaes recebemos em troca belos exemplares da sua flora e fauna. Supõem os atuaes botânicos que o côco foi levado por correntes marítimas do Brasil para a Índia, e de lá se espalhou pelas regiões intertropicaes onde encontrava condições de vida semelhantes ás do seu habitat primitivo. A hipótese é muito interessante mas só pode ser considerada no terreno das

suposições, pois, velhos autores nos informam do contrário. Noticia Gabriel Soares que esta palmeira notavel pelo seu aspéto curioso, e grande utilidade, foi de primeiro transportada da Índia para o arquipélago do Cabo Verde, de onde a levaram para o Brasil. É possível que simultaneamente mudas de outras proveniências aqui tenham aportado. Naquele tempo já se encontravam vastos coqueiraes pela costa da África conhecidos dos traficantes de escravos, além das correntes marinhas que também poderiam lançar sementes no litoral americano.

Aludia Barbot ás palmeiras úteis aproveitadas pelos habitantes da costa de Guiné e adjacências. O coco vizinhava nestas parajens com as Palm-Wine-Trees, que abasteciam o gentio de vinho e óleo. A seguir estava o dendeseiro, seguramente autóctone, que sob nome de *Elaeis Guinëensis* foi encontrar Burton no lago Tanganica diverso do litorâneo, "*which produced good oil, but the fruit was a bunch like graper, not a spike, as on West African Coast and about Bahia*". A respeito escreve Schweinfurth: "*Zu den in unvermittelter Weise, aber ohne Zutun des Menschen von West afrika nach Brasilien und nach Westindien verbreiteten echten Kultur gewachsen des alten Weltteils gehört auch die im Ausfuhrhandel von Oberguinea eine so grosse Rolle spielende Ölpalme, *Elaeis guieensis* L. Sie findet sich wild durch das tropische Afrika verbreitet, au der Westseite vom Senegal bis hinunter nach*

Angola und ostwärts bis zu den grossen Seen, in den Uferwaldungen.” E em foot note acrecenta o conhecido africanista, “*Bei Rio de Janeiro und bei Bahia soll die Ölpalme durch Anbau eigescheppt und verwildert sein, ober im Müdungsgebiet des Amazonas ist sie als wildwachsend mit Sicherheit nachgewiesen. (Engler in Sitzungsberichten der K. Preus. Akademie der Wissenschaften). Nach Robert Browns Zeugnis ist die Ölpalme durch den Sklavenhandel von der Guineaküste nach Brasilien gelangt. Auch ist bekannt, dass sie bereits frühzeitig auf Yamaica zum Anbau gelangte. Zu Wilhelm Pisos und Marcgrafs Zeiten war sie in Brasilien noch nicht bekannt*”. De fáto, a omissão do dendeseiro em Piso e Marcgraf não deixa de ser muito significativa, parecendo perfilhar o depoimento de Robert Brown no sentido de que se deve a sua difusão ao tráfico negreiro. Este foi iniciado para o Brasil como vimos em o tomo I, no último quartel do século 16. É possível, entretanto, que sendo o óleo facilmente conservavel e transportavel em vasilhas, fosse conhecido e empregado no Brasil antes da aclimação da planta. Custa, porém, estabelecer datas positivas desta transmigração, continuando até novas descobertas o português maior responsavel pelo seu aparecimento entre nós.

Entre outras variedades de palmeiras viníferas, havia, segundo Barbot, uma só na terra dos Fantis, e uma segunda conhecida em Achen e redondesas,

até a região de Anta. Aí se obtinha líquido bem característico, mais fraco do que os congêneres, e de pouca conservação. Burton lhe chama *Rafia Vtnáfera*, "that most used on the East African Coast", a que Monteiro e Gamitto davam o nome nativo de "Medigua". Ao produto destas palmas atribuía o velho Barbot as inflamações que de modo prodigioso ipertrofiavam o membro viril dos habitantes de Anta, Jabs e Adom, "much more troubled with that disease that any of the other people about the shore". Provavelmente fazia o autor confusão com a elefantíasis da zona, que atingia muitas partes do corpo dos habitantes, e que não provinha do uso de alcool mas de origem microbiana. Talvês até filarioses merecessem um quinhão de culpa na deformação dos atingidos pela moléstia.

O óleo extraído das palmeiras tinha no começo côr aleonada, que passava a quasi branca após alguns anos. Dele se fazia o mais largo consumo em toda a costa, "This palm-oil", afirmava Barbot, "is of great use to the inhabitants, in several respects; for besides its serving to season their meat, fish, etc. and to burn their lamps to light them at night, it is an excellent ointment against rheumatic pains, yinds and colds... The Blaks in general anoint their bodies almost every day, all over with it; which softens and renders their skin smooth and almost shining, and thereby more capable of bearing the intemperances of rain and weather".

Os óleos vegetaes assumiam o aspéto de réplica africana do urucú ou genipapo brasileiros empregados no mesmo fim, e toda casta de outras plantas remetidas para o Brasil, tiveram as mesmas applicções pois os cultivadores seguiam-n'as através do oceano. Torna-se daí muito interessante observar os métodos de cultivo das tribus negras. No volume consagrado á ethnologia da expedição portuguesa ao Muatianvua, região de onde outrora se mandavam levas de cativos para o Brasil, o major Enrique Dias de Carvalho notava que a lavoura competia quasi somente ás mulheres. "*Depois de limpo o terreno*", escrevia, "*às raparigas fazem uma cova geral a começar de um lado, estendendo-se em toda a largura que se quer dar a um talhão. Se tratam de semear jingula, milho ou feijão, no primeiro dia o potentado (o soba ou sova de que fala Barbot) e depois seus tuxalapólis, muari e servas mais consideradas, levando em um pequeno sacco de mabela ou no regaço do panno que vestem uma porção de semente, com o pé direito affastam a terra para os lados a fazer uma pequena cova, e com a mão direita deixam cahir nella tres ou quatro das sementes, e com o mesmo pé tornam a ajuntar a terra afastada, cobrindo aquellas, calcando-a por ultimo uma só vez, e seguem para a frente a fazer o mesmo numa distancia de dois pequenos passos. Se querem plantar mandioca, trazem então feixes de troncos já cortados de 0.m30 a 0.m40, com uma das pontas aguçadas, as mulheres abrem covas com as machadas,*

formando um pequeno triangulo, e os homens dispõem um tronco em cada cova com a ponta inclinada para fora, e com os pés vão encostando e batendo a terra de encontro a esses troncos. As sementes miudas como as de tabacco, massango e outras, são lançadas a eito sobre o chão já cavado". No preparo seguinte da mandioca, as raises eram quasi sempre descascadas e postas no rio mais próximo, depois expostas, "ao sol para secar, o que fazem sobre esteiras no chão". Este bombó, como lhe chamava, é cortado em tiras e torrado no fogo, á guisa de pão, "sendo acompanhado de jinguba ou de mel, além de agradável entretem a debilidade por muitas horas. Geralmente o bombó partido em pedaços e lançado no chimo, especie de gral de madeira, e ahí é triturado e reduzido a um pó finissimo, chamado fuba, e esta passando por uma fervura, e mexida constantemente com um pau, forma uma massa, ruka, em Angola infunde, e constitue a base principal da alimentação. Tirando da massa pequenas bolas, mergulham-se em caldos ou mólhos, ás vezes só das proprias folhas do arbusto da mandioca, a que chamam quizaca ou chiazca, sendo esta uma das refeições vulgares, mas das mais parcas; se houver peixe, carne ou gallinha, então podem chamar-se boas refeições, sobretudo se se dispõe de azeite de palma e sal para temperos, porque o jindungo (jidugô "pimentinhas") nunca falta".

Depois de enumerar os recursos que os angolanos habitualmente tiravam da fauna e flora, refe-

re-se Enrique Dias de Carvalho ás conclusões de suas pesquisas etnológicas sobre o assunto: "*Pelo que respeita á alimentação d'estes povos, a epocha mais feliz é a dos mezes de maio a outubro, em que apparece mais ou menos caça e em que os rios começam a baixar trazendo muito peixe. É o tempo das colheitas e em que pelo seu desenvolvimento, facilmente se descobrem os tuberculos que o solo lhes offerece expontaneamente, e que são na verdade bons, lembrando alguns a batata ingleza, e outros o inhame; mas são tão imprevidentes que se não lembram de os replantar e fazer desenvolver. É a estação em que os cogumellos tomam enormes proporções, em que os ratos, as lagartas de arvores, os gafanhotos, os salalés e outros insectos abundam, e lhes proporcionam depois de seccos ao sol, um recurso para se supprirem na epocha das grandes chuvas. O trabalho de reduzir o bombó a fuba, é o dos serviços domesticos, bem como transporte de agua do rio e de lenhas para a cozinha e para as fogueiras nas residencias, pertence ás mulheres. Os rapazes pequenos auxiliam-nas nestes serviços e tambem alguns já adultos; porém no geral estes entreteem o dia na caça, ou em fazer ou reformar as habitações". Certas tribus são mais dadas á lavoura que outras, e muitas mais pescadoras que caçadoras, ou vice versa. Em ambos casos servem-se de armadilhas, ainda hoje muito uzadas, que fazem sem ajuda de utensilios de ferro. Recorriam também ao veneno na caça e pesca, criando mais uma analo-*

gia com os selvícolas de outros continentes. Notamos nestas rápidas linhas, as circunstâncias que aproximam índios de negros, embora conservem os seus respectivos característicos. Podiam os povos bantús, ou os grupos tupís, sentirem predileção pela carne ou embriagarem-se com bebidas quasi idênticas de raises ou de grãos, ou procurarem quando longe do mar o sal em cinzas de capim, diferenciavam-se porém em outros domínios mais elevados, por exemplo, nas crenças e na estratificação social.

Os portuguezes tiveram parte preponderante na aproximação do litoral africano do americano, espalhando em ambas ribanceiras não só animaes e vegetaes, como processos de cria-los e cultiva-los. A passiflora hoje vista em Dakar, a jacaranda caroba que orna as ilhas da Madeira ou o domínio do Cabo, são retribuições das plantas que os africanos outróra nos mandaram. A permuta iniciada ha séculos ainda continua de boas é más cousas, e no começo com intenção utilitária, passou o escambo a decorativo, na esteira dos antigos viajantes que não dispunham como os atuaes, de espaço, conforto e segurança, tendo muitas vezes necessitado de sacrificar a sua própria ração de água para levar mudas de plantas ao destino.

Provido do ensinamento do índio, e do subsídio africano, o português introduzia na terra brasílica os princípios da lavoura ibérica. Os primeiros brancos que estiveram nas derrubadas de matas com índios devem ter-se divertido com o assombro do companheiro ante o efeito dos instrumentos metálicos. Numa requisição de D. Francisco de Moura ao partir para o Brasil, são mencionados alguns dos utensílios agrícolas que apareciam nas várzeas nordestinas, "*Enxadas, e paz e machados, para cortar mattos, e fouces roçadouras para fazer caminhos...*". Como vemos, não variou muito desde o século 16, e cabedal de que ainda hoje dispõe o nosso caboclo. No vol. XXXVII dos *Documentos Históricas*, comenta Rodolfo Garcia, "*Os objectos destinados ao resgate eram instrumentos de lavoura como machados, foices, enxadas, podões, machadinhas e cunhas; ou de uso comum, como facas da Alemanha, mandús, canivetes, tesouras, furadores, pregos, anzóes, pentes, espelhos, panos, sapatos, cordel, fio, etc.... — que uns e outros se davam em pagamento de serviços, ou se trocavam por utilidades da terra. O mandado do governador de 8 de abril de 1551, determinou que se levasse á conta do thesoureiro Gonçalo Ferreira 350 cunhas, 60 foices, 30 machadinhas, 15 machados, 15 taras de facas, 30 duzias de tesouras, 4 duzias de pentes, 500 furadores e 40 milheiros de anzóes das tres sortes, entregues pelo mesmo thesoureiro a Pedro Rabello, piloto da galé Campello, que ia resgatar farinhas á costa de Pernambuco, e tudo*

se perdeu no mar com a galé. Ainda a resgatar farinhas para Sua Alteza em Pernambuco foi a caravela Rainha, cujo mestre João Fernando para isso recebeu sete quintaes de ferro.”

Traziam ainda os lusos os animaes adestrados ao trabalho, e em consequência appareceu no Brasil o moinho á tração animal em que se aproveitavam os productos da agricultura. Junto dos meios materiaes introduziam igualmente a maneira superior de utilizar os recursos da natureza como o aproveitamento das salinas de que fala Nieuhoff quando descreve as formadas pelos rios Aguarama, Karwaratama Wapanien, e Maritouva, grafados segundo a pronúncia flamenga. As encontradas a meio caminho entre Rio Grande e Ceará, eram exploradas por uns 10 ou 12 negros, 10 cristãos e cerca de 30 brasilienses, que alcançavam a produção de 2000 toneladas de sal por ano, que iam durante o verão em pequenos barcos para diversos pontos do Brasil. Outro viajante e outros relatórios, aludem ás úteis represas naturaes de água marítima, melhoradas com pouco esforço pelos portuguezes antes de lá apparecerem os mestres de idráulica que eram os olandeses. Mas não pararam aí as realisações dos primeiros povoadores das capitancias; a cultura de cana e o seu desenvolvimento industrial, puzeram em prova a capacidade dos portuguezes. Sem detença e receio pela obra, applicaram os imigrantes as lições recebidas havia séculos do mestre mussulmano.

Para mover o pesado maquinário do engenho, numa época em que não existiam nem a energia elétrica nem o vapor, havia a rudimentar junta de bois, parelhas de cavalos ou burros, e a força das águas. Os primeiros bastavam para as pequenas empresas, o último, porém, tinha de arcar com a grande produção, sobre a qual contavam os soberanos e os súditos para manter as colônias e as finanças da monarquia.

A configuração do terreno, mais a abundância dos rios e riachos a se cruzarem pela estreita várzea nordestina, facilitavam a utilização das águas a poder de obras de engenharia. Os maquinários movidos por este sistema, *“se alevantam ao longo de rios caudalosos”*, no dizer de Brandônio, *“e ainda fazem grandes tanques para represa della”*. Destinava-as a escolha do lugar de que fala, principalmente ao transporte do assucar, e nem sempre ás moendas, como faz supor a ambígua redação. A aguarela do *Theatrum Rerum Naturalium* de Eckhout expressivamente evoca o rio, mostrando o que esta via de locomoção e transporte representava na economia luso nordestina, dela dependendo o engenho construído na marjem, rodeado dos demais edifícios construídos entre a água e o campo. Os melhores produtores de força eram os regatos decendo do alto dos morros, aprisionados em diques e canaes, de onde iam ter ás rodas de madeira que impeliam as engrenajens da máquina. Versando engenhos escrevia o padre Fernão Cardim, que, *“uns são de agua rastei-*

ros, outros de agua copeiros os quaes moem mais e com menos gastos; outros não são d'agua, mas moem com bois, e chamam-se trapiches, estes têm muito maior fabrica e gasto, ainda que moem menos, moem todo o tempo do anno, o que não têm os d'agua, porque ás vezes lhes falta". Compensava-se assim um inconveniente pela ausência do outro, ganhando o pequeno agricultor o tempo perdido pelo copeiro ao chegarem as grandes estiajens.

A descrição do veneravel jesuita é tão clara e felís, que vamos continuar a transcreve-la acerca da principal produção da colónia. Em cada engenho havia, "*seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinario; mas os mais delles teem cento, e duzentos escravos de Guiné e da terra. Os trapiches requerem sessenta bois, os quaes moem de doze em doze revezados; começa-se de ordinario a tarefa á meia noite, e acaba-se no dia seguinte ás tres ou quatro horas depois do meio dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carra-das, e deita sessenta a setenta fôrmas de assucar branco, mascavado, e alto. Cada fôrma tem pouco mais de meia arroba. O serviço é insoffrivel, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os endevida sobre todo este gasto, tem necessidade cada engenho de feitor, carpinteiro, ferreiro, mestre de assucar com outros officiaes que servem de o purificar; os mestres de assucares são os (verdadeiros) senhores de enge-*

nhos, porque em sua mão está o rendimento e o ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil reis, e outros mais, cada anno. Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes mui avantajados, porque um engenho lavra no anno quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos no Reino por dez annos do assucar que mandam por sua conta e estes dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem tres em dobro. Os encargos de consciencia são muitos, os peccados que se comettem nelles não tem conto; quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; e bem cheio de peccados vai esse doce, porque tanto fazem; grande é a paciencia de Deus, que tanto soffre”.

No transporte desta malsinada mercadoria havia largas barcaças, de fundo mais ou menos chato, que impelidas pelos varejões de uns poucos escravos, levavam o produto dos engenhos até os passos do Recife. Era a água a serviço do assucar, poupando ao fazendeiro o sustento de inumeros animaes de tiro, e do pessoal necessário a seu trato e condução para chegar ao mesmo destino.

O produtor viu-se na invasão olandesa, desviado de assuntos agrícolas pelas paixões políticas que então se desencadearam, perto das quaes as antigas rivalidades dos brancos, e o “mexeriço” resultante,

não passariam de questiúnculas. Antes de chegar ao lamentável período, desfrutou o grande proprietário momentos de paz, sem lutas com índios, gozando lazeres que dispndia em visitas, desportos e festas. Um tipo de fidalgo rural desse tempo, radicado na terra, foi o alcaide mor de Olinda, sobrinho do primeiro donatário, Jerónimo de Albuquerque Melo. Não se preocupava o pernambucano, nem se deixava tentar pelas galas que na Europa absorviam os primos donatários. Preferia como Cesar, ser o primeiro numa aldeia, que o segundo numa capital, *“tão satisfeito com a vida no campo, que deu ocasião a ser conhecido com o apelido de carreiro fidalgo”*, noticia Borges da Fonseca. Na sua existência, dentro dos limites do extenso feudo que eram as terras do engenho, servia de paradigma aos inúmeros parentes, agregados e amigos, sinão rivaes, que medravam em Pernambuco e capitánias vizinhas, troncos de imensa prole, moradores quasi exclusivamente na roça, zelosos dos rendimentos, da situação da família sempre crescente, comendo, digerindo, sesteando na rêde, ou dormindo na cama recoberta de damasco, fazendo um após outro filhos na esposa, em mamelucas, em negras, a personificar de todas as maneiras o branco dominador, que conquistava e firmava a posse da terra para o bem da sua decendência.

Alí distribuía alta e baixa justiça, muito mais independente no seu isolamento, que o donatário em

Olinda, ou o supremo governador na Baía. A ele recorriam os representantes del-rei, quando ás voltas com índios bravios e invasores estrangeiros, não sabiam para quem mais apelar. A aglomeração de telhados denominados genéricamente “engenho”, vistos ao longe entre o flabelar verde prata dos canaviaes, era o signo civilizador imposto onde outrora vagavam cabildas de índios improduttivos. A casa senhorial, a senzala, e as demais edificações que lhes ficavam próximas, tornavam-se o reduto português do interior das terras, completando o que a antiga feitoria reiuna iniciara a beira mar.

Na disposição da séde de uma propriedade as-sucareira, reproduzida nos quadros autênticos ou falsos de Franz Post (4), situava-se a residência do senhor no ponto mais elevado da paisagem, ao lado da capela, quasi sempre do orago do sítio, ou do santo da predileção dos donos. Na frente do templo estava o alpendre, sustentado por colunas que variavam segundo as posses do fundador, de tosca madeira nos mais simples, ou de tijolo, ou de cantaria; ás veses de ordem toscana, nos mais ricos, como aparece no quadro de Post vendido pelo Kunst Salon Abels de Colónia. A casa dos senhores nos séculos 16 e 17, não podia ser chamada “grande”

(4) Ultimamente apareceram muitos quadros falsos desse artista, na Olanda e mais ainda na Alemanha, pintados sobre tela ou madeira antiga, com os mesmos personagens e assuntos perfeitamente semelhantes aos verdadeiros.

sem ironia. Mesmo comparada aos ranchos e construções palafíticas que tinha ao pé, continuava rústica em extremo, e de pequenas proporções, apenas interrompida a monotonia do cubo que formava, pela invariável varanda sobranceira ao terreiro, onde apeava o senhor de engenho e deciam as damas do bangüê.

Próximo do mirante senhorial, elevava-se a casa da moenda, "*sobre... largos pilares de tijolo*", conta-nos Antonil, em que as telhas assentavam numa armação de tirantes, frechaes, "*e vigas de páos, que chamão de lei, que são dos mais fortes, que há no Brazil, a quem nenhuma outra terra leva nesta parte vantagem*". Autores antigos enumeraram as madeiras empregadas neste fim, que eram cortadas nas matas e campinas próximas. Entre elas havia o Jutahy ou Jatahy, e o Jutaypeba, que nunca apodreciam, tão compactos que lançados na água iam ao fundo. A respeito escrevia Gabriel Soares, "*Quando se cortam estas arvores, tinem nellas os machados como se dessem por ferro, onde se quebram muitos*". Os troncos apresentavam o inconveniente de serem irregulares porquanto depois de certa altura, esgalhavam-se muito, perdendo utilidade no proporcionar apenas pedaços de escasso aproveitamento. Felismente, outras espécies providas das mesmas virtudes, corrijiam a falha, como a Maçarandiba, Sucupira, Urucurama, Ubiraem, Sabucaí, Quaparaiva ou Guaparahyva, e outras, de crescimento em extremo lento nas várzeas perto do mar, ou em lugares de

ruim terra, os galhos retorcidos como si cada polegada vingasse a poder de atroses sofrimentos. O longo vegetar que necessitavam para se desenvolverem tornavam-n'as bastante raras, mesmo antes da chegada dos portuguezes. Concorria para dizimalas a destruição pelas queimadas dos índios, por estarem quasi sempre imersas na emaranhada capoeira, sem espaço limpo em torno de si, a galharia perto do mato. Por essas e outras rasões os naturalistas posteriores a Piso e Margrav, encontraram no nordeste espécimens muito menores que os descritos pelos primeiros viajantes, tão inferiores aos antigos que provocam dúvidas quanto a sua identidade.

Havia outros, que só davam em terras boas, como o famoso Vinhático, uma das madeiras mais empregadas nos engenhos, *"a que o gentio chama sabigajuba"*, escreve Gabriel Soares, *"cuja madeira é amarella e doce de lavrar"*, embora o predicado não lhe diminuisse as applicações, porque era *"incorruptivel, assim sobre a terra como debaixo della, e serve para as rodas dos engenhos, e para outras obras d'elles, e para casas e outras obras primas. Ha tambem façanhosos páos d'esta casta, que se acham muitos de cem palmos de roda, e outros daqui para baixo, mui grandes"*. O Pequihi, como lhe chama Gabriel Soares, dava perto do mar, em terreno fraco, porém úmido, alcançando *"quarenta e cincoenta palmos de roda; cuja madeira é parda, estopenta, muito pesada,*

de que se fazem pangorras, mesas, virgens, esteios para engenhos, a qual dura sem apodrecer para fim dos fins, ainda que esteja lançada na terra, ao sol e á chuva”.

Pensa Hoehne, pelos característicos acima, que se trata do Caryocar barbinerve Miq. que atinge na região de 60 a 80 metros de altura. Deixando estas espécies para as madeiras fáceis de lavrar (dôces, como diziam os carpinteiros portuguezes), constava ainda o Jataymondé dos indígenas, de boa terra, menor que os Jataís, Jutaís ou Jataipebas, “*mas de honesta grandura*”, diz Gabriel Soares, “*de que fazem outras obras dos engenhos*”. As destruições de madeiras vieram por veses prejudicar a sua utilização industrial. Nem sempre para o artífice europeu, era facil preparar convenientemente os tirantes, gangorras, frexaes, sobrefrexaes, tesouras, pernas de asna, espigões, terças, eixos de moenda, cabos, aspas, contra aspas, rodetes, volandeiras, balcões, mesas, cochos, hastes de rodos, macetes, pilões ou moleques de assentar, nos almoxarifados, e construções de edifícios ou para armar maquinismos, móveis, veículos terrestres e aquáticos, e acima de tudo, fazer os milhares de caixa de pau mole necessárias á exportação do assucar. Tornava-se custoso encontrar madeiras pelas matas, campos e praias, cada vez mais distantes e mais raras. As fornalhas devoravam a floresta das proximidades dos engenhos, “*boccas verdadeiramente tragadoras de mattos, car-*

cere de fogo e fumo perpetuo", chama-lhes Antonil, abismado do estrago que faziam. Por esse motivo, um autor mais antigo, o Brandônio dos *Dialogos*, julgava em 1607 difficil a construção de grandes naus para o serviço transoceânico no Brasil. Respondera nesta ocasião á consulta do conde meirinho mor, vedor da fazenda de S. M., sobre possibilidade de estaleiros em Pernambuco opinando que as reservas de madeiras estavam, "*já muito desviadas, pelos engenhos haverem consumido as de perto, e que assim custaria muita despesa o acarreta-las a borda d'agua*".

Inda assim, com o auxílio das árvores em que podiam deitar mão, e das pedras que lhes ficavam ao pé, levantavam-se as obras diversas de que dependia a atividade das capitânicas. Aos córregos que despencavam do alto das colinas, ajuntavam-se outros a correr em várias direções, os quaes reunidos produziã a força motrís. Nem sempre o trabalho de captação era isento de problemas. O exesso de volume que os cursos de água atinjem no nordeste na estação chuvosa, obrigava o canalizador a fazer algumas divisões, represas ou sangradouros, para evitar que a violência das águas rompesse os diques. Eram os condutores, ás vezes bem longos, revestidos de largas lages, como se vê nas pinturas olandesaãs. Nos edifícios de maior importância os cantos, soleiras e caixilhos eram também de pedra. Commelyn informa que as residências portuguezas "*sont basties pour la plus part sans fer, nonobstant elles sont*

fort bonnes & fort jolies, leur façon de bastir est d'eslever autant de piliers que le dedans, le circuit, & le tour de la maison en a de besoin; sur lesquels ils dressent un grenier de la hauteur d'un homme & au dessus du grenier, ils posent le toict qu'ils couvrent de tuiles, ou de feuilles de palmier, ils se servent du bas pour mettre leurs hardes & leur meubles, laquelle ils entrelassent de grosses branches a 4 doigts les unes des autres, qu'ils enduisent de mortier de trempé, avec du foin qu'ils blanchissent de chaux dedans & dehors...Voyla la façon de bastir de la campagne. Pour les villes, les bastiments sont faicts d'une façon plus commode, & ont bien plus d'apparence: car ils sont construiets de pierre blanche, c'est a savoir les coins, les croisons des fenestres, & des entrées des portes, les entredeux des murailles sont rabotteux & sans façon, qui portent de gros chevrons que l'on met en travers à 2 pieds les uns des autres, ou' à 2 & demy selon la pesanteur du bastiment, & le bas sert de magazin, le reste de demeure, qui est proprement le lieu du grenier. Ceux qui n'en ont point, demeurent immediatement sur la terre, dont la chambre est plastrée de terre grasse au lieu de pierre. L'on faict la chaux avec des pierres, que l'on tire d'une carriere qui est proche de la Ville, de laquelle on tire encore les pierres pour bastir, qui sont plus dures que no sont pas nos grés".

Por esta descrição julgamos que a suposta casa do senhor de engenho, de grandes proporções e de-

pendências popularizadas pelas crônicas literárias do nordeste, corresponde a uma época muito posterior ao século 17, talvez começos do 19º, quando os recursos acumulados por gerações, e maiores possibilidades de vida do branco nacido na terra criou residências mais consideráveis. Antes desse período, as casas limitavam-se em receber de forma mais simples as famílias, e os escravos de que se rodeavam. Os olandeses espantaram-se da falta de acabamento e ausência de arte que demonstravam, elevadas por péssimos operários, e habitadas sem preocupação alguma do belo, ou de conforto, vindo os moradores de além oceano afeitos á miséria pelo standard de vida baixíssimo do reino. Além dessas peias á boa arquitetura, em que pese a opinião de Commelyn sobre as casinholas "*fort jolies*" da várzea, ou da melhor aparência das edificações das cidades, havia o complexo do imigrante, quasi sempre obcecado em juntar o máximo de dinheiro possível, e logo volver a sua terra de origem.

Nos mesmos quadros olandeses, nota-se que nas paredes das casas de moer e purgar, existem saliências formando arcos de arrimo, provavelmente na altura das caldeiras, e de outros pontos necessitados de reforço. Nessas edificações entravam muitos tijolos e telhas, o que dá a entender um grande desenvolvimento na arte cerâmica industrial. Antonil era contrário á existência de olarias perto de engenhos, "*huns dizem, que escusa maiores gastos,*

porque sempre no engenho, há necessidade de fôrmas, tijolo e telha. Porém outros entendem o contrario; porque a fornalha da olaria gasta muita lenha de armar-se, e muita de caldear: a de caldear hade ser de mangues: os quaes tirados, são a destruição do marisco, que he o remedio dos negros. E além disto a olaria quer serviço de seis, ou sete peças, que melhor se empregão no cannaveal, ou no engenho... e tudo isto pede muito gasto, e com muito menos se comprão as fôrmas, e as telhas, que são necessarias". A não ser que o senhor de engenho fosse rico; e assim, dispuzesse de muitos negros e cabedaes, que pouca falta lhe fariam em outras atividades; era preferivel "*metter hum crioulo em alguma olaria*", porque em um ano podia moldar tres mil formas com pouco dispêndio para o dono.

Viam-se os fabricantes de assucar constantemente ante o problema dos utensílios, da matéria prima para trabalhar, e dos obreiros peritos. Isto se explica, porquanto a exploração de um engenho pertence á agricultura e á indústria, e o proprietário que pretendia produzir muito, sem largas disponibilidades de dinheiro e crédito, arriscava cair nas mãos de credores a quem ficava escravizado. Terras que não fossem férteis, próximas de matas, rios e pastajens, contando com abundante escravaria, eram de exploração incerta, por alto que estivesse o preço do assucar. A descrição de

Antonil deixa ver os estorvos de vários gêneros antepondo-se a todo momento á marcha de uma empresa comum, isto é, que não pertencesse a um proprietário de grandes recursos, como os Brandões, por exemplo, que iam buscar meios no contrato de dízi-mos. Dois trechos escolhidos ao acaso na sua crô-nica, primeiro versando a lenha para as fornalhas, a seguir, o barro dos brejos, servem para demonstrar essas dificuldades. As matas longe do engenho produziam gasto redobrado com o transporte e número de braços indispensáveis ao trabalho. Si a extensão das terras fosse pouca junto dos alagadiços, também o pessoal do eito perdia o seu melhor gênero de alimentação, além de surgir o dilema, de fazer tijolos ou conservar os apicús (*“as corôas que faz o mar entre si e a terra firme, e as cobre a maré”*, como diz Antonil) para a refinação do melado. Não admira, nessas condições, que tantos senhores de engenho estivessem insolventes no Brasil quando o preço do assucar atingia o zenit no mercado mundial.

Falamos de modo geral, sobre as empresas privilegiadas, que embora sem grandes capitaes, desfrutavam condições favoráveis em sítio bem escolhido pelo primeiro povoador que ali aparecera de armas na mão. Ás outras, menos aquinhoadas pela natureza, requeriam árdua exploração, os óbices do empreendimento aumentados pelos percalços das localizações mal adequadas. Os engenhos de bois eram movidos por tres ou quatro juntas, po-

endo moer de 25 a 35 carros de cana em 24 horas, rendimento de metade inferior ao idráulico. Mesmo assim, eram os mais numerosos porque, nem sempre o terreno permitia a armação dos engenhos copeiros de preferência aos trapiches. Repara Barleus a propósito, que os portugueses construíam os seus estabelecimentos nos vales dos rios, situados perto de colinas onde havia maior fertilidade. As lavouras estendiam-se em torno da séde, subindo morro acima até o cume, onde em certas regiões — escreve o poeta — dava melhor a cana do que no massapé das baixadas.

As descrições de engenhos feitas por Barleus, Piso, ou Van Der Dussen, assemelham-se no que dizem das plantas nativas de Pernambuco ou importados da Índia, mas cedem o primeiro lugar quanto ao assucar ao jesuita Andreoni, que sob o anagrama de Antonil escreveu a exaustiva *Cultura e Opulencia*, sobre o assunto. Os *Dialogos* também são interessantes e o leitor encontrará nestas obras básicas para a região norte assucareira abundantes informações. Sabemos em síntese, para não nos demorar pelo que dizem ambos autores, conjugados com os relatos de coevos de outras nacionalidades, que o sumo da cana ia das moendas para as caldeiras, e depois de cosido, recosido e batido, entrava nas formas para purgar e secar, onde "*Cosesse em vasos de cobre, e coalhase depois noutros piquenos de barro, donde em forma piramidal, o tirão em pães de*

quasi tres arrobas" (5). Nos quadros olandeses temos na frente da casa de máquinas um alto palanque, sobre o qual os escravos quebram pães e com os rodos, espécie de aste comprida terminado por uma taboinha a formar um t, espalham o assucar sobre grandes panos de linho. Perdia então o assucar branco a máscara parda, como diz Van der Dussen; que era o mascavo, ou xarope solidificado em baixo da forma; para maior delícia dos olhos, gosto e o olfato dos doçófilos.

Os quadros de Franz Post igualmente reproduzem as embarcações de carga a navegar de panos soltos, entre as margens dos rios pernambucanos, onde se vê a espaços o fumo das chaminés dos engenhos, e ao longe o remate de cerrados bosques perdendo-se no orizonte. Os melhores terrenos eram considerados os de massapé preto — cujo nome não deixa dúvidas sobre a consistência — e a seguir, *“os salões terra vermelha, capáz de poucos córtes (safras de canas); porque logo enfraquece. As areiscas, que são huma mixtura de arêa, e satões, servem para mandioca, e legumes”*, informa Antonil, *“mas não para canas. E o mesmo digo das terras brancas”*. Das plantas importadas das Espanhas, outróra desveladamente cultivadas pelos

(5) Brito Freyre 76. As dimensões dos que aparecem nas pinturas de Franz Post dão impressão de ser menores, e no entanto, os moldes eram os mesmos dos lusos, nada modificando os olandeses nessa matéria.

lavradores árabes, conta Gabriel Soares, “*começamos nas cannas de assucar*”, as quaes no continente europeu, ou nas ilhas espalhadas pelo oceano, só medravam a poder de muito adubo e sábia irrigação, ao passo que no Brasil, “*plantam-se pelos altos e pelos baixos sem se esterocar a terra, nem se regar: e como as canas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso corta-las para plantar em outra parte, porque se dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade que preste para nada, porque acamam as canas e estão tão viçosas que não coalha o summo d’ellas... e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro ou cinco novidades e mais*”. Na opinião de botânicos modernos dava-se nos velhos canaveaes varzeanos, de que fala Gabriel Soares, o mesmo que ainda no século 20 acontece nas baixadas de Mato Grosso, “*Soccas de 30 annos são communs ali e cannas vimos muitas de 5 metros de comprimento*”, escreve Hoehne na *Botânica e Agricultura do Brasil no sec. XVI*.

Nieuhoff também enaltece as argilosas baixadas do nordeste, chamadas *Vargeas* pelos portuguezes (6). principalmente nas marjens dos rios que transbordavam na época das chuvas numa imitação felís do bíblico Nilo. Nessas terras medrava perfeitamente a cana de assucar não obstante os termitas, as

(6) Em portuguezês no texto original.

implacáveis guirapeakoka dos índios, ou *Pao de Galinha* dos lusos (7) assolarem as glebas úmidas. Já á pouca distância das culturas do litoral, tornavam-se secas as campinas altas, queimadas durante muitos meses do ano, para só reverdecerem a fevereiro e março, na época das chuvas. Em direção ao mar, havia as ínvias extensões de mangues, e no resto da paisagem largos tratos de alta floresta, “*que os Portugueses no seu primeiro desembarque tiveram de cortar estas árvores para abrir caminho ante si, tarefa que lhes trouxe incrível custo e sofrimento*” reconhecia Nieuhoff.

* * *

O “*novo rico*” a poder da cana tornava-se um personagem, entrava para confrarias religiosas, governança da terra, e desferrava-se das privações que padecera nos primeiros tempos da existência americana. Soberbo pela rápida fortuna, mostrava-se duro e insolente para com o reinol recém chegado nas mesmas condições que ele alguns anos antes. Não perdia vasa em espezinha-lo, o que notou e verberou Antonil, “*E isto principalmente se vê em alguns senhores, que têm lavradores em terras do engenho, ou de canna, obrigados a moer nelle, tratando-os com altivês e arrogancia*”. Os imigrantes

(7) Em português no texto original.

acercavam-se umildes do potentado, de chapéu na mão e voz sumida, no feudo onde tudo respirava o seu mando e prepotência. Vítimas de si mesmos, ou de reveses por outros infligidos, mendigavam qualquer emprego em que pudessem demonstrar, diziam, a sua devoção ao senhor. Recebiam quando geralmente aceitos (havia tão poucos brancos na colônia...) o encargo de encabeçar os vários serviços dos pretos, dirigindo-os na lavoura, engenho, construções ou expedição de mercadorias, "*satisfeitos de ganhar destarte o seu pão*" narra Barleus. Repartia o dono entre os mais capases, os "*partidos*" de terra que podiam cultivar, cedendo-lhes ainda alguns escravos com que pudessem começar as plantações. Cada partido era calculado por "*tarefas*", constituídas pela cana moida em vinte e quatro horas. Do resultado bruto do assucar, tirava o rendeiro em algumas fazendas um terço, e em outras dois, segundo prévio entendimento. Havia também ajustes em que o agregado arrendava certas glebas, cujo produto era inteiramente seu, pago o aluguel dos negros, e rezarcido o senhor de todas as despesas de transporte e moagem (8). Na maioria dos engenhos trabalhavam de 5 a 10 desses meieiros, pelo cálculo de Waetgen, dependendo a capacidade produtora do número de escravos postos a disposição de cada um. Esta classe de ren-

(8) A alimentação dos escravos dependia quasi sempre deles mesmos, como vimos no cap. anterior.

deiros foi composta em grande parte, em Pernambuco no século 16, de imigrantes de Viana, lavradores providos de índole laboriosa e sedentária, que deram também o braço armado, e mais tarde o espírito aventureiro dos seus decendentes, ao serviço del-rei, com que se tornou possível desbravar as capitanias do norte.

O produto que vinha a seguir nas exportações era o fumo, porém numa quantidade irrisória comparada ao assucar, menos plantado pelos duartinos que no restante da colônia, apesar do resultado logo obtido no sul, na região das alagoas. A "*herva santa*" era considerada remédio por alguns eclesiásticos, e distração para outros personagens, entre os quaes estavam os sobas que na África vendiam escravos. Dois motivos impediam o incremento da cultura desta planta nativa; a superioridade da cana sacarífera, que remunerava muito mais que qualquer outra atividade e nas terras pobres, as pragas, formigas, lagartas, pulgões e o grilo, que "*em quanto a planta he pequena, a corta rente da terra; e sendo já crescida, tambem se atreve a cortar-lhe as folhas*", como descreve em boa linguagem o jesuita Antonil. Dessas pragas queixa-se Gabriel Soares, desanimado pelos estragos que faziam nas roças, num tempo em que a defesa se rezumia em espalhar folhas da mandioca e de aroeira para saciar a voracidade da bicharia e salvar o restante. Outro recurso era revolver os formigueiros á enxada e queima-los, ou

pizar os “olhos” por onde a sauva se alastrava pela terra, “*com pilões muito bem, para que de noite, em que ellas dão os seus assaltos, se detenham em tornar a furar a terra*”. Acrescentava o cronista senhor de engenho, que “*nas terras novas não ha formiga que faça nojo a nada*”, consagrando o triunfo do terreno ainda com o bafo da mata, que a tudo rezistia, plantio repetido, agricultura rudimentar, enxurradas, falta de adubo, e os demais fatores de empobrecimento da terra, que a despojavam das algas, saes e batérias fecundas.

Por último figura o algodão, nas produções apontadas pelos *Dialogos*, que tomamos como informante principal do nordeste no período que ora nos interessa. Parece que em dado momento o produto brasileiro teve certa procura na Europa, logo dissipada pela grande quantidade de algodão de procedência egípcia aparecida em Venesa. Ao chegar no século 17 perdera quasi toda importância, tanto que no século 18 Antonil não lhe faz menção. No consumo interno é que aumentava sempre passando a alva fibra de produto expontâneo, encontrado ao acaso nos campos, á cultura metódica e intensiva pela mão do homem. Aludindo á variedade arborecente do norte do Brasil informa Gabriel Soares; “*As arvores destes algodoeiros duram sete e oito annos e mais, quebrando-lhe cada anno as pontas grandes á mão, porque seccam; para que lancem filhos novos, em que tomam mais novidade; os quaes*

algodões se alimpam a enchada, duas ou tres vezes cada anno, para que a herva não acanhe". Com eles os índios faziam ataduras e rêdes, e os portuguezes e negros os tecidos para uso dos trabalhadores do eito, ou dos indigentes e escravos da capitania, exportando o resto para a África. Tudo que podia obter alguma procura nos mercados do tráfico negro servia para adqüirir "peças".

No capítulo das pragas mencionadas pelos velhos cronistas é um não acabar de queixumes tal a quantidade e variedade das mesmas. Plantaram-se antigamente vinhas em muitos sítios do Brasil, inclusive Pernambuco, que seria pelo clima geralmente seco na época das colheitas, e pela configuração das suas serras algum tanto parecidas com regiões vinícolas europeas (Reno, Ródano ou Douro), o melhor sítio do Brasil para a cultura da videira. Infelizmente as formigas, "*em huma noite que dão em huma parreira lhe cortam a rama e fructo e' o lançam no chão*". Sauvas havia em toda parte, nas ilhas, no litoral, no sertão, com que os olandeses muito se impressionaram antes de Rodrigues de Mello. Este jesuita portuense deixou nos seus versos o horror que lhe inspiravam, descrevendo como se devia combater a praga, e ao risco de deixar alguma reprodutora viva, que "*das asas sócorridas... furtou-se ás chamas... triste orijem será, d'onde os teus campos infinda multidão depois saqueie*". O assunto ocorre

em mais escritos de eclesiásticos coloniais, pelo muito que se interessavam á agricultura. Em a *Nova Floresta* de Manuel Bernardes, ha referências á "*Grande demanda entre Frades e Formigas*", num suposto extraordinário pleito acontecido na província da Piedade no Maranhão. A demanda originava-se das "*formigas, que são muitas e mui grandes e daninhas*", estenderem o seu reino até a dispensa dos frades, furtando-os com espírito totalmente oposto ao do Evangelho. O enleio dos bons religiosos tornou-se grande na conjuntura, obrigados como estavam pelo espírito de humildade que inspiava a ordem, a chamar de irmãs formigas a quem de modo tão desalmado lhes consumia os mantimentos, tendo ainda de as combater para se não arruinaem. Serve igualmente o episódio para mostrar o quanto o inséto dominava pelo Brasil afora, na Paraíba ou na amasônia, a inspirar o desalentado prognóstico de Saint Hilaire, "*Ou o Brasil acaba com a formiga, ou a formiga acaba com o Brasil*".

O vaticínio pareceu por várias veses se realizar quando desanimava o agricultor. A ilha de Itamaracá estava cheia de sauvas, que destruiam tudo que se plantava com espantosa regularidade. Muitas culturas tiveram de ser abandonadas por causa do flagelo, desaparecendo produções que já estavam aclimadas e se mostravam promissoras. Sobre os daninhos insétoes escreveu Piso, "*A vermibus & integris formicarum cohortibus, haec planta misere*

solet infestari magno agriculturalum incommodo non solum folia atque caulem, sed ipsam quoque radicem depopulantor, feracem greges animalia domestica". Aponta fr. Vicente do Salvador a extensão do mal ao recomendar remédios contra as "*infinitas formigas, que cortam as folhas das arvores e em uma noite tosam toda uma laranjeira, si seu dono se descuida de lhe botar agua em uns têtos que têm aos pés*". Além dessas pragas havia, "*Outra casta... chamada copy*" que destroe com fúria indomavel o madeiramento das casas, móveis, bibliotecas e arquivos dos incautos.

Os *Dialogos* gabam a propriedade da serra de Copaoba para plantação de vinhedos. Infelizmente aí, já não eram só as formigas que perturbavam a lavoura, porém o numeroso gentio Potiguar "*senhor de todo o sertão*". Restava a esperança que o diligente Duarte Gomes da Silveira, nomeado capitão da dita serra, e os missionários beneditinos nela destacados, alcançassem proteger os povoadores pelas armas temporaes e espirituaes. Até hoje a lavoura local continuou a mesma, de sorte que, nunca se tirou a limpo a possibilidade de se produzir vinho no nordeste, como se faz em regiões igualmente quentíssimas e de solo pedregoso como sejam na província de Tras-os-Montes em Portugal ou na Argélia. Adeante nos *Dialogos*, Brandônio noticia uma experiência que tentou com o trigo. Desta vez não foram nem os insétos, nem os índios, que desvane-

ceram a esperança de produção de gêneros europeus na zona subequatorial; a própria natureza se encarregou de convencer o senhor de engenho de que era mais acertado plantar cana e deixar os outros gêneros exóticos. O desigual amadurecimento das espigas de trigo obrigava á colheita parcelada, com passes e repasses que requeriam enorme cuidado e grande número de trabalhadores. Era o quanto bastava para afastar do produtor semelhante complicação, somente admissivel em terras velhas, sobrepovoadas, a serviço de um requinte de que as regiões americanas até agora se mostram desprovidas. A propósito, contou a Brandônio um velho fidalgo asturiano, que o mesmo acontecera no seu torrão natalício, em férteis glebas, "*mas de poucos annos a esta parte usaram de um excellente remedio*", que Brandônio pretendeu imitar, sem resultado porquanto a sua sementeira "*anouteceu toda comida dos passaros*".

O gengibre foi trazido de S. Tomé "*obra de meia arroba*", diz Gabriel Soares, repartida por muitos moradores, que ao depois de quatro anos colhiam mais de quatro mil. Interveio o monópolio real, proibindo a sua exportação, do mesmo modo que o fazia quanto á pimenta. Não lhe convinha desamparar os mercados do oriente, que além de exportadores também eram consumidores, onde tanto se gastara, e muitas vidas e mais sacrificios de toda sorte se perdera. Vendo a impossibilidade de aproveitar o gengibre, abandonaram os moradores de Per-

nambuco a sua cultura, e quando os olandeses invadiram a capitania, estava quasi selvajem, medrando pelos campos, sem muito interesse para os brancos, e ainda menos para os escravos. O principal gênero alimentício da colônia, que substituiu o pão de trigo, sustentava a senhores e escravos, e na lista das exportações continuaria durante muito tempo a predominar, era a mandioca, a única rival da cana de assucar. Já falámos da sua importância nas capitanias, e do espanto que nos princípios da aclimação causava ao branco. Vinha este no geral, de regiões produtoras de trigo, onde havia verdadeira adoração pela incomparavel farinha. Concebemos pois, o horror do recémchegado, ao ouvir falar em serrajem á guisa de alimento! O portuguez carpia-se do mau passadio, de que Alviano se fez eco dizendo "*quando querem vituperar o Brasil, a principal cousa que lhe oppõem de máo é dizerem que nelle se come farinha de páo*". Fazia parte aquella raiz torrada das desventuras do reinol, indifferente até para com o meloso perfume da mata brasílica, cuja fragância parecia excessiva, comparada ao dôce rosmaninho que acolhia o lavrador de volta para casa, nos crepúsculos de Portugal. Mas com bom ou mau gosto, belo ou feio aspéto, a serrajem ia contribuir para manter o domínio del-rei na América e nos mananciaes de escravos africanos.

Muitos e muitos anos passariam antes que a

população branca pernambucana crescesse em número para cultivar os desertos do litoral. O português chegado á capitania, tinha de se sujeitar a vida quasi isolada nas roças, entre alguns europeus e a escravaria de côr. Os recursos eram poucos, cada propriedade devendo subsistir com meios de fortuna, sem contar com a ajuda alheia em caso de infelicidade. Podia ser a terra generosa, cheia de promessas para um espírito como o do autor dos *Diálogos*, enlevado pelas possibilidades que via e adivinhava, mas para o comum dos imigrantes o aspéto das capitanias era pouco sedutor. Desconforto e saudades entenebreciam a paisagem, desabafando Alviano nos termos de centenas de companheiros, "*eu a tenho pela mais ruim do mundo, aonde seus habitantes passam a vida em continua molestia (9), sem terem quietação, e sobre tudo faltos de mantimentos regalados, que em outras partes costuma haver*". Ajunte-se os assaltos de corsários e gentios, a diferença de clima, e tantos outros dissabores, e não poderemos censurar ao reinol, nem acuzá-lo de ingratidão pela terra que o abrigava.

Na mesma queixa aludia Alviano á monocultura atribuindo-lhe a maior responsabilidade da situação, e perguntava a seguir ao entusiasta Brandônio, por que havendo abundância de todas as cousas, reinava tanta carestia. Das contradições do interlocutor, vemos a concentração de todos os recursos

(9) Entenda-se privações.

do punhado de brancos de Pernambuco e Paraíba, como indicava Alviano, na absorvente cultura assu-careira. Dividia Brandônio os lavradores em duas espécies, *“uma dos que são mais ricos, tem engenhos com titulo de senhores delles, nome que lhes concede Sua Magestade em suas cartas e provisões, e os demais tem partidas de cannas; a outra, cujas forças não abrangem a tanto, se occupam em lavrar mantimentos legumes. E todos, assim uns como outros, fazem suas lavouras e grangearias com escravos de Guiné, que para esse efeito compram por subido preço; e como o do que vivem é somente do que grangeam com os taes escravos, não lhes soffre o animo occupar a nenhum delles em cousa que não seja tocante á lavoura”*.

Consideravam tempo perdido cultivar as plantas que demorassem a medrar ou dar frutos. Pelo que diz Brandônio, a idea fixa de imigrante era tornar logo ao reino, e por mais que lhe demonstrassem as difficuldades desse rápido êxito, não havia meio de desengana-lo. Do anseio vinha, *“a cobiça de fazerem mais quatro pães de asucar, quatro covas de mantimento, não ha homem em todo este Estado que procure nem se disponha a plantar arvores fructiferas, nem fazer as bemfeitorias ácerca das plantas, que se fazem em Portugal, e pelo consequente se não dispõem a fazer criações de gados e outras; e se algum o faz, é muito pequena quantidade, e tão pouca que a gasta toda comsigo mesmo*

e com sua familia. E daqui nasce haver carestia e falta destas cousas, e o não vemos no Brasil quintas, pomares e jardins, tanques de agua, grandes edificios, como na nossa Espanha, não porque a terra deixe de ser disposta pera estas cousas; donde concluo que a falta é de seus moradores, que não querem usar dellas”.

Ao ouvir as rasões de Brandônio, e a enumeração das maravilhas pernambucanas rendia-se, afinal Alviano, “*Quanto mais me dizeis disso, tanto vou concebendo da terra melhor opinião e de seus moradores muito má*”. A estes restava a desculpa de que eram tão poucos que difficilmente arcariam com mais atividades fora da monocultura. O dilema não escapou ao autor dos *Dialogos*, que pela voz de um de seus personajens indaga: “*em tanto tempo que (os portuguezes) habitam neste Brazil, não se alargaram para o sertão para haverem de povoar nelles dez legoas, contentando-se de, nas fraldas do mar, se occuparem sómente em fazer assucares?*”. A que respondia Brandônio, “*E tende essa occupação por pequena? Pois eu a reputo por muito maior que a das minas de ouro e de prata*”. De fáto, não era o temor de brenhas desconhecidas que tolhia o pernambucano; mesmo porque, esvae-se qualquer receio quando a cobiça desperta; o motivo era outro, pertencendo em grande parte ao determinismo económico. Á medida que o reinol, ou crioulo branco da terra, se afastava do litoral em direção

ao interior da colónia, logo decaíam as terras em qualidade, muitas vezes já nas primeiras “dez legoas”, para mais se acentuar, até sobrevir o deserto, seco, requecido do sol, nas serras pedregosas e taboleiros de caatinga, onde o imigrante em busca de fortuna nada tinha que fazer.

Sem dúvida os deltas fluviaes da costa podiam ser melhorados pelos donos, não fosse a desídia que os assoberbava, sempre no quadro da volta ao reino semelhante á “manqueira” do índio, pitorescamente designada por Brandônio. Os eclesiásticos das aldeas agrícolas, onde se catequizavam selvajens, esforçavam-se pela mantença em boas condições dos seus pupilos, praticando a policultura de gêneros alimentícios com a proficiência de quem no velho mundo, sempre possuira grandes latifúndios, bem lavrados, formosos ; como jardins. Mas os jesuitas, que primeiro chegaram na colónia, e que mais dotes de realisação possuíam, viram-se alvo da malquerença dos povoadores (10), preferindo daí, voltarem-se para os campos do sul, que estavam livres de reinos esclavagistas, e dos missionários que lhes tinham seguido o rastro.

Ademais, as memórias olandesas citadas por Waetgen, lembram que o mal da monocultura não era só português, porém geral, como se póde verificar no governo de Maurício de Nássau. Afora o

(10) v. tomo II de Pernambuco e as Capitánias do Norte.

assucar produzido em Pernambuco, vinham de outras capitanias, onde por várias circunstâncias não era possível cultivar cana, o gado e bastante farinha de mandioca. O reflexo social produzido pelo fenómeno tampouco variava de um dominador para outro. Eram de modo comum postergadas pelo imigrante as atividades que não fossem altamente remuneradoras, de sorte que, o conforto, suntuários, requinte, moralidade, previdência, beneficiência, etc. . . passavam para um nível secundário. O grande estorvo ao desenvolvimento do Brasil era, na realidade, a falta de gente branca, que viesse da Europa em número suficiente para assegurar o que estava feito, e empreender o desbaste do que ainda havia por fazer. Tudo mais alegado por Alviano ou Ledifino eram minúsculos regatos provenientes da mesma fonte.

* * *

O que vimos na agricultura applicava-se *mutatis mutandis*, á pecuária e criação de animaes domésticos. Dispunham os engenhos de bois, cavalos e asininos de serviço, além da fornida capoeira para atender ao ordinário da casa, aos hóspedes que sempre apareciam, e ao extraordinário das festas em que a casa grande e dependências atopetavam-se de convidados. Esta variedade de recursos deve ser admitida em termos. Somente nos estabelecimentos ruraes mais ricos, de proprietários mais exigentes

é que se notava a fartura. Representa a descrição acerca dos banquetes e manjares, que os jesuitas prezenciaram, uma abundância excepcional. Havia, por certo, Duarte Gomes da Silveira na Paraíba, o morgado do cabo em S. Agostinho, ou o fidalgo carreiro da próxima parentela dos donatários, que viviam na larguesa, distraindo escravos dos canaviaes para entrete-los na horta e pomar. Os outros, mesmo entre os mais previdentes e laboriosos, tinham que prover as falhas da alimentação, recorrendo a compras suplementares nas fazendas visinhas dos engenhos de assucar.

Bastava entre muitos, o custo da divisão das pastagens para lhes empecer a vida, em se tratando de grandes extensões, num tempo em que o povoador não conhecia fios metálicos, assim como os meios e maneiras de formar invernadas artificiaes. Era custoso nessas condições, manter grandes manadas de bovinos perto de extensas culturas de cana. Levantavam-se no máximo, algumas divisões com troncos e táboas cruzadas, o que dá idea do dispêndio de material, trabalho, tempo e ocupação de braços exigidos pelo sistema. Chegava a ser tão custoso, que se limitaria geralmente onde era necessário impedir a passagem de vacas ou muares, nas proximidades dos engenhos. Era necessário para conter animaes ou proteger hortas e pomares, empregar o pau a pique, cerca feita de hastes de pau cravadas no chão, umas ao lado das outras. No cuidado em-

pregavam-se as madeiras e os cipós descritos pelos primeiros cronistas. Um deles, depois de compará-los aos laços, que se dependuram do alto de majestosas frondes, e se tornam parecidos com os mastros de navios com os seus ouveis (11), mostra o emprego que se fazia daquela emaranhada enxárcia. Diz frei Vicente do Salvador *“e com estes atão os caibros, ripas, e toda a madeira das casas, que hovera de ser empregada... e principalmente nas grandes cercas, que fazem dos pastos dos bois dos engenhos, porque não saião a comer os cannaviaes do assucar... as quaes cercas se fazem de estacas e varas atadas com estes cipós”*. Pensa Hoehne que as varas mencionadas pelo franciscano, seriam as referidas por Gabriel Soares sob o nome de *“Camaçari”*, possivelmente a Caraipa fascicula Camb. pois na descrição da espécie ele informa que nacia entre as grandes matas de mangue *“direitos e delgados de que se fazem estas cercas e caibros para as casas”*. Hoje são muito raras com as dimensões referidas pelos antigos moradores do litoral norte brasileiro, devastado depois de quatro séculos de contínuas depredações. Nas pequenas propriedades ruraes onde ainda se pode encontrar madeira, os paus são fincados no chão como na época de Gabriel Soares, para impedir a passagem da criação miuda, porcos, cabras, etc. de

(11) Ou melhor óveis, que eram os calabres grossos das embarcações.

onde a expressão "*pau a pique*" para designa-lo. So-mente, em nossos dias, é apenas usado em pequena escala, com o resto de madeira de que dispomos, ao passo que outróra, consistia no mais lato e exclusi-vo emprego.

No livro de Martin de Nantes sobre a conversão dos Carirí, ocorre o acontecimento deploravel, tantas veses repetido ao depois em todo o Brasil, de lutas ferozes entre índios e brancos, provocadas pelo gado que talava as roças do gentio. Em outras ocasiões o prejuiso atingia a pequenos lavradores nas mesmas condições que o aborigene. Ás veses, a cólera do lavrador ante o dano causado a sua propriedade, levava-o a se esquecer do Santo Offício em pragas e blasfêmias. O mameluco de judeu Francisco Lopes da Rosa, foi denunciado pela esposa porque de uma feita, certos bois comeram-lhe hum pouco de man-timento e o homem se arrenegou de quantos santos havia no paraíso. Mas logo em seguida repreendido pela denunciante, mostrou-se pesaroso por envolver inocentes elementos do agiológio numa questão de deficiência de cercas. Este Francisco, confessou pe-rante a mesa, que era natural de Pernambuco, e além do que lhe arguiam, ajuntou ter certa ves mal-sinado os jesuitas por não virem a socorrer os po-voadores da Paraíba, como lhes pedira o capitão Frutuoso Barbosa (12), e agastado contra aqueles e

(12) v. I tomo de Pernambuco e as Capitánias do Norte, 159,

mais missionários, que protegiam o gentio contra os povoadores, proferira “*q por clerigos e frades se avia de perder o mundo*”. Convém observar no caso, ser Francisco Lopes da Rosa mameluco, e estes se mostravam mais crueis contra os índios que os brancos, do mesmo modo que os mulatos eram feroses para com os negros. Voltando ás cercas, diremos para finalizar, que os precedentes do conflito entre criadores e agricultores remontavam ao reino, onde as Ordenações dispunham sobre a repartição da terra nos termos. Pelo que mandavam, ficavam limitadas as glebas da pecuária aos accidentes de terreno, rios e outros obstáculos naturaes, deixando os tratos melhores do campo para a lavoura.

Pastos nativos são quasi tão raros como boas terras para roças. Em Pernambuco, parece que os primeiros situavam-se para os lados de Una. Nos *Dialogos* ha um trecho em que Brandônio diz, “*E conhecia eu um homem que tinha mais de mil cabeças de gado vaccum, divididos por curraes (ou pastos, pois no tempo curraes tinham acepção geral de lugar onde o gado se reproduzia), dos quaes tirava grande proveito; e outros têm menos, posto que todos pretendem ter curraes de vaccas — por ser fazenda de muita importancia*”. Parece demonstrado que o cronista se referia ao opulento Duarte Gomes Silveira na “fronteira da Paraíba”. Na *Visitação de Pernambuco* consta ainda a denúncia de Luís Gomes, “*vaqueiro de hum curral de Margayda Alvares*”,

morador em Una, freguesia de S. Miguel, contra o Matuca, vaqueiro de João Paes Barreto, no cabo de S. Agostinho. Nos documentos quinhentistas a comarca da capitania englobava desde o citado pontal até as terras na posse de antigos povoadores. Ao apelar pelo testemunho de outros vaqueiros de João Paes, fala o depoente nos capuchos que doutrinavam o gentio na aldea de Una, e segundo a crónica de Jaboatão, aí estava o local reservado á tribu do Braço de Peixe. Não sabemos si se trata efetivamente do cacique, mais tarde aliado com o Assento de Pássaro e o os portuguezes (13) na fase final da conquista da Paraíba, ou si de algum homónimo. Contudo, podemos com estes dados, localizar parte da região pastoril pernambucana á volta de Olinda. Diz ainda o denunciante Gomes, que o Matuca lhe propuzera abrir á noite os curraes dos frades, afim de vingar-se das contínuas represensões que lhe faziam por andar amancebado com índias. Temos, pois, numa simples denúncia, a menção dos nomes de tres proprietários e criadores da mesma época, a saber: Margarida Alvares, o morgado do Cabo, e os capuchinhos da Ordem Seráfica de S. António.

* * *

O gado viera, na opinião de autores antigos, das ilhas do Atlântico para o Brasil. Gabriel Soares

(13) v. tomo II Pernambuco e as Cap. do Norte. capº, da Paraíba,

exaltava o bom resultado que davam os bovinos; “*As primeiras vaccas que foram á Bahia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco*”. Das poucas cabeças cedidas pelos duartinos logo creceram manadas, e da forma mais auspiciosa, porque “*se dão de feição que parem cada anno e não deixam nunca de parir por velhas; as novilhas como são de anno esperam o touro e aos dous annos vem paridas, pelo que acontece muitas vezes mamar o bezerro na novilha e a novilha na vacca juntamente, o que tambem se vê nas eguas, cabras, ovelhas e porcas; e porque as novilhas esperam o touro de tão tenra idade, se não consentem nos curraes os touros velhos, porque são pesados e derream as novilhas, quando as tomam; as vaccas são muito gordas e dão muito leite, de que se faz muita manteiga e as mais cousas de leite que se fazem em Hespanha*” (14).

Brandônio separava o vacuum do cavalari, “*Nenhum gado dos que tenho referido havia nesta provincia, antes se trouxe todo pera ella de Portugal, excepto alguns cavallos e eguas, que vieram do Cabo Verde, por se haverem lá produzido primeiro que nestas partes*”. De uma capitania as novidades passavam para as visinhas, e si acaso os primeiros exemplares do rebanho pernambucano seguiram este itinerário, teriamos a repetição de aconteci-

(14) As referências a Espanha ou ás Espanhas devem ser consideradas como geraes á península ibérica nos dizeres de Brandônio,

mentos bastante comuns. Da cana também se dizia que seguira um trajeto semelhante, palmilhando a costa de S. Vicente ás várzeas do Capibaribe. Meios de averiguar tradições tão longínquas são muito falíveis com os dados de que dispomos. Não ha concordância entre os dizeres dos autores antigos, além da complicação dos toponímicos que se alteraram custando nessas condições, a aproximação da realidade. Podemos quanto ao gado, aceitar apenas os preços afiançados por coetâneos de reconhecida boa fé. “*A vacca sendo boa*”, escreve Brandônio, “*é estimada nestas capitânicas da parte do Norte, em quatro e cinco mil reis, e o novillo, que serve já para se poder metter em carro, a seis e sete mil reis; e um boi já feito val de doze até treze mil réis*”. Concordam daí, Gabriel Soares e Fernão Cardim, em avaliar de duzentos a trezentos cruzados o preço de animaes adultos por unidade, e mesmo desse preço para cima, tão apreciados eram no abastecimento de carne e serviço nos engenhos.

No fim do século 16 o preço do gado na Baía devia ser pouco diferente do existente em Pernambuco. Ambas capitânicas estavam longe sob Felipe II da multiplicação de cabeças que se registrou pelo sertão nos reinados seguintes, apesar de todos os prejuizos provenientes das guerrilhas contra os olandeses. Os rebanhos do litoral quasi que desapareceram durante as hostilidades, igualmente ne-

fastas para a agricultura e a pecuária da região, porém, o que se salvara no interior no Ceará, Rio Grande e nas campinas hoje pertencentes ao Estado do Piauí, assim como em certos trechos ribeirinhos do S. Francisco e seus afluentes, multiplicaram-se em manadas incontáveis. As mil reses do latifundiário paraibano dos *Dialogos*, desaparecem em confronto dos rebanhos de Garcia de Ávila e dos Rocha Dantas no século 17, em número crescente de ambos lados do rio S. Francisco. Antes disso, nas imediações dos engenhos citados pelos primeiros cronistas, a perda de um animal assumia o aspéto de enorme prejuiso. Compreende-se o alvoroço dos donos quando vinham a saber de uma rês carneada por índios, ou morta por felinos. Contava Brandônio: *“Tambem se acham nesta terra umas onças ou tigres muito listados do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado domestico, do qual costumam matar muito”*. Pergunta Alviano, *“E de que modo o matam?”* Respondendo o interlocutor com algum exagero, *“Com nenhum outro senão com se arremessarem a elle, e lhe dando com a mão uma bofetada sobre a cabeça com tanta força que é bastante — oh cousa maravilhosa! — a lhe quebrar os cascos por muitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vacca ou novillo a que isto aconteceu, sem por a parte de fóra lhe fazer ferida, nem mostrar signal por onde recebera tanto damno”*. É possível que isto succedesse a um bezerro, mas por mais forçada fosse a onça

difícilmente repeteria a façanha com uma rês adulta e provida de aspas. E era por sinal, o que não faltava ao primeiro gado remetido para o Brasil, quasi todo ostentando majestosa chifraria, visível nas estampas da época mostrando bois tanto em Portugal como nas colónias. Feras matando grandes animaes com uma patada deve ser attribuido á impressão do susto e do prejuizo cauzados ao dono. Também a tendenciasinha ao exagero, que se nota nos caçadores, pescadores e mais indivíduos afins dos proprietários ruraes, devia concorrer para a diffusão de semelhantes histórias. No mesmo plano, figuram as cobras que Brandônio descreve enrodi-lhadas sobre árvores, á espreita de que um desprevenido lhe passe ao alcance dos colmilhos peçonhentos, ou como "*ja succedeu arremessarem-se a homens que mataram, (o boaçú, cobra de veado, similar da sucurí) com lhes metterem o rabo pelo sesso, por ser parte aonde logo lhe acodem com elle*". O fáto é bastante chocante em a narrativa no geral verdadeira de Brandônio, que neste passo envereda pelo fabuloso dos fasendeiros contadores de histórias, acrescentando ouvira dizer, dar-se com os enormes offídios terror da indiada nua (porque os brancos teriam calças para algum tanto se defenderem), o mesmo que a respeito da Phenix renacida, a qual tornava a medrar depois de morta, "*sobre o espinhaço, carne e espirito*".

Acerca de rebanhos, escreve Commelyn: "*No tempo em que toda a região vivia em paz, via-se*

muito gado, mas depois das lutas é custoso encontrar, e o pouco que resta necessita ser arrebanhado para que se multiplique". O que recomendava o flamengo foi realizado proposital ou casualmente, pelos brancos e mamelucos sertanejos, ou pelo gado que "*estourava*" pelas campinas e vales. Continuando, diz-nos o cronista, "*Os habitantes só matam as vacas quando muito velhas e os bois quando não servem mais para o trabalho*". A estas destruições provenientes da luta armada, dos acidentes, feras, ofídios ou índios, devemos ajuntar o grande número de perdas produzidas pelas ervas venenosas absorvidas pelo gado com capins nutritivos. Neste ponto, o gentio não podia servir de mestre aos brancos, ensinando-lhes quaes as espécies vegetaes nocivas ou úteis, porque nunca tinham possuído rebanhos, e os inovadores tiveram de aprender a distingui-las a sua custa. Outro mal eram as chagas "*arruinadas*" produzidas pelas varejeiras ou bernezes, que praguejavam os animaes a ponto de inutilizar-lhes o couro. Tentavam os criadores combater os estragos com simpatias e benzeduras feitas sobre as feridas, ou mesmo sobre o rastro dos rebanhos.

Crecendo sempre, deixaram as manadas de bois a região da cana de assucar, procurando outras larguezas para a sua manutenção. O pastoreio fixou-se em parte nas ribeiras do S. Francisco, estendendo-se ás campinas sergipanas, baianas e alagoanas. O lado norte pernambucano diferenciou-se do sul por

estarem absorvidos os habitantes na cultura da cana, de modo que a pecuária desse lado teve de seguir para o Ceará e Piauí, além dos desertos do Rio Grande, onde tomou nos séculos seguintes enorme incremento. Prende-se o itinerário á coincidência de encontrarem os portugueses desde o princípio da sua atividade americana, a terra mais própria aos seus esforços na beira do litoral, em lugares fáceis de embarcar os produtos, e receber o que necessitassem da Europa. O gado ao depois influetiu a marcha dos vales piauienses para o centro do Brasil, que também recebia bovinos por outro lado, através de imensas regiões, desde a Baía até o atual Estado de Goías, servindo de acesso as marjens do S. Francisco e rios tributários.

Acerca do cavalo, o animal nobre por exelência, objéto dos maiores desvelos e orgulho dos senhores, informa Gabriel Soares que os de Pernambuco foram remetidos da Baía no começo do povoamento. Brandônio gaba o "*neptunino ligeiro e belicoso*", ginete de guerra dos que se tinham, na península, digladiado com o mouro, e que se mostrava tão sóbrio na América quanto resistente. De outro modo não suportaria o passadio que lhe davam, "*grandes soffredores de trabalho, com andarem desferrados; porque, ou seja por serem mais duros dos cascos, ou pela terra ser menos pedregosa, não têm necessidade de ferraduras; succede de ordinario a um cavallo destes correr-se nelle, em uma tarde, canas, argolinha e pato acompanhado tudo de muitas carreiras, e ás*

vezes continuam neste exercicio tres e quatro dias a réo, com terem pera tudo alento, e os acharem tão inteiros no principio como no cabo; sendo assim que um só exercicio destes bastará pera aguar vinte cavallos dos de Espanha, e estes têm alento pera tudo, com comerem mal, porque o seu mais ordinario mantimento é herva, a que nesta terra chamam capim; e de maravilha se lhe dá um pouco de milho, por quanto não se acha todas as vezes que se busca... Alguns eram summamente bons, vi já vender por quinhentos cruzados, e outros por menos; mas, quando no cavallo se acham partes de ginete, sem manha má, sempre val ao redor de duzentos cruzados”.

A fama dos eqüinos pernambucanos foi além dos portugueses. Confirma o flamengo Commelyn, “são de maior trabalho que os nossos (olandeses), capases de caminhar um dia todo sem comer, mas servem apenas para montaria, são nutridos somente de capim, a que se ajunta todavia um pouco de milho, e aos que servem nos engenhos, dá-se pontas de cana para beber e comer, misturando um pouco de sumo dessas pontas á sua água, o que também se faz com os bois de tiro, e a beberagem fortifica a ambos maravilhosamente”. Os cavalos portugueses, de orijem provavelmente barbo, através dos andaluses, encontravam nas capitánias do nordeste uma esterilidade e temperatura mais próximas das africanas que do norte da Europa, onde o clima e a abundância da nutrição produziãem enormes animaes de tiro, cujo rendimento máximo era atingido na esta-

ção invernal, ou montarias de pequena cabeça e enorme garupa, do gênero das que aparecem nos quadros de guerra da época.

Brandônio afirmava ainda, que os cavalos brasileiros duravam mais que os portugueses, "*porque aquí não se enxerga em um cavallo ser velho, a respeito que tão agil está pera todo trabalho o de quinze e dezesseis anos, como o de quatro*". Eram considerados magníficos petisco não só para as onças como aos negros da Guiné, "*que os matam sem reparo, pera os haverem de comer, em qualquer parte que os acham, e ainda aos regalados e de muito preço furtam das estrebarias*". Apesar dessa predileção, informa Cardim nos *Tratados*, principiavam no seu tempo as capitánias brasílicas a abastecer Angola de cavalos. Não nos diz como, nem para que fim, mas supomos que se destinavam á remonta das tropas portuguesas, e a resgates junto dos sobas, para os quaes dispor de um ginete era título de nobresa e recurso da maior utilidade em campanha. Outro inimigo dos eqüinos recolhidos ás estrebarias, curraes, ou mesmo ao descançar á noite debaixo de qualquer abrigo, eram os morcegos, que feriam na sombra sem serem presentidos. Para afastar o nojento animal adotou-se o costume de manter lanternas acesas nas cocheiras, afim de que os hematófagos se tornassem visíveis, e segundo uma crença popular, não abanassem a ferida com as asas para a vítima não dar por eles enquanto sugavam-lhe o

sangue. Viviam ás centenas os alados noctivagos nas tulhas, depósitos, e nas casas de purgar dos engenhos, atacando a todos, e sujando o assucar "*com o seu feito que é como de ratos*" escreve Gabriel Soares". Os íbridos de égua e jumento eram poucos nas capitánias, pelo desleixo dos povoadores a respeito de tudo que não tocava ao assucar, preferindo os bois para o serviço de tiro.

No princípio dos estabelecimentos dos portugueses, houvera, "*alguns asnos cavallares, que se mandaram vir do reino, se produziram maravilhosos machos e mulas; mas, ellas mortas, seccou a geração delles; sem haver quem se quizesse cançar em mandar buscar outros, ou ao menos um asno e asna, pera que se produzissem dos semelhantes na terra...*", e por isso podia Brandônio acentuar, "*que se davam bem as bestas muares, mas que as não havia*". Informava mais o principal personagem dos *Dialogos*, que também existiam na terra outros animaes úteis importados, "*muito gado ovelhum e cabrum... em tanto que das ovelhas parem muitas de um ventre dous carneiros, e das cabras a dous e a tres cabritos*". Uma pergunta de Alviano, acerca de fáto estranho verificado em Pernambuco e Paraíba, interrompe as louvaminhas do companheiro. Quanto mais se multiplicava o gado, menos queijo e manteiga apareciam nas povoações. Responde Brandônio que se devia attribuir a carência á costumeira desídia dos habitantes, "*com se dar seme-*

lhante gado grandemente na terra, não se querem dispor á cria delle, contentando-se cada um de criar somente o que lhe abasta para provimento de sua casa, que não pode ser maior vergonha". Aí temos mais uma vez como devem ser lidos os velhos textos. Começou Brandônio a descrever a extraordinária diversidade de víveres nas capitánias, para no fim acuzar os pernambucanos de incuravelmente negligentes, preferindo pagar caro a lã e queijo importados do reino a produzi-los na colónia. O que devemos entender dos seus dizeres, é que parecia facil obter-se todos os gêneros de primeira necessidade onde a terra era ferás e não havia inverno, mas o predomínio da cana, associado á crise permanente de braços, e mais sem número de impecilhos, ampliavam a tirânica monocultura, a ponto de submeter a mau passadio os brancos e esfomear o gentío provocando o roubo de mandioca de que falam os *Diálogos*. Não admira pois, que, onde os missionários assistiram a banquetes de ricos, com muitos accepipes importados, também morressem índios á míngua assim que uma estiajem mais longa lhes assolasse o território.

Circulava entre os senhores de engenho — exagerados nas suas apreciações como o geral dos fazendeiros e estancieiros — noticia de novas espécies de animaes domésticos apparecidas na América. O clima e a larguesa da colónia tinham criado mameucos e mulatos, agora era a vez dos animaes, e segundo Brandônio, encontravam-se nos campos uns,

“mestiços, filhos de ovelhas e de cabrão, que representando a feição de ambos os paes, tomam de um uma cousa, e de outro a outra, com que se forma case outro animal differente na composição e são excellentes pera se comerem”. O que havia de estranho no relato era atribuível ao pecado reinante no litoral, como proclamavam os padres, indistintamente sobre cabras e ovelhas, ou reinoses, cunhãs e pretas minas e Brandônio viu-se na obrigação de assegurar, que possuira alguns exemplares da mistura, afim de delir as dúvidas de Alviano, sempre propenso a descrever do que lhe narravam.

As galinhas trazidas do reino é que se mostravam menos boas quando nacidas nas capoeiras coloniaes. Não se podiam comparar nem de longe com os frangos peninsulares engordados a grão de bico, presos em gaiolas, tratados com o máximo desvelo antes de subirem á mesa dos epicuristas das Espanhas. Fosse pela differença da alimentação, fosse pelo descaso geral, a qualidade dos galináceos servidos no Brasil era péssima, e assim se manteve por séculos até chegar aos nossos dias. Adquiriu o frango nacional, graças a esta regularidade no ruim, fama além de fronteiras, passando com justiça por detestavel junto aos viajantes que nos visitaram. Queixas amargas despertou em estrangeiros como Paul Morand, vítimas de *“poulets qui ressemblent à de la ficelle”*, oferecidos nos hotéis do Rio de Janeiro. O sempre futuroso jovem escritor precisou no Brasil aturar estoicamente não só as

sandices do barão de Capilé, como ainda desarticular as mandíbulas em inúteis tentativas de esmoer galináceos musculosos. A lembrança que deixaram ao imitador do diplomata itinerante Gobineau, foi das mais sensíveis e não muito diversa da expressa pelo cronista Cardim. Literatice a menos, julgava o padre com severidade os produtos dos galinheiros americanos, abrindo exceção apenas para o que chamava galinhas do Perú. Acerca dessas nada informa de desabonador, assegurando serem muito apreciadas nas capitânicas do norte, não havendo ágape em que deixassem de comparecer. Brandônio se mostra mais explícito, dizendo que os habitantes contavam com *“muitos e bons galipabos que se reproduzem com facilidade, por ser o clima disposto pera a criação”*, estando deste modo a capitania duartina de parabens á vista da extrema fragilidade dos perusinhos antes de criarem as penas, que na opinião de antigos e modernos, é o período crítico antes de se tornarem adultos e resistentes. Mais cômodos de criar eram as *“pombas, patos e adens de excellente comer... aves que neste Brazil se criam em casa, as quaes abundam com grande multidão de ovos”*. Trazidos do Perú, da África, da Europa ou da Ásia, as galinhas de Espanha, galipabos americanos, gansos da Arábia e frangos de Angola, compunham em pequena escala, nas dependências do engenho, conjunto semelhante aos que os portugueses tinham realizado no reino vegetal, transportando espécies através milhares de léguas.

De Pernambuco iam as mudas e sementes de plantas ou reprodutores de animaes, para além das fronteiras pertencentes ás quinas. O espanhol Jimenez de la Espada descreve aspétos seiscentistas da então longínqua Amasônia, "... *En el Marañon hay algunos caballos y yeguas; espérase multipliquen estos ganados de suerte que llenen los campos, segundo son fertiles... Del Brasil trujeron los portugueses al principio de las fundaciones cabras y puercos, de que hay gran cantidad; trujeron tambien un carnero y una oveja, y aunque la oveja parió, no crió el cordero, porque con el vicio de la terra estaba tan gorda, que no le dió leche y le dejó morir; y asi no multiplicaron... En el Pará y Marañon hay muchas gallinas de España...*" (15). A invasão olandesa não veio trazer tantos benefícios á colônia, como apregoaram alguns escritores pernambucanos do século passado, ás voltas com lusitanofobia aguda. Espalhara a gente portuguesa a semente da civilização pelas Américas, e o que havia de util de outras regiões, soube aclima-lo nos tratos da costa brasileira onde encontrava condições favoráveis para a sua produção, fosse cana de assucar ou galipabos do Perú. Sobrevindo a luta provocada pela Companhia das Índias Ocidentaes, viu-se o longo, pacífico e benéfico trabalho destruido na guerra,

(15) Jimenez de la Espada. *Viaje del capitan Pedro Teixeira*. cf. II tomo, capítulo da Amasônia.

que prejudicou o progresso do nordeste e por anos paralizou completamente o de outras regiões situadas muito além.

* * *

A terceira casta de povoadores que Brandônio enumera entre os brancos de Pernambuco e da Paraíba, era a dos officiaes mecânicos, "*de que ha muitos no Brasil de todas as artes*". Censura-os por fazerem "*seus proveitos nellas, sem se alembra rem por nenhum modo do bem commum*", reparo que poderiamos inquinar de algum tanto extravagante. É caso de ver si no tempo do suposto judeu senhor de engenho, teria esta classe, diferente procedimento da mor parte dos habitantes da colônia. Vendilhões, "*tractantes do mar*", negreiros e aventureiros de todo jaêz, rivalizavam de materialismo numa terra que só os interessava como palco de traficâncias. A exeção á regra eram os missionários, e os povoadores que passavam de classe inferior á superior, aufferindo na América uma existência muito acima da que jamais ouzariam sonhar na metrópole. Igualmente havia, os que se enamoravam da terra e aqui ficavam presos ás solidões, como os que se comprazem em desertos, ou os que sentem a nostalgia do mar.

Nos setores da várzea assucareira assinalada por engenhos, havia pelas propriedades vários profissionaes aliciados, como sempre, a poder de adeantamentos em dinheiro e promessas em palavras.

As denúncias do Santo Offício de Pernambuco mencionam muitos desses artífices, entre os quaes se contava Belchior da Silva, que em 1590 mais ou menos, concertara o maquinário do engenho da "Varzea" pertencente a Bernardo Velho. Também carpinteiros em Pernambuco e cercanias na mesma época, eram Gonçalo Vieira; Francisco Pires; Manoel Pinto; Marcos da Rocha; João Eanes; Antonio Dias; Pedralvares; Braz Francisco; Miguel Pires; Mateus Gomes; João Ribeiro; Pedro Lucas; Manoel Fernandes; Diogo Toledo; Gabriel Fernandes; João Antonio; Pero Gonçalves; Manoel de Crasto ou Castro; Salvador de Miranda; Antonio Gonçalves; Jeronimo Fernandes; Gaspar Fernandes; Francisco Domingues e outros, entendidos do maquinário dos engenhos, e em fazer carros, balcões, construções em geral, e o importante encaixotamento do assucar, de que dependia a exportação deste gênero facilmente deterioravel. A seguir, vinham os pedreiros, bastante numerosos, alguns como Francisco Martins "*dalcunha o Roxo*" a cumular as duas profissões de pedreiro e carpinteiro. A designação de "*mestre*", aparecia junto aos mais ativos e empreendedores, como Manoel Gonçalves, que recebeu o pormenor explicito "*mestre de fazer engenhos*", junto do seu nome. Este último morara na aldea do Braço de Peixe, ou Piragibe, onde doutrinavam os frades capuchos, em companhia de Bras Francisco carpinteiro, que ao depois fôra para a "*frontera na fazenda de Afonso Neto desta capitania*" ou seja da

Paraíba. O mestre imitou ao colaborador, transferindo-se a Pernambuco, e concorrendo para nos mostrar como naquela época esses profissionaes percorriam a região a chamado de quem necessitasse dos seus serviços.

Os primeiros operários aparecidos nas capitánias; especializados em misteres que requeriam alguma aprendizagem e tirocínio, chegavam feitos do reino ou das ilhas, muitas veses sem intenção de se demorarem, tendo deixado na terra natal a esposa e filhos. Mais tarde, outros se formaram sob as vistas dos reinos, transmitido o officio daí por diante aos pretos e mestiços. Com o tempo chegaram os elementos de côr, a constituir a quasi totalidade dos obreiros da autarquia colonial, por refugarem os brancos profissões manuaes procurando tornarem-se proprietários de terras. Mas no princípio das capitánias, não havia outro meio para os brancos sinão empunhar os instrumentos de trabalho na falta de escravos que soubessem faze-lo. Noticiaram os padres jesuitas quanto lhes custou a construção das capelas e seminários onde juntaram os primeiros catecúmenos. Assim, Afonso Rodrigues declarou perante a mesa do Santo Officio, "*que ora aprende para ferreiro na fazenda de Manoel da Costa Calheiros em Camaçarim freguezia de Santo Amaro*". Em outro trecho vimos que havia aprendises nas olarias, não sendo necessário cita-los porisso pros-

seguiremos adiante, junto das demais profissões sombreireiros, canastreiros, marcineiros, faqueiros, esteireiros, pasteleiros, seleiros, tanoeiros, calafates. No texto das denúncias e confissões encontramos igualmente referências a pequenas oficinas, destinadas a satisfazer os pedidos dos novos ricos que iam aparecendo com o progresso da indústria assucareira, ou sejam sapateiros, sirgueiros, (16) alfaiates, ourives, pintores imaginários, etc...

O que diz respeito á cana e sua indústria, vieram as mudas, os técnicos e os primeiros maquinismos tanto do reino com das ilhas do Atlântico, a quem tanto deveram os primeiros povoadores brancos do Brasil. Na esteira da planta milagrosa, que ia se tornar a base económica das capitánias, chegaram os artífices dos engenhos, encontrando-se madeirenses e canarinos, com os vianenses e galegos companheiros de Duarte Coelho. A propósito do nome dos estabelecimentos, escrevia Antonil "*que são huns dos primeiros partos, e invenções do engenho humano, o qual como pequena porção do Divino, sempre se mostra no seu modo de obrar, admiravel*". Tantos eram efetivamente, os prodígios operados

(16) Nas *Denúncias* alude-se a Enrique Machado "*sirgueiro que estava... fazendo huã trança de chapeo para o ditto Rodrigo d'Avilla*".

por aquela moenda, cujo líquido parecia querer tornar-se o sangue da colônia, que, temos de concordar em absoluto com o padre.

Duas categorias geraes as dividiam; uns eram os engenhos reaes; os outros "*vulgarmente chamados enghocas*". Os primeiros já vimos trabalhar movidos a água, com muitos canaveaes á roda, oficinas próprias e inúmeros escravos. Os segundos moiam com cavalos e bois, poucos negros, e dependiam dos visinhos que lhes mandavam a cana e a lenha. Pedro de Goes comentava numa carta a seu sócio, que eram precisos dois "*engenhos de cavallo*" para um rendimento igual a um idráulico. Junto desse devia ter havido o primitivo nos alvores das capitânicas impellido a braço de homem, que fazia girar alçapremas como as da estampa de Stradanus. Admitiremos a sua existência, embora sem documentação pela coincidência de notícias quinhentistas sobre moinhos manuaes da ilha de S. Domingos, também copiados dos canarinos. A presunção não é de todo desrasoada, visto a identidade da orijem, e semelhança de condições, pelo menos logo no começo, quando a iniciativa vinha diretamente do donatário e o escasso braço era dado pelo indígena.

Quer nos parecer que o idráulico se inspirava nas asenhas, e o de propulsão animal, na almanjara da Europa meridional, nas marjens do Mediterrâ-

neo, onde os habitantes estavam em contáto com os árabes. Esses maquinários aperfeiçoaram-se na América nos séculos 16 e 17. Frei Vicente do Salvador escrevia *“todos se uzou no Brazil como foram os dos pilões, de mós e os de eixos, e estes ultimos foram os mais usados... Ultimamente, governando esta terra D. Diogo de Menezes, veio a ella um clérigo espanhol das partes do Perú, o qual ensinou outro mais facil e de menos fabrica e custo, que é o que hoje se uza”*, permitindo dispensar as gangorras, de grande economia na construção do edificio, em que se podia fazer o mesmo serviço num espaço muito menor.

Os *Díálogos*, mais pormenorizados que o frade, expõem laudativamente os aperfeiçoamentos *“a que chamam palitos... e tem... invenção tão boa que... para mim... se extinguirão e se acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça”*. O mesmo livro noticiava o felís acaso de uma galinha, que tendo passado sobre uma forma cheia de assucar com os pés enlameados, deixou um círculo branco em torno das pégadas *“donde se veio a entender o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se poz em uso”*. F. Vicente repetiu a lenda, inferindo Rodolfo Garcia ter o eclesiástico conhecido as opiniões de Brandônio. O escritor nosso contemporâneo Edmund von Lippmann desfaz a voz antiga corrente na América portuguesa, trazendo-nos a informação de que Dios-

córides, Galeno e os árabes conheciam as propriedades do barro, não só para benefício do assucar, como para clarificar o vinho, suco de frutas, água de rosas e outros líquidos (17). O mais certo das versões circulando sobre o assunto ocorrerá em Antonil, quando informa que se purgava o assucar com a lama extraída das depressões cavadas no litoral pelo mar; “*tirando-as dos apicús, que como temos dito, são as corôas, que faz o mar entre si, e a terra firme, e as cobre a maré. Vem este em barcos, canôas, ou balças, que são duas canôas juntas com páos atravessados, e sobre elles taboas, nas quaes se amontoa o barro*”.

A tarefa começava segundo Fernão Cardim á meia noite e acabava-se no dia seguinte ás tres ou quatro horas depois do meio dia. “*Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha*”, especifica o jesuita, “*que tem doze carradas, e deita sessenta e setenta fôrmas de assucar branco, mascavado, malo e alto. . . O serviço é insoffrivel, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os individa (os senhores) sobre todo este gasto*”. Não é preciso mais para surpreendermos a enorme tragédia daquela exploração semi-agrária semi-industrial, cujo trabalho era em absoluta insuportavel ao índio, e dizimadora do negro. Uma ves postas em movimento as peças da moenda, e acesas

(17) Edmund von Lippmann *Geschichte des Zuckers*.

as fornalhas, tornava-se o serviço “*insoffrivel*” ou de modo a arriscar a menor interrupção. Nesta faina precisavam os senhores da ajuda de feitores, carpinteiros, ferreiros, etc..., segundo o mesmo Fernão Cardim, e de mestres do assucar “*que são os senhores de engenhos, porque em sua mão está o rendimento e ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil reis, e outros mais, cada anno*”.

Pela complexidade da tarefa e gastos que acarretava, sucedia viverem mais folgados os lavradores que abasteciam os engenhos, ou pelo menos, com existência menos atribulada de compromissos e responsabilidades, que os próprios donos. Brandônio julgava serem necessários para o serviço 50 peças de escravos bons, portanto caros, e de 15 a 20 juntas de bois fortes, tampouco baratos numa época em que a pecuária estava em começo. A estas despesas se ajuntavam todos os outros compromissos subsidiários, inclusive o lado moral em que o senhor de engenho, mesmo bom católico praticante, tinha de fechar os olhos não só sobre a origem dos cativos índios que lhe ofereciam, como sobre os deslises sexuaes dos técnicos empregados no serviço, ficando os engenhos obscurecidos pelos “*... encargos de consciencia... que se commetem neles... (onde); quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões*”, de sorte que, no dizer do padre Cardim, “*bem cheio de peccados vai esse doce*”, sal-

vador das finanças privadas e públicas de Sua Magestade (18).

Os lavradores visinhos dos donos de máquinas ganhavam aparentemente menos, mas não padeciam das preocupações e sacrifícios até religiosos, dos outros, nem arrostavam os mesmos riscos caso corresse mal a produção. Além dos que plantavam cana, também certos serviços podiam proporcionar grandes lucros, decorrentes mais da economia e capacidade de trabalho que da inversão de capitaes. O arquivo do Santo Ofício nos proporciona um exemplo na pessoa de João Afonso, *“carreiro que estava muito rico que tinha dez mil cruzados em dinheiro e que sua mulher amassava”*, sendo na opinião do judeu denunciante Pero Lopes, *“aqueles tais erão os que nesta terra tinhão o dinheiro”*. Os encaixadores estavam nas mesmas condições, versando um trecho das informações de Brandônio a Alviano, sobre o *“modo que os habitantes deste Brazil se fazem ricos pela madeira, o que succede com lavrarem e serrarem muita, assim pera se fazerem caixas, em que encaixam os assucares, como muito e bons chaprões, que se levam para o reino, e outras excellentes madeiras para casa e obras primas de escriptorios,*

(18) *“Todos estes assucares pagam de direito na Alfandega de Lisboa... mais de trezentos mil cruzados, sem elle (el-rei) gastar (no Brasil) um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dizimos na propria terra basta para sua sustentação”*. Dialogos 130.

bofetes, leitos e outras semelhantes". Pergunta nesta altura Alviano, si eram os próprios moradores que lavravam e serravam as madeiras, a que responde Brandônio, "Não, porque a gente do Brasil é mais afidalgada do que imaginaes; antes a fazem serrar em cada anno mil e dous mil caixões de assucar, que vendem aos senhores de engenho, lavradores e mercadores, a quatrocentos e cincoenta e quinhentos reis cada um, segundo a falta ou abundancia que ha delles", feitos de pau mole "mongubas, buraremas, visgueiro, pão de gamella, camaçaris e um pão que chamam de alho, e outros branco; e dos taes ha diversas castas, porque pera caixões se busca sempre madeira molle, por ser mais facil de serrar".

Esses empresários de obras traziam consigo novos contingentes de trabalhadores para a autarquia rural, sob a direção de auxiliares brancos que se fixavam na colônia. Completavam os serviços anexos ou complementares do conjunto que o uso popular consagrou sob o nome de "engenho". Não eram só os escravos de enxada e foice, nem a gente da casa senhores, mamelucas, mulatas e negras mucamas que compunham a sua população, mas também mestres barqueiros, pedreiros, canoeiros, calafates, carapinas, carreiros, oleiros, pescadores, e até vaqueiros e pastores com algumas noções do tratamento de animaes. No princípio do povoamento lusitano, ou melhor, no começo da sua expansão, foram estes os mestres dos escravos, ensinando-lhes ofícios provenientes da civilização europea do Medi-

terrâneo. Também assimilaram e aperfeiçoaram os conhecimentos trazidos por negros e índios, e aclimaram os gêneros que se importava de além mar ou de outras partes da América. Os esforços conjugados de todos estabilizavam a vida nos engenhos, em que os povoadores se tinham detido para lavrar a terra, em pequenos grupos de onde mais tarde, se originaram muitas das cidades e vilas das capitânicas.



Antes de moer pela primeira vez um engenho novo, costumavam os seus proprietários mandar benze-los. A respeito escreve o padre Cardim, "*neste dia fazem grande festa convidando uns aos outros*", referindo-se naturalmente aos católicos, porque o judeu que assim procedesse seria apenas para evitar suspeitas de judaísmo. Pelo que se deduz de informações da época, os cristãos novos poucos estabelecimentos do gênero fundaram. Eram mais traficantes do produto do que propriamente produtores, desenvolvendo atividade mais nas vilas do litoral onde se embarcava e recebia mercadorias, do que morando no interior em engenhos rodeados por largas extensões de terreno ermo. Os primeiros agricultores do período inicial da conquista sabemos que foram os Albuquerque, Cavalcantis, Lins, Olandas ou Paes Barretos, dos quaes nenhum era converso. Os Brandões que apareceram mais tarde

na Paraíba, depois de Duarte Gomes da Silveira tampouco está provado fossem cristãos novos (19), e inda o fossem, não deixaram vestígios e decendentes no lugar. O mesmo aconteceu com os poucos e conhecidos proprietários ebreus constante nos registos do Santo Officio. Quanto aos mercadores das cidades, estes menor resistência ofereceram ao cyclone da guerra olandesa, dispersando-se ao vento como si se tivessem diluido no fumo das caldeiras do assucar.

Iniciada a produção, muitos imprevistos vinham por em prova o estoicismo do proprietário. As preocupações do fabrico do principal gênero da colônia, sucediam-se os cuidados da administração do feudo; as dificuldades com mestres e feitores; o custo dos escravos; o praso dos compromissos ou man-tença do numeroso pessoal obreiro, cuja sorte estava vinculada ao destino do senhor. Junto do maquinário da cana estava o da mandioca, de função importantíssima pelo que representava na alimentação nos lugares afastados do mar, onde não havia o recurso da pesca ou o da cata do caranguejo. Do processo uzado pelos índios aproveitavam os brancos o meio de extrair a toxidês das raises, e outras maneiras de prepara-la, mas a redução á farinha era por demais custosa e lenta para ser aproveitada

(19) A não ser uma acusação constante no Santo Officio, em que são englobados num grupo de cristãos novos por um maledicente.

na alimentação do grande número de escravos de um engenho.

Tiveram os pernambucanos de armar o aparelho descrito por Brandônio, que devia te-lo possuído na sua propriedade. Consistia numa “roda que pera isso têm feita, forrados os seus extremos de cobre, a modo de ralo, e depois lhe espremem (á raís já preparada como vimos no capítulo anterior) todo o sumo muito bem em uma prensa, que pera o effeito se faz”, iam as bolas de farinha desfeitas para “uns fornos, que pera isso se lavram de barro, a modo de tachas”. Na obra do Piso vemos uma estampa em que os pretos desfazem a mandioca pelo modo citado nos *Dialogos*. Nieuhoff viu o aparelho que os brasilianos — como ele designa os índios — chamavam *Ibicem Babaka* e os portuguezes *Roda de farinha* (20). A prensa chamava o gentio *Mukaba*, e os portuguezes, sempre segundo o olandês, *Koche de fazer mandihoka*. Os pobres tinham que se contentar do *Tepiti*, que os portuguezes tinham por *Espremedouro de mandihoka* produtor da *Agoa de mandihoka*, com a qual se fazia a *Manipoera* ou *Munipoera*, farinha muito fina, de que tratámos em outro capítulo. Pelo mesmo motivo não tornaremos a falar da *Urupema*, ou grande tacho de argila, em que era secada a *Farinha de Guerra* dos povoadores, ou *Viata* ou *Viccia* dos índios, nem das outras qua-

(20) Em português no texto orijinal.

lidades da raís. Nos grandes engenhos não descansava o aparelho nutriente por exelência descrito pelo poeta da *Brasílica Raiz*

“à força de dentada roda
O lenho volteador girar obrigam
Em tamanhos menores rodas quatro,
Rijas as costas de escabroso cobre”.

desta havia duas espécies, afora da idráulica, tal como sucedia ás prensas de cana; umas movidas á mão chamadas *rodixos*; outras, de tração animal, as *bolandeiras*.

O consumo interno, não só de gêneros alimentícios como dos de primeira necessidade, também voltava os cuidados dos dirigentes da autarquia colonial para o algodão. O “*fructo*” diz Brandônio, “...*se colhe depois de estar maduro e de vez, e tirado do coculo, aonde se cria, o poem em rimas, e desfe modo se chama algodão sujo, o que se aparta da semente é o limpo. E pera se haver de apartar della usam de uma invenção de dous eixos, que andam á roda, e passando por elles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mette a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão*”. Pergunta Alviano de que modo se enviava o produto uma ves limpo e em condições de ir para a Europa. Ficamos sabendo pela resposta que era em “*grandes saccos, que per esse efeito fazem de angeo, onde se mette muito bem socado, de modo que a saca fica*

dura e tesa, e como está apertado, não importa que o levem pera o Reino sobre a cobertura do navio, porque a chuva não lhe faz damno". A tecelagem dos sacos da exportação e dos outros panos usados na colônia era em grande parte feita nos próprios engenhos. Pode-se mesmo dizer, que o negro já vinha da África alimentado por mandioca e vestido por tangas brasileiras. Da fibra de algodão passaram as fiandeiras a se aproveitar de outras, para diversos fins, com que se preparavam cordas, ataduras, tecidos para cobertas, chumaços para calafetar navios, ou o necessário para fazer colchões. Os *Dialogos* enumeram as "*folhas de uma arvore, a que se dá o nome de tucum da qual se tira o fiado assas fino e riço... Também se acha uma planta agreste, chamada caroatá, que dá grande copia de linho fino e assás proveitoso*". Recomendava ainda a lanujem da *monguba*, e a de uma árvore que não sabia o nome, provavelmente a paineira, muito abundante já naqueles tempos pelos campos pernambucanos e que servia para fazer colchões.

Voltando aos aparelhos destinados a preparar alimentos, assimilaram os portuguezes dos habitantes do extremo oriente o emprego do monjolo. Apenas simplificaram o mecanismo, e substituíram o ferro uzado na China, pela dura madeira nordestina encontrada nas terras baixas e arenosas. No resto, o princípio era o mesmo. Uma corrente de água vindo de alto, enchiã o vaso na ponta de uma gan-

gorra, levantando a outra extremidade para cima. Com o movimento o vaso entornava, e a ponta oposta caía com força, como mão de pilão, num almofarís de pedra ou madeira. Havia também na Ásia aparelhos deste gênero, porém movidos por pedaes, no Brasil, parece que só se fizeram idráulicos. Pensava Varnhagen, que o primeiro a aparecer entre nós, fosse o de Bras Cubas em Santos, denominado pelos índios *Enguáguassú*, ou seja pilão grande. “*A idéa do monjolo fôra sem duvida trazida por Cubas da Asia*”, continua o historiador, e si de fâto, daí proviesse, tanto poderia ter sido importado pelo colaboradôr de Martim Affonso como por Duarte Coelho e seus companheiros, que de ha muito conheciam o oriente. Pode também ser que o rápido desenvolvimento da indústria assucareira na capitania do sul, influísse nas demais, de princípio menos organizadas, e lhes servisse de modelo, não só a respeito de engenhos mas igualmente para os demais apetrechos necessários á vida colonial. O monjolo prestava grandes serviços e até hoje presta, poupando o desperdício dos braços occupados no demorado e fatigante trabalho de socar durante horas raspas de mandioca ou grãos de milho, ou de arrôs. Com o aparelho chinês qualquer molecote podia ser incumbido de vigiar o esmoimento, substituindo de quando em quando a farinha á medida que chegava ao ponto desejado, e revezando-se estes vigias, o monjolo funcionava tão económica quanto indefinidamente, descascando amendõins, preparando qui-

reras, fubás, ou grandes quantidades de farinha de mandioca para gasto da senzala.

Junto desta industrialização ocorria a caseira, de menor rendimento, mas de não pequena importância, em lugar e tempo em que faltava muita cousa, quasi tudo, e era preciso recorrer ao índio para remediar á carência. Ensinou o gentio como se faziam esteiras dos juncos da *tabúa*, a concorrer com as rêdes em matéria de leitos, permitindo que os reinos calorentos dispensassem colchões, embora continuando a dormir em móveis armados. O seu uso foi, e continua muito difundido em todo o Brasil, por ser de preparo mais rápido e elementar que a fiação das rêdes. Contudo, apesar da variedade da matéria prima nela empregada e dos desenhos que a trança decorativa lhe dava, era pouca a vantagem; e a preferência de certos reinos vinha mais do velho hábito do que necessidade.

A rêde apesar de tudo, continuava em primeiro lugar, constituindo um dos elementos mais importantes trazidos pela cultura indígena ao europeu, até vir a ser dos traços caraterísticos da vida intertropical, das cousas que mais impressionavam o homem do outro emisfério quando desembarcava ao norte da colônia. Era ainda, a providência do viajante, que a podia amarrar em qualquer parte onde encontrasse árvores, e se mostrava o encanto da casa grande, onde o ranger dos ganchos fazia parte dos ruidos familiares, com o choro das crianças, as canções de

ninar das mucamas criadeiras e os ralhos estrepitosos da sinhá dona. Nas horas quentes ou durante as chuvas, que não deixavam ninguém sair de casa, entendia-se o senhor na rêde enfeitada, provida de tantos ornatos quanto mais rico fosse, deixando-se embalar pelo leve ranger, que adqüiria aos poucos virtudes narcotisantes. Na tradição brasileira atribuía-se á ação insensível e emoliente do leito suspenso, a inércia de muitos lavradores que por dormirem demais deixavam escapar a fortuna, caprichosa e feminina, avessa a quem não lhe prodigaliza atenções. Poderíamos trazer para o caso vários ilustrativos exemplos de família, mas por certo o benévolo leitor não dezejará, que taes reminicências venham causar novos desaguizados, numa grei extremamente desunida, e assim, deixaremos de menciona-los. Limitar-nos-emos a dizer, que houve casos de brasileiros, e até alguns europeus, que pouco faltaram em imitar os índios, cuja preguiça levava-os a urinar deitados até que a rêde caísse de pôdre.

A primeira vez em que aparecem é nas cartas de Américo Vespúcio, sob o nome hamac na língua dos aruac do Haití. O termo serviu para indentificar a região onde esteve o famoso nauta florentino, e é de se estranhar que constasse na crónica de Pigafetta relativa ao gentio do Rio de Janeiro, que era Tupí e chamava á rêde *iní*. Talvês se enxertasse no texto do périplo de Fernão de Magalhães, pelas muitas emendas e deturpações dos copistas.

Explicar-se-ia deste modo o incompreensível erro, duplamente enigmático, por partir de quem estivera entre os índios fluminenses e não precisava plagiar a seu respeito a outros viajantes (21). Labat informa na sua viagem a Guiné, que os europeus, os grandes do lugar, e em geral a gente importante da costa de África, “*se font porter des hamacs sur la tête de leurs esclaves. Les plus beaux hamacs viennent du Bresil, ils sont de cotton, les uns sont travaillés à plein comme une forte piece de toile autres sont à jour comme un reseau; la longueur ordinaire des uns & des autres est de sept pieds sur dix, douze ou quatorze de largeur. Chaque bout est partagé en 50, ou 60. parties enfilées dans de petites cordes de soye, ou de pitte, ou de cotton qu'on appelle rubans qui ont chacune environ trois pieds de longueur. Tous les rubans d'un bout de la piece s'unissent ensemble pour faire une boucle, ou l'on passe une corde qui s'attache à un roseau ou bambouc long de quinze à seize pieds; on attache de même l'autre extrêmité, de maniere que la longueur du hamac & de ses rubans fasse un arc de cercle. Les deux porteurs mettent les hauts du bambouc sur leur tête, la personne s'assied ou se couche de son long dans le hamac, non pas en droite ligne & suivant la longueur du hamac, parce que dans cette situation elle auroit le corps plie en deux & les pieds*

(21) v. *Primeiros Povoadores do Brasil* in *Notas* no fim do volume

aussi hauts que la tête, ce qui seroit une posture incommode, mais sur la diagonale du hamac, c'est-à-dire la tête à un des coins & les pieds au coin opposé; ce qui fait que le corps est posé presque aussi de niveau que si on étoit couché sur un matelas. Les gens délicats mettent un oreiller sous leur tête pour la tenir plus élevée... Les hamacs qui viennent du Bresil sont de diverses couleurs, fort bien travaillés avec des crepines & des franges de même matiere qui pendent aux côtés & qui font un ornement qui n'est pas à mépriser".

O domínio não nos esclarece para que serviam os ornatos dos lados, na descrição onde aparece o modelo da rêde tal como hoje a vemos. Supomos que Labat deixasse propositalmente de se referir á utilidade da franja, geralmente empregada para o ocupante cobrir-se com ela, por ser tão comum o hábito de defesa contra mosquitos que o cuidado de lembra-lo era dispensavel. O maior emprego da rêde quando utilizada para transporte, era sob forma de "*serpentina*", acentuando Labat a diferença que este modelo apresentava com o palanquim das Índias Orientaes. A primeira era apenas uma rêde comum presa a um pau roliço, coberta "*d'un dais en Imperiale ovale qui a toute la longueur du Hamac & environ quatre pieds de largeur, & au le couvre d'une étoffe de soye ou d'une fine toile cirée avec des rideaux de Taffetas que l'on tire du côté que le soleil donne. C'est dans cette voiture que les Direc-*

teurs Européens font leurs voyages”, ao passo que o palanquim era ainda mais complicado.

O primeiro modelo descrito pelo frade era exatamente igual ao do Brasil, assim como eram os costumes decorrentes do seu uso. “*On se sert*”, escreve Labat, “*communément d’un parasol pour se garantir des ardeurs du soleil, que celui qui est dans le hamac tient à la main & qu’il oppose au soleil. Quand on voyage la nuit & qu’on veut éviter la pluie ou le serain qui est fort dangereux en ce pais la, on étend une toile ordinaire ou une toile cirée sur le bambouc, & tout en dormant on ne laisse pas de faire du chemin d’une maniere infiniment plus douce que dans une litiere. Les Directeurs Européens & quelques grands ont des hamacs sur le modele des serpentins dont on se sert au Bresil, & dont M. Frezier Ingenieur ordinaire du Roi nous a donné la figure dans son excellente Relation de son voyage à la mer du Sud*”.

Os escravos colocavam o eixo da serpentina, sobre o ombro ou a cabeça, que é a maneira usual africana de transportar fardos. Contam-nos Brunet e Giethlen “*Leur crâne est protegé par un paillasson ou pagne roulé en forme de gâteau. L’homme de tête, précédé d’un éclaireur, fraye la route; celui de derrière gouverne le hamac quand on se trouve arrêté par un taillis fourré ou que l’on franchit un trou d’eau ou une lagune. A droite et à gauche du voyageur, deux hommes, haut le pied, courent et de*

temps en temps le soulevent, pour soulager leurs camarades et surtout pour gagner du temps. Les hamacaires vont presque au trot. En terrain découvert la vitesse moyenne des porteurs est de 6 Kilomètres à l'heure, de 5 Kilomètres en terrain sablonneux et de 4 Kilomètres en forêt, broussilles ou marécages. Les hamacaires se relevent de quart d'heure en quart d'heure. Pour un long trajet à faire rapidement, on emploie généralement huit ou dix hamacaires; des porteurs leur sont alors adjoints pour le transport des bagages. Le métier d'hamacaire est tres pénible, et les bon porteurs sont tres estimés". Os dizeres destes autores sobre as populações ocidentaes do continente negro, podem ser applicados aos pernambucanos, quando se utilizavam de veículos semelhantes nos percursos pelos areas ou massapés nordestinos, tanto mais que os escravos empregados na faina também provinham muitas veses da Guiné.

Quando os olandeses ocuparam o norte do Brasil, logo estabeleceram estreitas relações com certas tribus pernambucanas, e das narrativas que deixaram, vimos a saber considerarem principalmente as rêdes entre os principaes objétos vistos nas tabas. Absorvia a sua tecelajem, informa Nieuhoff, o maior cuidado do gentio quando em repouso, empregando nas inís o algodão em fios largamente trançados, numa extensão de seis ou sete pés de comprimento e quatro de largura. O feitio que tinham

era parecido com as rêdes de pescar, e sugerira aos portugueses a designação pela qual ficaram conhecidas em todo o império lusitano, da América á metrópole, onde os antigos funcionários das capitánias as exibiam como lembrança de terras exóticas. No Brasil os índios costumavam prendel-as nas cabanas a dois moirões ou em árvores si estavam ao ar livre, a uma certa altura do solo para evitar os bichos, e as "*pestilentas exalações da terra*" de que falam os antigos portugueses. Os tapuias Carirí possuíam grandes rêdes, imitadas dos seus vizinhos Tupí, que podiam conter quatro pessoas ao mesmo tempo. No geral, havia duas qualidades como diz Métraux, uma inteiramente feita de algodão, e outra mais rara no litoral, em que se misturavam algodão e outras fibras vegetaes, destinadas a aumentar a flexibilidade ou resistência do tecido. Assemelhavam-se algumas ao manto dos Pahí, citados por Fernão Cardim, que se vestiam "*de panno de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como saio, não têm mangas*". Pero de Magalhães, mais conhecido por Gandavo, narra que vira entre os índios teares de nove a dez palmos de comprimento, parecidos com os demais encontrados em algumas tribus sul americanas, compostos de postes de madeira paralelos e perpendiculares, ligados pelos fios da talagarça que os Tupí enlevavam a poder de um pausinho feito lançadeira. As mulheres portuguesas trouxeram progresso para as

rêdes com aparelhos mais aperfeiçoados, e copiaram a técnica indígena e os adornos, no gênero das que foram encontradas na África por Labat e Barre.

O mesmo processo preliminar do preparo das rêdes serviu para os índios disporem sobre a trama as penas brilhantes com que compunham os mantos festivos. A arte plumária ainda se desenvolveu nos primeiros tempos do convívio entre brancos e selvícolas, graças ao subsídio das penas de aves domésticas trazidas das Espanhas. As de galinha branca eram muito procuradas para serem tingidas de côres, dando bom proveito em vários trabalhos ornamentaes. Roulox Baro, morador "*à six lieus du chateau du Rio Grande*", fala nos atavios por ele atribuidos a tapuias, mas que também poderiam pertencer ao grupo Tupí, na confusão que os flamengos fazem dos dois. Nem sempre, contudo, os índios submetiam-se a estes requintes afim de parecerem elegantes. Havia os que preferiam simplesmente, como indica Marcgrav, grudar penas de Guará, Canindé ou Carinde (sic) no corpo, recorrendo aos numerosos visgos das árvores próximas ás tabas. "*D'autres se contentent d'un filet de coton au bout duquel ils lient ces plumes derriere le col, lesquelles sont vertes, iaunes, noires, rouges, ou bleues, & souvent meslées; ce floquet*" continua Roulox Baro, "*s'appelle Acambuacaba. Il y en a (entre os índios) qui avec de la cire, du mastic, ou du miel sauvage, rangeant en bel ordre & disposition, tant sur leurs*

testes, que sur le reste du corps des plumes de diverses couleurs, ils nomment cela Aguana. Et qui mesme sont des manteaux de ces tissus, Guara-abucu. Si tout l'artifice est sur le corps, ils appellent cette façon d'y attacher les plumes, Agamongui, comme les tours des mesmes, ceignant les bras Aguamirangua & ceux qui sont au col, Papixoara. Ils lient les plus grandes plumes, tirées des queus d'Autruches, d'Arares & Aracuaru au tour du corps, pour couvrir leurs parties honteuses, descendantes jusques aux genoux, cette ceinture à nom Aracoaya. Et au lieu que nos fous de feste mettent des bandes de sonettes autour du iaret, les Tapuies en mettent du fruict d'Aguay, qui est en façon de triangle, ayant un noyau dedans qui estant sec, faict du bruict en sautant". Tendo Roulox Baro perguntado ao "sieur Moreau" si as descrições do gentio brasileiro de João de Laet eram verdadeiras, responde o viajante que assim era, quanto ao "couronnement, manteaux, & habits de feuilles, qui estans espoisses, & fortes ne ce rompoient que difficilement, & qu'il en avoit veu souvent estant au Brasil".

Serviam, outrossim, as penas para equilibrar as flexas que o gentio desferia nas suas guerras, ou com que se abastecia de caça. Lery descreve o cuidado prezidindo o preparo das armas "*elles ont environ une brasse de longueur, & son faites de trois pieces: assavoir le milieu de roseau, & les deux autres parties de bois noir, & sont des pieces si bien rapportees, iointes & liees, avec de petites pelures*

d'arbres, qu'il n'est pas possible de les mieux agencer. Au reste, elles n'ont que deux empenons chacun d'un pied de long, lesquels (parce qu'ils n'usent point de colle) sont aussi fort proprement liez & accomodez avec du fil de cotton. Au bout d'icelles ils mettent aux unes des os pointus, aux autres la longueur de demi pied de bois de cannes seiches & dures, faites en façon de lancette, & picquant de mesmes & quelque fois le bout d'une queu de raye laquelle (comme l'ay dit quelque part) est fort venimeuse".

Não faremos agora resenha do material á disposição dos índios, aludiremos apenas á maneira mais curiosa e pitoresca de prepara-las, segundo nos dizem autores antigos. Das Taquara-assú tenras e comestíveis como aspargo verde quando novo, e duras e quebradiças depois de secas, faziam os selvícolas pontas de flexas tão penetrantes como as de osso de macaco. O Airí ou Brejauba (22) servia também para setas, arcos ou contas para colares de madeira escura, "*couleur de marbre noir*", diz Thevet, "*si dur et si fort (comme nous disions n'aguere) que les fleches que en sont faites perseyoyent le meilleur corcelet*". Temos com esta combinação uma seta perigosa quando desferida por guerreiro experimentado, comparavel aos virotões

(22) As designações do orisonte cultural dos índios variavam até nas tribus do mesmo grupo, o que traz muitas dificuldades á nomenclatura indígena, problema ainda agravado pelas deturpações acrescentadas pelos brancos.

das melhores béstas europeas. Além do Airí o nome Pao d'Arco dado á Tecoma presupõe que os portugueses vislumbraram armas indígenas tiradas do seu lenho, e que daí lhe tenham dado tal nome. Outra para o mesmo emprego, seria a resistente, flexível e bela Cabiuna, ou Caviuna, que Hoehne pensa rival do Pao d'Arco. A Ubirapariba, compreendida igualmente entre as Tecomas, proporcionava lascas pardacentas, inalteráveis, cujos arcos nunca estalavam, segundo pretende Gabriel Soares. Este informador a collocava entre as espécies capazes de quebrar machados, e ir ao fundo "*em tocando n'agua*", e acrescenta que eram superiores quando feitas de Ubiratinga, ás lanças e arremeções da Europa, dela se obtendo dardos "*que se fazem muito formosos*", tão manejáveis quanto os de Biscaia, com a vantagem de serem mais duros e longevos.

As estampas oriijinaes da narrativa de Hans Staden, reproduzem as clavas e tacapes dos índios do litoral de S. Vicente e Pernambuco. Ambos pertenciam aos Tupí, e não deviam apresentar muitas diferenças na técnica geral que inspirara o seu preparo, devendo além do mais, haver muitas armas entre a indiada que tinham sido feitas em capitánias distantes daquelas em que as tribus viviam. O acaso das guerras, e outros de migrações, dispersavam o aborígene, provocando aparecimento de utensílios de matéria prima proveniente de S. Vicente no Espírito Santo, ou de Pernambuco na amasônia.

Aponta Gabriel Soares a madeira do armamento Tupí como extraído da Entagapena, ou Enga-tagapena, Ingá para clavas de que fala Martius, supondo-a leguminosa de fibra dura muito aromática “e de que se fazem contas muito cortezãs, e o gentio as suas espadas”. Não a pôde identificar Hoehne de tão genéricamente designada, e a dos arcos diferia pela côr das outras madeiras usuaes para o mesmo fim. A Entagapema era “sobre aleonado” ao passo que as Brejaubas, ou Brejauvas ou Airís são pretas, assim como as Cabiunas. Restaria no caso, a propósito do “sobre aleonado” o pao Brasil, mas este era bem conhecido de Gabriel Soares, e por certo um senhor de engenho habituado a seleccionar madeiras para os diversos misteres da sua propriedade, não havia de confundir espécies igualmente importantes.

Dessas essências cortavam e aparavam os Tupí as achas com que mandavam os prisioneiros para a verdadeira terra-sem-mal. Eram enfeitados no dia do sacrificio com as brilhantes penas da Ibis rubra, ou com trançado de fibras, ou ainda com ornatos de conchinhas de paciente composição. Do que diziam Lery e Marcgrav supõe Roulox Baro, servirem-se os índios “*de massues faictes du bois noir de Iapema longues & plates. Ils mettent des franges de cotton, ou des plumes autor, & au bout du manche, & une houpe pendant du milieu de la massue, dite Atirabebe, & Iatirabebe*”. Em museus como do

Trocadero ou de Berlim, pode-se ver alguns desses objéto remetidos do Brasil nos séculos 16 e 17, recolhidos ao antigo Cabinet du Roi, ou pertencentes a coleção de Maurício de Nássau. Os viajantes antigos que estiveram entre as tribus quinhentistas e de que temos relação descrevem-lhes as armas. Fernão Cardim viu os Obacoatiara e Ubirajaras com frechas grandes como chuços, porém “*sem arcos*”. Da maneira um pouco elementar de escrever do jesuita dever-se-á admitir que eram simplesmente venábulo, segundo nos confirma Nieuhoff, que assegura não uzarem muitas “*nações*” tapuias nem arcos nem flexas, com exeção dos Carirí. Na descrição de Elias Erkmans, os elementos deste grupo dispunham também, de “*azagaias com que podem fazer muito dano aos seus inimigos pela perícia com que os arremessam. Para melhor maneja-las procuram madeiras leves, iguaes em comprimento á metade dos dardos, abrindo-lhes no meio um rego onde colocam a arma, e daí projetam-n’a com tanta força que não encontrando algum osso atravessam o corpo de um homem nu*”. Além desses instrumentos empregavam nas lutas pequenos machados presos a longas astes, que tanto podiam servir de massa como de talhadeira (23).

As armas de defesa consistiam em pedaços de lenho duro ou de couro de anta, cortado na parte mais espessa do lombo, com as quaes faziam es-

(23) Karl von den Steinen ob. cit.

cudos, ou rodellas, "*aussi grandes que le fond d'un moyen tonneau*", descreve Jean de Lery. O seu uso era geral nas tribus Tupí da costa, asseverando Thevet que ofereciam tanta resistênciã quanto os "*boucliers Barcelonnois, de maniere qu'ils attendront une arquebuzè*". Os Dialogos mencionam que "*as rodellas, que tambem consigo levam, sãõ grandes e pintadas, feitas de um pao leve, bastante a lhes cobrir todo o corpo, com que se reparam das frechas do inimigo*". Nesses escudos desenhavam os missionários da Paraíba o sinal da cruz, que servia para distinguir os guerreiros aliados, do inimigo dirigido pelos corsários franceses (24). Os índios costumavam também orna-las de penas e outros atavios inspirados na mais variada fantasia. Por certo não aparentariam o mesmo valor das fabulosas que os imigrantes Tupí viram no Perú, tauxiadas de ouro e cravejadas de esmeraldas, mas tinham a virtude de mostrar um dos lados mais curiosos da técnica indígena.

No aperfeiçoamento e acabamento das armas, o aborígene litorâneo recorria a Embaiba, ou Embauba, "*com qual*" escreve Gabriel Soares, "*se põe a madeira melhor que com a pelle de lixa*". As folhas da árvore prestavam-se a "*que os Índios cepillam com ella os seus arcos e hastes de dardos*". e da Goyambira, que era uma "*arvore pequena, que não é mais grossa que a perna de hum homem; cor-*

(24) v. II tomo desta obra cap. da Paraíba.

tam-na os Indios em rolos de dez, doze palmos, e esfolam-na inteira para baixo como coelho, e sahem os entrecascos inteiros; de que os Indios fazem aljavas, em que mettem os arcos e flechas". As cordas eram quasi sempre de algodão, mas tiravam igualmente fibras da Embira de tanto uso entre os selvajens que os portuguezes logo se familiarizavam com as suas applicações, aproveitando-as entre outras cousas para morrões de espingarda.

Na caça recorriam os selvícolas a armas manuaes, e armadilhas. A compilação de Nieuhoff traz algumas correntes em Pernambuco desde a chegada dos portuguezes até a dos bítavos. O Petaku (sic) correspondia ao mundeó, que os lusos antigos empregaram em outros tempos para combater os romanos. Na capitania era composto de um valo coberto de folhas onde pacas, capivaras, antas e outros animaes de pelo, caíam e ficavam presos. Essas espécies de alçapões receberam variantes com a influéncia africana, segundo eram armadas por índios ou negros, os quaes também as conheciam e talvez as construissem melhor que o gentio da terra. Havia outras semelhantes a ratoeiras, em que uma féra de grande porte, onça pintada ou puma, entrava por uma abertura na cerca, atraída por um animalzinho preso. Ao entrar recebia a pancada de um tronco de árvore sobre a cabeça, que a deixava tonta e em condições de ser facilmente acabada a frexadas. Para apanhar pássaros empregava o gentio rêdes, chamadas

Jukanas pelo viajante olandês. Quando eram armadilhas de apanhar a caça pelo pé eram Jucana-biprara. Si estrangulavam recebiam nome Jukana-jupraro. Imobilizando a presa pelo corpo, Jukana-bitireba, e Nieuhoff não diz, mas deviam igualmente existir armadilhas, onde o fio entrava apenas como atadura dos pausinhos ou taquaras, como na velha e conhecida arapuca. Nós mesmos, alunos distantes dos índios, muito reinámos e caçámos com semelhante meio em nossa infância. Juca em Tupí significa matar com as mãos, como porém é muito lata, a acepção dos termos indígenas, podia referirse também a gaiolas que conservavam viva a presa. Plínio Airoso descreve a arapuca como sendo uma armadilha para apanhar pássaros, que seria semelhante ao Kotirú citado pelo padre Montoya, jaula feita de talas de madeira onde o índio se escondia á espreita da caça, abrigado dos seus revides, caso ela fosse ferida e não morrendo logo, estivesse em condições de atacar o agressor. (25).

O visgo com que “*armam os moços aos passaros*”, de que fala Gabriel Soares, era em alguns lugares o líqüido grosso e pegajoso, “*de cor amarela muito fina*”, extraído com um siples corte da ár-

(25) cf. J. F. Recalde. *Estudo Crítico sobre termos Tupí no português do Brasil*, in Rev. do Arquivo Mun. de S. Paulo XLII. 51.

vore chamada Guanandí, Jacaiuba, ou Jacareiba. Estamos de novo num caso da mesma essência com diferentes nomes, dando-lhe o senhor de engenho baiano tres designações, fora as que veio a receber de índios visinhos ou afins dos informantes do crónista, e dos brancos seus freqüentadores. Todas capricharam no andar do tempo, em fazer de uma única madeira mais um bicho de sete cabeças para futuros dicionaristas. A importância desses recursos de caça dispensa comentários pelo que ajudou aos europeus no começo do seu estabelecimento no Mundo Novo. A mandioca, caça e pesca foram os tres principaes elementos da nossa flora e fauna, que durante longos anos os abasteceram, e tanto lhes valeram na hora mais asiaga da sua infiltração no litoral.

* * * *

Os viajantes antigos notaram no centro das tranqueiras rodeando as tribus ameaçadas de guerra, grandes cabanas cujo tipo variava segundo a origem da tribu. Quem tiver interesse pelo assunto poderá encontrar em Métraux, ou nos recentes trabalhos do prof. Herbert Baldus, os caraterísticos, pormenores e diferenças entre os seus tipos. Ditados por autores quinhentistas, temos habitações subterrâneas dos Obacoatiara das ilhas do rio de S. Francisco, mencionadas por Fernão Cardim, que eram "*como cafuas debaixo do chão*". Os Gua-

ranaguaçu viviam em covas, segundo o mesmo autor; os Piraguaygaquig debaixo de pedras, e os Curupehé não tinham habitações de espécie alguma por que “*são como ciganos*”, numa indigência a indicar marcada superioridade dos Tupí sobre o comum dos Tapuias.

No interior da choça, onde podiam viver de 20 a 50 pessoas (26), encontravam-se além das rêdes, pequenos mochos que Cláudio d’Abbeville descreve “*des petits escabeaux fort iolis qu’ils apellent Apoycave*”. A seguir, vinham os pilões, os pentes de Anhangáquiabo, almofarises, tepitís, urupemas, grade de ralar mandioca e a cerâmica de que já tratámos, num total que não apresentaria grande acervo naquelas populações parcas de recursos. Os nossos índios nunca desenvolveram o seu mobiliário, procurando tudo simplificar para mais facilmente vagarem pela região que habitaram. A mesma mobilidade tampouco permitia habitações melhores, e muitos dos objéto e utensílios eram feitos de modo a poderem ser abandonados quando os índios rezolviam mudar de maloca ao notarem o exgotamento das terras próximas. Gabriel Soares fala na Cuieyba (Cuiteseira), árvore que ele achava parecida com a nogueira, a servir de padrão de

(2) v. *La Civilisation Materielle des Tupi-Guarani*, de A. Metraux.

terra boa, apreciada do gentio pelo fructo, “*que é como melões, maiores e menores de feição redonda e comprida, o qual se não dá entre as folhas como as outras arvores, senão pelo tronco da arvore e pelos braços d’ella, estando esta fruta na arvore, é da côr dos cabaços verdes, e como os colhem, cortam-nos pelo meio ao comprido e lançam-lhe fóra o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas peças até se fazerem duas, dando-lhes por dentro uma tinta preta e por fóra amarella que se não tira nunca; ao que os índios chamam cuias, que lhes servem de pratos, escudelas, pucaros, taças e de outras cousas*”. No trecho referente ás abóboras Gabriel Soares diz que os índios, chamavam gereumús as da “*quaresma que são naturaes desta terra, das quaes ha dez ou doze castas... e curam-se no fumo para durarem todo o ano*”. E as “*que em Portugal chamamos cabaços chama o gentio pela sua lingua gerumyé*”, deixadas na rama até secar, depois curadas no fumo “*de que fazem... vasilhas para acarretarem agua, por outras pequenas bebem, outras meiãs levam ás costas cheias de agua quando caminham; ha alguns d’estes cabaços tamanhos que levam dous almudes e mais*”. Também procediam de outro modo, cortando ao meio os taes cabaços verdes, quando duros, para servirem-lhes de gamelas como os frutos da Cuieyba, ou Cuiteseira, que pintavam igualmente de preto por dentro e

amarelo por fora, côr, “*que se não tira nunca; e estas são as suas porcellanas*”. Pensa Hoehne que a primeira viria do genipapo, e a segunda da Tatagiba, ou *Chlorophora Tinctoria* (L) Cand. Nieuhoff alude á tinta preta interna, mas só dá o nome da externa, que era vermelha e se obtinha com o Urucú. Quanto aos objéto feitos desta forma chama Kuite, Geremú e Combuca, sendo que, “*uma das maiores dessas Kalabasses*”, informa o viajante, “*contém 30 ou 35 quartos, este é a que os brasilienses designam por Kuyaba; mas quando cortada ao meio é chamada Kuipeba*”. Acrescenta na mesma linha que o gentio pobre (porque também entre eles havia graus de opulência ou indigência) tinha de contentar-se para fazer as suas tijelas de certas facas de pedra chamadas Ituque, e também, na falta dessas, de outras tiradas de “*cana*” de nome Taquoquia, ao passo que os mais remediados possuíam facas metálicas negociadas com os olandeses.

Para o transporte de gêneros alimentícios, faziam os índios segundo Gabriel Soares, “*uns fardos de folhas... da feição de uns de couro, em que da India trazem especiarias e arroz; mas são muito mais pequenos, onde levam esta farinha (a mandioca dita “de guerra”) muito calcada e enfolhada, de maneira que ainda que lhe caia em um rio e que lhe chova em cima, não se molha*”. Estes fardos, no geral de Caité, eram completados por

cestas que Nieuhoff chama Patigua, de folhas de palmeira, constando nas ilustrações do livro de viagem do flamengo, onde aparece sobre a cabeça de mulher tapuia. Outras eram de vime, ou Timbó, que o velho Gabriel Soares compara ao Rotang da Índia referindo-se a Serjânias e Paullínias, assim como de muitos cipós encontrados nas matas, longos de cinco e seis braças, "*que nascem aos pés das arvores e atrepam por ellas acima*". Aos cestos de "cana" ou taquara, chamavam os índios vistos pelos flamengos Karamemoa, além de outros maiores "*de juncos e ramos entrelaçados, que chamam Panaku, principalmente uzado para carregar raises de mandioca. Nas suas jornadas eles sempre se utilizam da Patigua, porém o Panakú é empregado pelos escravos e negros de Recife pela conveniência do serviço de carga*", escrevia Nieuhoff. As mães índias levavam ás costas sacos de rêde, ou cestos em que colocavam objéto, e os filhos quando em viagem ou no trabalho longe da cabana. O quadro de Eckhout exposto no museu de Copenhagen representa uma Tupinambá de cuia ao lado e cesta na cabeça, em que se pode ver a paciente técnica do cesteiro, na artística moldura composta de uma grega preta, das que lembraram a possibilidade de prender a orijem dos americanos á cadea dos povos elênicos (27). Muitos eram o produto

(27) cf. Povoadores do Brasil cap. dos Índios.

do ócio forçado dos guerreiros durante a estação chuvosa, distraíndo-se em tecer recipientes onde guardariam o produto da caça, da pesca e das roças.

O complemento das cestas na principal indústria selvícola era a cerâmica. Os vestígios encontrados nos lugares em que habitaram os Tupí e tribus afins, revelam alguns característicos geraes, marcados nas veleidades de ornamentação, que se pode notar espaçadamente do sul do litoral brasílico ao Amasonas. No alto desse rio, aperfeiçoou-se a arte no contáto com civilizações superiores, bem mais adeantadas que as outras da América Meridional. Os expedicionários antigos, que perlustraram as marjens do rio máximo, extaziaram-se com a cerâmica das tribus locaes. Ortiquera julgava que os objéto de barro ali encontrados, eram quasi tão perfeitos como os produzidos na China. Parece estar o elogio algum tanto contagiado pelo exagero castelhano, porém mesmo sem aludir á porcelana das dinastias Ming e Cang Hi, admiramos os desenhos curiosos, o acabamento das formas de barro, e a nitidês da técnica, em bacias, cuias, tigelas e outras peças em uso entre aqueles gentios.

Dos artefatos de vulto afora os caseiros, estavam em primeiro lugar as canôas. Deixaremos, porém, o seu estudo, para o próximo capítulo do comércio e comunicações. O que o indígena fabricava, e constantemente se preocupava, eram os uten-

sílios destinados ao preparo dos objéto necessários a sua vida diária, que davam começo á indústria indígena. Na maior parte compunham-se de dentes da piranha á guisa de serras; perfuradores com os de peixe cão; cortadores com os de macaco; sarjadores com os de traira; raspadores com os de coatí, ou capivara; cavadeiras com as unhas de tatú canastra, etc... Serviam as conchas do mar e dos rios para aplainar remos ou cabos de machados, além de outros fins, como espécie de tijelinas para guardar cores com que pintavam as cuias de cucurbitáceas e da cerâmica (28). Com a espécie *Unio Orbignanus* os índios do Araguaia de orijem Tupí, alizavam arcos ou levavam-n'as ao pescoço durante as caminhadas para limpar a caça, os peixes, e tambem, abrir cavidades na madeira onde por fricção com outro pedaço de pau conseguiam o fogo. Certas noses e frutos taes o acurí, ou o piquí, correspondiam ao nosso canivete. Conta a propósito, o pae da etnologia brasílica, Karl von den Steinen, que os índios com os quaes conviveu, até preferiam o segundo aos instrumentos dos alemães, pelas difficuldades que encontravam em abri-los. Porém a parte mais importante desempenhada pelas conchas na vida indígena era a raspagem da mandioca. O sábio viu as mulheres das tribus,

(28) v. Karl von den Steinen, Entre os Aborígenes do Brasil Central, in cap. da Caça, Agricul. e Cultura.

“sentadas sobre alguns pedaços de bambú ligados entre si, raspavam sem interrupção até que suas pernas desaparecessem entre as aparas”.

Além disso os índios faziam instrumentos de música com tábias, ou de junco que lhes davam semelhanças com a flauta de Pan (29), assim como estojos penianos, trompas, e ornatos de toda espécie de fibras materiaes, tudo ocupando espaço bastante restrito. Etnólogos modernos calculam em pequeno número os elementos de cultura dos Tupí-Guaraní, que eram os mais espalhados pelo litoral onde os brancos desembarcaram. Os Tapuias moradores mais para o interior do sertão, foram menos conhecidos no período que ora nos interessa, designados de forma vaga e geral. Eram os índios de *“lingua travada”* que nem os missionários, nem os seus catecúmenos entendiam. Depois dos portugueses, tampouco os olandeses nos deixaram melhores informes. Para dar idea de como eram considerados vamos reproduzir alguns dizeres a seu respeito do inglês Cuthbert Pudsey, que viveu entre os flamengos durante a ocupação do nordeste, até chegarem notícias da restauração de um monarca português: *“The Natives of this country are two sorts of people, as well different in proportion of body, as likewise in their natural dispositions, the one are called Toppoyers are hud-*

(29) cf. O. Bevilaqua in Rev. Bras. de Música. 1937.

ge of stature, an extraordinary active strong people, a people of a strange inhumaine nature... These toppoyers have familiar conversation w'th the devill and are a people that mutch desire to feed on mans flesh, and when the men dye, the women are said to eate their husbands...". A sua barbárie era tanto mais notavel em comparação com a índole dos outros, os Brasilíans (ou Tupís), menos ariscos e desejosos de assimilar a cultura dos brancos, segundo Pudsey, "*These Braselians are the trewe natives, takinge their name from their country Brassyl, they are very Industrious to live and likewise their wives does plant and gather Cotton, they spynn yt and make hangmatts to sleepe in they are wonderfull kynde and fryndlye one to other*".

* * *

Superiores aos tapuias também eram os negros da Guiné, provenientes de toda a Costa dos Escravos, e do respetivo hinterland. Mais atrasados seriam os do Congo e Angola, ainda assim, muito acima dos tapuias de que fala Pudsey. Os viajantes que estiveram em Pernambuco nos séculos 16 e 17 não prodigalizam muitas informações sobre os africanos dessa orijem. Eram escravos e como taes só interessavam no ponto de vista do trabalho. O infelís rebanho, por sua ves, estava reduzido a lamentáveis condições quando chegava a América, deixando as melhores faculdades na viagem, e

com o entorpecimento da existência decorrida na senzala, poucas probabilidades teria em recuperá-las. Dissipavam-se-lhe os rudimentos de cultura que possuía no habitat, sem adquirir muitos outros no regime penitenciário, embora na África estivesse familiarizado com a escravidão e com a justiça dos sobas, muito semelhante ao látego dos feitores. Os melhores escravos, vistos pelos estrangeiros á roda dos engenhos, não seriam os de cultura mais adeantada, como os da África mussulmana, porém os do Congo e Angola, regiões que eram muito mais primitivas. Os que tinham influência árabe mostravam-se rebeldes, inassimiláveis, agitados pela lembrança das tradições cultuadas pelas tribus guerreiras a que tinham pertencido, espezinhadados pelos comentários dos malungos que encontravam no cativeiro. Fugiam então para os quilombos, ou suicidavam-se ao perderem a esperança de recuperar a liberdade. De qualquer maneira, estavam longe de contribuir, no ocaso do século 16 quando ainda não existiam negros fôrros, ao progresso dos brancos. O que aconteceu á maior parte dos noticiarios do período que vae de 1570 a 1630, foi confundir os subsídios trazidos á cultura local por africanos com os de europeus e índios. Só depois, com a prolongada coabitação, crecentes quantidades de pretos livres, e os que nasciam nas capitánias, é que se revelaram entre nós manifestações culturaes nitidamente negras.

Nesse campo, os *Dialogos* mencionam á proficiência dos escravos “ladinos” na pesca, função das mais importantes para a população do litoral. Antonil faz-lhe algumas referências sobre a habilidade a que chegavam no serviço dos engenhos. Outros autores aludem incidentemente á tarefa por eles desempenhada nos estabelecimentos agrícolas, comentando a sua indocilidade ocasional e os remédios necessários para corrigi-la. Acabado o serviço do dono na lavoura de cana, tinham os escravos de cuidar da própria subsistência, catando caranguejos pelos brejos, ou plantando mandioca nas terras fracas, que não serviam para a principal cultura das capitanias. Nos trabalhos caseiros, nos dias de chuva, ou depois de recolhidos á senzala, applicavam conhecimentos técnicos á matéria prima de proveniência exótica, ou semelhantes as que medravam nos sertões africanos, pois as sementes e mudas eram transportadas pelos brancos, mas a utilização prática vinha dos pretos. Ao citar as propriedades do Embirití — uma provavel monguba segundo Hoehne, parecida com as suas afins do continente negro — escreveu Gabriel Soares, “*o entrecasco se tira tão facilmente que fazem os negros de Guiné d’ella pannos de cinco e seis pés de largo, e do comprimento que querem; os quaes amassam e pisam com uns páos com que os fazem estender, e ficam tão delgados como lona, mas muito macios, com os quaes se cingem e cobrem*”. Efetivamente, parece

que rezidiu na fiação o ponto onde mais se esmerou a gente de côr, até o dia em que as pretas fôrras do Brasil mandavam vir da Guiné os "*panos da Costa*", indispensáveis a sua elegância.

Em torno da palavra tanga, estreitamente associada á escravidão, discutiram Macedo Soares e Batista Caetano, o primeiro sugerindo orijem afroasiática, bazeando-se em Canecatim, e o segundo lembrando derivações Tupí, um tanto forçadas. A despeito da reputação do tupilólogo os seus argumentos não lograram impressionar os entendidos. Foi a contenda derimida por Monsenhor Dalgado, que se mostrou favoravel a Macedo Soares, nada havendo tampouco de incorreto na definição de Moraes e Silva: "*Tanga na América e Ásia (poderia acrescentar África) a peça de panno que é longa de vara e meia ou duas varas sem feitio, que enrolada na cintura e pendente com uma fralda ou fraldão, é o com que os índios e os negros se encacham e cobrem as partes vergonhosas da cintura até o joelho*". Esta descrição, é ademais, condizente ao produto do Embirití citado pelos *Tratados*. Devemos ver na coincidência do costume em tres partes do mundo, imperativos do modo de vida em regiões intertropicaes, em que as mesmas necessidades se repetem. Panos entravam nos escoadouros da escravatura através das exportações brasileiras, por serem apropriados aos desejos do consumidor, servindo a mesma vestimenta tanto aos cativos dos

pombeiros africanos, como para os escravos dos engenhos pernambucanos.

Os artífices pretos que porventura os teciam na América desde o século 16, encontrariam nas senzalas como instrumento de fiação teares portugueses de maior e melhor rendimento que os seus primitivos. É geralmente admitido, que na produção, qualquer aperfeiçoamento melhorando de maneira prática e económica o trabalho, vence os hábitos e as tradições mais arraigadas. No preparo de mercadorias exportadas do Brasil para a África, haviam de preferir, tanto os donos como os tecelões, o maquinário europeu, ou de modelo dessa origem na América. O mesmo fenómeno nos faz suspeitar em intervenção de certos rudimentos de indústria europeia no Daomé do fim do século 18 e começos do 19, quando passou a nos devolver as fazendas ostentadas nos chales e turbantes das mucamas. Porém, mesmo que os daomeanos não tenham comprado máquinas na Europa, é mais que provavel, tenham-se utilizado de meios desta proveniência na construção dos seus teares. Os utensílios que viam nas mãos dos traficantes, ou nas dos pupilos das missões, bastariam para modificar os processos de construção dos primitivos aparelhos. Todo navio negreiro contava com alguma ferramenta e pertences para acudir a qualquer eventualidade da navegação, costumando os artífices fazerem os concertos quando ancoravam nos portos. Muitas veses também iam

buscar em terra a matéria prima, que existia abundante nas matas africanas, e preparavam-n'a em tendas provisórias armadas no recinto das feitorias praieiras. Com a longa convivência, as oficinas dos brancos e árabes forçosamente haviam de impressionar os nativos, além do amestramento processado séculos antes da existência dos Sousas de Ajudá, entre as cabildas em relações com cristãos e mussulmanos. As forjas da região ocidental africana, por exemplo, tinham recebido de elementos europeus a fórmula do bronze, que era das mais difíceis de executar na siderurgia antiga, necessitando longa paciência, tirocínio e perícia dos obreiros.

Antes de abandonar o assunto citaremos ainda Macedo Soares, que julgava a propósito de "*timão*" tratar-se de camisola de baeta. Esta peça da indumentária com que os jesuitas vestiam os índios doutrinados nas missões; nisto copiados pelos senhores brancos; perdurou em forma de robe de chambre entre os coloniaes, mesmo ricos, ou pertencentes á governança, que a envergavam em casa. Compunha-se no geral de um tecido felpudo, de várias qualidades, muito vulgar em Minas Geraes por causa da baixa temperatura nas montanhas, o que valeu outrora o apelido de "*baeta*" aplicado aos seus habitantes. Segundo Macedo Soares, havia ainda na predileção dos africanos d'aquém e d'além mar, o matame "*ornato ou enfeite de saia ou vestido feito de bicos da mesma ou de outra fazenda*". O apare-

cimento de semelhante indumentária é impreciso e difícil de se fixar, possivelmente contemporâneo, ou anterior no Brasil, á musa de Gregório de Matos, que tanto se preocupou com negras e mulatas.

Investigando o que representam as palavras africanas relativas á indústria, que figuram no linguajar brasileiro, percebe-se que o negro atuou mais como modificador dos ensinamentos do índio, e do branco, do que propriamente como inovador autónomo. Grande parte dos elementos da cultura material negra, chegaram por intermédio dos portugueses, e ainda que, não tivessem vindo escravos dessa origem para o Brasil, podiam manifestar-se entre nós influências africanas. Resta a contribuição da dança e feitiçaria, em que se dava a diréta ação do negro, ambas porém de limitado alcance numa sociedade de fundo religioso, onde antes da sua chegada, existiam danças de índios e superstições de brancos.

O intercâmbio mantido por portugueses entre as suas feitorias, situadas em diferentes continentes, não só foi contínua como durou por muitos anos. Nessas condições, torna-se difícil determinar com segurança a quem cabe a introdução nas capitánias de certos subsídios culturaes. Nordenskiöld pensava que o bodoque foi dos raros meios de caça adquiridos pelos indígenas do Chaco em contáto com escravos. Neste caso porém, devemos admitir que negros de regiões mais evoluídas, como os da

Guiné mussulmana, pudessem ensinar alguns aperfeiçoamentos de cultura material a índios mais atrasados, que no Brasil seriam os tapuias vizinhos dos quilombos. Mas isto não implica que outras tribus ameríndias do litoral, dispuzessem de processos semelhantes para os mesmos fins. No meio dos brancos, nas vilas ou nos engenhos, os objetos africanos que se encontravam em uso, cangas, peneiras, cestos, porretes, bengalas ornadas, bangüês, caçambas, estribos, cabungos, quibandos, malungas, igbás, latipás, leguidibás, languitibás, oxês, etc... podiam ser fabricados por outros que os negros si necessário fosse porquanto eclesiásticos (30), funcionários civis e militares, e os traficantes negreiros, traziam consigo esses objetos, e ensinavam como eram feitos por processos usuaves na África central e meridional. O fato não seria único. Nos séculos 18 e 19, por exemplo, foram no Brasil fielmente reproduzidos pelos pretos pertencentes a marceneiros lusos, móveis de Chipendale e Sheraton, sem que nenhum desses ingleses tivesse estado na América do Sul.

Um outro teatro de influência africana, onde se tornava possível ao negro dar largas a tradições nataes, era a mesa do liberto. Os celebrados quitutes que nela figuravam, tinham por ingredientes

(30) Nas missões os apóstolos eram doutrinadores e mestres de artes, afim de que os pupilos pudessem eles mesmos, mais tarde, prover ás suas necessidades.

o azeite de dendê que umidecia a farinha de milho, encontrada tanto na América como na África, além da mandioca, que era oriujnária do Brasil. A seguir, vinha toda a sérië de plantas, começando pelo amendoim, que os portugueses levaram mais tarde para o outro lado do oceano. Note-se que, os recursos alimentícios mais numerosos do rol intercontinental, eram os americanos, que foram transplantados depois de se lhes verificar a utilidade através do índio.

O motivo da aparente inferioridade da contribuição negra á cultura colonial, embora fosse superior a do gentio, prendia-se ás condições dos escravos, reduzidos a elemento sem vontade própria, esmagados de trabalho, feitos massa semi inconciente. Na África o cativo era remetido das primitivas tribus do hinterland para a América, no bojo de negreiros infétos, onde jazia sufocado, sedento e faminto durante a longa travessia do oceano (31). Podia considerar-se favorecido por um milagre quando chegava vivo no caes de desembarque, indo dalí para o eito, imerso em faina estafante, compensada a espaços pelos brutaes praseres que lhe permitiam. Nesse regime embotavam-se as faculdades, quando não se lhe abreviavam os dias, a não ser que escapasse do ergástulo a exemplo dos negros mussulmanos, e procurasse abrigo entre qui-

(31) v. Tomo I cap. do Início do Tráfico Africano para o Brasil,

lombolas. Poucos dados dispomos contudo sobre estes redutos, sendo muito custoso conhecer a vida do negro nos Palmares, e o que pôde realizar no sertão com os mesmos elementos do índio. Foram além do mais, aqueles grupos de fugitivos, monteados por especialistas na caça humana, que se mostravam unicamente desejosos de prear e vender os prisioneiros, sem atentar ao que pudessem ter praticado nos momentos de liberdade. Em todo caso, ficou das campanhas contra os quilombolas a convicção, de que resistiram pelo número, pela vantagem de estarem distantes do litoral, base dos seus inimigos, e também pelo seu engenho em levantar fortificações e improvisar armas e utensílios, com que durante mais de um século, se mantiveram e se defenderam.

O COMÉRCIO

Aparece-nos hoje o período da egemonia marítima lusitana como um dos mais grandiosos e paradoxaes da história. A um tempo fonte de proventos fabulosos e da dizimação do povo português, inspirava-se em cálculos mercantís, e executava-se com o mais admiravel eroismo. Antes da transferência do comércio da especiaria para Lisboa, grande parte do tráfico se fazia pelo levante. O venesiano e o turco donos do Mediterrâneo, foram no termo da Renascença substituidos pelo português senhor do Atlântico, e na extremidade do mundo antigo, um acaso da navegação para a Índia, offereceu novas regiões á atividade do homem branco.

Do remoto oriente surdiam os gêneros mais caros, que nos séculos seguintes á queda de Roma continuaram a afluir para os bisantinos e merovíngios. Plínio descreveu a navegação no mar Vermelho, por onde vinham mercadorias da Arábia, Índia e além, trazidas em juncos chins e barcos malaios (32). Inspirado no clássico precursor, o moderno Pirenne escreve a respeito das remessas de especiarias orientaes: "*L'empire romain en avait reçu de toutes sortes de l'Inde, de l'Arabie,*

(32) Conde do Ficalho. *Garcia da Horta e o seu tempo.*

de la Chine. Ce sont les épices qui avaient fait la prospérité de Palmyre et d'Apamée. Pline l'ancien estime à au moins cent millions de nos francs la somme que l'empire versait annuellement pour les acquérir, a l'Inde, l'Arabie et la Chine. Leur diffusion dans l'empire romain ne fut pas interrompue par les invasions. Elles continuent, après comme avant, a faire partie de l'alimentation courante" (33).

Desenvolvera-se numa angra do Adriático, ao sul do império franco, a república de mercadores, que herdou o comércio de Bisâncio. Não se pejavam os venesianos do *turpe lucrum* trazido pelos negócios com os inimigos da cristandade, como tampouco Francisco I ezitaria em se aliar com o Grão Turco contra o imperador católico. Marcou este momento o apogeu da bela e rica Venesa, detentora das chaves do levante, porta da Europa para as mercadorias em que entravam rastos, sarjas, escarlatas, sêdas da China, pérolas da Costa da Pescaria, e principalmente das drogas da Índia, destinadas a defastiar a cosinha ocidental. A síntese de Kirkpatrick resume as causas da predileção, transformada em tirânica necessidade; "Antes que a moderna rotação das colheitas, e a cultura dos rábanos assegurasse o sustento do gado no inverno, costumava-se abater em novembro

(33) Henri Pirenne. *Mahomet et Charlemagne*,

na Europa Setentrional, as cabeças necessárias aos longos meses seguintes do inverno. Ia a carne para a salmoura, e afim de melhorar-lhe o gosto neste severo regime, havia sofreguidão pela especiaria, consistindo as principaes em pimenta e cravo. Surgiram consideráveis pedidos, tanto mais que a Idade Média conhecia menos hortaliças que nós e ignorava a batata comum. Custava variar de alimentos, os rebanhos ainda não seleccionados, soffrendo escassês de boas pastagens, compondo mesa medíocre, carecedora de estimulantes em todas as épocas do ano, ou pelo menos, o quanto permitia as posses dos particulares dezejosos deste luxo. Faltavam o chá, o café, e o cacao; o assucar era uma prodigalidade; necessitava-se de uma fortuna para beber vinho rasoavel nos países nórdicos; sendo preciso além do mais, muita especiaria para condimentar as cervejas locais, o vinho asedo e outras bebidas domésticas. Ao lado das cosinhas, as estantes do droguista e o armário do médico, mostravam-se pejudas de vasilhas contendo aromatas, cujo cheiro e gosto persuadiam aos médicos e pacientes, que dispunham de poderosas virtudes curativas. Nas ruas estreitas e imundas das cidades medievais, apertadas no círculo dos seus muros, assoladas por febres e ás vezes pela peste, eram apreciadíssimos violentos perfumes, os quaes além do prazer que proporcionavam, eram considerados preventivos contra as epidemias. Eis o motivo que impelia toda

a Europa do norte, e particularmente a Inglaterra, Alemanha e Olanda, a procurar numa universal competição a pimenta, o cravo, a noz moscada natural, o macís, a canela, o benjoim, o sândalo, a cássia, a cânfora, o cardamomo, o aloés, o incenso, o galanga, todos produtos do sul e este da Ásia, das ilhas do oceano Índico, e do arquipélago malaio”.

A chegada de Vasco da Gama no oriente, e a sua entrada em relação com os príncipes indianos, detentores da produção da especiaria, trouxe pletora do gênero aos mercados do ocidente. Estava aberto, o caminho mais económico entre o consumidor e o produtor, trajeto que por quatro séculos suplantaria aos demais (34). Ante os resultados do extraordinário acontecimento procurou a Espanha atingir as mesmas regiões pelo outro lado do globo terrestre. A audácia dos seus homens de armas deu-lhe as Antilhas, e em seguida, a costa americana do Pacífico, com as prodigiosas minas de prata que encerrava. Os portugueses, por sua vez, quiseram pesquisar metaes no território do mesmo continente, que lhes coubera na partilha dos descobrimentos, e

(34) Venesa teve de sugerir-se ás novas condições do mercado, rogando ao imperador Maximiliano da Áustria que lhe concedesse alguma pimenta por intermédio dos mercadores de Antuérpia. O dinheiro começou a rarear na Itália na altura do descobrimento do Brasil, tendo o seu numerário desaparecido nas guerras, e compras de gêneros realizadas em Portugal através de terceiros, até quando os venesianos puderam mandar agentes seus a Lisboa,

o dividiram em capitanias, que deveriam ser as futuras bases das entradas no sertão. Outro acaso dispensou o caprichoso destino. Enquanto esperavam pelas jasidas de ouro, deparou-se-lhes uma riqueza consideravel, o assucar.

* * *

O comércio português comunicava-se antigamente com o norte da Europa, indo os navios directamente ás Flandres, com baldeação no Reno e na Inglaterra. Outro meio eram os carros de carga e récovas de mulas, com destino ao centro da Europa através da Espanha. Também havia o itinerário até Barcelona, onde a mercadoria era embarcada para Marselha ou Gênova, e daí pelas velhas estradas romanas alcançava através dos Alpes as feiras de Lião (35). Nessa época, estabeleceram-se grandes mercadores alemães e flamengos na Espanha e Portugal, favorecidos pelas ligações políticas entre o Santo Império e a península ibérica. Um dos resultados deste comércio, foi o aparecimento das primeiras refinações de assucar bruto em Antuérpia, logo depois de 1500, para benefício do que vinha da Madeira, das Canárias, de S. Tomé, e mais tarde do Brasil, este classificado em 1541 por Damião de Goes como sendo o melhor de todos, *Succarum Optimum*.

(35) Lippmann Geschichte des Zuckers.

Concorria o nosso vitoriosamente com o da Sicília, Marrocos e ilhas do Atlântico (36). As várzeas de Pernambuco e da Paraíba, além de outras da colónia, davam um produto abundante, e de primeira qualidade, juntando assim os principaes requisitos de successo commercial. Os embaraços que de princípio lhe estorvavam o surto avassalador, vieram de causas alheias á feracidade da terra. Retardavam a sua exploração o descaso da metrópole pela colónia, a falta de recursos, o monopólio dos negros, a insegurança do litoral, até que o regime das capitánias normalizou a situação dos agricultores. Os *Dialogos* aludem aos sesmeiros obrigados a vender as glebas que tinham recebido em paga da sua participação na conquista da terra. Um conselho de Antonil reproduz as causas dessas aperturas. Ao observar a multiplicidade dos serviços de um engenho, e o dinheiro que exigia, diz o jesuita: “*O que tudo bem considerado, assim como obriga a huns homens de bastante cabedal, e de bom juizo, a quererem antes serem lavradores possantes de canna*

(36) Conta Pyrard a propósito que “*On nous le vend en France pour sucre de Madere, & il est bien aussi bon, mais par deçà on le rafine, & on le met en forme, dautant que par delà il le faut casser & piler pour le mettre en caisse, autrement estant en pain, on ne le pourroit pas arranger, & il s'en perdrait plus de la moitié, c'est pourquoy on le rafine apres; mais qui le pourroit apporter en pain, il seroit bien meilleur, estant en son naturel. Car ceux qui le rafinent par deçà y mettent la moitié d'alun & de chaux.*”

com hum, ou dous partidos de mil pães de assucar, com trinta, ou quarenta escravos de enchada e fouce; do que senhores de engenhos por poucos annos com a lida e attenção que pede o governo de toda essa fabrica; assim he para pasmar como hoje se atrevem tantos a levantar engenhocas, tanto que chegarão a ter algum numero de escravos, e acharão quem lhes emprestasse alguma quantidade de dinheiro para começar a tratar huma obra, de que não são capazes por falta de governo, e diligencia; e muito mais por ficarem logo na primeira safra tão empenhados com dividas, que na segunda, ou terceira já se declarão perdidos”.

A situação provocava a entrada em cena do mercador, quasi sempre cristão novo; ou com parte de converso; emigrado de Portugal, onde o cercavam de restrições, para o clima mais favoravel da colónia. Um trecho adiante dos *Dialogos* refere-se aos especuladores; “*que vivem somente em se fazerem riquissimos com comprarem fazendas aos mercadores... nas villas ou cidades, e as tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas... com ganharem muitas vezes nellas cento por cento. E eu vi na capitania de Pernambuco a certo mercador fazer um negocio... o qual foi comprar para pagar de presente uma partida de escravos da Guiné por quantidade de dinheiro, e logo no mesmo instante, sem lhe entrarem os taes escravos em poder, os tornou a vender a um lavrador, fiados por certo*

tempo, que não chegava a um anno, com mais de 85 por cento de avanço". Davam semelhantes especulações ensejo a formação de uma classe simultaneamente proprietária, comerciante, intermediária, e onzeneira "*sorte de mercadores... que teem suas lojas abertas... (e) grosas fazendas de engenhos na lavoura na propria terra, e estão nella assistentes, e alguns casados*".

Vimos em capítulo anterior o nome de quasi todos no rol do Santo Ofício, devendo haver outros, que escaparam da inquisição por serem legítimos cristãos, com o mesmo espírito, defeitos e qualidades dos companheiros, a corroborar Camilo Castelo Branco quando escrevia "*fulano judeu, parecia pela ganância católico*"... Era compreensível até certo ponto que estes "capitalistas" cobrassem elevados juros nos empréstimos á vista dos riscos do negócio (37). Devemos observar, que no engenho, os setores conjugados agrícola e industrial, tornavam em extremo complexa e dispendiosa a sua exploração. Os estabelecimentos modelares, situados nas melhores localizações podiam produzir bastante para salvar o dono. Os outros, em condições menos vantajosas, estavam a mercê das insídias que cercam o

(37) Ordenara o governo metropolitano a Mem de Sá que não se intentasse nenhuma ação judiciária de cobrança sem informação e licença do governador: "O que mandou el-rei por ser informado das muitas usuras, que já em aquele tempo cometiam os mercadores no que vendiam fiado". Vicente do Salvador 165.

agricultor; más colheitas, preços de escravos, ou de alguma moléstia golpeando o senhor. Pelo que nos informam os *Dialogos* aquilatamos o problema que se antepunha ao proprietário, mesmo remediado, mas sem as disponibilidades precisas para tão largos empreendimentos. Os que se arriscavam, inúmeras veses findaram nas mãos do parasita, que na frase expressiva de João Lucio d'Azevedo, começava como bufarinheiro, e acabava como dono das terras.

Outros percalços também intervinham contra o trabalho agrícola. Um deles, e não dos menores, era a raridade da moeda na colónia, que no princípio das capitánias emperrava os negócios. Os comentários tecidos sobre a escritura passada por fr. Bento do Rio-Douro a António Leitão, de compra das terras situadas no caminho de Igarassú, destinadas ao primeiro convento dos beneditinos, são muito elucidativos a respeito: *“Estas devemos considerar bastante largas se olharmos para o subito preço de 25\$000 reis. Ora no anno de 1592 e em todo o governo dos Felippes e ainda de El-rey D. João IV estimava-se mais o Brazil vinte e cinco mil reis. Então ainda não havia minas... ainda cá se não cunhava dinheiro, o pouco que cá aparecia vinha do Reyno para pagamento do Bispo, governador, ministros e Ordinarios das Religiões e para outros fins da folha que costumavo o Rey pagar, e, ainda estes pagamentos se não faziam todos com moeda corrente mas só uma parte em dinheiro e outra parte em*

assucar que era fructo da terra. Esta noticia será util, e conveniente a desvanecer pensamento daquelles que sonham com thesouros escondidos desde aquelle tempo" (38). No desbaste das várzeas, quando o lavrador mais necessitava de dinheiro, as trocas tinham de ser feitas em espécie, num regime anti capitalístico, e por conseguinte de possibilidades expansivas extremamente limitadas. A situação estimulou a procura de suplemento comercial em outras colónias ibéricas e do centro da América. A mescla dos habitantes da região mineira, em que havia portugueses, napolitanos, andaluzes, galegos, biscainhos, catalães, etc. . . a formar o que Paul Groussac chamou a *Bohemia Peruleira*, deitava ramificações onde havia outras riquezas continentaes. Os cristãos novos imigrados de Portugal serviam de informadores e zângões entre ambas, muito embora as recomendações do governo ordenassem o afastamento o quanto possivel de judeus dos navios portugueses em demanda das colónias espanholas. Exclamava Pyrard de Laval quando esteve em Pernambuco poucos anos após o fáto narrado por fr. Arcângelo da Annuniação, "*Je n'ay iamais veu país où l'argent soit si commum qu'il est en ce endroit du Bresil, & il y vient de la Riviere de la Plata. . . Il ne s'y voit guere de petite monnyõe, mais seulement des pieces de huict, de*

(38) Vigorava ainda o bimetalismo no comércio europeu, figurando a prata entre os maiores recursos do tempo.

quatre & de deux Reaux; dont le demy vaut cinq sols, & ils recherchent en Portugal les pieces de cinq sols, & de six blanc, pour les vendre là pour de la petite monnaye, & y ont du profit. Car ils usent fort peu d'autre monnaye que d'argent".

O intercâmbio entre o Brasil e Angola dependia muito da prata sul americana. Contrabando de metais, negros e assucar, estavam estreitamente associados, e o mesmo Pyrard contava que "*Ceux* (os negreiros portugueses) *qui veulent faire plus long voyage, les vont vendre* (os cativos) *en la riviere de Plata, dont ils rapportent force d'argent".* Severos éditos proibiam este tráfico até o governo de Manuel Teles Barreto, pelos prejuizos que acarretava ao rei de Espanha, lesado nos seus direitos pela exportação subretícia do metal. Daí, "*ces marchands... attachent des sacs pleins d'argent aux ancras, puis quand les officiers du Roy se sont retirez en levant. les ancras ils le mettent dedans".* Isto feito rumavam para o Brasil, chegando a Pernambuco, "*qui est l'endroit où il se fait le plus grand trafic de Sucres",* onde trocavam a prata por gêneros, e depois diligenciavam em "*se recharger de sucres & confitures, & de lá* (seguiam) *en Portugal".*

A carta de Jerónimo de Albuquerque a el-rei cita o nome de um desses traficantes de escravos no ano de 1555, "*Soube do dito Diogo Fernandes que hum Bento Rodriguez, morador nesta cidade que tem arrendado o trato de Gyné, folgaria de povoar*

os ditos dous engenhos em Santiago de Olinda". Sendo apresentado por um judeu poder-se-ia presumir que Bento tambem pertencesse á "nação". Procurando nos registos do Santo Officio encontramos mais alguns nomes de empresários cristãos novos do tráfico negro. Quarentá anos depois da carta de Jerónimo de Albuquerque foi denunciado em Pernambuco Sebastião Pereira, por Osores Pereira, "*que não sabe se não he christão novo se velho mercador que veo de Angolla com peças*" de Leonardo Froiz mercador em Lisboa de quem Sebastião era feitor. O delito do negreiro fôra dizer que certa moça a qual "*usava mal de seu corpo dormindo com quem lhe pedia*", procedia muito bem, pois esta, dizia, é uma maneira de ganhar o paraíso. Segundo António Osores e António Pereira Trancoso, o denunciado "*he afeiçoado ao peccado da carne*", o que não basta para sabermos de que testamento conjugava, porquanto cristãos velhos e novos rivalizavam no pecado com igual ardor. Em outro caso, Nuno Alvares, cristão velho, depoz que jamais ouvira os irmãos Manoel e Gonçalo ou Francisco Rõiz (Rodrigues) Villa Real, do Porto, dizerem que a lei de Moisés fosse melhor que a de Cristo, como se propalava em Olinda. Do mais velho Francisco, disse Gaspar Ruiz Carthagená "*que de Angola viera para aqui com escravos*". Afirmou mais o mesmo denunciante, ser tambem judeu, Nuno Alvares, "*ora he senhor do engenho de Sam Bras da Varzea*", que era "*vindo de Sam Thome*". Não podemos acreditar

muito na denúncia porque as suas acusações deixaram de se comprovar, e tanto pode ser falsa a alegação de ser Nuno judeu, como o que atribue aos Vila Real. De positivo temos apenas um antigo morador de S. Tomé, que seguia o exemplo dos agricultores da ilha, quando imigravam para o Brasil, desanimados pela "*guerra dos angolares*", o qual era amigo íntimo de traficantes de negros. Em igual época aparece em Pernambuco o flamengo católico André Pedro, que peregrinara por S. Tomé e Angola numa viagem de dois anos. Era feitor dos irmãos Fernão e Diogo Soares, dizendo-se natural "*de Aces (Aachen?), arraya de entre Frandres e Alemanha*", que lidava com os bens dos patrões ausentes de Olinda "*per casos seculares*". Fôra com treze anos de idade de Aquisgrão para Lisboa, e após praticar nove anos em várias "*casas de mercadores*", mudara-se para S. Tomé e Angola, de onde veio para o Brasil, gastando nessas viagens cerca de dois anos e meio. Excluída a hipótese de que fosse espião dos olandeses; nesse tempo muito interessados em colher informações sobre o comércio português; poderia pertencer ao grupo traficante. Qual outro motivo de permanência onde a vida era molesta e caríssima e os negócios se resumiam na exportação de escravos? Estivera, portanto, muito provavelmente, no meio dos mercadores citados por Pyrard de Laval, que de Angola vinham ter às Américas empenhados em toda sorte de mercâncias e traficâncias, lícitas e ilícitas.

A propósito do que nos diz o francês, muito a calhar nos parece o seu resumo do sistema comercial lusitano no fim do século 16 e começo do 17, e embora seja um pouco longo, não ezitamos em transcreve-lo: *“Les Portugais qui font trafic sur mer, tant au Bresil, & dans les Indes Occidentales, qu'à Angola, & autres lieux au deça du Cap de bonne Esperance, ne se seruent pas de grands Navires pour cet effet, mais seulement de Caravelles, dont les plus grandes ne sont pas de plus de six ou sept-vingts tonneaux de port; ou bien ils usent des Navires ronds qu'ils acheptent des François & Flamands: Car les Caravelles ont les voiles Latines, & sont mastées d'une autre façon que les Vaisseaux ronds (39), que ont les voiles carrées, & sont les plus grands, environ de deux cens tonneaux. Avec cela ils prennent leur route vers le Bresil, & partans de Lisbonne se chargent de toutes sortes de marchandises de l'Europe, qui sont necessaires pour la vie & commodité de l'homme, comme toiles, draps de laine de soye, vins, huiles, & autres choses dont ils prennent la plus grande partie en passant aux Isles Canaries, & des Açores, comme entr'autres le vin, la farine de froment, le boeuf salé, les cuirs de boeuf, & de poisson salé: Pour le vin des Açores, il est bien plus petit que celui des Canaries, & d'Espagne; & aussi le froment ne s'en peut garder longtemps qu'avec difficulté; Ils ont toutes ces marchandises*

(39) v. tomo I cap. da Navegação Portuguesa.

là en contr'eschange d'autres qu'ils portent de Portugal. Ils se chargent de tout cela; car au Bresil il n'y croit ny bled ny vin; n'y ayant aucun grain semé, ny mesme aucuns moulins, il y faut porter la farine toute moulue de Portugal, dautant que le bled se gasteroit sur la mer en une si longue navigation, veu que celuy qu'on porte de France en Espagne est suget à se gaster; & à sentir mauvais; de sorte qu'il n'y a que le commun peuple qui mange du pain fait de bleds de France, non les riches qui mangent de celuy du pays; aussi est-il plus cher que l'autre.

Les Portugais estans chargez de toutes ces marchandises, prennent la route du Bresil, pour prendre terre à quelqu'un des Ports de ce pais-là, & principalement à celuy de Pernamboucque qui est l'endroit où il se fait le plus grand trafic de Sucres, & où il croist plus grande quantité de bois de Bresil. Pous il y a la Baye de tous les Saints, & autres lieux en cette coste... où il se fait aussi le mesme trafic, mais non tel qu'a Pernamboucque. Apres estre arrive, & avoir vendu & debité toutes leurs marchandises, une partie pour de l'argent, & l'autre pour des marchandises du pays, il s'en retournent sans faire plus long voyage, apres avoir demeuré-là trois ou quatre mois de sejour à recueillir leur argent, & à faire leur achapt, qui n'est que sucres, & de conserves de toutes sortes; car de bois rouge ou de bresil, il leur est defendu sur peine de la vie de s'en charger tant soit peu; mais le Roy d'Espagne le retient,

& est son seul trafic, comme aux Indes Orientales est le poivre. Pour le Gingembre, il le defend à cause que la grande quantité d'iceluy empescheroit la vente de son poivre. De sorte que l'on n'oseroit en apporter que de confit. Estans ainsi chargez de sucres, ils retournent en Portugal tout droit, & partent ordinairement en Aoust ou Septembre, & arrivent en Novembre; car ordinairement il font deux mois & demy en leur passage”.

A travessia dos mares apresentava-se insegura para os navios lusos, continuamente assaltados pelos que lhes invejavam as mercadorias levadas no seu bojo. Ordenaram D. João III em 1557, e D. Sebastião em 1571, que navegassem todos de conserva, nos comboios destinados a protege-los dos corsários e piratas a infestar os mares. As águas dos Açores, e outros pontos da rota transcontinental, estavam infernadas deles, e uma das maiores lutas das autoridades era fazer com que os capitães respeitassem as disposições sobre a matéria. Havia alguns tão imprudentemente interesseiros, que á saída de Lisboa descarregavam a artilharia em Cascaes para maior frete mercante receberem. Outra infração, eram os descaminhos das rendas públicas pelas viagens, proibindo o Conselho Ultramarino em 1615, que as naus da Índia descarregassem mercadorias em Angola ou no Brasil, devendo conservar os porões tal como estavam até chegar a Portugal.

Continuando a sua dissertação sobre o comércio português escrevia Pyrard: “*Toutes les mar-*

chandises que les Portugais apportent tant de là que d'autres pays lointains, payent à l'entrée de Lisbonne trente pour cent, & les Portugais ne peuvent sortir du Bresil qu'ils n'ayent donné fiance & caution, comme ils vont en Portugal, & toute leur marchandise est enregistrée... Au reste, nuls estrangers, excepté les Portugais ou Espagnols, n'oseroient trafiquer en ce pays de Bresil, depuis dix ou douze ans en ça. (40). Les Portugais estans là (no Brasil), & ne voulans pas retourner droitement en Portugal, mais faire plus long voyage, ils vendent une partie de leur marchandise, dont ils voyent la vente meilleure, & rechargent fort bien leur Navire de farine de mandoc... avec l'autre partie de marchandise dont il estoit deja chargé. Et de là prennent leur route vers de Royaume d'Angola, qui est a l'est du Bresil, & esloigne de là environ mille lieues au plus... (qui est) un pays le plus pauvre du monde, & où il fait fort cher vivre, n'y croissant rien que quelques fruits. Ce qui couste dix sols en France, en coustera quarante au Bresil, mais cent sols là. Il ne s'y fait aucun trafic que d'Esclaves Negres: aussi les Portugais ne le tiennent que pour cela, & n'y voudroient habiter autrement... Aussi en Espagne il ne font guere mourir les malfaiteurs comme on fait en France, mais ils les envoient tous en ces pays deserts pour y trafiquer. La farine de

(40) De 1585 a 1600 mais ou menos, porque o lavalino começou a viagem em 1601.

mandoc qui couste que quarante sols l'alquera... vaut là quelques fois huict francs. Et pour la marchandise de l'Europe elle y est deux fois plus chere q'au Bresil. Ils y ont en troque de leur marchandise des esclaves, dont il y en a si grand nombre que rien plus, & tiennent que c'est l'un des plus grands & clairs revenus du Roy d'Espagne, en toutes ces costes là”.

; Nos *Dialogos* temos informações complementares desse intenso comércio, adiantando-se Alviano ao que dezejamos saber, nas perguntas de Brandônio, si o do Brasil não dependia do reino. Responde o interlocutor que era “...muito grande pera Angola e pera o Rio da Prata. Á Angola se mandam náos com muitas fazendas, que de lá tornam carregadas de escravos, por que se commutam, deixando grande proveito aos que nisto negociam; e ainda as náos, que pera lá navegam em direitura do Reino, aportam na capitania do Rio de Janeiro, aonde carregam de farinhas, mantimento da terra, por alli se achar mais barata, a qual levam a vender á Angola á troco de escravos e de marfim que de lá trazem em muita quantidade”.

As instruções de Felipe II ao marquês de Cañete, vice rei do Perú em 1595, versavam as “*fronteiras commerciaes*” das posseções luso espanholas, que só mediante permissão régia podiam ser transpostas. Continuava na América a separação de foros, privilégios e sistema administrativo dos antigos reinos

espanhoes, apesar da suprema direção dos negócios depender dos Habsburgos. Soubera el-rei que D. Lourenço Soares de Figueiroa, governador de Santa Cruz de la Sierra, passara tão adiante da sua província que chegara na incursão aos supostos limites da fronteira amasônica com o Brasil. Apressou-se o diligente funcionário de comunicar os caminhos "*dispuestos e faciles*", que descobrira, e as vantagens commerciaes que ofereciam. Foi repelida a sugestão, julgada desacertada, porquanto os portuguezes teriam nova via para introduzir contrabando na rica região mineira. E "*siendo aquellas tan pobres (as terras do Brasil) y essas tan ricas e prósperas*", os habitantes do lado portuguez haviam de querer mudar-se para lá, deixando desamparadas as costas do Atlântico. Acrecia ainda o perigo de chamar a atenção de outras potências para aquele acesso ás riquezas centro americanas. Preferível, era, na orientação das Espanhas presidida por Felipe II, que "*cada cual se conserve no que descubrio y posee*".

* * *

Junto do comércio transoceânico havia o de cabotagem pela costa americana, atividade que desperta suspeitas de favorecer o contrabando. No *Regimento* outorgado a Tomé de Sousa em 1548 el-rei se referia a "*allguas pessoas que tem navios e caravelas e andão nelas de huas capitánias para outras*", e que raptavam o gentio que estava em paz, tal como

faziam os desalmados barbarescos do Mediterrâneo ás populações costeiras da Itália e das Espanhas, “*e enguanosamente os metem nos ditos navios*”, para vende-los onde havia falta de braços. Afim de obstar estas lamentáveis traficâncias, “*Ey por bem que daquy em diante pessoa algũa não faça nas ditas terras do Brasiyll navios nem caravelão allgũu sem licença*”. Recomendava, outrossim, no *Regimento* expedido ao provedor António Cardoso de Barros, fossem concedidas licenças somente a “*pesoas abastadas e seguras que dem fiança*”. Mas ao lado dessas, havia outras que não davam garantia alguma, e concorriam á revelia das autoridades para incrementar o tráfico comercial nas colónias.

Brandônio julgava esta navegação das mais importantes, “*Do Rio da Prata costumam a navegar muitos peruleiros em caravelas... de pouco porte, onde trazem somma grande de patacas de quatro e oito reales, e assim prata lavrada e por lavar, em pinhas e em postas, ouro em pó e em grão, e outro lavrado em cadeias, os quaes aportam com estas cousas no Rio de Janeiro, bahia de Todos os Santos e Pernambuco, e comutam as taes cousas por fazendas das sortes que lhe são necessarias, deixando toda a prata e ouro que trouxeram na terra, donde tornam carregados das taes fazendas a fazer outra vez viagem pera o Rio da Prata*”.

No governo de Manuel Telles Barreto de 1583 a 1587 estabeleceu-se mediante permissão real co-

mércio com os presídios espanhoes do sul, que vinha a ser um dos resultados da união das corôas ibéricas, durante a qual se exportaram, "*fasendas (entenda-se mercadorias) que lá muito estimam*", escreve fr. Vicente do Salvador. Havia comerciantes afreguesados em Pernambuco, que subvencionavam as cabotagens, e voltando a Brandônio temos a informação, "*ainda os moradores assistentes na terra se interessam tambem nesta navegação com não pequena utilidade, e dos taes peruleiros se deixam tambem ficar alguns na terra, que dão o seu dinheiro por letra, ou compram assucares, ou o levam consigo a Portugal*". Tornava-se assim a venda direta de mercadorias a melhor das especulações. Adeante, informam mais os *Dialogos* que um mercador saído do Algarve para Pernambuco, com gêneros alimentícios secos e molhados, "*metterá de cabedal setecentos e trinta mil reis... esteve seis mezes na terra, nos quaes vendeu sua fazenda a dinheiro de contado, e fez della perto de sete mil cruzados, que empregou em assucar branco excellente, comprado a seiscentos e cincoenta réis a arroba, nos quaes assucares, pela barateza por que os comprou, devia de dobrar outra vez o dinheiro no Reino*".

Sucedia também, que fugas de castigos desvendavam novos itinerários commerciaes, marítimos, terrestres e fluviaes. Os *Dialogos* aludem a narrativa de um "*Peruleiro, homem nobre e rico*", aparecido no ano de 1586 em Pernambuco, a contar que um irmão seu, quando fugira por qualquer motivo de

Lima, alcançou a costa brasileira decendo com dois companheiros os rios que dos Andes desaguam no Atlântico. Por esse caminho diz Brandônio, receberia o rei da Espanha a prata muito mais em conta do que por Panamá. O efeito da união da península, estimulava os partidários de novidades caindo aos poucos em olvido as sábias determinações de Felipe II. Noticia Jaboatão que no reinado seguinte Luís Aranha de Vasconcelos fôra enviado do reino em missão exploradora no Amasonas, "*por se haver ensinuado a este monarcha (Felipe III) que por alli se poderia melhor e com menos gasto conduzir a prata do Potosi*".

Surgiam em Pernambuco traficantes providos de cabedões, mercadorias várias, e de permeio, negros que valiam ouro. Uns mais ricos, outros apenas remediados, todos porém estuando do arrojo e energia, dos que ao partir rezolveram arrostar quaesquer aventuras. Caiam deante deles as proibições do governo, os éditos tornados fontes de renda para o contrabando. Simplificadas as relações entre os domínios luso espanhoes, mudaram de rumo, e ao invés de procurar prata no sul, saiam á cata dos gêneros, que a prosperidade assucareira reclamava para os novos ricos das capitánias. Conta Pyrard como recebera de presente antes de deixar o Brasil "*de la farine de mandoc, & autres choses, entr'autres des chairs de beuf saleés que l'on apporte de la Riviere de la Plata. Il est impossible de voir*

une chair plus grasse, plus tendre, & de meilleur goust que celle là. Aussi sont les plus beaux & les plus grands boeufs du monde; ils viennent du Perou. L'on fait grand trafic de leurs cuirs; & il y en a en si grande quantité, que l'on en tuë la plus-part pour en avoir les cuirs seulement. Ils salent ces chairs, & les coupent par piéces assez larges, mais minces & seulement de l'espaisseur de deux doigts au plus: Quant elles sont prises de sel, on les oste sans laver, & on les mest ainsi secher au Soleil; estans bien sechées, elles peuvent conserver longtems sans se gaster, pourvu qu'on les tiennent sechement," por onde se vê, que o uso do charque ou carne de vento já é multiseccular no nordeste.

Nos papeis da inquisição, encontramos o nome de alguns interessados neste comércio, como Manoel de Araujo, que arribara da cidade do Porto na Galisa, "*em hua caravella do ramo do cravo*", de onde pôde vir ao Brasil. Gonçalo Carneiro veio da Índia; Jorge Barreto idem; Francisco Ferrás appareceu em Pernambuco em a nau S. Pedro proveniente da Índia; João Fernandes fôra de Pernambuco "*pera as partes da India*"; o cristão novo Francisco Sanches tencionava ir, segundo as *Denunciações*, para Tucuman; Manuel Nunes era "*framengo e está pera se partir pera desta vila pera ho Rio da Prata*"; Lopo Martins chegou pela terceira ves em 1595 a Olinda na frota de Viana, fáto bastante estranho

para quem não era marinheiro mas sapateiro (41); Rodrigo d'Avila pelas mesmas informações, "*está pera se partir desta vila pera ho Rio da Prata*"; João da Rocha Paris, de Viana, veio a Pernambuco, a seguir foi a Inglaterra numa tentativa de comércio diréto de assucar e pau brasil, tocando na volta nos Açores, Canárias, Angola, Baía e novamente em Pernambuco, em traficância de vinhos e outras mercadorias menos inocentes. De Angola chegaram os portugueses Manuel Marques; Manoel Ribeiro; Lourenço Teixeira. Em uma denúncia contra Branca Dias ocorreu "*Fulana Jorge casada com hum mercador que veo pouco tempo ha com negros de Angola*". Inversamente, "*Foam, criado de Manoel Homem, foi pera Angola e ora se espera que venha a esta terra*". Nuno Álvares chegara, como ha pouco vimos, de S. Tomé; Belchior Garcia tinha casa em Olinda, "*que ora está pera hir pera Angola*"; Simão Godinho estava igualmente de partida para Angola, onde já rezidira; Bastião Dias, marinheiro declarava em Olinda "*que óra está pera hir pera Angola*"; Diogo Gonçalves, tanoeiro, foi-se para a África depois de ter ido de Pernambuco para "*as Capitánias debaixo e dellas passara pera Angolla*". Gaspar Francisco, sapateiro, filho de clérigo estava em 1594 em Olinda "*de caminho pera*

(41) Tres travessias do oceano representavam verdadeira proesa no século 16 pelo desconforto e perigos da viagem. v. Tomo I desta obra cap. Nav. Portuguesa.

Angola". Gaspar Francisco disse na sua confissão no mesmo lugar e data, que "*ora esta de caminho pera Angola*". Vicente Mendes partira de Évora, de onde era natural, para Rio de Janeiro, S. Vicente e outras partes, daí para Angola, de onde regressou a Pernambuco. Não sendo funcionário nem eclesiástico, tantas viagens parecem eivadas de traficância com o principal gênero de exportação da África. Finalmente Lourenço Teixeira saiu da vila de Chaves, no arcebispado de Braga, para Pernambuco, daí se foi com destino a Angola, de onde passado algum tempo regressou a Pernambuco. Também o consideramos suspeito visto declarar-se sem profissão.

Nestas idas vindas, misturavam-se mercadores com indivíduos de consciência atribulada, que às vezes se tornavam mercadores, á procura talvez de lenitivo, pois os da profissão não costumam atribular a consciência. Diz o ditado "*o acaso faz o ladrão*", e no correr das peripécias de uma longa travessia, e escalas nas mais diversas latitudes, ouvindo a narrativa de episódios como a do especulador do Algarve, q imigrante era induzido a prática do comércio. António Monteiro "*homem do mar*", cazou-se com Francisca Fernandes, em Vila Nova de Portimão dali se passando ao Perú, onde decorrido algum tempo cazou-se com outra mulhér. O primeiro consórcio foi descoberto e a justiça castelhana "*da Goana*" sentenciou-o a dez anos de galés... e sendo mandado para ellas fugio e sem

cumprir o degredo foi ter a Lisboa". No reino juntou-se novamente com a primeira esposa julgando ao depois conveniente partir para Itamaracá. Não se sabe bem do que viveu durante a permanência nas colónias castelhanas, mas como não parece ter exercido a sua profissão de homem do mar no Perú, é possível que andasse envolvido nas aventuras mercantes de que a terra estava cheia. Delitos de toda espécie obrigavam muita gente a estas mudanças de moradia, condição e profissão. Assim, Marta Fernandes, da ilha de S. Miguel, anteriormente degredada por furto, também se tornou bígama quando estava em Pernambuco. Pedro Ferrás de Lacerda o mesmo fez; idem, Manoel de Siqueira, o qual vendo-se descoberto, fugiu de Pernambuco *"e dizem estar óra em Angola"*; Manoel Ribeiro quando chegou da África, encontrou a sua mulher vivendo em Pernambuco com o onzeneiro cristão novo João Nunes, e muitos outros tiveram surpresas semelhantes.

O número de recém chegados, ou dos que noticiaram a sua partida para Angola, é incomparavelmente maior que os demais de diverso destino. Os da Índia, com as proibições de comércio diréto com o Brasil, nada podiam fazer em terra, sinão esperar pelo reabastecimento de víveres do navio em que viajavam. Bem diversa era a situação dos que tomavam parte no intercâmbio entre o Brasil e o continente africano, sendo óbvio insistir sobre o prin-

cipal fim dessas viagens. Na informação de Pyrard de Laval, muito melhor que a África para se negociar, era a Ásia, imenso armazém de mercadorias de toda espécie, desde gêneros alimentícios até manufacturados, em contraste com as costas guinéenses onde imperavam a desolação e miséria. Acontecia, porém, que dali se escoava caudal de cativos, que eram mais preciosos do que a pimenta, e mais caros que sedas e almíscars. Em fins do século 16 adquiriram os negros tanta importância para a lavoura pernambucana, que automaticamente a invasão flamenga teve de se desdobrar na conquista de S. Jorge de Mina e S. Paulo de Loanda. Assim, o levante dos brasileiros deu em resultado, não somente a libertação do norte, mas também a reconquista de Angola. Sem a volta do chamado reino do Congo ao sistema português, pouco adiantava a D. João IV e aos seus súditos pernambucanos a derrota dos olandeses. A África sempre encontraria mercado para os negros, ao passo que os engenhos sulamericanos não poderiam indefinidamente se manter com os cativos índios descritos por Pyrard, "*qui ne sont pas si forts que ceux d'Angola & du Cap Verd: & les tueroient (os senhores) plustost que de leur faire faire une chose contre leur volonté, ainsi font gens lasches & foibles...*".

* * *

Muitos dos brancos que apareceram entre os companheiros de Duarte Coelho o velho, e fundaram

tradicionaes linhajens, tinham sido atraídos pelo comércio em terras novas e promissoras. Os Lins, os Olandas, o próprio Felipe o florentino, ex-conspirador e provavel mercador, mostram visos desta profissão antes de se tornarem os mais antigos e consideráveis senhores de engenho do lugar. Cidades como Augsburgo, Antuérpia ou Florença, mandavam numerosos agentes a Lisboa, o maior empório quinhentista de gêneros coloniaes do mundo, o que nos explica a vinda de alemães, flamengos e italianos, para Portugal e dali ao Brasil, de per-meio com os vianeses dos velhos donatários. Um caso como o de André Pedro, que de Aqüisgrão foi com treze anos a Lisboa, onde por mais nove esteve servindo em "*diversas casas de mercadores, estante nesta villa (de Olinda), respondente a mercadores em Alemanha*", não era raro, porquanto correspondia á premente necessidade firmas do norte da Europa em ter informantes em Lisboa. Era-lhes indispensavel disporem de conhecedores da língua e do sistema comércial dos portugueses, e os que primeiro appareceram na zona assucareira nordestina, subiram de condição, deixando a vil mercância própria de vilões e judeus, para tomar posse de léguas em quadro, ato caraterístico de acenção á nobresa. Ademais, para prosperar não bastava o requerimento pedindo sesmarias, que por certo seria recuzado a quem não as merecesse (os brancos quinhentistas somavam número tão insignificante nas capitancias que as suas capacidades e defeitos eram perfeitamente conheci-

dos), era preciso dispor de técnica e experiência que permitissem lavrar a terra, montar engenhos e vender o produto. Estes homens providos de tirocínio e crédito, é que devem ser considerados os iniciadores da primitiva economia do nordeste.

Lendas de prósperos degredados, enriquecidos a poder de mercância e de agricultura, são frutos da maledicência local. Bastaram alguns casos de enriquecimento repentino de aventureiros, para em qualquer tempo atirarem o labeu de foragido á gente estirpe antiga nas capitanias. Apagado com o tempo, renovou-se o doesto no império e república com a variante de manchas no sangue, ao invés do degredo. Ao chegar no século 19 não era mais o modo como tinham vindo os seus mais antigos acendentes, que passava a infamar certa determinada família, porém a côr de um avô a encaprinar a decendência, como a Inês Negra soít disant acendente do marquês de Pombal. O depoimento de Domingos Fernandes em 1594, contra Aleixo Fernandes, "*que he ydo pera as Capitanias de baixo*", nos parece tudo quanto ha de mais expressivo no caso. Declarou este carpinteiro de carros, que o dito mancebo numa prática durante ceia no engenho de Fernão Soares, em Suassuna, "*sobre dizer que por isso a gente deste Brazil sabia muitas artes e manhas por que era gente que vinha degredada do reino por maos feitos*". Aleixo era rapás de procedência desconhecida, feitor nas redondasas, ignorando o carpinteiro denunciante, si era cristão novo ou velho. As palavras do es-

miuçador de mexericos, nos parecem pertencer ao caso citado pelos Ulloas na relação secreta que deixaram do que viram e ouviram em sociedades novas da América. Como de costume, os mais tisnados eram os mais superciliosos, e as "*dittas pallavras parecerão tão mal a elle denunciante que por isso se sahio delle e o não quiz servir mas com medo o não reprehendeo nem lhe falou nada disto*".

Alguns desses resíduos tinham inevitavelmente de encahar em as baixas classes coloniaes nas pégadas dos Lins, Cavalcantis e Olandas que pairavam na governança. Nem era possível ser de outra forma. Próximos dos escravos, paes de mamelucos, esta arraia miuda estabelecia o êlo entre o gentio e o agricultor branco. A sua utilidade ia daí por deante aumentar em importância e participação na sociedade colonial. O crescente desenvolvimento da indústria assucareira no nordeste, assumia vulto entre as fontes de renda da corôa, e integrava o comércio brasílico no mundial que se processava de Lisboa ás Flandres, de Sevilha ao centro da Alemanha, de Viena para a Inglaterra ou Itália, juntamente com os produtos da África e da Ásia. O exesso das remessas da Índia e Insulíndia, e a inferioridade ao que parece dos fatores portuguezes, aceleravam a depreciação do antigo comércio, e voltavam a atenção dos mais clarividentes para as novas capitánias americanas. Inda assim, durante alguns lustros, continuou Goa o principal centro mercantê

da Índia, exportando cravo e pimenta, ambas "*drogas prestantissimas*" como diz Alviano, recebendo em troca vinhos, azeite, panos finos de Flandres, e da Inglaterra, sedas de Nápoles, veludos de Gênova, damascos de Luca, vidros de Venesa, e matéria prima no gênero de mercúrio, zinabre, mineraes brutos ou trabalhados, com que os artífices orientaes variavam a sua arte aplicada. A maior parte das mercadorias passava pelo Brasil, mas para aquí desembarcarem tinham de ser baldeadas primeiro em Lisboa. A respeito da atividade marítima, assevera Brandônio, "*muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercancia, posto que os que mais se avantajam nella são os mercadores que vêm do reino pera esse effeito, os quaes commercêam por dous modos, de que um delles é que vêm de ida por vinda, e assim depois de venderem as suas mercadorias fazem o seu emprego em assucares, algodões e ainda ambar muito bom e gris*".

Taes dados são da maior utilidade sobre o comércio de Pernambuco no apogeo do assucar, porque não ha dúvida acerca dos conhecimentos que dispunham os personajens dos *Dialogos*, participantes dos negócios que então se faziam. 'Acreditamos que a mercância tão bem descrita, estivesse em grande parte nas mãos de judeus, sem que desta ves haja laivos de exagero nos escritores que o afirmaram. De princípio, o tráfico para a Índia foi subvencio-

nado por mercadores italianos, em sociedade com príncipes de sangue, e armadores ispano-flamengos, taes Cristovam de Haro e outros. Em summa, reuniam-se todos os que no século 15 possuíam dinheiro sonante. Nas décadas seguintes, apareceram de permeio cristãos novos, enriquecidos no comércio do país em que o soberano recebera de Francisco I a irónica alcunha de rei das drogas. O prêmio que obtinham permitiu-lhes penetrar na classe em formação dos capitalistas, onde em princípios do século 17 figuraram em grande número, contando agentes e correligionários em toda parte onde havia riqueza e oportunidades de ganhar dinheiro. Quando não mais aturaram as exações do governo espanhol, transferiram-se para os rivaes dos Habsburgos, com os seus haveres e prática de negócios depois de metódicamente prepararem a mudança, comprando prazos e funcionários, de modo a salvar os bens e a situação de que já dispunham no comércio mundial.

O quadro das atividades pernambucanas, é completado por Brandônio, quando nos diz "*O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são toda sorte de louçaria, sedas riquíssimas, panos finíssimos, brocados maravilhosos, que tudo se gasta em grande copia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que os vendem*". Tendo Alviano indagado si encomenda-

vam directamente o sortimento da Europa ou si o recebiam por intermédio de terceiros, respondia Brandônio, "*Muitos as mandam vir do reino, mas a maior parte delles as compram a outros que as trazem de la, com lhes darem a corenta e cincoenta por cento de avanço a respeito do preço por que as compram, segundo a sorte e calidade das mercadorias, ou a falta e a abundancia que ha dellas na terra, e ainda destes mercadores se formam outros de menos porte*".

A renda que proporcionava a capitania aos filhos de Duarte Coelho ia além de 10.000 cruzados no começo da era filipina, sendo que a maior contribuição vinha do assucar. João Lúcio d'Azevedo achava exagerados os cálculos de Brandônio na produção total do Brasil nesse gênero, mas inda não desse ao tesouro real o que pretendia, era tão ponderavel a parcela dos donatários que lhes permitiu consórcios com a melhor fidalguia do reino. Levando em conta as condições da época, podemos afirmar que os Albuquerque Coelho contavam entre os melhores partidos de Portugal, lastreados de haveres que os maiores fidalgos almejavam para as suas filhas. No ano de 1590 havia sessenta e seis engenhos a produzir em Pernambuco, os quaes, si dermos a média de tres mil arrobas a cada um perfaz 198 mil por ano, a maior quantidade de todo o Brasil, quasi o dobro da Baía, que vinha em seguida. Em 1578 fr. Luís de Sousa mencionava acerca da América

portuguesa: "*Fazem de gasto a El-Rey estas catorze Capitánias... 59. 487. 161. E ha nellas duzentos e trinta e cinco engenhos de açúcar, antes mais que menos*". Na invasão olandesa Pernambuco contava com 121 engenhos, Itamaracá 23, Paraiba 20, Rio Grande 2, totalizando na informação de Barleus, um milhão de arrobas anualmente, além de mais trezentas mil de assucar de panela, de inferior qualidade, e porisso livre de tributos. Nas mesmas condições estavam os engenhos novos, isentos de taxa durante dez anos, providência destinada a incentivar a produção. As categorias do assucar eram, primeiro o branco macho, o mascavo macho, o branco batido e o mascavado batido. Em seguida o branco macho fino, cara de fôrma. Terceiro, branco macho redondo. Por último, branco macho baixo, ou inferior. Mesmo este, era ainda mais apreciado que o da ilha de S. Tomé, o qual só servia, apud Barleus, para geleas e conservas baratas, ou clisteres... Segundo o cálculo de Roberto Simonsen, parece que o assucar branco entrava com 70% contra 30% do mascavado no total da produção. Do branco 80% era macho e 20% batido. Os preços oscilavam de conformidade com a procura dos mercados exteriores, transporte, abundância das safras e outras eventualidades. A diferença das cotações entre o branco e o mascavado variava de 20% a 40%.

No resumo de João Lúcio d'Azevedo, importavam em perto de dez mil cruzados as despesas com

o aparelhamento de um engenho. Está excluído nesta quantia o custo das edificações e o preço da terra, que era bastante elevado, porquanto as boas manchas, perto de rios, cortadas de regatos, na proximidade do mar e das matas, eram poucas e disputadas. Compreende-se que as despesas iniciais deixassem por largo tempo os proprietários indivíduos, caso iniciassem a sua empresa pedindo de empréstimo a outros as quantias necessárias. Ora, a maior parte dos que tinham conquistado a terra, não dispunha de capitaes, muito menos tão elevadas quantias. Porém, conseguindo vencer o passo asiago, sucedia a abastança. Avaliava-se o valor de cada “*engenho real*” em 40, 50 e 60 mil cruzados, estabelecendo o proprietário, “*gastos de ostentação e luxo iguaes aos da côrte, e de que se espantavam os estranhos vendo a colônia*” (42). Podiam até, não só manter esta existência, como suportar as vicissitudes que cercam toda produção, e o onus dos intermediários e os prejuízos que lhe acarretavam empregados ou agentes pouco escrupulosos. Houve também casos em que o próprio dono dava o mau exemplo. As despesas do assucar desde a saída da casa de purgar até a armazenagem em Lisboa, absorvia pelo cálculo de Roberto Simonsen, 45% do preço do melhor produto, e 60% do inferior. Além do carroto, transporte, e comissões, avultava na conta o gasto do encaixotamento, que em geral

(42) João Lúcio d’Azevedo. *História de Portugal*.

era feito por empreiteiros a soldo dos donos de engenho. Citámos no capítulo anterior o trecho dos *Dialogos* referentes aos profissionaes, que a poder de numerosos escravos serravam por ano de mil a dois mil caixões, vendidos de quatrocentos e cinquenta a quinhentos reis cada. A *Visitação* de Pernambuco traz denúncia contra um deles, de nome André Fernandes, “*que inda não tem barba, magro e que tem huãs cotiladas pelle rosto, criado do Cartagena mercador desta vila (de Olinda)*”, porque era blásfemo, e juntava areia nos assúcares, prejudicando “*hum homem de Vianna*”.

Já no *Regimento dos Provedores da Fazenda dell Rei de 1548*, ocorre a cerimônia da cobrança dos dízimos do assucar aos lavradores ou dos, “*que delles comprarem açuques (e) os quizerem carregar podelas am levar por mar ou por terra*”, isto é do engenho até o embarcadouro. A praxe era, “*o dito provedor dará juramento aas pessoas cujo dito açuquer for que decrete se he branco se de melles ou remeles dando lhe primeiro juramento dos santos avangelhos*”, assim como as mesmas pessoas juravam quantas arrobas continha a partida. O embarque se fazia ao depois, nos armazens ou trapiches do Recife, os passos que na explicação de frei Vicente do Salvador, “*são umas logeas grandes, onde se recolhem os caixões até se embarcarem os navios...*”. Brandônio avaliava em

cento e trinta, ou cento e quarenta naus as que recebiam carga em Pernambuco no começo do século 17 (43). Barleus assombrado pelo que ouvira e presenciara mostrava-se concorrente ao exagero dos mais assomados autores meridionaes. Assegurava que obtivera "*em autores graves, que num só dia zarparam do porto de Olinda 40 naus carregadas de assucar, restando ainda nos trapiches quantidade bastante para carregar outras tantas.*" Havia ainda que considerar a diferença existente no porte das embarcações da Índia e as do serviço occidentaes. Notava Pyrard que os particulares lusos, que faziam mercância por sua conta e risco, não empregavam navios de grande dimensão, "*mais seulement de Caravelles, dont les plus grandes ne sont pas de plus de six ou sept-vingts tonneaux de port.*" Os *Dialogos* ademais especificam, "*...e se esta carga que estas naos levam se houvesse de carregar em outras da grandeza das da Índia, não bastariam 20 semelhantes a ellas pera a poderem alojar*".

Temiam os portuguezes desde D. Manoel I a plethora de gêneros exóticos nos mercados consumidores. Em 1578 uma firma olandesa de Kampen quiz comprar 100.000 ducados de pimenta, e só pôde conseguir 20.000 (44). Muitos outros exemplos são facilmente colhidos nos documentos coetâneos, e pela regra, ficou admitido que não zarparia de

(44) Nanninga Uiterdijck. *Aen Kamper handelhuis te Lissabon.*

Portugal mais que um comboio anual para a Índia. Convinha esperar a melhor época das monções, e em caso de procura de gêneros, permitir-se-ia a título precário, certo aumento de tonelagem dos barcos. A parte mais considerável da carga das naus do oriente ainda continuava no começo de século 17 composta de pimenta, de que se carregavam 30.000 quintaes, ficando o resto da praça á disposição da "*canella de Ceylão, cravo de Maluco, massa e nós moscada de Banda, almiscra, benjoim, sedas e porcellana da China, roupas e anil de Cambaya e Bengala, pedraria do Balaguete e Bisnaga e Ceylão*". O rol acima não passava de um conjunto de meros acessórios, porque "*não servem pera o nervo da sua mercancia*", comentava Brandônio ao referir-se a este comércio, pois "*pimenta é a que querem (os europeus), e pimenta é que vão buscar, e de pimenta tiram o proveito que têm da sua navegação*", informações que não devemos menosprezar porquanto representa a sua adição aos rendimentos do assucar, a manutenção na época da marinha e colónias lusitanas.

De Lannoy attribue o predomínio da pimenta, á rotina portuguesa, que se obstinava em se inspirar nos velhos relatórios dos vicereis em vez de encarar a verdadeira situação da balança comercial. Custa-nos agora tirar conclusões acertadas, longe como estamos de pontos de vista momentâneos, sustentados por funcionários que defendiam a sua gestão e acenavam para o governo com lucros pos-

síveis no futuro. Na época de Brandônio a pimenta ainda era belíssima especulação, algo prejudicada pela ingerência dos olandeses na Índia, cuja marinha dia a dia prosperava em número, audácia e superior atividade. Para remediar havia um meio muito simples, que nos séculos seguintes foi muitas vezes aplicado nas lutas económicas. Preconizava Brandônio o dumping do produto indiano em Pernambuco, para vencer o flamengo, encurtando as distâncias, barateando a cultura e simplificando a proteção da remessa através os mares cheios de corsários: *“Digo que toda a terra deste Brasil é tão caroavel de dar pimenta que, por si sem beneficio algum, nasce grande cantidade della pelos campos de differentes castas, mas não daquella que vem da India, que deixa de dar por não se achar na terra semelhante semente... e... como neste Brasil houvesse muita pimenta, lhe ficára custando a Sua Magestade pouco ou nenhum trabalho e menos despeza traspo-las em Portugal, donde á imitação de el-rei D. Manoel a poderia mandar vender por preço que ficassem os Hollandezes perdendo muito dinheiro, si vendessem a sua que vão buscar á India”*. Acendera-se a luta marítima e económica, depois das guerras continentaes, entre a águia bicéfala do império e o leão de Flandres, com todas as consequências do corso armado e assaltos ás colónias. Pelas peripécias das hostilidades, seria preferível trocar os símbolos, ficando as Espanhas representadas por um velho leão de juba rala, e os olandeses

com a águia refulgente, que das nuvens desferia ataques repentinos contra os comboios da Índia e das Américas.

Si havia rotina a emperrar resoluções urgentes, quanto á defesa do grande organismo político, a obceção portuguesa pelo antigo comércio era por certo das mais arraigadas e nocivas. Procurava Brandônio convencer disto a ministros de Estado quando estivera no reino, embalde porém, porquanto o personajem entrevistado, "*de grande lugar*" na fazenda de S. M. "*com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo da navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer tratar-se agora de remover noutro modo; e assim como entendia ser aquillo mal velho no nosso Portugal que não leva remedio, desisti da minha pratica*".

As tres capitánias do norte de que fala constantemente Brandônio nos *Dialogos* ofereciam a comodidade de serem visinhas entre si, e poderem abarrotar com ajuda recíproca os armazens de embarque. Inversamente, na Índia passavam semanas antes que mercadorias, tão variadas como as de seus reinos e principados, fossem reunidas em Goa. O inconveniente podia ser perfeitamente evitado no nordeste brasileiro, bastando que ao lado dos engenhos fossem cultivadas pimenteiras. Outros obstáculos apareciam além da rotina em negócios e na ordem administrativa. A principal capitania do

Brasil pertencia a particulares, ao passo que o comércio indiano era reiuno, o que provocava insanavel desentendimento. Mais tarde, plantou-se a malagueta e outras especiarias em toda a colônia, que se tornaram inseparáveis da cosinha litorânea, mas quando não podiam trazer subsídios á balança comercial.

* * *

Na opinião de Brandônio o pau Brasil era a terceira cousa, "*com que os moradores deste Estado se fazem ricos* (45)". Refletia este modo de pensar um consenso geral entre os homens de negócios da região, que só calculavam o lucro líquido trazido pelo comércio do lenho de tinturaria. Aparentemente dava pouca despesa, consistindo na maior parte no custo do transporte. No resto, eram bugigangas para os índios lenhadores, e outros gastos de somenos que pouco influíam no total. Em 1609 escrevia D. Diogo de Meneses, na mesma data dos *Dialogos*, que "*as verdadeiras minas do Brasil são açúcar e pão brasil, de que V. Magestade tem tanto proveito sem lhe custar de sua fazenda um só vintem*". O produto do segundo pertencia a el-rei que distribuía aos povoadores licenças de exportação.

(45) Estado do Brasil era a designação lusitana official. O termo colônia é empregado por nós para fins de claresa da exposição, pois raramente o encontramos nos registos antigos, e quando acaso o empregaram era no sentido de povoação de portugueses, situada além mar.

As cartas de Américo Vespúcio referem-se á essência, dando-lhe uma denominação que se difundiu, creceu e predominou nos trinta primeiros anos da colônia, a ponto de lhe impor o seu nome. Alguns autores antigos foram circunstanciados no pintar a rubra madeira, como o fantasioso Thevet, que dela deixou entusiástica descrição. Chamavam-n'a os indígenas Oroboutan, afirma o francês, "*très beau á voir, l'escorce par dehors est toute grise, le bois rouge par dedans, et principalement le cueur, lequel et plus excellent, aussi s'en chargent ils le plus... Cet arbre porte feuilles semblables á celles du Bouis, ainsi petites, mais éspesses et frequentes... Il ne rends nulle gomme, cõme quelques austres, aussi ne porte aucun fruit*". Todo o trabalho do desbaste da madeira e o seu embarque era feito pelo gentio, "*les Sauvages du pais le coupent et dependent eux memes, et aucunefois le portent de trois ou quatre lieüs, jusques aux navires, ie vous laisse á penser á quelle peine, et ce pour appetit de gagner quelque pauvre accoustrement á meschante doublure, ou quelque chemise*". Retrata o viajante quinhentista um dos primeiros contátos commerciaes entre brancos e os nativos do lugar, em que também se manifestava a sua índole versatil, incapás de occupaões metódicas e seguidas, nos moldes europeus, vencendo porém de uma sentada, durante a escala dos interlopos, faina estafante, das mais rudes nas condições e clima do litoral onde era colhido o lenho vermelho.

O modo como os índios executavam-n'a mais parecia desporte, destinado, não a adquirir objéto de absoluta necessidade, mas para satisfazer caprichos.

A descrição de Lery se assemelha bastante á de Thevet. Si considerarmos que o segundo foi acusado de plagiário do primeiro, mais clara se torna a parecença. Chama apenas *Araboutan* ao pau brasil em vez de *Ouraboutan*, descrevendo-o tão alto e galhudo como os carvalhos europeus, tendo as folhas a modo de buxo, porém mais claras. Narra igualmente como os índios cortavam e preparavam as árvores, em que havia tão magestosas que tres homens não conseguiam abraçar-lhes o tronco. Exemplares deste porte é pouco provavel que existissem no Rio de Janeiro. O mais certo é que Thevet, apud Lery, falava de oitiva, através das narrativas dos francezes que de ha muito vinham resgatar no nordeste o pau de tinturaria. Informação mais segura, e que admitimos sem reparos, versavam as recompensas ao gentio pelo trabalho de corte, e preparo e embarque da madeira, a troco do que, recebiam camisas, utensílios, bugigangas para ornamentação, passatempo ou fins práticos. A procura do lenho vinha da sua facil applicação á tinturaria, segundo certa vez verificou Lery, quando para branquear uma camisa juntou-lhe cavacos de *Ibrirapitanga*, e não fez mais, que, tingi-la para sempre de vermelho.

Gandavo entendia que a *Caesalpina echinata* L. ou pau brasil, quanto mais próxima do equador, de

mais fina qualidade se mostrava. Neste ponto, todos os cronistas estão de acordo. A essência era rara para o sul da Baía, exuberante em Pernambuco e redondasas, atingindo o máximo da qualidade na Paraíba, decrescendo daí para o norte juntamente com o vigor das florestas litorâneas. Brandônio apoia a sua opinião, "*O páo do Brasil, de que toma nome toda esta provincia, como já disse, larga de si uma tinta vermelha, excellente para tingir pannos de lã e seda, e se fazer della outras pinturas e curiosidades; o qual posto que se acha por todo este Estado, o mais perfeito e de maior valia é o que se tira das capitánias de Pernambuco, Tamaracá e Paraíba, porque sobrepuja, com muito excesso de bondade, aos mais páos desta calidade que se dá pelas mais partes*". Um terceiro autor, o viajante Nieuhoff, descreve a mesma madeira da região pernambucana com entusiasmo, "*tronco nodoso, com alguns espinhos, e perfume agradável, freqüentemente da espessura de dois ou tres "vademen". As folhas verde escuro, naceñ de pequenas astes. Tem a casca a grossura de cerca de tres polegadas, sendo no geral arrancada antes de se entregar as tóras aos compradores. Brota das suas próprias raises e não dá flores nem frutos. Muitas dessas árvores vicejam a 10 e 12 léguas do mar, onde são cortadas, descascadas, e transportadas em carros até a costa, e daí a Europa, para uso especial de tintureiros. Os brasilienses chamam por exelência a esta arvore Ibirapitanga*".

O viajante diz serem comuns exemplares com tres vademens de circumferência, o que é bem possível visto a unanimidade das antigas notícias acerca do vulto das árvores. Deviam, contudo, referir-se aos maiores exemplares, porquanto discorrendo sobre a Ipirapitanga informa Brandônio, "*vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte léguas distante da capitania de Pernambuco (46), aonde ha o maior concurso delle; porque se não pôde achar mais perto pelo muito que é buscado*". Os decênios de corte, praticado pelos interlopos e primeiros povoadores, tinham criado aquela situação. Era preciso aos portuguezes procurar longe a madeira vermelha entre os companheiros da floresta multi-secular, "*e alli, entre grandes matas, o acham... e estes homens occupados neste exercicio, levam consigo pera a feitura do páo muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a arvore, á qual despois de estar no chão, lhe tiram todo o branco; porque no amago delle está o brasil, e por este modo uma arvore de muita grossura vem a dar o páo, que a não tem maior que de uma perna; o qual despois de limpo se ajunta em rumas, donde o vão acarretando em carros por pausas, até o pôrem nos passos, para que os bateis possam vir a tomar*".

(46) A redação não esclarece si Brandônio fala da distância a partir de Olinda ou si alude á Paraíba então o celeiro da Ibirapitanga.

A lenha assim preparada entrava para o estanco real. “*O pão do Brasil é droga sua*”, escrevia Brandônio, aludindo ao monopólio do comércio pertencente ao governo, “*de modo que ninguem pôde tratar nelle senão o mesmo Rei ou os que tiverem licença sua por contracto. Antigamente era licito negociarem todos nelle, com pagarem á fazenda de Sua Magestade um cruzado por quintal de sahida; mas por se entender que se usava mal desta ordem... se revogou pera que corresse o negocio por contrato... e se paga de arrendamento por elle no Reino á fazenda de Sua Magestade quarenta mil cruzados pouco mais ou menos*”. Aí novamente intervinha o cuidado da monarquia em evitar a superprodução, exigindo “*...que os contractadores não poderão tirar em cada anno deste Estado, especialmente das capitánias que tenho apontado, mais de dez mil quintaes de pão; e quando um anno tirassem menos, o poderão perfazer no outro*”.

A procura da Ipirapitanga levava os franceses a Paraíba, onde ataçaram a guerra do gentio Pitagoar contra os portugueses, os quaes também estavam desejosos de se apossarem das mesmas matas e várzeas. Voltamos aquí ao que ha pouco dissemos. A arrecadação do pau brasil era feita de modo muito diverso entre os índios submetidos aos portugueses, e os aborígenes livres que serviam por expontânea vontade aos franceses. Queixa-se Duarte Coelho a el-rei na carta de 20 de dezembro de 1546, “*que hua*

das cousas que mais denefica ao bem e aumento de suas terras he fazer se brasyll nem a vymte legoas das povoações que se ora novamente (47) povoam em especiall nesta Nova Lusytania por que ho brasyll, Senhor, está muito longe polo sertão a dentro e muy pelygroso de aver e muy custoso e so Indeos fazem-n'o de ma vontade... pella lycemça de que V. A. fez merce faz se... muito devagar conforme ha condyção dos Indeos em dez a doze meses e em ano e meio a carrega de hum navyo". Recomendava ainda, que não fosse permitido cortar pau brasil nem ao sul nem ao norte de Olinda, nas terras de Pero Lopes de Sousa na atual Paraíba, limites abrangendo, "o melhor de todo outro Brasyll", que ficaria deste modo reservado, "pera quando se V. A. quyser seruyr delle".

O governo metropolitano sentia escrúpulos em intervir nas capitânicas particulares logo depois de instituidas. Por sinal, que uma atenção análoga veio beneficiar Duarte Coelho, a despeito dos conselhos que o padre Nóbrega dava a el-rei acerca de Pernambuco. As traficâncias dos visinhos eram em extremo prejudiciaes, pois na capitania de Pero Lopes havia habitantes que davam ao gentio não só ferramentas úteis, "como estaa de costume mas pera fazerem os Indeos fazer brasill dam lhe contas da Bahia o carapuças de pena e roupas de cores que

(47) No sentido de agora "neste momento se povoam".

homem qua não pode alcançar pera seu vestyr", e ainda não contentes, entregavam também armas á indiada. Os que assim procediam já não eram mais franceses, empenhados em armar as tribus da região contra os adversários, porém alguns portugueses, que imitavam inconcientemente aos seus piores inimigos, incidindo na frase do velho capitão da Índia, "*mas ha negra cobyça do mundo he tanta que turba ho juyzo aos homens*".

Na carta de 1549 pedia Duarte Coelho a el-rei á vista da péssima situação em que se encontrava, desse "*lycemça que em cada hum ano posa mandar de qua tres mil quymtaes de brasyll as minhas proprias custas fora de todos dereitos pera ajuda dos sobreditos gastos*". Pouco perderia o monarca concedendo a mercê; prejuizo tinha ele na capitania visinha, "*de Pero Lopes de Sousa que Deus aja omde não esteve o proprio pastor*". Propunha na mesma missiva que depois de um espaço de dez ou doze anos para a "*cousa se tornar a meter em ordem*", mantivesse o governo sob a sua direção um serviço de cabotagem, pois, "*asy como os meus bragantyns e os caravellões (48) dos moradores andem a mayor parte do ano por toda minha costa asy poderam andar os seus navyos e eu os favorecerey e ajudarey no que poder*". Proporcionaria ainda línguas, ou intérpretes do gentio, para que se comerciasse com

(48) O aumentativo significa no caso um diminutivo.

as tribus de “*petygoares*” e “*potigoares*”, que estavam do cabo S. Agostinho até o rio de S. Francisco, “*que he daquy doze quynze vynte trynta e corenta legoas tudo costa omde ha brasyll muito e bom*”, e mais barato que o da Paraíba, não só por não haver desconfiança entre os índios daquela orla, dispensando esperar dez ou doze anos sem cortar madeira para acalma-los, como “*por ser dez doze quynze legoas pello sertão adentro*”.

Depois da morte do donatário, e mudança de rei em Portugal, o pau brasil estava arrendado em Pernambuco por 20.000 cruzados anuaes, ao passo que na Paraíba pouco tempo depois de conquistada alcançava o contrato exatamente o dobro. Sobre o tráfico da madeira escreveu Simonsen, que no fim do domínio espanhol rendia 24 contos ou seja cinco milheiros e meio de contos de reis atuaes. A *História Económica do Brasil* foi escrita em 1934, de sorte que, levando em conta a impressionante queda da nossa moeda nestes últimos anos, hoje poderíamos avaliar em dez ou doze mil contos a renda do lenho de tinturaria no tempo dos Felipes. Os *Dialogos* consideravam a Ibirapitanga como dos elementos mais remuneradores dos habitantes do nordeste, “*dá grande proveito; porque ha muitos homens destes que fazem brasil, que colhem em cada um anno a mil e a dous mil quintaes delle, que todos acarretam com seus bois, e despois de posto no passo vendem por preço de sete e oito tostões o quintal, e as vezes mais, no que vem a grangear grande copia*

de dinheiro, e por este modo se tem feito muitos homens ricos”.

Nieuhoff relata como os olandeses surpreenderam em Pernambuco, quantidade de pau brasil nos passos da capitania armasenado, pronto a ser remetido a Europa. Menos primitivos que os lusos, os invasores impressionaram-se ante a devastação que produzia o método de cortar as árvores, ou melhor, a falta de método, que por fim, acarretaria o desaparecimento da espécie. Efetivamente, na exportação da madeira de tinturaria como na de muitas outras, procediam os portugueses com notável imprevidência, até hoje ainda visível em os seus decedentes. A ceifa das matas, e as queimadas limpadoras, eram praticadas sem preocupação alguma do futuro. Ninguém cogitava de replantio, ou pelo menos, de deixar alguns exemplares para a reprodução. O que importava era o lucro imediato por quaesquer meios, embora deixasse atrás de si a terra desnudada, lavada da chuva, calcinada do sol, invadida pelas formigas e ervas daninhas.

* * *

Cita ainda Brandônio nas exportações do seu tempo o ambar que se recolhia pelas praias. Narra-va a propósito, o caso de um pescador que, pensando tratar-se de breu, intentou calafetar a sua barca com o achado. Advertido em tempo por alguns compadres, pôde salvar o restante do ambar, e

“*ainda ficou com muito*”. Outra história acontecera ao próprio Brandônio. Certa ves, foi procurado por um seu empregado, de alcunha Comilão, que lhe apresentou em grande segredo uma bola preta, nauseabunda, viscosa, pesando de seis para sete arráteis. Enojado pelo cheiro de azeite de peixe que trezandava, atirou-a fora menos um pedacinho que ficou preso ao papel — que Brandônio económico como o barão de Capilé — guardou numa gaveta pensando mais tarde aproveitá-lo. Decorrido algum tempo, ao abrir a gaveta (Brandônio como todo forreta raramente abria o que fechava) á procura de certo documento, topou com o pedaço de ambar. Rebuscando então na memória lembrou-se do achado do Comilão, correu para o sítio onde tinha sido encontrada a bola, e nada mais lhe foi possível encontrar. Os bichos também comilões, “*caranguejos, aves e mais imundicies o deveriam ter comido*”. Um terceiro fáto, ocorrido com certo pescador do Rio Grande, veio atestar por seu turno, a fartura do ambar atirado ás praias, no tempo em que as águas da região eram vizitadas por cardumes de baleias. Necessitando de uma fateixa o êmulo de S. Pedro levou consigo na jangada o que lhe parecera uma pedra. Quando a deitou na água viu com assombro que boiava. De volta para terra descreveu o prodígio a um amigo, “*que devia ser mais trefego*”, logo inteirado de que se tratava de ambar, e conservando-se calado, tomou a pedra ás costas, “*se*

recolheu e fez-se invisivel com ella, aproveitando-se de sua valia, porque pesava quasi uma arroba”.

Eventos tão maravilhosos pareciam a Alviano histórias do Trancoso, incitando-o a representar nos *Dialogos* a parte do imortal Sancho nas aventuras do cavaleiro manchego. Sisudo, comenta não sem ressaibo de ironia, á vista dos sucessos narrados pelo companheiro, “*Não foi máo lança este... posto que a riqueza se estrebuxe pelos homens por ventura, se é licito poder-se dizer assim...*”. Esse ambar, segundo Brandônio, pertencia a duas qualidades, “*um é branco e gris, que se acha na costa do Jaguaribe, o qual por ser tal se vende a onça delle a quatro mil reis e ás vezes por mais; o outro é negro, que se acha desde Pernambuco até Bahia, posto que tambem sahe do branco; mas o preto val de tres para quatro cruzados a onça*”.



Das praias passam os conversadores ás madeiras de lei, que do Brasil para a Europa se exportavam. As matas enlevavam a gente do outro emisfério pelo verde perene da sua folhagem, “*no verão como no inverno, sem nunca se despirem de todo de suas folhas, como costumam fazer na nossa Espanha*”. Ao penetrar na sombra novo assombro os esperavam, “*Não é bastante uma flecha despendida de um teso arco, por galhardo braço, a poder*

sobrepujar a sua alteza; e destas semelhantes plantas e arvores ha tantas e diversas castas que se embaraçam os olhos na contemplação". Mandavam-se de Pernambuco juntamente com pau brasil, troncos e pranchas da variedade de essências que lhe guarneciam as florestas. Ainda existem em Portugal palácios, igrejas e conventos, com armação de "madeira incorruptivel" de orijem brasileira. Com o rolar dos séculos, parecem tornar-se mais resistentes, desafiando os anos e a injúria dos homens, concorrendo para a longevidade dos edifícios, do mesmo modo, que mantinham em bom serviço as naus antigas onde foram empregadas. No mobiliário o lenho brasílico triunfava nas mesas de bolachas, contadores de gavetões, cadeiras de pregaria, arcas de tremidos ou escritórios portáteis, que se viam nas casas nobres do reino e da colônia.

O Jacarandá foi encontrado pelos olandeses quando invadiram as capitanias do norte, com bastante saída para a Europa, conhecido na França sob o nome de Palissandre. A designação correspondia ao Pao Santo dos portugueses, com igual procura em toda parte onde o recebiam. "*Nem menos são as madeiras do Brasil fermosas que fortes*", enaltecia frei Vicente do Salvador, "*porque as ha de todas as cores, brancas, negras, vermelhas, amarelas, roxas, rosadas, e jaspeadas*", a formar conjunto mais variado que o arco iris. Além do sem número de matises, os veios de que estavam rendi-

lhadas, prestavam-se a mil combinações, em que a arte e fantasia dos marceneiros expandia-se ao infinito. A partir do século 16 os artífices ingleses conheceram a idade de ouro, principalmente depois de incentivadas as relações entre as côrtes britânica e portuguesa, pelo casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos Stuart. Entusiasmaram-se os londrinos com as madeiras das possessões lusas, e de volta mandaram móveis, que foram cuidadosamente reproduzidos nas oficinas peninsulares. Nesse vae vem, mais que a ilha de Ceilão, que Da. Catarina levava em dote, o Brasil fornecia muita matéria prima salvada da coivara destruidora de floresta virgens.

As árvores de altíssimo porte das visinhanças das tabas, proporcionavam aos índios abundantes meios de transporte, graças ás embarcações cavadas em troncos milenários. Pero Lopes de Sousa refere-se ás almadias deste gênero vistas num combate naval entre duas facções indígenas. A madeira preferida pelos Tupinambá e afins, era a ubiragara ou ubaraguara, cujo nome diz a utilidade, *“das quaes (os índios segundo o cronista) fazem umas embarcações para pescarem pelo rio e navegarem, de sessenta a setenta palmos de comprimento, que são facilissimas de fazer; e porque se cortam estas arvores muito depressa por não terem mais duro que a casca e o amago é muito molle e tanto que dois índios em tres dias tiram com suas fouces o miolo*

todo a estas arvores, e fica a casca só, que lhe serve de canoas, tapadas as cabeças, em que se embarcam vinte e trinta pessoas". Outras madeiras simultaneamente usadas para o mesmo fim, eram o cedro e o vinhático, ambas as duas encontradas pelo litoral e sertão, nas proximidades dos grandes rios.

Acontecia muitas vezes, que a imensa costa e a diversidade das matas segundo a longitude, obrigava o indígena ao emprego de várias madeiras. Algumas eram difíceis de lavrar, em que os primitivos instrumentos do homem silvestre se mostravam incapazes de vencer. Deitavam-lhe brasas no interior, que se incumbiam do maior trabalho, até quando intervieram os instrumentos metálicos dos europeus, logo aparecidos nas tribus litorâneas ocupadas no corte do pau brasil. Os viajantes antigos notaram dois processos de preparar canoas, o da cavação do cerne, e o do aproveitamento da casca, como Hans Staden prezenciou entre tupinambás, que deante dele arrancaram-na do tronco de uma só vez (49). Dependia naturalmente a escolha da qualidade da árvore á disposição do índio. No geral, os selvajens tinham por nefasto tocar nas cascas dos troncos de que faziam embarcações. Antes de tudo precisavam consultar os pagés e proceder a toda sorte de esconjurações. Os tupís que foram ter de Pernambuco ao Amasonas, continua-

(117) v. Alves Camara *Ensaio de Const. Novaes do Brasil* 75-78.

ram a mesma maneira de preparar canoas, por sinal, já conhecida por tribus locaes, embora conservando as crendices e praticando as cerimônias necessárias para afastar os espíritos maus. Um trecho de Jimenez de la Espada reproduz a sua atividade, "*Las orillas todas destes rios estan pobladas todas de arboles tan altos, que suben á las nubes... y gruesos*", com as quaes os indígenas, "*labran con facilidad canoas. En las provincias de Marañon y Pará se fabrican de gran porte. El modo de labrarlas es de la forma siguiente: cortan el tronco del arbol dándole el largo que quieren y el ancho todo del tronco, y despues de haberle chaportado las ramas (desmochado), le van socavando por de dentro, dejándole de boca media vara; por allé lo desentrañan, y luego llenan el hueso de agua caliente y lo cercan de fuera con fuego con lo cual el madero se ablanda de manera, que poniendole dentro unos palos, le van abriendo todo lo que quieren y dejan el plano grueso cuatro ó seis dedos y los costados dos y tres; de suerte que vienen á tener estas canoas de ancho, las más agostas, dos varas, y las más ordinarias nueve palmos. Y despues que les ha dado todo el ancho que quieren, quitan el agua y el fuego y se le vuelve á enderezar el madero. Algunas embarcaciones destas son capaces de cien hombres. Entre los arboles deste rio hay uno que llaman los portugueses Curapiniona de tanta estima como el palo del brasil; madeira muy galana, porque toda ella*

está ondeada, como camelote de aguas, con ondas negras, de que se labran canoas y escritorios muy curiosos”.

Os trinta tripulantes dos barcos indígenas referidos por Pigafetta, confirmado por Gabriel Soares, são elevados a quarenta ou cinquenta por Thevet, Lery ou Pero Lopes, e com Jimenez de la Espada passam a cem. As estampas da primeira edição das aventuras de Hans Staden são muito mais modestas, pois limitam-se a dar dez remadores para cada, que seria, a nosso ver, o número comum da maior parte das canoas. Inadmissível é a cifra de 300 lembrada por Yves d'Evreux, no entanto, bastante verídico no resto das suas afirmações. A despeito da pequena estatura dos índios, e deles se apertarem como os habitantes das grandes cidades nos transportes em comum, é de se presumir não costumassem embarcar mais de duas dúzias em cada uma.

No interior estendiam os índios travessas afim de manter largura uniforme na maior parte do seu comprimento, antes de uzarem bancos por influência dos europeus, ou ripas onde os remadores pudessem sentar. Até sobrevir o reforço de comodidade, remavam em pé, posição que requeria grande prática de equilíbrio coletivo quando as águas estivessem agitadas ou em combate. A canoa foi logo uzada por todos que habitavam a colônia, brancos, negros e mestiços, servindo para pescarias e transporte, na paz e na guerra, tanto nos rios de pouco fundo como no Amasonas e no mar. Em Pernam-

buco e na Paraíba carregaram pau brasil e deram combate aos corsários de Dieppe, Honfleur, La Rochelle e St. Malô ou aos piratas de Lâncaster. No Pará as lutas contra os mercenários de lord North fez-se inteiramente em canoas, com que as naus adversários foram assaltadas e fortins sobrepujados. Quando não era possível construir-se caravelões prendiam os portugueses a dois, tres ou mais barcos indígenas, formando um bloco, para receber a mercadoria, colocada sob toldo ou tijupar levantado ao centro. A proteção era obtida com tétó de palmas como as cabanas, ou de couros de boi, como mais tarde os ranchos móveis do tropeiros. Na amasônia recortada em todas as direções por cursos de águas e lagos, a canoa representava o mesmo que uma "montaria", e por isso recebeu igual nome. No nordeste, as flotilhas empregadas no carregamento de assucar ficaram conhecidas por trapiches, termo indiferentemente aplicado a embarcações, armasens e engenhos. Frei Vicente do Salvador noticia num passo da sua *Historia do Brasil*, que as "barcas das que levam canna e lenha aos engenhos, as quaes ainda que sem coberta são mui fortes e veleiras" foram aproveitadas em operações bélicas.

O remo descrito por Pigafetta, Hans Staden e outros cronistas, tinham quasi sempre a forma de uma pá terminada por um cabo bastante comprido. Os índios nas informações de Gabriel Soares, fendiam o tronco do Iluacã de alto a baixo para faze-

rem remos, mas “*que não duram tanto como os do genipapo*”. Frei. Vicente do Salvador a esse respeito, diz que o “*Janipapo*”, dava para fazer remos como na Espanha “*os fazem de faya*”. No vocabulário de termos técnicos do almirante Alves Câmara, o nome jacumã é dado ás pás com que os índios da amasônia remam. Muitos desses eram antigos Tupí fugidos séculos antes de Pernambuco, julgando o etnólogo Baldus, que o termo hoje designa no Araguaia, apenas o leme na popa das ubás, tendo havido, em nosso parecer, ou alteração de gênero desde a informação do *Ensaio sobre as Construções Indígenas do Brasil*, ou lapso generalizador por parte do almirante. Nos rios, “furos”, ou lagoas, empregavam os gentios varas espetadas no fundo da água para movimentarem-se. Neste desígnio escolhiam entre outros o taquarussú, aste longa, leve, e resistente.

Madeira de pouco peso também era o Apehyba, que Gabriel Soares descreve, “*é uma arvore comprida muito direita... e é tão leve..., que traz um indio do matto ás costas tres páos d’estes de vinte e cinco palmos de comprido e da grossura da sua coxa, para fazer d’elles uma jangada para pescar no mar*”. Brandônio lhe chama Páo de jangada, que por ser “*levissimo por este respeito fazem delle os paos dos andores, em que andam as mulheres, da madeira que adeante direi*”. Mas a sua função mais importante era nas jangadas, porquanto continuavam no mar

o que as canoas alcançavam nos rios, e com tal segurança, que reinol algum jamais cogitou de substituí-las na pesca, por embarcações de tipo europeu. Os tapuias citados por Nieuhoff, aventuravam-se muito longe pelo mar a dentro, sentados naquela embarcação, em que prendiam as pernas para não serem levados pelos vagalhões. A jangada compunha-se apenas de uns tres pedaços de madeira atados juntos, a que chamavam Igapeba pelos indígenas que falavam Tupí ou a língua geral, e jangada pelos brancos. Lery prezenciou os índios da Guanabara pescarem em pequenas balsas, movidas pelos remos que ja vimos, em formã de pá, chamadas piperís, “...n'estant gueres que d'une brasse de long, & seulement large d'environ deux pieds”. Podiam levar apenas um pescador em águas calmas, “de façon que quand nos sauvages em beau temps sont ainsi nuds, et un à separez en peschans sur la mer, vous diriez, les voyant de loing, que ce sont des singes, ou plus tost (tant paroissent ils petits) grenouilles au soleil sur des busches de bois au milieu des eaux”. Tratava-se de tupinambás, que eram aparentados ás tribus litorâneas de Pernambuco e imediações, de cultura mais ou menos semelhante, sendo muito possivel que existissem esses pescadores nos rios paraibanos e nas alagoas do sul.

O emprego de jangadas é extremamente difundido por todo o nordeste e norte do Brasil, tanto na pesca, como no transporte de carga. No vale do Amasonas representam ao lado das montarias, o

mesmo que nas estradas do sul os pesados caminhões junto de veloses automóveis. Os índios da região sentiam "*l'embaras du choix*" entre a infinidade de árvores que a exuberante flora do vale de alguns rios lhes oferecia. Quando faltavam troncos ou cascas para fazerem as ubás, aproveitavam a curiosa haste da palmeira Barriguda, que proporciona ao fluminense quasi sem trabalho pequenas canoas de bom serviço pela levesa e comodidade. Na ausência destas havia ainda pelas margens o recurso das Aningas e Ambaubas para armar balsas suficientes á travessia de rios e lagoas. Deve ser com variantes de nome e talvez um pouco de aspéto, a umbauba dos capões de terra seca de outras zonas, de tronco oco quando novas, empregado também ás veses como caço condutor, ou recipiente de líquidos. A jangada desenvolvia-se cada vez mais á medida que se penetrava na região, a ponto de constituir moradia quasi permanente para muitos índios localizados nos afluentes do Amasonas. Os Paumarí, por exemplo, moradores nas lagoas das cabeceiras do rio Purús, vivem durante as cheias em grandes Igapabas, parecidas com as que hoje se pode ver em Guyaquil, suportando cabanas iguaes aos ranchos terrestres. Notou ainda, Alexandre Rodrigues Ferreira, que eram feitas de Aninga, (ou Ambauba, ou ainda Umbauba), Mututí, Molongô, Seringueira, Ucuba, e outras árvores das margens, pronunciando-lhes o nome segundo o costume do lugar.

Os primeiros missionários que se arriscaram além do vale do Jaguaribe (50) pelo sertão a dentro, referem-se aos perigos que os ameaçavam ao atravessarem os rios com os tapuias á espreita na margem oposta. O meio uzado nessas ocasiões para transpor os cursos de água, se assemelhavam aos dos Caité e demais indígenas do rio de S. Francisco. Dispunham esteiras sobre armação de paus ou de taquaras num leve conjunto, que flutuava como penas, oferecendo reduzida superfície ao passageiro. Numa delas seguiu para o martírio o santo padre Luís Pinto, na sua malograda missão á serra de Ibiapaba, em que serviu depois de morto de talisman protetor aos bárbaros amigos da região. Os viajantes tinham de se empoleirar nessas frágeis jangadas balouçando segundo o capricho da correnteza, talvez práticas na estiajem, quando os rios estavam baixos, mas ameaçadoras, no tempo das chuvas em que qualquer ribeirão parecia rio caudaloso.

Passando agora a povoações mais civilizadas naqueles longínquos primórdios, encontramos em textos antigos referências á construção de bergantins no litoral próximo das povoações portuguesas. Desde os primeiros povoadores (51), existiram rudimentares oficinas de carpintaria naval nos pontos em que se fixaram os europeus. As velhas provisões régias citam as que existiam por volta de 1550 em

(50) v. tomo II cap. Ceará.

(51) v. *Primeiros Povoadores do Brasil*,

Pernambuco (52). Nas cartas de Duarte Coelho a el-rei vimos o cuidado que teve o donatário ao chegar a sua capitania em "*fazer bragantins*", com os quaes procedeu ás primeiras decidas de que ha notícias pelo litoral de Pernambuco. Outros o imitaram, havendo sempre entre os aventureiros um carpina, que naquele tempo encontrava a madeira mesmo na ourela das praias por onde se lançavam os traficantes. Dessas aventuras, surdido a necessidade de naus de todo porte, de caravelões a galiões, onde havia tanta matéria prima para a sua construção. Os olandeses, contudo, só encontraram em Pernambuco, em meados do século 17, pequenas oficinas para reparação de barcos, que não se podiam chamar estaleiros.

Um fenómeno próprio das Américas, dificultava aos portuguezes a indústria tão indicada para robustecer a maior arma do reino. Os officiaes mecânicos navaes mandados a partir do século 17 para a colónia não conseguiam, a despeito de todos os esforços, suprir a deficiência cauzada pela invencível rotina e descaso da administração pública. No fim de algum tempo olhavam mais para a situação que podiam ocupar na sociedade colonial por serem brancos, do que ao serviço entravado pela má organização, ou falta de recursos da monárquia. O mesmo acontecia no extremo oriente, em Baçaim, onde a exelência das madeiras e o bom resultado das

(52) v. Doct. Hist. da Bibl. Nacional. vol. XXXVI,

naus aí construídas não conseguiram incrementar a indústria, embora por si só pudesse restituir á coroa a grandesa passada. Mais prático continuava, remeter-se a matéria prima para o reino, do que enviar construtores para as colónias, porquanto as falhas da metrópole eram menos prejudiciaes vistas de perto, onde era possível até certo ponto acudi-las, que tentar remedia-las de longe, através de viagens demoradas e infindavel burocracia.

De qualquer modo, utilizadas aquí ou além mar, os recursos das matas brasileiras, formavam imponente reserva para a navegação marítima. Nas curvas e entremichas preconizava Gabriel Soares um lenho que Hoehne supõe a Cajupeba. Para o taboado havia variedade de essências capazes de contentar o mais exigente dos construtores. O cedro, leve, resistente, facil de lavrar, concedia tudo que dele se exigisse para obras de revestimento internas e externas. O Ubiraem, classificado de árvore real por Gabriel Soares, prestava-se como nenhum pelos mesmos motivos para os mesmos fins. Iguaes predicados possuia a Urucurana, diz o cronista, já mais pesada, e mais facil de serrar e lavrar, com a vantagem de ser rebelde ao gusano, ambas madeiras hoje infelicamente difíceis de achar onde outrora abundavam. A Paraparaiba dava facilmente na lista de Gabriel Soares, bombas para os "*caravelões da costa*", por ser muito mole e oca por dentro, onde muitas veses nela eram encontra-

das “*infindas formigas*”. Hoehne pensa a respeito, tratar-se da Cutacaem, também chamada o Carvalho Brasileiro pelas suas folhas recortadas, que o velho cronista garantia boa para taboado de navios e pequenos barcos. Era madeira pesada “*se vae ao fundo*”, e porisso de maior applicação em naus marítimas. De semelhantes predicados se mostrava provida, a Sucupira “*que soffre melhor os pregos e nunca apodrece... tão pesada que vae ao fundo*”, considerada a melhor das espécies para “*liação de navios e barcos*”. Com esta saímos das que davam bom taboado, para tratar das mais próprias ao serviço de armação. A Pequehi situava-se na categoria de lenho duro e pesado, qualificado de “*real*” pelos antigos. Encontrada de preferênciã nas terras fracas, atingia quarenta e cincoenta palmos de roda, diz Gabriel Soares, cheirando o interior a vinagre, sempre úmida, inda tivesse sido cortada ha cem anos. Não sabemos como o verificou Gabriel Soares, porém quanto ás dimensões não ha dúvidas sobre o que assevera, e no que respeita a umidade centenária, temos de aguardar a experiênciã ora tentada pelo barão de Capilé para verifica-lo de visu. Esta Pequehi, ou Cariocar *Bambinervae* Mic. ainda é encontrada nas parajens em que pela primeira ves foi utilizada pelos povoadores quinhentistas, com mais de oitenta metros da altura! Dela se fazia, “*bons liames e outras obras para barcas e navios*”, e não

menos altaneiras eram as Curuás, das baixadas areentas próximas do mar, cuja folha se parece com a da Cutacaem a ponto de haver confusão sobre a sua identidade, pensando Hoehne que formam uma só. Era também madeira pesada, com trinta palmos de roda, muito indicada para taboados e liames para barcos. Vêm a seguir na enumeração de Gabriel Soares as madeiras importantíssimas, próprias para mastros como a Camaçarí ou Tamacoarí, mais leves que o pinho, e como este, resinosas e roliças, "*que parecem torneadas*". A Guanandí mostrava alguma semelhança nas aplicações com a precedente, mas com pouca resistência, segregando a substância visguenta, que o rapasio das capitánias empregava para "*armar aos passaros*".

No calafetamento das pranchas, contavam os carpinteiros com farta matéria prima, que os dispensava de importa-la. Escrevia frei Vicente do Salvador acerca dos recursos do gênero aqui encontrados, "*que de alguma se tira estopa pera se calafetarem, e fazerem cordas para enxarcias e amarras, ao que tudo se aproveirão os que querem cá fazer Navios*". A Copabuçu, segundo Gabriel Soares também era "*estopenta*", o mesmo acontecendo com a "*arvore mēa que se chama ibiriba, a qual os indios fazem em fios* (apesar de muita dura, empregada no taboado das casas regionaes por ser "*má de lavar*) para facho com que vão mariscar, e para andarem

de noute”, tendo para mais a virtude de arder como si fosse de alcatrão, ainda estivesse verde, e com tanta intensidade que o vento a não apagava. Além dessas havia a embira, ou imbira, tida como a mais própria e indicada para calafetar taboados por todos que conheciam a flora da colônia, sem rival não só para esse fim como para cordas e mais ataduras, assim como também o Embiruçu que dava exelente estopa para as querenas.

* * *

Temos um exemplo do que se necessitava para a construção de barcos na colônia, nos primeiros tempos das capitânicas, numa ordem do provedor mor Antônio Cardoso de Barros. Em 1549 mandava pagar na Nova Lusitânia a soma de doze mil seiscentos e vinte reis, pelas despesas feitas com a caravela Leôa. Consistiam na compra de breu, azeite, madeira, rêdes, palha para se queimar, e jornadas dos serradores, carpinteiros e calafates que trabalharam nas reparações da barca. Não foi o único serviço prestado pelas oficinas náuticas pernambucanas constante nos mandados do governo de Tomé de Sousa. No mesmo ano recebeu Vasco Fernandes a quantia de sete mil oitocentos e oitenta reis pelos concertos dispendidos no caravelão de Froes.

Para lançar á água as embarcações ou retira-las a monte, empregava-se no dizer de Gabriel Soares,

“uns cipós muito grossos a que os índios chamam ‘cipó-embé... e com elles varam as barcas em terra, e as deitam no mar, e acham-nos tão grossos como são necessários; com os quaes se escusam calabetes de linho”. A respeito desta improvisação, conta Hoehne que viu recentemente “...em Cannavieiras, na ilha de Florianópolis, cabos de quinhentas braças empregados nos arrastões de pescaria e na Ribeira de Iguape usam nas barcas quasi somente cabos feitos da casca do “Imbé”.

Entretanto, de nada adeantava lavrar campos e construir engenhos, sem assegurar os meios de transporte. Afim de proceder ao escoamento da produção, recorreram os povoadores aos lentos carros de boi; *“caravellões da costa”*; jangadas fluviaes ou marítimas; ubás esguias; alvarengas bojudas, barças chatas; rêdes de carga levadas a dorso de homem, ou longas récovas no gênero das ibéricas. Menos êxito tiveram as carroças e carroções semelhantes aos europeus, por falta de estradas e demasiados acidentes do terreno. Em compensação, os inúmeros cursos de água do nordeste assucareiro garantiam facil e económico carreto ao produtor, que não via prejudicadas as suas remessas para os mercados de além mar.

LASERES, DEVERES, DOENÇAS E REMÉDIOS

“O ser senhor de engenho, he titulo, a que muitos aspirão, porque traz consigo, o ser servido, obedecido, e respeitado de muitos”, escrevia Antonil. Um outro autor da mesma época, Pyrard de Laval, cuja missão era anotar o que se passava nos domínios lusitanos, observou “*Il y a des Seigneurs qui y ont un grand domaine, entr’autres force engins à sucre, que le Roy d’Espagne leur a donné en recompense de quelque service, & cela est erigé en titre de quelque dignité, comme Baronie, Comté, &c. Et ces Seigneurs là donnent des terres à ceux que y veulent aller demeurer, & y planter des Cannes de sucre*”. E finalmente Brandônio, tido ele mesmo como senhor de engenho, põe as cousas nos devidos termos, ao informar que os capitães mores, “*que são sesmeiros por Sua Magestade, cada um na capitania de sua jurisdicção, repartiram e repartam ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um delles aquella quantidade, a que as suas forças e possibilidades são bastante a grangear*”.

No meio nordestino ocupava o senhor de engenho, o primeiro plano do panorama colónial, respeitado, invejado, temido pelos que lhe ficavam abaixo,

afagado pelas autoridades reiunas, que constantemente dele precisavam. Vivia soberano no seu feudo, mais independente e mandão a muitas léguas do poder central, que o próprio donatário ás voltas com os funcionários del-rei. Encastelado nas mürallas da casa grande, rodeado pelo latifúndio, a dominar do alto do alpendre a senzala, a casa de máquinas e os canaviaes, povoados de escravos multicôres sob o açoite dos seus mandatários, mandava e desmandava a seu bel prazer, sem dar satisfações a ninguém, insolente até com os governadores aos quaes sabia ser indispensavel na defesa da terra. A nobresa assim constituida, não ficava a dever em orijem ás melhores do reino no ponto de vista heráldico medieval, porque se bazeava na dominação do território pela força das armas. Somente, ao invés de ser o dono de engenho o último e fanado rebento de longa estirpe, era o primeiro das novas "*casas americanas*", estuante de arrojo e ambição, com olhos cubiçosos fitos nas várzeas ainda em posse do gentio.

Ao grande proprietário ficou vinculado o destino da colónia. Mais do que a governadores e donatários, dele dependeu a sorte do norte do Brasil quando foi invadido e subjugado pelos olandeses. Lutaram os Albuquerquees o quanto puderam para defender Pernambuco, com a perzistência do luso, e o reconhecido valor dos personajens da sua família, estavam porém baldos de recursos, sem auxílio do

clero, e de um governo exausto, no momento em que o descontentamento dos senhores de engenhos provocou a grande rebelião. O levante contra o flamengo por parte dos pernambucanos ricos, arrastando atrás de si a parentela legítima, e ilegítima, os agregados, os escravos, a indiada aliada, pôde mais que os monarcas filipinos com as suas velhas frotas e tripulações de veteranos. Ao brado dos que, depois de feridos nos seus credos, e tradições, sentiram-se golpeados nos interesses materiais, todos se ergueram num tropel que significava o fim dos vorases olandeses no Brasil, e da ocupação dos empórios africanos de escravos, que eram a alma da lavoura do assucar.

Nos mais ricos habitantes das capitánias, manifestava-se a tendência de procurar o quanto possível uniões com famílias semelhantes, formando-se clans poderosos, procedentes de senhores de engenho bastante ricos para compor um morgadio. Outros, preferiam noivos reinos, que traziam um brasão empobrecido, e maneiras nobres, criando em pouco atitudes altaneiras, fruto de preconceitos de casta. Opinavam os *Dialogos* sobre o assunto, “*em forma que se ha feito entre todos uma mistura de sangue assás nobre*”. Facilitava tanto mais a combinação, que os maiores e mais antigos senhores de engenho não provinham de degredados, “*tous gens bannis, banqueroutiers, ou criminels*”, como pretendia Pyrard de Laval, porém de troncos, que uma autoridade mais

fidedigna, como o nosso velho informante Brandônio, classificava de nobres e esclarecidos. As sesmarias em que se podiam elevar engenhos moentes e correntes, situados em meio de terras férteis, eram em extremo apreciadas, pois representavam uma fortuna, e só foram cedidas aos próximos dos primeiros governos da capitania, ou aos que se impunham pelos recursos, dando princípio aos feudos que se tornaram tradicionaes no nordeste, os Albuquerque Melo e Cavalcantis em Goiana, Lins em Porto Calvo, Gomes da Silveira na Paraiba, Soares nas Alagoas, Paes Barreto no cabo de S. Agostinho, e todos mais que ilustram a Nobiliarchia Pernambucana de António Borges da Fonseca.

Com o tempo, o dote das filhas da gente afidalgada de Olinda appareceu cada ves mais atraente, e no decorrer das hostilidades, apresentaram-se candidatos castelhanos de bom sangue, e até flamengos do exército invasor. Temos então os Velasques de Selidar ou os Vander Ley, onde já havia florentinos e alemães, concorrendo para a melhoria da orijem e aspéto da sociedade regional. Não se pode taxar neste ponto, de exageradas ou fantasiosas as noticias de Brandônio, que escrevia no fim do século 16 e começos do 17 encontrar-se em Olinda "*academia publica, onde se aprende com muita facilidade toda a policia, bom modo de fallar, honrados termos de cortezia*". Efetivamente ha ensinamentos que escola alguma, ou tratado por mais bem escrito seja,

possam dar. A aquisição do tacto e da elegância, tem de ser feita no convívio da classe principal de um conjunto rico e ambicioso de polimento, em que o trato diário aprimora e facilita as relações entre elementos pares. Acentua esta propensão quando chega ao zenit, não só maneiras, porém a generosidade, o desinteresse, certas delicadesas sem preço, que destacam o homem do nível superior em qualquer meio. Até em longínquas regiões, podem ser encontrados exemplos de semelhante dignidade, entre os principaes de cabildas tidas por selvajens. A *Relação* do Padre Luís Figueira, menciona a fidalga guarida da tribu em que os jesuitas demoraram no Ceará, em parajens onde os brancos só tinham deixado más recordações (53).

Nos engenhos perto da costa, havia sempre por antiga tradição, acomodações e escravos á espera do viajante, sentindo-se diminuido o senhor que não soubesse receber condignamente quem lhe pedisse pousada. Quanto mais opulento o dono, mais faustuosa era a hospedagem, que podia chegar a excessiva quando a categoria do hóspede impressionava ao hospedeiro. Vimos o episódio dos jesuitas em Pernambuco, constrangidos ante os leitos forrados de damascos e colchas da Índia, e pelos banquetes e festas com que pretendiam obsequia-los. Recendia no caso, um pouco do indiscreto exhibicio-

(53) v. II tomo cap. Ceará.

nismo do rápido enriquecimento, mas não devemos esquecer, que o fáto se dera nos alvares da expansão económica da capitania, quando aportavam os primeiros apóstolos inacinos. Os naturaes da terra, como dizem os *Dialogos*, eram providos de muita habilidade, “*ou por natureza do clima ou do bom céo*”, pelo que tomavam, “*dos estrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excellente conserva pera a seu tempo usarem della*”. Não era contudo, em virtude nem do ceu nem do clima, que os naturaes na marcha acendente, mostravam habilidade em apreender dos forasteiros o que porventura lhes faltasse no esmalte da sua ostentação. Obedeciam a um fenómeno comum, em regiões novas, ainda sob imprecisas delimitações sociais, e que fazem do candidato a aristocrata um cuidadoso observador, discípulo atendo dos que vêm de além mar com fama de mestres em cortesia.

Registava-se outro símile no mesmo campo, que era a ida de crioulos pernambucanos da “*governança*” (isto é dos que pela sua riqueza empunhavam as redeas do governo, com todos os privilégios inêntes) para a metrópole, onde em Lisbôa ou Madrid, encontravam abertos deante de si os umbraes das casas nobres. Em primeiro plano, estavam os donos da capitania, os Albuquerque Coelho, deslumbrantes graças aos réditos da província. Permitia-lhes a situação, melhor do que os parentescos regressarem triunfantes na primeira fidalguia do

reino, de onde saíra para Pernambuco Duarte Coelho, o velho, e a sua consorte da casa de Albuquerque. O lustre emprestado pela folha de serviços do bravo do oriente, dava arras á gratidão da coroa, embora a memória dos soberanos seja tão fraca, e a dos conselheiros tão obliterada pela preocupação de se beneficiarem a si mesmos, ou aos da sua clientela, que não se pode dar muito crédito aos seus efeitos. Cabe aos decendentes dos que tinham engrandecido a monarquia, fazerem-se lembrados por títulos bem aceitos do soberano. Perante todo governo, perde vínculo com o meio aquele que se afasta do círculo mágico percorrido pelo olhar do governante, caindo em olvido das graças oficiais com muito mais segurança, que se tivesse praticado o pior dos crimes. Daí, tornar-se de primeira ordem, a credencial do ouro produzido pelo assucar, que ao depois dos Albuquerque apresentavam no reino os Paes Barretos. Decendiam de João Paes, natural de Viana, filho segundo do morgado da Bilheira (54), que se cazou em Pernambuco com Inês Guardes, filha dos ricos senhores de engenho Francisco Carvalho de Andrade e sua mulhér Maria Tavares Guardes. Prosperou o genro, que veio a possuir 10 engenhos e constituiu dois morgados; um o do Cabo, a

(54) "*António Velho Barreto da nobre familia... daquella Villa o qual... Procede de Florentino Barreto, Senhor da Torre deste appellido*". Borges da Fonseca. Nobiliarchia Pernambucana.

favor do seu primogênito; composto de várias propriedades outro, para a sua filha, que despozou o fidalgo D. Luís de Sousa Henriques, filho do senhor de Beringel, governador do Estado do Brasil, de quem decenderam os condes do Prado. O primeiro ramo deu ainda os marqueses de Recife, que não deixaram geração, extinguindo-se no século 18 depois de brilhante trajetória na côrte filipina e bragantina, e nos fastos guerreiros do império luso.

De antigos troncos também não demoraram a rebentar parentes pobres. A desmedida quantidade de filhos, provocada pela *larguesa da terra* (entenda-se, a aparente facilidade de vida) dividia, subdividia, fracionava as heranças, e os inevitáveis maus negócios, mais reduziam os poucos recursos dos numerosos decendentes dos velhos canavieiros locais. A decadência em bens trouxe necessariamente os numerosos candidatos ao funcionalismo civil, eclesiástico e militar, e mais tarde, ás artes liberaes, formado uma burguesia de boas tradições, zelosa do seu nome, mantendo-se numa linha de correção, que sempre fez em geral, distinguir nas funções públicas do país, o elemento com “fumos” do passado, do que se mostrava desprovido. Mesmo nas lutas políticas depois da independência, os filhos de famílias antigas que nelas se envolviam, embora fossem mais inquietos, ambiciosos, numa palavra, os piores elementos da sua casta, no entanto, eram de

muito preferíveis, aos aventureiros de rústica pro-gênie com quem privavam na câmara e no senado.

Vinham a seguir, por ordem decendente, os mercadores movediços, com importante proporção de judeus, que inda adquirissem para negócio uma propriedade rural, pouco se fixavam nas colónias, sempre á espreita de uma ocasião para especular, inquietos, farejando onde houvesse dinheiro, fugindo a excessos fiscaes, constrangidos a evitar encargos de família, prontos a levantar acampamento quando fosse necessário. O melhor paradigma em que se enquadram é o do bufarinheiro do oriente, galgando montes, decendo vales, por vias pedregosas, sob sol ardente ou tormentas, seguido do magro gericó, pejado de mercadoria. Figuravam no extremo oposto da fidalguia de sangue e espada, que dos paes costumava receber o ensinamento de não mentir, manter a palavra em todas as circunstâncias, desprezar a cálculos materiaes, prohibidos de se referirem a dinheiro; que é de bom aviso possuir, mas aparentemente deve ser desprezado em atos e palavras. E, a despeito do tributo pago ás fraquezas humanas, das quaes a maior é o beserro de ouro, é inegavel que a velha tradição cavalheresca ibérica, e o espírito católico reinante nas populações, soube sempre manter em nivel superior as atitudes e gestos, da "*gente da governança*".

Vemos ainda nas capitánias, abaixo dos letrados civís e religiosos, os militares de baixa patente, os caixeiros, officiaes mecânicos, empreiteiros da lavoura ou dos transportes, e mais pequenas profissões logo acima do proletariado. Na colónia todo europeu que se apresentasse regularmente, mesmo sem cabedades, fruíra logo condições bem melhores do que na Europa. A "*larguesa*" da existência, e o fáto de ser branco, collocavam-n'o num plano de onde podia esperar rápida mudança de craveira social. Bastava que uma sua filha caísse no agrado de senhor de engenho; farto de concubinato com "*negras d'aldea*"; ou ele próprio, sendo solteiro, inspirasse confiança ao patrão, ou conterrâneo remediado aportado antes dele, á cata de um genro, para deparar-se-lhe a possibilidade de enobrecimento de que fala Pyrrard de Laval.

Na camada mais ínfima, jazia o vulgus paecus, onde ainda se notavam graduações de côr e de categorias. Os que estavam em melhores condições eram os mamelucos, nos quaes predominava o sangue dos acendentes brancos, occupados em qualquer mistér util, officio manual ou habilitados em armas e decidados no sertão. Na cabana junto da sua, estariam os escravos fôrros, e dessa visinhança, provinha em grande parte, a mistura de que se orijinaria a bronsada massa proletária do nordeste. Por fim, a

multidão de escravos índios e negros, vigiada pelas cabildas brabas das serras, que a mantinham no poder dos senhores, fechando-lhe o acesso do sertão.

* * *

Os títulos de nobresa ganham-se de duas maneiras, nas guerras, e em negócios frutuozos. Um sábio provérbio espanhol rezuiu o caso sintéticamente, "*dinero y qualidad, la mitad, la mitad,*" de que os portuguezes conjugam a variante "*dinheiro e santidade, metade, metade*". Com efeito, neles figura o bom senso popular, porquanto só os galardões outorgados pelo dinheiro, tornam o beneficiado por demais mercantil, e a ilustração provindo das armas, por demais soldadesco. O certo será a média "*dinero-y qualidad*", cujos fatores entram em partes iguaes para conseguir sólido equilíbrio, que em muitos casos, no Brasil, nem sempre foi possível.

Não faltaram oportunidades aos ambiciosos de auferirem vantajens a poder de guerras no princípio da conquista. Referiram-se os antigos missionários aos troços de homens armados, que no século 16 se dirigiram contra as tranqueiras inimigas, hostilmente recebidos pelos potiguaras, "*com a sua costumada algazarra de bater de pés, e arcos*", segundo informa Jabotão. Outro lanço antigo descreve o adail dos conquistadores, entre os homens de armas brancos e índios aliados, revestido da mesma

couraça que assistira ás vitórias do oriente. Acontecia no Brasil nas refregas contra o gentio, o que sucedera ás hostes lusas da Índia; aos castelhanos da América; ou aos gregos em luta contra os persas. As forças de Martim Leitão na Paraíba, eram insignificantes em confronto com o enxame de guerreiros que saía das *“cincoenta aldeias de potiguares todas pegadas umas nas outras”* mencionadas por frei Vicente do Salvador. Tornam-se, pois, mais meritórios os louros da vitória, os portugueses e crioulos brancos tendo combatido longe das suas bases, sem comunicações com os núcleos europeus, entregues ao destino das armas, até que do alto de um morro puderam ver as tabas incendiadas pelos próprios inimigos em retirada. Na pena de fr. Vicente, eram no entanto, *“infinitos em numero e os nossos só cento e quarenta, e quinhentos indios frecheiros”*.

D. Manoel I seguira em muitos assuntos aos sogros Fernando e Isabel, na organização da paz, e no preparo da guerra, porque em matéria militar o cerco de Granada revolucionara a orientação bélica das Espanhas. O recrutamento de tropas continuava entretanto na colónia, o mesmo da monarquia desde D. João II, composto em parte das mesnadas dos fidalgos, que recebiam ajuda do governo, e á guisa de recompensa no fim da campa-

nha o que tivessem conquistado ao inimigo (55); e o serviço obrigatório dos moradores das povoações. A respeito dizia Alexandre Herculano, quando empolgado por ideas democráticas, como os de sua geração, "*para o cavalleiro nobre o serviço militar era um officio rendoso; para o cidadão um imposto de sangue*". Ao lado destas instituições básicas, a mudança de dinastia em Portugal incentivava o uso de profissionaes da guerra, arrebanhados em todas as regiões entre si associadas sob o cétro filipino.

No correr da conquista do litoral desde o rio de S. Francisco até o Amasonas, só receberam os moradores ajuda externa depois que as expedições mandadas de Olinda, Igarassú e Itamaracá encontraram corsários franceses. Nos papeis do Santo Officio temos a visita feita pela meirinho Martim

(55) Matias de Albuquerque antes de permitir uma expedição contra os Potiguara, segundo frei Vicente do Salvador "*fez ajuntar em sua casa os prelados das religiões, theologos e outros letrados canonistas e legistas. E concluindo-se entre elles ser a causa da guerra justa, e pelo conseguinte os que fossem nella tomados escravos, que são no Brasil os despojos dos soldados, e ainda o soldo, porque o gentio não possui outros bens, nem os que vão a estas guerras recebem outro soldo*", e poderia acrescentar "*nem querem outro*", partiram os capitães Simão Fernandes Jácome e Gomes de Abreu Soares, "*e por cabo delles Gregório Lopes de Abreu, com suas companhias*", a dar cabo do gentio da serra de Copaoba.

Moreira, mais Francisco Corrêa escrivão, ao castelhano Cristovam Quezada (ou Quesada, ou Quejada) "*homem discreto, sesudo e cortesão no fallar*", morador em Paratibi, afim de notifica-lo por ordem do governador da Paraíba que se preparasse para a guerra contra os índios. Esses avisos reuniam os moradores em grupos, ou companhias, segundo as profissões e condições dos componentes, como aconteceu nas decidas a Paraíba, na luta contra os corsários e os seus aliados potiguaras. Brandônio informa que a capitania de Pernambuco "*com as mais do Norte, pôde já hoje pôr em campo mais de dez mil homens armados, nos quaes entram muitos de cavallo*". Os maiores contingentes eram, todavia, compostos das tribus associadas e índios semi assimilados, ou pelos pupilos dos missionários que seguiam os brancos contra velhos inimigos.

As provisões do tempo mencionam o armamento que todos os moradores deviam dispor por sua conta para acudir a semelhantes emergências. Somente, a luta nas brenhas americanas, muito diversa das europeas, fez com que outra tática, outra organização e outros meios fôsem empregados nos encontros contra o inimigo. O clima quente do norte do Brasil aumentava o peso das armaduras, cauzando tanto mal aos que as levavam ás costas quanto aos adversos. Estes volteavam ante as hostes invasoras, apenas protegidos por rodela de couro ou de madeira, desferindo nuvens de flexas, mas desprovidos de armas

metálicas. Bastava para enfrenta-los levarem os brancos; e os mamelucos que lhes serviam de escultas; um acolchoado de algodão, leve e cômodo, atado sobre o tronco, deixando os membros livres para os movimentos em que predominava a ligeirosa. A deficiência das armas em mãos dos indígenas obrigava-os á luta traiçoeira, feita de ciladas e rápidos assaltos na sombra das matas, ou na perseguição através do emaranhamento das capoeiras, ou ainda, atrás das cercas onde enfrentavam o adversário. Mesmo aí, escapavam quando menos eram presentidos por um desvão oculto do fojo em que se supunha te-los acuado. A crónica da conquista da Paraíba narra o episódio dos paveses, que os invasores construíram para se verem livres da nuvem de flechas sobre elles desferidas por detrás da tranqueira, reeditando espetáculos das companhas dos romanos na antiga Ibéria.

A fama de riquezas que possuía o Brasil e os encargos da política de Felipe II, em pouco sucitaram nova experiência bélica para os habitantes das colónias lusas. Apareceu no ano de 1595 deante do fundeadouro de Olinda uma expedição comandada pelo corsário James Lâncaster. O historiador inglês Southey profliga o procedimento do aventureiro, equivalente a um ato de traição moral contra os portugueses, porquanto ele vivera "*among them as a gentleman (on is own account) served with them as a soldier, and dwelt among them as a merchant.*"

Esta convivência e benefícios recebidos, tiveram como retribuição o audacioso saque intentado contra a cidade quasi indefesa. Depois de descrever algumas operações preliminares, contava o pirata, "*The base towne, of above an hundred houses, being thus taken we found in it great store of marchandises of all sorts: as Brazil wood, sugar, calico cloth, pepper, cynamon, cloves, mase, nutmegs, with divers other goods things*", arrecadados para o maior regalo dos ladrões "*to the great comfort of us all*".

Alguns anos antes, as pretensões do prior do Crato e má vontade de muitos portugueses para com o regime espanhol, pareceram a Catarina de Médicis, regente de França, favorecerem o velho sonho dos armadores normandos. De ha muito estes comerciavam com as tribus de Pernambuco, e as do delta paraibano, contando com a amizade de inúmeros selvajens. O cuidado da missão caiu sobre o próprio primo da rainha Felipe Strozzi, de Florença, homem ativo e ambicioso, á cata de meios para se enriquecer e ilustrar. O mapa de 1579, feito por Jacques de Vau de Claye (56) compreende a costa leste oeste do Brasil, arvora as armas de França, e as do indigitado comandante. A legenda dizia acerca do sítio próximo de Pernambuco, "*vous vous fournirez de dix mille saulvages pour faire la guerre au Portugal*", e recomendava os localizados a montante,

(56) Reproduzido no II vol. cap. do Maranhão.

talvês potiguaras do Rio Grande, por serem inimigos dos portugueses. O conhecimento do cartógrafo sobre estas paragens, tanto ao norte como ao sul da capitania dos Albuquerque, vinha da derrota realizada no barco *La Foudre*, que era companheiro da *Salamandre*, imobilizada tres meses pelos estragos de uma tempestade no "Cairussú" au sul do Rio de Janeiro. Ora, o navio sob fulmínea invocação pertencia a Felipe Strozzi, portanto, bem informado sobre a colônia que a rainha e os príncipes de França cubiçavam. Além desses dados, parece que ainda dispunha dos que lhe ministrara o romano Alexandre Orsini, veterano navegante da América do Sul, onde dispendera mais de trinta anos em lhe per-lustrar as costas de ambos lados, no Atlântico e no Pacífico.

Estabeleceu-se um consórcio entre Strozzi, Monsieur, irmão do rei (duque de Alençon), armadores normandos e mais interessados, destinado a custear as despesas da misteriosa expedição. As provisões que recebera o florentino conferiam-lhe plenos poderes e o intitulavam tenente-general, ou vice rei de uma certa região para onde se dirigia, sem especificar ao certo o cargo, nem o sítio. Uma carta lavrada do punho da rainha, trazia outras instruções, que só deveriam ser lidas na hora da partida. Ao enfunarem-se as velas, o comandante pôde inteirar-se do plano da parenta, desproporcionado aos seus recursos. Preconizava nada menos que a

tomada da Madeira, dos Açores e do Cabo Verde, de onde o grosso das forças devia se dirigir ao Brasil. O plano fôra submetido ao rei infante e por ele aprovado e apostilado, afim de que a empresa não fosse "*une raflade*", porém, "*c'èt pour vous en rendre le mètre et le conserver à Jamés*" (57). Restabelecido o prior do Crato no trôno de Portugal os francezes conservariam as suas conquistas na América, conforme a convenção realisada entre D. António, o duque de Alençon, o conde de Vimioso e Strozzi.

Em 1579 os pernambucanos tinham queimado parte de uma flotilha normanda, seguindo-se dois anos depois novo recontro na Paraíba, com igual resultado como vimos no volume precedente. Urgia um revide dos francezes, mas infelizmente para eles o capitão espanhol D. Álvaro de Bazán, marquês de Santa Cruz, esmagou a expedição de Strozzi na ilha Terceira com os navios da frota de Lisboa. Os vencidos foram considerados piratas e enforcados, indo se encontrar no outro mundo com o vice rei secreto do Brasil, que o Marquês de Santa Cruz mandara atirar ao oceano ferido, mas ainda vivo.

Vingaram-se os francezes assolando as costas de Pernambuco. Estão cheias as folhas das Confissões do Santo Ofício da proesa dos luteranos rochelenses, que se apoderaram de uma embarcação

(57) Arquivo de Leningrado vol. 19 da Biblioteca do Ermitage.

portuguesa no trajeto da Baía ao Recife, apesar de que vinha perto da costa em comboio. Os tripulantes contam como procediam os protestantes a bordo, *“a fazer suas salvas luteranas antes de jantar”*, na popa em cima da tolda, *“lendo por livros desbarretados sem cruz nem imagem algũa”*. Nessa altura, um dos marujos portugueses sussurrou aos outros que também se desbarretassem, porque dias antes um prisioneiro quasi fôra moido a pauladas por não se descobrir durante a oração dos francezes. Os conselhos vinham de um marujo, preso ha mais tempo que os outros, parente do ameaçado e que conhecia a índole fanática dos capttores. Ante tanta aggressividade julgaram preferivel os prisioneiros obedecerem, porém, *“rezando per suas cõtas ou oras, e assim ho fizerão en todo o tempo q andarão na sua companhia en todas as suas salvas luteranas, que erão duas em cada dia, hũa antes de jantar e outra antes de cear”*. Ao depois foram atirados na ilha de S. Aleixo, de onde vieram para Pernambuco, e foram se confessar ao Santo Officio pelo peccado de terem ouvido orações eréticas *“de barrete na mão”*.

Outros casos houve de consequências mais crueis para os portuguezes, como a barbaridade praticada contra os quarenta jesuitas, que sob a direção de Inácio Asevedo, vinham para o Brasil e foram lançados ao mar pelos erejes na altura da Canárias. Podemos aquilatar qual seria a obra na coló-

nia daqueles abnegados, escolhidos entre os melhores elementos de uma ordem, que reunia o maior saber e capacidade, ao mais acrisolado zelo evangélico. Os atos dos poucos jesuitas chegados nas capitanias são o penhor do imenso alcance da atividade que poderiam ter desenvolvido os assassinados, si lograssem aqui desembarcar. Os funestos acontecimentos prenunciadores da procela que se formava sobre a população colonial, aumentaram o martiriológico da Companhia de Jesus, e serviram de advertência ás capitanias do norte. As piratarias no mar e os assaltos nos portos, obrigaram o governo metropolitano a curvar-se aos sacrifícios indispensáveis á segurança das suas possessões americanas. Tiveram igualmente a virtude de mobilizar em Pernambuco os recursos da terra, não só para combater índios em Algaras silvestres, como para enfrentar em campo raso tropa arnesada sob o troar da artilharia.

* * *

Visto o pernambucano no trabalho da guerra indígena, que por sinal, foi dos melhores preparos da vitória contra o olandês (58), vejamos agora

(58) Em 1636 o mercenário a serviço da Holanda, o polonês Crestofle d'Artischau Arciszewsky, escrevia, "*O inimigo é ligeiríssimo. Escondido no mato ou nos canaviaes, fica à espreita do momento em que pode cair, quando menos*

como se divertia nos momentos de lazer. A pugnacidade na luta, era privilégio dos mestiços chamados mamelucos; os mesmos predicados reapareciam nos cavalos sem mistura do nordeste, extraordinariamente ligeiros, como apregoam os *Dialogos*, belicosos, vivos e resistentes. Brandônio elogia o “*neptunino*”, que apesar de desferrado e quasi que só se alimentando de capim, suportava “*em uma tarde, canas, argolinha e pato acompanhado tudo de muitas carreiras, e as vezes continuam neste exercicio tres e quatro dias a réo, com terem para tudo alento, e os acharem tão inteiros no principio como no cabo; sendo assim que um só exercicio destes bastara para aguar vinte cavallos dos de Espanha*”. A informação também nos capacita que os exercí-cios de equitação tão apreciados em Portugal, eram reproduzidos nas principaes povoações do Brasil pelos fidalgos e snobs locais. Relataram os jesuitas, recebidos entre os senhores de engenho durante festividades, as cavalhadas em que os animaes se apresentavam ricamente ajaesados, para figura-

se espera, sobre os habitantes, espavoridos pelas suas ameaças de morte e tortura, arrancando-lhes todas as informações de que necessita, e assim que os lentos olandeses se aproximam desaparecem na floresta sem deixar vestígios. Conhece perfeitamente as nossas deficiências e sabe que não podemos carregar provisões por mais de oito dias; este funesto impedimento faz com que não possamos exterminar os ágeis saltadores”.

rem nos espetaculosos desportos que alvoroçavam as vilas das capitánias.

As solenidades religiosas ocupavam grande lugar naquela época, em que as procissões, festas, comemorações, etc... serviam de preito de fé e de passatempo. Era das raras ocasiões em que a mulher branca, geralmente reclusa e estreitamente vigiada, aparecia em público sem ser em cadeirinha de cortina. As diversas ordens que possuíam conventos e colégios, alternavam em cerimônias e reuniões, mostrando-se os jesuitas os melhores mestres no assunto. Além dos cânticos entoados pelos pupilos, com acompanhamento de boa música com que deliciavam os ouvintes, levavam os padres á cena autós com tanto fervor por parte dos que representavam, e atenção da assistência, que milagres de regeneração foram obtidos sobre velhos pecadores.

Afora divertimentos ao ar livre os principaes habitantes da capitania também praticavam divertimentos "*en petit comité*". Pero Gonçalves denunciou um caso muito comum entre parceiros que ariscam dinheiro nas paradas. Disse que, jogando cartas, aconteceu-lhe ganhar, exclamando então Álvaro Velho possuido de cólera, "*descria elle de Deus se mais tomasse cartas com elle denunciante*". Nesta altura foi repreendido pelos circunstantes, "*e depois de isto passado dahi a algum tempo tornou a jogar com elle*". O padre Jerónimo Bras estando certa ves a sós jogando "*as tabolas*" com Gonçalo

de Araujo, lançou nos dados seis e quatro, “e o ditto Gonçallo d’Araujo que elle tem por christão velho levantou logo os dados e disse que erão quader-nas, e dizendo lhe elle denunciante que não erão se-não seis e quatro e que lhe creesse, então o ditto Gonçallo d’Araujo lhe respondeo as pallavras seguin-tes, ainda que Deos mo diga o não creerêi”. O ga-mão era permitido pelas ordenações manuelinas o que não se dava com as cartas que eram proibidas sob severas penas (cf. Rodolfo Garcia, Prefácio das Denunciações de Pernambuco). Gaspar Rodrigues denunciou a Jorge Fernandes por “ter hum livro de sortes no qual se lançavão tres dados e por certos pontos e letras vião a quantas folhas avião de ir buscar o que queriam saber”, o que pareceu mal ao denunciante pois não era só divertimento mas chei-rava a sortilégio. Não deviam ser, as proibições, seguidas a risca, como tampouco o eram as leis sun-tuárias e outras. Não se contavam apenas entre os infratores gente da governança ou a ela chega-da, mas até a arraia miuda. Confessou Miguel Fernandes, lavrador cristão velho, que estando na casa de André Tavares, também lavrador, “juga-ndo com elle ao trunfo as cartas e com Manuel da Maia já defunto sendo mais presente R.º frêz (Fer-nandes) vaqueiro de João Pais que reside no Rio feroso freguesia de pojuca deo hũa porfia não se affirma de que modo na qual elle agastado, e per-turbado com cólera dixee, que discria, ou que a Re-

negava de deos”, tendo sido então censurado pelos presentes.

Outro grande passatempo na época eram os desportos venatórios, que no Brasil se tornavam uma necessidade. Acontecia muitas vezes para o caçador, ser perigoso afastar-se do engenho, havendo sempre a eventualidade de passar á caça si encontrasse índios adversos. Preferiam, daí os brancos disporem de escravos adestrados para o fim de arrecadar alimentos, geralmente selvícolas contrários dos que espreitavam os engenhos. Esses especialistas de caça e pesca, eram obrigados a manter fidelidade aos donos, porque tendo vindo de regiões distantes (como os numerosos captivos Tupí que do Maranhão foram vendidos pelos tapuias aos pernambucanos), viam-se nas mesmas condições que os negros, apavorados de cair nas mãos das tribus brabas.

Melhor era procurar desfastio nos povoados, com distrações menos arriscadas, e os registos do Santo Officio vão nos proporcionar, como sempre, alguns dados curiosos acérca de mentalidade do tempo. Francisco Camello denunciou Francisco Carvalho porque dissera não ser pecado mortal de luxúria dormirem os homens com mulheres, exéto quando fossem parentes. A afirmação muito escandalizou ao denunciante, que retorquiu ser pecado de qualquer forma, *“e do costume disse que são*

amigos" (59). Dois Antónios também denunciaram pelo mesmo motivo, a certo Sebastião Pereira, suspeito de ser cristão novo, mercador de escravos de Angola, que em prática sobre "*hũa moça casada bem assombrada cujo marido he absente de como ella era desoluta e deshonesta e usava mal de seu corpo dormindo com quem lh'o pedia*", dissera o negreiro "*que a que qua se não farta disso não pode ir ao paraizo*", e quando fôra pelos presentes admoestado pelas ímpias palavras respondera com sorriso de mofa.

Ademais, era conhecido por homem afeiçoado ao pecado da carne, que se gabava "*de frascario e sensual*". O cristão velho Francisco Barbosa da Silva, da gente da governança da ilha de S. Miguel, confessou que estando a sós com Francisco Rebelo, este lhe exprobou o procedimento por freqüentar a casa de Mécia da Gama, "*que he hũa molher solta, publica onde sospeitava que elle hia a deshonesto conversação*", e como insistisse, retorquiu o confesante, que ele fazia muito bem e que não era pecado dormir com mulheres públicas, embora soubesse que assim era, "*mas cuidou q não pecava em dizer que não era peccado dormir com ellas*".

Mais positivo e grave foi o caso do mameluco Salvador, "*filho de Jerónimo de Albuquerque e de*

(59) No começo dos interrogatórios indagava-se de costume si havia alguma inimisade entre depoente e o réu.

Maria India da terra brasilla, forra", ambos os paes defuntos em 1594, o qual confessou que estando em casa agastado com "*huns seus negros*" poz-se a blasfemar, não se lembrando si estava presente alguma pessoa branca. Confessou mais, que discutindo com o mercador João de Paz (provavelmente judeu porque o nome era dos raros na época com sombra de judaismo) de novo blasfemou porque o homem o não pagava, e finalmente estando "*em casa de pellation Ramalha molher solta. do mundo lhe dixee que dormisse cõ elle*", porque não era peccado, porém sabia que o era, "*e ella zombou delle e q outro si outras vezes não lhe lembra quantas en differentes lugares fallando com diversas negras (60) pedindo lhes o mesmo lhes dizia tambem q não era peccado e posto q elle lhes dizia isto entãde elle que bem sabiam ellas ser peccado salvo duas Anto^a e felipa de seu irmão João dalboquerque escravas brasillas as quaïs lhe parece que por serem mais simplex poderiam cuidar não ser peccado como lhes dizia*". Uma dessas mulheres públicas, uma tal Maria d'Almeida, de alcunha a "*Framenga*", talvês por ter vivido algum tempo com flamengo, foi denunciada por visinhos porque em certa ocasião desmandara-se em palavras "*em alta vox na casa d'antera*", enfurecida contra uma escrava. Eresia semelhante, com mais alguns temperos e destemperos,

(60) Ou mais exatamente índias.

proferiu a meretrís mestiça Leonor Fernandes, vista em grande bate boca com o vigário de S. Pedro Martir de Olinda, "*pellejando com elle de rōis pallavras... chamando ao ditto padre bebado, filho de cornudo e de puta*", gritando que mais valia confessar-se "*ao fanxono que a vós, e depois... se foi com outra companheira sua mamaluca... a qual mulata Lianor Fernandes he molher do mundo publica*".

Catarina Vasques, cristã velha, natural de Valhadolid "*que tem casa de vender cousas de comer e doutras mercadorias*", denunciou uma companheira desta Leonor, de nome Inês Pousadas, moça solteira, a qual lhe contara ter tido, "*alguãs vezes ou huã vez copulla carnal*" com João de Lagoa, e que estando no "*proprio acto*", desandara o dito na prática de torpesas, "*e isto contou tambem a huã alfaiata e huã Lianor mulata peccadora e a huã alcocorbada della todas vezinhas da ditta Pausadas*".

* * *

Dessas freqüentações surgiram moléstias que se associavam ás da terra para maior dano dos habitantes. Antes de tratarmos da sífilis de antiga memória, temos de ver o estado sanitário geral da colónia, e um pouco o da metrópole no período anterior á guerra olandesa, que todos os males veio

agravar. Muitos viajantes trataram do clima e da salubridade do Brasil, alguns considerando-o em extremo saudavel, outros péssimo, e outros ainda alternadamente bom e ruim, na mesma narrativa. A verdade devia medear entre ambos, não sendo o Brasil nem paraíso, nem tampouco inferno, embora entrasse graças ao intercâmbio comercial na lista da regiões flageladas pelos grandes surtos epidêmicos intercontinentaes.

Dos males que já existiam antes da entrada dos morbos europeus, africanos ou asiáticos, a questão dos alimentos, má cosinha, e abundante fauna intestinal, provindo de águas poluidas, levantavam um dos maiores problemas da nova sociedade, pelo menos comparavel ao das erosões nas melhores terras conseqüente á derrubada de matas. A mortalidade infantil atingia proporções arrasadoras. Nos que escapavam, remaneciam indivíduos com as víceras arruinadas, pequenos, macilentos, irritadiços, mal sustentados por ossos pobres. Por outra, câmaras e sessões, juntavam-se ás moléstias importadas para diminuir ainda mais o número dos brancos da colônia. A malária esparecia nas enfractuosidades das pedras, ou dos vejetaes, tanto no litoral como no sertão, deixando entre si inexplicavelmente, largo espaço sem agentes contagiosos.

Sobrepondo-se ás doenças americanas, a varíola importada tornou-se rapidamente um flagelo apavorante. Os surtos de “bexigas” europeas ocupam

lugar destacado nas notícias do tempo (61) e também serviam — é horrível dizer-se — para que brancos utilizassem as roupas dos moribundos para contagiar a indiada de que dezejavam livrarem-se. Era simples o processo; bastava deixar camisas expostas em cercas, para que os índios inconcientes do perigo as viessem roubar. No geral, quando o selvícola se apanhava com um trapo ás costas, não o despia mais, estivesse seco ou molhado, andando, caçando, nadando e dormindo com ele, até que caísse de pôdre. Compreende-se o quanto era facil nessas condições infeccionar ao pobre gentio, cujo organismo virjem para com as moléstias importadas, era devastado sem salvação possível.

Os negros também se mostravam indefesos ante as "*berigas*", que para eles era uma novidade, assim como os brancos caíam ceifados na África pela febre amarela, chegando a ser mais tarde, um atestado de alvura de tês, o número de óbitos dessa espécie registado numa família. Infelismente, o que agravava a situação para os habitantes da colônia, de qualquer côr fossem, e de qualquer contágio padecessem, era a deficiência de trato e de remédios. Um dos setores mais atrasados da cultura europea da Renacença era justamente o da medicina. No

(61) Beatris Mendes cristã nova, referiu-se numa confissão que por volta de 1578 houve em Itamaracá "*huã doença de berigas pelos escravos e negros brasís q morrião muito*", perdendo ela numerosos nessa ocasião.

correr deste capítulo, ainda teremos ocasião de voltar ás incríveis receitas da farmacopeia da época, que situava os portuguezes num plano em muita cousa inferior aos recursos naturaes dos índios. A escassês de notícias, e a confusão acerca do assunto, poucos dados nos transmitem sobre as afeções que havia no litoral norte. Aparecem alguns nos relatórios jesuíticos, aludindo o padre António Pires á um ataque de febre quartã, ou de impaludismo adeantado, que assaltou o padre Salvador Rodrigues, tal como pouco antes acontecera no sul ao principal Manoel da Nóbrega (62). Em outro trecho da missiva, refere-se ao cacique que morreu de "camaras". Ambas as duas, maleita e disenteria amebiana, vinham de focos situados na colónia, sem que nela interviessem agentes externos, embora devessem ter recrudescido de ubiqüidade pelas migrações de tribus e correrias das bandeiras organisadas pelos brancos. A mestiça de cristã nova Branca Ramires, confessou na ilha de Itamaracá em 1594, que atirara fora a água da cantareira depois da morte cauzada pelas câmaras de um seu escravo pagão. Num outro extremo da colónia queixava-se Anchieta de que, *"Este ano nos castigou a Divina Justiça com muitas enfermidades principalmente com camaras de sangue, que deram maximé nos escravos, de que morreram muitos, e tanto que parecia pestilencia. Dois,*

(62) *Cartas Jesuíticas,*

tres, quando muito quatro dias duravam com elas, que não morressem alguns, que outros escapavam". A perzistência da sua atividade, tornava-a tão mortífera quanto a varíola, que pelo menos, depois do primeiro surto, amainava durante algum tempo. As câmaras não descansavam, reaparecendo assim que a temperatura da estação se elevava. Em 1549 e 1552 estourava na Baía, no ano de 1564 em S. Vicente, em 1563 em Olinda, de onde criava ramificações no litoral submetido á egemonia pernambucana. Em 1621 assolou o longínquo Maranhão, principalmente quanto ao gentio, com "*tão má qualidade*", escreve Berredo, "*que os tocados della, que pela maior parte eram os índios, não passavam a duração do termo de tres dias*". O surto da epidemia era pavoroso. As descrições dos jesuitas ao acudir os doentes rezam que "*muitas vezes lhes ficava a pele e a carne dos doentes pegadas nas mãos; e o cheiro era tal, que se não podia sofrer*".

É indubitavel que a terra parece mais sã antes da chegada de brancos e pretos. As moléstias de uns e outros não chegavam ao mesmo tempo, porém demoraram separadas entre si por espaço de muitos lustros. Da peste "negra", que devastava a Europa nos séculos 16 e 17 não fazem menção os velhos registos. Tampouco ao cólera, e outras calamidades esporádicas ou permanentes da Ásia. Quanto á febre amarela africana, esta só appareceu ao se abreviarem as travessias do oceano. Alguns vagos indí-

cios alusivos á semelhante epidemia existem nas cartas jesuíticas, mas temos de esperar o século 18 para encontrar no Baía manifestações positivas. Não lhe podemos atribuir as febrículas, que atormentavam ao europeu recém desembarcado, ás voltas com o calor, que também molestava os bovinos importados quando expostos ao sol. Nessas condições, foi uma felicidade obter-se reprodutores do Cabo Verde, onde o gado se preparava á aclimação nos campos nordestinos, bom remédio enquanto aguardávamos o rústico zebú, providencial para as regiões inter-tropicaes.

No capítulo dos pequenos achaques, introduziam os invasores inúmeros morbos sorrateiros, como sejam, as infeções das vias respiratórias, bronquites, coqueluches, anginas, etc... inclusive o aparentemente inofensivo corisa, que predisponha o gentio ao pior dos flagelos, a tuberculose. Da lista dos males trazidos por invasores, estão em primeiro lugar os da imunda Europa, cuja população ainda vegeta na maioria das cidades, dentro dos limites de antigas fortificações, sem ar, sem luz, sem água, em aglomerações compactas, verdadeiro cadinho de todas as enfermidades imagináveis.

A África também se nos afigura um continente bem menos saudavel que a América do Sul. O tráfico negreiro se encarregou de nos trazer as piores maselas que atormentavam os negros, e não satisfeito, trouxe também as asiáticas. Segundo o ci-

rurgião seiscentista Manoel dos Santos, devemos aos escravos a “bicha” ou “maculo”; o escorbuto ou “mal de Loanda”; certas disenterias; a idropisia; a morfea; a caxexia; a sarna; a oftalmia, e muitas outras. Fazia mais o infelís captivo, propagava o germe e o seu veículo, que era o mosquito e a sevan-dija, por ele alimentados durante a travessia do oceano. Nos *Dialogos* ocorrem observações realizadas sobre o efeito do clima em índios transferidos do seu habitat: “*O não se dar bem o gentio deste Brasil em Portugal corrobora a minha razão do bom temperamento delle; porque, como vão de terra tão sadia e de tão bons ares pera essa outra que lhes fica inferior em tanta quantidade, não soffre a natureza acostumada a tão excellente habitação e temperamento, como é a terra do Brasil, de onde os levam, padecer as injurias que o tempo com seus calores e frios causa na nossa Espanha, e por isso não se podem lograr nella, e vêm a perder a vida brevemente*”. O que diz Brandônio a respeito do clima português não nos parece muito justo, pois, no geral, é recomendado a doentes, sendo quentíssimo no sul, no Algarve, onde reina temperatura africana. Por outra, muitos dos índios que foram em diversas datas levados para a França, lá viveram perfeitamente, e até deixaram geração apesar do clima ser menos temperado. O mais exáto será talvez, supormos que os selvícolas encontraram sob Carlos IX ou Luís XIII um tratamento muito supe-

rior em matéria de agasalhos e comida, num país rico e pletórico de todas as cousas, do que em Portugal onde foram nivelados com os escravos.

De melhor informação, dispunha Brandônio acerca de negros que remetidos de Angola ou Guiné para os campos e cidades ibéricas, "*vão de terra doentia e de ruim habitação, (e) se contenta a sua natureza de gozar o clima da nossa Espanha que lhe sobrepuja em todas as qualidades de mais sadia e isto mesmo succede ao gentio que se lá leva das Indias Orientaes*". Esquece apenas, o comentador, que além desses "gentios" estarem mais habituados a qualquer regime que os do Brasil, eram muito mais robustos, e como taes resistentes ao intenso trabalho obrigatório e mudança de ração alimentar.

;

* * *

Martius escreveu um ensaio sobre a medicina dos indígenas com que travou relações, na maioria Tupí, opúsculo ainda hoje interessante no estudo do antigo aborígene (63). Os conhecimentos dos curandeiros feiticeiros atravessaram séculos sem muitas alterações, tornando possível ao sábio alemão inteirar-se no primeiro quartel do século 19 de processos ameríndios bastante parecidos com o dos Potiguar, Tabajara, Caeté e outros contemporâneos de Duarte Coelho. Os cronistas da época magnificaram aquela

(63) Publicado e comentado por Pirajá da Silva.

arte, rivalizando Gabriel Soares com Fernão Cardim na enumeração de remédios indígenas tirados da opulenta flora americana. O aproveitamento desses recursos, era cousa nova no tempo em que o sábio Garcia da Horta, também divulgava inúmeras espécies vegetaes asiáticas úteis aos europeus.

Quando se descobriu o Brasil a moléstia que mais preocupava a humanidade eram as boubas, assim chamada por espanhoes e portugueses por um galicismo difundido entre médicos e leigos. De ha muito proferiam os castelhanos a velha praga "*malas bubas te coman los ojos!*", que apareceu com recrudescida virulência, nas partes do corpo ainda indenes depois da volta de Cristovam Colombo da América. Ao que parece, o mal estuou nos portos do Mediterrâneo em 1493, contagiados pelos marujos da expedição. Sobre a controvertida origem da sífilis, emprestada por uns a ilha de Hispaniola (antigo nome da atual Haití), por outros a Nápoles, por outros a germens que europeus levaram as Antilhas e lá se desenvolveram, existe enorme literatura de que destacaremos *O Tratamento das Boubas no Hospital Real de Todos os Santos* do médico português Sebastião da Costa Santos. A decida que os franceses fizeram na Itália em 1494, em que "*yban muchos españoles en ella inficionados d'esta enfermedad*", segundo Ruy Diaz de Isla, concorreu espantosamente para espalhar o mal, que daí por diante passou a receber quanto nome possível, francês

para os italianos; napolitano para os franceses; alemão para os polacos; polaco para os russos; turco para os persas; e provavelmente persa para os turcos; portuguezes para os japoneses, e assim por diante, tal como depois da guerra de 1914 a peste proveniente do morticínio nos campos de batalha foi batizada gripe espanhola.

O terror que inspirava a sífilis era justificado não só pela incrível rapidês com que se propagava, como pelas conseqüências. Os médicos não sabiam como se haver no seu combate e fugiam dos doentes. A terapêutica consistia principalmente no uso de unguentos mercuriaes, applicados em doses cavalares, não se sabendo por fim o mais perigoso — si a doença ou o seu remédio. Um espirito cheio de engenho, o médico Fracastor, intentou segundo costume antigo, publicar em verso a descrição da nova calamidade. Descreveu-a com invulgar cuidado, nos seus sintomas, na sua marcha e nos vários graus da infeção, onde "*La parte pecante es la parte paciente*", na opinião do licenciado Villa Lobos, "*estudiante em Salamanca*", ou como diziam os franceses, indigitados responsáveis, "*L'on est puni par où l'on a péché*".

Nos papeis do Santo Offício e outras fontes, temos alusões a doentes, que é preciso admitir, tanto podem ser de mal importado como de autóctone. Assim, Violante Pacheca (costumavam afeminizar os nomes de paes e maridos quando se tratava de

mulhér) confessou sobre os evangelhos que era cristã nova, casada com cristão velho, sogra de Simão Soeiro. Perdera na Paraíba dois filhos, um deles era comedor de terra, com aparecimento de "*empolhas que presumirão seer de boubas*". Pelo que disse mais, parece caso de "frialdade", onde a ingestão de terra destina-se a acalmar o estômago afetado por parasitas. Num outro depoimento, João Ribeiro diz que estava em casa de Jorge André, "*curando-se de chagas*", as quaes podiam ser de vária orijem. António de Andrade Caminha, casado com Margarida Soares, da gente da governança de Olinda, aludia em 1594 a seu irmão Francisco de Andrade, "*que está óra muito enfermo de boubas*". Domingos da Costa denunciou António, criado de um carpinteiro, por suspeita de homosexualidade, o qual estava, "*tambem em camisa moço bochechudo e de sobrançelhas grossas, e que tem na testa sinal de boubas*".

Em Pernambuco foram ás veses confundidas com o piã ou miã; até que a boubá propriamente — ou impropriamente chamada — se tornou moléstia á parte, com manifestações algum tanto semelhantes as da sífilis, mas de fundo diverso. A respeito dizia Alviano, "*tenho visto muitos homens faltos de narizes e com remendos pelo rosto, e outros meios entrevados; cláro indicio de haverem sido tocados do humor boubatico, a qual enfermidade tenho pera mim que domina desta parte com grande excesso*". Não ha dúvida que os sintomas aparentam alguma analo-

gia, tendo-a encontrado o domínico Labat nas Antilhas sob o nome de *epian*, e Piso no nordeste, "*Quae quidam lues huic regioni est Endemia, & Bubas ab Hispanis atque miá Brazilianis appellatur*". Na Baía foi descrita por Gabriel Soares entre os indígenas "*mui sugeitos á doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mormente enquanto são meninos*", tingido os paes ás bostelas com Genipapo para fazelas secar. No Rio de Janeiro quinhentista tomava nome de *pian*, commum em adultos e infantes, e no outro extremo da colónia, no Maranhão, Yves d'Evreux examinou os feridas que produzia, julgando exederem as do mal de Nápoles, e que eram bem merecidas, para castigo dos devassos franceses amancebados com índias. Também sobre a bouba versaram Nóbrega e Anchieta, e mais tarde, o médico Bernardino António Gomes que a classificava como sendo o flagelo da escravatura no Brasil. No século 19 foi confundida com uma porção de outras afeções inclusive a leishmaniose, até que os estudos de Pirajá da Silva e outros cientistas, rezolveram as incertezas sobre o assunto. Supõe-se que esta última moléstia seja americana, ou que existisse na América e simultaneamente em demais continentes, mas quanto á sífilis e lepra, não ha dúvidas que foram importadas no Brasil.

A filária foi igualmente bem descrita por Labat, assim como a sua pitoresca extração, em que era enrolada como fio de linha em redor do corretel. O

Ainhum, que mutilava os pés dos escravos era doença privativa dos africanos, catalogada em nossos dias nas várias modalidades de lepra. Por aí se vê, que esta não veio somente da Europa, mas também da África, embora sob outros aspétos. O Ainhum felizmente não se adaptou ao meio, como não perzistiu através de dois séculos o maculo. Labat o considerava "*le plus dangereux & le plus cruel qu'on se puisse imaginer. Les Portugais l'ont appellé bicho de cu ou ver du fondement*", supondo que tivesse ido para a França onde o conheciam por fistula do anus. "*Et pourquoi non? Le tabac & le mal de Naples y on bien passés*", dizia o frade e como em a natureza não ha mal sem remédio afirmava que existia nas Guianas e principalmente no Brasil, o específico. Eram as folhas da árvore chamada Tapia pelos índios, que se applicavam na parte doente sob forma de cataplasma. Na falta desse mirífico recurso uma decoção de mandioca com sumo de limão dava o mesmo resultado, remédios em todo caso, mais brandos e que o famoso sacatrapo dos portugueses, espécie de bucha feita de pano, embebido numa mistura de pimenta, pinga e pólvora, que se introduzia no doente.

No mesmo plano de moléstias importadas, mas que ficaram no Brasil, temos o bicho do pé, encontrado no Congo desde tempos imemoriaes, porém só mencionado cientificamente pelo médico suiso Sebastião Braun em 1610. Outros males embora me-

nos mortiféros que a variola, lepra, tuberculose galopante, ou sífilis, também vieram para o Brasil com os pretos nos porões negreiros, ou com os brancos amontoados na coberta. É possível que muitos sejam antigos, outros recentes, entrando para a categoria das febres africanas propagadas pelo mosquito, ou tifo exantemático que nos chegou com os imigrantes dos Balcãs e da Europa oriental. Iriamos longe nesse andar e mais vale por enquanto, correr rapidamente os olhos sobre a terapêutica outrora á disposição dos habitantes da colônia.

No século 16 havia enorme fé em remédios como a "*pedra bezar*", ou bezoar, que era um cálculo de ruminante considerado panacea de todos os males. Indicavam-n'a especialmente á guisa de contra veneno, e antídoto para febre pestilentas. Ocioso dizer que aos poucos se desmoralisou no Brasil, onde era facil contrair-se sesões pelos deltas dos rios que umedeciam as melhores terras de cultura. Nos relatos de missionários como a expedição do padre Pinto no Ceará, encontramos referências a este meio curativo junto do "*licórnio*". Outra panacea era a sangria, acompanhada de clisteres, que se applicavam na mais larga escala, com ou sem propósito, porém de combinação com influências astraes. Ainda no reinado de Felipe II, quando Brandônio dialogava com Alviano, discutiam os médicos de S. M., si era ou não favoravel a lua antes de proceder a uma lavagem nas régias entranhas.

Nessas condições, imensa superioridade apresentavam os remédios indígenas, que, não obstante também se mostrarem cercados de sortilégios, possuíam virtudes realmente curativas, verificadas em múltiplas experiências. Os trabalhos no gênero do *Tratado Descritivo* de Gabriel Soares, enumeram para uso dos povoadores reinoses, as maravilhas da botânica brasileira. Os cajús eram de natureza fria, ótimos para salvar os milhares de escravos que adoeciam pela falta de vitaminas na alimentação das senzalas. Id. a fruta da Mangabeira, sendo o cambuí bom para o fígado, ao passo que o arará curava caimbras. Do bálsamo extraído da Cabureíba fazia-se recurso "*excellente para curar feridas frescas*". Id. com o óleo da Copaiba e de Embaiba. Com a folha pisada do Carobuçú saravam as boubas. Id. com o Camará. Id. com a Tayuva, obtendo-se com a Caraobamirim suadores que expeliam o tumor maligno torturando os doentes. A Almácega dava emplastro com que rapidamente vinham as postemas a furo, de que preparavam os índios unguentos para quebraduras de pernas. A Cuipenna era indicada para curar feridas velhas, assim como a Mucuna a Guaxuina. O Petume ou tabaco, "*muito estimado dos índios e mamelucos e dos portugueses*", ao qual se atribuía toda sorte de milagres, tinha ainda a propriedade de "*esmoer o vinho*". Também dava resultado o Tararaçú, no combate aos vermes das feridas, tanto que, "*Deu na costa do Brazil uma*

praga no gentio como foi adoecerem so sêssô, e criarem bichos nelle, da qual doença morreu muita somma d'esto gente", moléstia que cedeu com a descoberta do desinfetante. Da afirmação de Gabriel Soares pode-se inferir que o maculo seria exótico no Brasil, e que só apareceram meios de combater-lo depois de fazer muito dano, como succede ás afeções por completo desconhecidas. O Jeticuçu era uma erva que tinha batatas "*maravilhosas para purgar*". O Pecacuum era emético contra as câmaras de sangue. O Jaborandí além de ser bom para a pele depois de barbear, igualmente concertava "*quem tem a bocca damnada, ou chagas nella*". As ervas chamadas Jaborandiba que davam na terra baixa eram eficazes no tratamento do fígado e de dor de dentes. A Peipetaba curava "*o mal do sêssô*", e a Campuava cozida aliviava os pés cansados e feridos.

Junto de plantas medicinaes havia as tóxicas. As folhas e certas raises da mandioca eram perigosas comidas cruas pelo homem, e inofensivas para os animaes. A erva Caamcuam era venenosa para ambos, porque tendo Gabriel Soares percebido que matava o gado mandou "*mais de duzentos escravos arranca-la do campo, os quaes não puderam aturar o trabalho mais que até o meio dia; porque todos adoêceram com o cheiro della de dôr de cabeça, o que fez espanto*". Muitas havia pelos campos venenossíssimas para homens e animaes, assim como tam-

bém se encontravam curativas, tal a Carobeira, (*Cassia Occidentalis L*), ou o Cambará.

Os matasanos da época domiciliados na colónia eram preferidos pelos reinos, que se curavam segundo os *Dialogos*, “*com medicos, barbeiros e cirurgiões portuguezes*”. Um deles, o cristão novo Pero Anriques, blazonava-se de “*fisico e çolorgiam, que diz ser doutor pello Conde palatino*”. Mais modestos eram os padres da Companhia de Jesus, que se improvizavam médicos pelo amor do próximo, dispensando títulos para impressionar a clientela. Em toda parte para onde iam, levavam consigo uma botica, que tanto socorria a eles quanto aos leigos. Composta a ordem de homens inteligentes e observadores os escritos que deixaram contêm muitas informações sobre medicina no Brasil. O padre João Gonçalves, por exemplo, curou uma índia que se finava de câmaras, com um emplastro de almácegas e azeite, “*porque cá não ha outros matereaes*”, escrevia entre parêntesis, e a salvou. Anchieta fazia marmeladas de Ibas, Camucís e Carases para a mesma doença, e conservas de Ananases, “*para dores de pedra*”. O tabaco recebeu dos padres o maior louvor, figurando nas plantas úteis ao lado da Ipecacuanha e mais arbustos de averiguada ação médica. Fernão Cardim enumerou 14 espécies vegetaes no *Clima e Terra do Brasil*, que até hoje são empregadas na medicina. O interessantíssimo *Tra-tado* de Francisco Soares antecede Martius quando

versa as cousas mais notáveis do Brasil e costumes de índios, e fala nas “*ervas que Dioscorides não teve conhecimentos nem fez menção alguma*”. A *Enformação* atribuída a Anchieta, mas que Serafim Leite verificou estar assinada por Cristovam de Gouvea, e trazer o estilo de Fernão Cardim, dá interessantes notícias sobre doenças, medicamentos e higiene alimentar nas capitánias.

As observações dos jesuitas pelo cuidado com que eram feitas, destacavam-se das escritas pelos contemporâneos leigos ou eclesiásticos. Francisco Soares, Anchieta e Cardim, descrevem o instrumento inoculador de peçonha das cobras, “*vem das gengivas e corre por um rego que o dente tem, como eu vi*”, informa o primeiro (64). Não admira, pois, que no correr do tempo, valendo-se os padres do seu cabedal científico, recebendo para mais o ensino do índio, com os quaes tinham íntimo convívio, viessem a alargar a variedade de remédios existente na botica jesuítica. Algumas receitas tornaram-se famosas, como a *Triaga Brasílica* que chegou ao auge da celebridade quando o decreto do marquês de Pombal seqüestrou os bens da Companhia de Jesus. Um dos motivos da medida, era como sabemos, a crença de que os operosos missionários, fossem donos de imensas riquezas, pois a atividade reinante onde estivessem estabelecidos, contribuía

(64) Serafim Leite. Ha. da Companhia de Jesus no Brasil.

para a sua difusão. Todos os bens a Companhia foram pormenorissadamente arrolados na promulgação do decreto, escrevendo o desembargador Francisco António Berquó, que a *Triaga* “*por ser pronto o seu efeito... não faltaria quem desse pelo segredo tres ou quatro mil cruzados*”.

Considerava-se perdida a fórmula extraordinária quando a depararam na *Collecção de Varias Receitas e Segredos particulares das principaes Boticas da Nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao, e do Brazil*”. No título nota-se que os inácinos aproveitavam os elementos da nossa flora, juntamente com os demais de outras partes do mundo. Com seus trabalhos estimulavam o intercâmbio económico e científico entre as lusas possessões, que muito devia estimular a troca e aclimação de espécies, de um continente para outro, mais tarde atribuído por Schweinfurth ao tráfico negreiro no Brasil. Os componentes de ordens missionárias aquí destacados, interessaram-se nas pégadas dos jesuitas, pelas plantas medicinaes, tendo a miude oportunidade de prezenciar o que delas obtinha o gentio. Franciscanos, beneditinos e carmelitas compunham boticas para os pupilos das missões, alunos dos colégios, e uso da povoação em geral. Imensos serviços prestaram durante as epidemias, além dos resultados económicos que deram entre nós, muitas das espécies por eles introduzidas.

Yves d'Evreux tratou das feitiçarias de um pagé guassú, detentor da parica, ou como diziam os franceses, "*herbe aux sorciers bien autrement puissante en Amérique que celle de l'Europe, qui l'est déjà beaucoup*", e mais receitas misteriosas. Vatinava o franciscano, "*Le fait que vous croyez que ces pays sont autant fournis d'arbres médicinaux, de Gommés salutaires et d'herbes souveraines, qu'aucun que soit sous la voute des cieux. Le temps le fera connaître*". Conforme previa, a contribuição da flora derramava dádivas a aliviar males antigamente julgados incuráveis. Aportavam nas capitâneas embarcações de naus transoceânicas, sofrendo a consequência dos longos dias de travessia, em que os gêneros se deterioravam e apareciam as moléstias de carência. Desembarcavam com escorbuto ou beri-beri, ás portas da morte, não tardando a melhorar graças supunha-se, aos bons ares da terra. Hoje a ciência apresenta outra versão para a cura, atribuindo-a á mudança de regime, quando os pacientes faziam o uso de frutos ricos de vitaminas. Por este motivo, os compradores de negros examinavam-n'os com o máximo cuidado antes de fechar negócios, narrando Zacarias Wagener, que os negociantes portugueses e neerlandeses se esforçavam por verificar si os cativos não sofriam de escorbuto, sífilis ou outra moléstia grave. A abundância das águas no litoral e facilidade de tomar banhos lavavam os viajantes, fazendo com que sarassem muitas moléstias da pele. Pretendia Brandônio, que Per-

nambuco estava livre de piolhos, persevejos, e a "*cantidade de pulgas do nosso Portugal*". Continuando no seu desmedido entusiasmo, dizia que os bichos de pé tinham por missão evitar que os pernambucanos adormecessem numa vida por demais despreocupada, "*pela falta que ha na terra das mais imundicias que (nas Espanhas) nos molestam*". Recentes pesquisas chegaram infelizmente tarde para o arauto da capitania, que não suspeitava pertencer o *pulex penetrans* á fauna exótica importada. Mesmo sem esta informação, Alviano impressionado pelo companheiro, proferia que "*Só por gozar da falta dessas cousas podia homem largar Portugal, aonde tanta molestia dão e vir-se a viver no Brasil*".

Desconfiava porém Brandônio, que o anoitecer era menos inocente em o novo mundo que na Europa. "*A lua se tem por menos sadia, e como tal (os habitantes da colônia) se guardam d'ella*". De fáto, depois do por do sol, é que mais atividade desenvolvem os mosquitos na propagação das doenças tropicaes, sendo curioso reparar que no tempo dos *Dialogos* o fenómeno não era conhecido, e só no fim do século 19, descobriu-se o agente transmissor das febres. Às veses, práticas empíricas acertavam num bom tratamento, preparando as velhas mucamas da casa grande um remédio para a tosse dos filhos do senhor, feito de "jasmim de cachorro", seco, pulverisado com leite e mel, contendo grande quantidade de substância calcárea. Mas o atraso da medicina não podia de forma alguma solver em 1600 certos

problemas, e quando queria divulgar no velho mundo alguma descoberta, incidia geralmente em opiniões como as de Ruy Dias de Isla, que apregoava o guaiaco da América Central, como soberano para tratamento da sífilis. O mais comum, eram barbeiros e sangradores, "*físicos e çolorgiões*", atermem-se a velhas práticas firmadas pela rotina. Narra a propósito Jean de Lery, que o barbeiro do navio em que tornou á França, levou amostras do óleo espesso e avermelhado que os indígenas chamavam *Couroc*; provavel Urucú; e algumas vasilhas do maior interesse para a sua charlatanice, contendo "*de (la) graisse humaine qu'il avoit recuellie quand les sauvages cuisoyent & rotissoyent leur prisioniers de guerre*".

Os esculápios que ficavam no Brasil, inda não fossem atentos como Garcia da Horta, deviam sentir-se impressionados pelo efeito das plantas indígenas convenientemente applicadas ao tratamento de moléstias. Alunos de Salamanca, ou com prática no hospital de Todos os Santos de Lisboa, no fim de alguma demora na colónia, tinham de admitir a evidência. Ademais, no isolamento causado pela escassês dos brancos, pelas distâncias, e falta de communicações, os povoadores tratavam-se a si mesmos, logo descobrindo na farmacopea indígena panaceas milagrosas. Somente, desta feita em ves de pedra de besoar ou de licórnio, era o óleo de Copaiba que lhes permitia precindirem de "*cirurg-*

giões, porque cada um o é em sua casa", no dizer de Gabriel Soares. Foi com esses recursos que se procurava acudir as "câmaras" destruidoras de escravos no surtos de bexigas a fulminar expedições de conquista.

Em auxílio da medicina segundo hábito lusitano, intervinha a caridade, que elevava ao lado do orago da povoação, e senado da câmara, a Santa Casa de Misericórdia. Graças á generosa filantropia de ricos e poderosos, e do governo sempre acessivel a este gênero de iniciativas, conseguiam os hospitaes acompanhar o crescimento das povoações. O legado de Duarte Gomes da Silveira durante a conquista da Paraíba, e muitos iguaes, prestaram bons serviços aos doentes, bem ou mal tratados, com acertada ou ineficás terapêutica, mas que lhes dispensavam pelo menos algum amparo na mansão dos infelises.

* * *

Depois dos males físicos temos outros muito mais graves para os quaes não raro faltam preventivos, sem cura possível, nem sequer leve consolo. A ordem nas capitánias era mantida pelos Regimentos outorgados aos capitães mores, pela severidade das leis, e principalmente graças ao ambiente patriarcal formado á roda do donatário ou régio governador, em que todos se conheciam, se ajudavam ou se favoreciam por necessária solidariedade, embora nem sempre se estimassem. A providência

do edifício colonial residia na poderosa argamassa que juntava os elementos pares e díspares num bloco massiço. O principal elemento aglutinante era o espírito religioso, de que hoje é quasi impossivel imaginar a extensão e poder. Em todas as manifestações políticas, económicas, ecológicas ou moraes, havia inspiração cristã, ou giravam em torno de problemas espirituaes. A captura de índios; a vida sexual; a organização da família; a ética de cada indivíduo; depẽdiam dos ensinamentos da igreja, das suas leis, tradição e conselhos. Percorrendo a escala social, a começar pelos grandes, encontramos os mandamentos da fé poderosa, em que repouzavam o direito de reinar dos monarcas, e a obrigatória obediência dos súditos, para maior bem da coletividade.

O pecado e a salvação da alma eram a obceção dos que se moviam nos povoados católicos, fosse na séde do império, fosse no mais humilde arraial brasílico. Divulgam os registos do Santo Ofício os mais estranhos aspétos dessa religiosidade, que podemos acompanhar através de todas as classes e castas, desde o escravo até os próximos do donatário. Um dos casos que mais freqüentemente aparecem, nos expontâneos depoimentos perante a mesa da inquisição, era o celibato dos eclesiásticos. Esta antiga providência dos primórdios do cristianismo, destinada a impedir que os ministros da religião desviassem os recursos da igreja em proveito próprio, dera efeito bastante paradoxal no correr do tempo. To-

lhendo o lar ao servo de Deus, queriam os primeiros teólogos, ainda na era alexandrina, que por completo ele se consagrasse á sua missão. Na prática, infelizmente, surgia a diferença de condições, que nos leigos começa entre os solteiros e os casados, uns livres, outros cativos, uns em aparência podendo satisfazer todas as vontades, outros limitados ao orizonte do lar, uns realizando quando desejam obras de benefício geral, outros, coagidos pelos encargos de família, a se preocuparem em muito louvavel egoísmo, apenas com a sorte dos seus. A um proletário que se sobrecarregara de filhos, antes de dispor de recursos para sustenta-los, afigurava-se a vida clerical odiosa de inutil felicidade em confronto com a sua miseravel existência. Muitos habitantes do reino e de além mar, pensariam do mesmo modo, julgando que depois de elevada a capela, construido o convento, cultivadas as terras que por vaidade ou devoção os ricos doavam ás ordens religiosas, nada mais tinha que fazer o clérigo que rezar, dizer missa, dar conselhos, alimentar-se e dormir. Principalmente no começo do estabelecimento dos europeus no litoral da colônia, era difícil convencer um povoador leigo dos inestimáveis serviços que antes dele vir á terra lhe tinham prestado os religiosos na obra das missões. O fato de desarmarem milhares de guerreiros, que de outra forma não deixariam ninguem em paz, era incompreensível ou mal interpretado. Irritava-se o

povoador de baixa estirpe (em que a educação religiosa não coíbia os assomos de ambição), contra os que punham obstáculos ao resgate de cativos, e retinham tantos braços nas "aldeas". Doutrinar índios parecia-lhes tempo perdido, pois não passava o gentio de besta que a poder do látigo devia ser compelida ao trabalho. Francisco Luís, sapateiro e soldado, foi denunciado ao Santo Ofício quando externava a opinião de muitos habitantes, por ter dito na Paraíba que os "*pitiguares não têm alma mais que hu porco*".

A conquista da Paraíba é o melhor exemplo da mentalidade dos povoadores e funcionários reiuños. Receberam os jesuitas que tinham acompanhado as expedições nos momentos difíceis, servindo de intérpretes ou de embaixadores, como paga de serviços a expulsão da capitania, porque não transigiam quanto á liberdade dos catecúmenos. Em 1549 Pernambuco passava da periclitante regência de Da. Beatrís de Albuquerque, e do seu irmão o inválido Jerónimo, para as mãos de filhos inexperientes. Na mudança operada em meio de dificuldades, o auxílio dos inacinos foi considerado providencial. Tinham os padres um modo milagroso de se aproximarem do gentio parecendo exercer sobre ele a fascinação do domador sobre a féra. Mas dissipado o perigo e pacificada a zona das melhores várzeas, Antonio Gonçalves Manaya exclamava em 1590, que mereciam os padres lhes quebrassem as cabeças,

“pois o queriam obrigar... a elle e a outros que largassem por forras as peças que elles trouxerão do sertão”.

Com a mudança de condições da capitania, também mudava o espírito público, entretendo-se os povoadores com um melindroso assunto, que suscitava o maior interesse no vulgo, e desagrado no clero. Certa vez, perante a mesa inquisitorial narrou Manoel Garro *“no Porto do Calvo no alpendre de Gomes Martins... tiverão com elle grande grita e porfia... não lhe lembra quaes pessoas erão... os quaes sustentavão com grande porfia que melhor era o estado dos casados que ho dos Religiosos”*, defendendo aos segundos a testemunha, que acrescentara ter visto *“em Lixboa nos cadafalsos penitenciarem alguãs pessoas por dizerem que melhor era o estado de casados que ho dos religiosos”*. A cerimônia do gênero realizada em Olinda na matrís, moveu Manuel Pinto a confessar-se da heresia embora não houvesse contra ele outra testemunha que o seu sogro. A mesma teima se levantou ao jantar entre Manoel Soares e Domingos Francisco, assim como entre inúmeros outros habitantes das redondezas, a dizer o quanto o ponto controvertido apaixonava os espíritos.

Além da diferença entre o clero e os leigos sabiam os habitantes descobrir assuntos nos evangelhos para discussões infundáveis, que lembram o passatempo dos judeus concentrados nas judiarias,

esmiuçando durante dias a fio subtilesas do talmud (65). Gaspar Rodrigues meio cristão novo, boticário de Dom Jerónimo de Almeida, governador de Angola, de passagem pelo Brasil, denunciou em Olinda o veador e secretário do fidalgo, de nome Luís Mendes, "*mancebo de trinta annos barbipreto, alvinho, meão do corpo*". Versava uma prática em que desandaram, "*a fallar na Sanctissima Trindade e o ditto Luis Mendes diz, que... o filho era a terceira pessoa e que o Espiritu Sancto era a segunda pessoa e que o padre era a primeira pessoa. E loguo elle denunciante lhe foi a mão dizendo 'lhe que quanto era o ser o Padre a primeira pessoa que era verdade, e isso lhe aprovou, mas que quanto era ho mais que elle dizia de seer o Spiritu Sancto a segunda pessoa e o filho a terceira que isso era falso, e erro, e loguo lhe alegou com os artigos da fee, o primeiro creer que he padre, o segundo creer que he filho, o terceiro creer que he Spiritu Sancto, mostrando lhe com esta rezão e com outras como o filho he a segunda pessoa e ho Spiritu Sancto he a terceira, e contudo o ditto Luis Mendes lhe contradixe persistindo em seu ditto e sustentando que he o filho a terceira pessoa repetindo e affirmando isso per duas ou tres vezes despois de seer reprehendido*

(65) Nas judiarias passavam os rapases dez e doze horas diárias a decorar o talmud sob vigilância do mestre, de vara ou palmatória em punho, período em que se preparavam ao conhecimento dos textos sagrados.

per elle denunciante e pera confirmação de seu ditto errado lhe alegou com hum painel seu delle mesmo Luis Mendes que na parede pregado tinha de Coração da Virgem Nossa Senhora onde estavam as imajens a saber em meo a Senhora, e da banda da sua mão direita o padre e da banda da mão esquerda della o filho e entre o Padre e o filho o Espiritu Sancto, então o ditto Luis apontava lhe pera as dittas imajens pella ordem sucessiva em que ellas estavam postas dizendo que a primeira pessoa era o Padre e que a segunda que era o Espiritu Sancto que loguo estava e que a terceira era o filho que alem estava, e loguo elle denunciante lhe contradixi aquelle seu modo de apontar as pessoas dizendo lhe que não se pintavão alli as tres pessoas por aquella ordem que elle tomava mas que, entre a primeira pessoa do padre e a segunda do filho estava alli pintada a Senhora e que do meo de cima descendia a terceira pessoa do Espiritu Sancto e contudo o ditto Luis Mendes não consentio com elle, e perseverou em seu ditto errado, então elle denunciante lhe dixi que pois se não confiava delle que perguntasse aquillo a hum padre letrado e o ditto Luis Mendes lhe respondeo que não tinha que perguntar e assim ficou sempre em seu erro e... antes de se apartarem dixi mais o ditto Luis Mendes que Deos Padre era mais velho que Deos Filho, e logo elle denunciante lho contradixi alegando lhe que as tres pessoas da Santissima Trindade erão ab eterno igualmente e não avia nellas

ser huã mais velha que outra, então o ditto Luis Mendes lhe perguntou quantos annos avia que nasceo Nosso Senhor Jesu Xpõ, e entendendo elle denunciante que o seu intento era naquella pergunta querer dizer que se avia mil e quinhentos e noventa e tantos annos que Xpõ, nasçera que mais velho era o Padre pois já de antes era, logo elle denunciante lhe foi a mão a seu ditto dizendo que huã cousa era dizer que o filho encarnou e se fez homem ha mil e quinhentos e noventa e tantos annos porque isto era verdade e que muito differente cousa era dizer que ho Padre era mais velho que o filho, porque isso era falso porque posto que o filho encarnou e nasceo homem avia tantos annos contudo antes disso sempre foi com o Padre então o ditto Luis Mendes mostrando que o que dizia era entendendo do filho enquanto homem consentio com elle denunciante que enquanto Deos sempre o filho igualmente foi com o Padre e depois disto cessou a pratica". O occorrido despertou a atenção das autoridades ecclesiásticas, e sendo as testemunhas convocadas á mesa, e o próprio Dom Jerónimo desculpou Luis Mendes, que não pudera comparecer logo perante o Santo Officio.

A denúncia complicava-se, visto o acusado ser antigo estudante em Évora em ves de rústico analfabeto. Surge-nos com este caso, mais um exemplo da imiçãõ por parte de um converso, do espirito ebraico no catolicismo, a decompor, dissociar, desintegrar o dogma até as suas mínimas partículas. Parecia passatempo de cerebral gasto, pertencente á

velha raça esmaecida por sutilezas, que em aparência está exânime, balda de poder creador, quando em realidade, conserva intáta a prodigiosa energia com que se mantém viva e ardente através dos séculos.



As blasfêmias sinificam muitas veses manifestações de fé, segundo a importância que lhe atribue o blásfemo. Quanto mais certo do pecado, mais intenso lhe parecerá o desabafo. Assim, Álvaro Velho Barreto, exclamava por causa de uma partida de assucar, que descreia em Deus, com grande horror dos que o ouviram. Mais adeante, encontramos a denúncia de Francisco Gonçalves contra um marinheiro, porque dissera em altas voses, "*arrenegava Christo e cagava em S. Pedro*", blasfêmia estranhavel em gente do mar, no geral acendradamente religiosa. Gaspar Manoel também presenciara, quando fôra vizitar um casal, Luzia Borges contendendo com o marido, "*dizendo lhe que era somitigo com hũ seu negro... e... com agastamento que... arrenego de Deus... e tomarei huã corda e enforcarme hei*", pelo que logo indagaram os da mesa si ela estava sob império de qualquer perturbação além da cólera, ou apenas irada com o marido.

Outros casos havia de estranhos escrúpulos, como o receio de vir a praticar um incesto compadresco manifestado por Gaspar Fernandes, ao depor que, estando em conversa com várias pessoas,

entre as quaes um tal Gabriel Fernandes, veio a se falar "*em cousas de molheres*". Referiu-se então a uma índia, "*e ho ditto Graviel Fernandes disse que já elle a dormira, então elle denunciante por quanto he compadre do ditto... de cujo filho foi padrinho no baptismo respondeo que não podia elle... ter copula com a... negra pois... seu compadre a tivera já e o ditto Gavriel Fernandes respondeo, que isso não fazia ao caso porque inda que erão compadres bem podiam ir ambos a huã mesma molher, e que correndo assim na mesma pratica dixe mais... Gavriel... que não era peccado dormir com molher solteira*", tendo nesta altura indagado os inquisidores, "*se estava o ditto Gravriel Fernandes bebado ou fora do seu juizo*", quando dissera tamanha heresia.

Os depoimentos perante o Santo Offício possuem grande sinificação, porque a maior parte das denúncias e confissões, acudiam expontaneamente pelo receio da perdição da alma do denunciante, ou na esperança de salvar a dos outros, fazendo com que empedernidos pecadores abandonassem os mal feitos. Não devemos esquecer a data da visitação no ocase da Renacença, quando as fogueiras purificadoras das Espanhas correspondiam aos clarões dos incêndios ateados ao norte, na luta entre católicos e protestantes. O zelo religioso da península exacerbava-se na atmosfera de ameaça que pairava sobre a crença, tornada aguda no proletariado pelo receio do schisma luterano e questão ebráica. A imprudência de alguns judeus exaltados, ia de encontro ao

fanatismo da parte contrária (66), revivendo o espírito que desencadeara sangrentas matanças na Idade Média. A animadversão cercando os cristãos novos nas capitanias era mais suspicás que no reino, pela estreitesa do ambiente colonial. A vida dos conversos, as suas atitudes, os seus menores atos, eram espiados, esquadrinhados, analisados pela maioria contrária. Pensamos que judeu algum, assim como muitos dos seus mestiços, estejam fora dos registos inquisitoriaes, onde os nomes, e pormenores da sua existência foram muitas vezes repetidos. Os alimentos que preparavam, as roupas que vestiam, a atitude que mantinham na igreja, os di-

(66) Para se ajuisar a que ponto chegava este fanatismo basta ler a denúncia do padre Domingos Madeira contra o seu colega Gaspar Soares: "*estando em casa do vigário... de Santo Amaro... acabando de jantar... Gaspar Soares... disse... cam bom he Deos então o ditto padre Joam Gonçalves Campos lhe disse que como dizia elle aquella pallavra, cam então... Guaspar Soares tornou a dizer... digo bem, cam, judeu, perro, elle não nasceu de judeus? E então elles todos circunstantes o reprehenderão... então o ditto... tornou a dizer... ainda digo, cam, judeu, perro, arrenegado, pois elle nasceu do povo judaico, então elles ficarão confusos sem fallar por hum breve espaço de tempo, com admiração ao ditto. Gaspar Soares chamar taes nomes a Christo Nosso Senhor*". Parece incrível que tal acontecesse por parte de um sacerdote e naquele tempo. Só mesmo um delírio igual ao que vemos atualmente em certos países, vítimas de propaganda tendenciosa, nos ajudam a medir o seu alcance,

zeres dos filhos, as opiniões que expendiam em conversa íntima, ou no perigoso momento “*ao sair da mesa*”, eram objéto de comentários que davam incrível pasto á mitomania popular. Si quizéssemos enumerar os casos de heresias atribuidos aos cristãos novos teríamos de reproduzir os volumes do Santo Offício, que em boa hora Paulo Prado divulgou em homenagem a seu tio Eduardo, sob a epigrafe “*Para melhor se Conhecer o Brasil*”.

Judeus também denunciavam cristãos eterodoxos, demonstrando curioso interesse pelas interpretações religiosas, em que reçumava como vimos, o interesse ebraico por especulações teológicas. Gaspar Duarte aparentemente converso sincero, alvoroçou-se por ter ouvido o vigário Francisco Pinto Doutel, dizer que não dava crédito ás digressões dos doutores da igreja acerca da “*praedestinação*”. De outra feita, acrescentou que não se persuadia que Nosso Senhor se puzera na cruz para nenhum Cristão se perder, e que finalmente no dia de reis, apregoara o vigário que os seis magos, “*apresentarão a Xpõ. ouro como Rei universal da terra, e ensenso como Deus, e mirra em sinal que se avia de mirrar na sepultura a qual pallavra muitas pessoas tacharão e elle denunciante disse ao ditto, que não dissera bem... por que Xpõ. não se mirrar na sepultura mas lhe fora offerecida a mirra em confissão de ser verdadeiro homem*”. Outros crentes também se ofuscaram com o Doutel, e eclesiásticos mais doutos censuravam os habitantes por tepidês no

cumprimento dos deveres religiosos. Alguns dos inquinados respondiam levantando dúvidas aos preceitos da madre igreja, como Gaspar Gonçalves respondeu ao padre Domingos Madeira, que só era obrigado a ouvir missa aos domingos e não nos dias santos. Gaspar Rodrigues cristão novo, denunciou Simão Falcão velho, senhor de engenho, o qual protestava contra as autoridades eclesiásticas que não pudera vigiar a moenda porque lhe tinham dado erradamente um dia de guarda. Atalhou a queixa o coadjutor de Santo Amaro, dizendo que si o bispo assim fizera, estava certo, replicando Simão que sabia mais que o prelado, "*e... sobre isto tivera rões pallavras com ho clerigo e que todos os presentes reprehenderão ao ditto Falcão*".

Documento algum, entretanto, é mais completo para o assunto do que o depoimento de Baltasar da Fonseca, cristão velho, natural de Coimbra, pedreiro, filho de mestre de obras. Declarou perante a mesa, "*aos quinze dias do mes de dezembro de mil e quinhêtos e noventa e quatro annos nesta vila da cocepção ylha e capitania de tamaraca... que de vinte annos a esta parte em portugal, e neste brasil e em outras partes por muitas vezes em muitos e diversos lugares em differentes dias e tempos perante muitas e diversas pessoas dixẽ ã não cria nem adorava em nossa sõra nem em sam paulo, nem em Sam po nẽ em santo outro algum, e ã não cria na cruz, nem adorava e ã somente cria e adorava em hum*

soo deos todo poderoso e q estas pallavras dixe grande numero de vezes não lhe lembra em q lugares nem tempos certos nem perante quaes pessoas entendeno q dezia bem nellas e assim ho teve sempre per assim no seu entendimento sempre despois que se sabe e se entende q sera de alguns vinte annos a esta parte. Confessou mais q avera dous annos pouco mais ou menos q elle dixe tres ou quatro vezes em tempos differentes q não era peccado matar hum ladrão q lhe furtava sua fazenda cotidianamente e isto dixe com collera e agastam^{to}. Remocando a hum homẽ q de contino lhe furta gallinhas, leitões, ferramenta e outras cousas mas bem entende elle q he peccado. E q isto disse perante simão soeiro hũa vez e guayana e outra perante outras pessoas q lhe não lembrão. Confessou mais q de algũs quinze annos a esta parte en diferentes lugares e perante diferentes pessoas não lhe lembra quaes per grande numero de vezes alguãs quarenta ou cinquenta vezes, dixe q bem poderia hum homẽ comer carne em qualquer dia prohibido inda que fosse quinta fr^a. de endoenças e que com comer peixe salgado dia de pascoa ficaria huã cousa por outra e q isto dizia por graça sabendo ser a verdade em contrario. Confessou mais q avera seis ou sete annos q estando nesta villa hum dia junto da matriz estando fallando com bento teixeira, e com seu ermão fernão rõiz christãos novos lhe dixe o ditto bento teixeira q Deos lhe desse dos seus bẽns, e elle Respondeo q

deos não dava dos seus bẽns senão a quẽ lhos merecia então o ditto bento teixeira lhe respondeo emmen- dando o e reprehendendo o, q tambem deos dava seus bẽns aos mouros, et aos infieis q lho não mere- ciam mas elle confessante dixee as dittas pallavras, simplesmente e repentinamente sem roim tenção e logo ficou cõsentindo com o ditto bento teixeira êtendendo dos bẽns temporais. Confessou mais q em todo o ditto tempo de vinte annos a esta parte teve sempre consiguo no entendimento per certo e verdadeiro q não se ha de adorar a cruz, nẽ a nossa sõra nem santo algum e assim elle cõfessante nũca creio na cruz nem a adorou, nem creio nos sanctos nem os adorou e q tem q somente ha de creer ã hum soo deos todo poderoso e a elle soo se ha de adorar e q isto tem pera si porquanto no credo não se diz mais q creio em deos padre todo poderoso, e não se diz no credo creio na cruz, nem creio na virgem nossa sõra, nem creio em sam p^o nem nos outros sanctos, e que bem cre elle e não tem duvida q na cruz morreo xp^o nosso sõr, e que nossa sõra foi sempre virgem et he mais de deos et alcança delle mais q todos e q Sam p^o e outros santos são santos q estão no paraiso e alcançarão de deos muito, mas que deos nosso sõr e o çentro e o filho donde maria tudo e o q soo a elle adora e nelle cree, e perguntado pello sõr, Res- pondeo, q entende deos padre, deos filho, e deos spiritu sancto, tres pessoas e hum soo deos todo po- deroso, e perguntado se vee elle e tem visto q ge-

ralmente todos os catolicos adorão a cruz, e adorão a virgem nossa sōra e aos stos Respondeo q tinha pera si q os q isso fazem o não entendem tambem como elle, perguntado que entende elle por adorar, dixe q entende por adorar asentar de joelhos e bater nos peitos e pedir perdão dos peccados, e q porquãto nem a cruz nem nossa sōra nem os sanctos tem poder de perdoar peccados senão somente deos nosso sōr que per isso elle tem pera si q não se ha de adorar outro modo de adorar mais q o sobre ditto modo de pedir perdão de peccados q he somente devido a deos, Respondeo q não sabe outro modo de adorar mais que o sobre ditto, e perguntado se quando elle dizia q não cria na cruz nem na adorava se ho reprehendeo alguã vez alguns dos ouvintes, dixe q huã vez o reprehendeo o Padre Simão de proença sendo então seu vigr^o aqui da Matriz desta villa e assim ho reprehenderão outras pessoas mas do que ora não esta lembrado mas elle cōfessante não fazia caso das dittas reprehensōis ētendendo q elle cōfesante dizia e fazia o sobre ditto bem et ho entendia melhor q elles e perguntado quanto tempo ha q ho ditto seu vigr^o ho rephendeo e se despois disso dixe e teve inda o mesmo, Respondeo q avera sete annos ou oito e q despois disso dixe elle ainda o mesmo per muitas vezes perante muitas pessoas de q não he lembrado entendendo q dizia bem e assim o entende inda ora q aqui chegou fazer esta cōfissão e per-

guntado per q modo o reprehendeo o ditto seo vigr^o, respondeo que hum dia estando com elle e com outros mais no principio da Rua principal desta villa dixe o ditto vigr^o q elle fallando com hum clerigo de missa lhe fizera crer na borrhinha, e na albarda em q nossa sōra fora pera egipto, e nas cadeas com q-sam bartholomeu prendera o demonio gabando se q por zombar do ditto clerigo lhe fizera creer nisto então elle cōfessante lhe respondeo q isso avia elle co os ediotas e o ditto vigr^o lhe perguntou então se cria elle na ditta albarda e burrinha, e cadea, então elle confessante dixe que não cria elle em tal e q tambem não cria na cruz, nem em nōssa sōra nem em sam pedro, nem sancto algum senão somente em deos nosso sōr todo poderoso e q logo ho ditto vigr^o ho reprehendeo dizendo lhe q aquillo era heresia e contudo elle cōfessante cōfiado que dezia bem apostava cō elle duas gallinhas q fizesse lgo hum auto daquillo cō as tes^{as} presentes pera o di^o (Diogo) do couto o ouvidor da vara determinar o caso q se elle fallava mal desenganar-se hia determinado o caso, e se tambem não fallava mal naquillo saberião q dizia elle bem e o ditto vigr^o Simão de proença pera crer na cruz Respondeo q por q lhe parecia q não era letrado lhe não deu creditto, perguntado de quem aprendeo elle q não se avia de crer na cruz nem adoralá e o mais q diz de não adorar a nossa sōra ñe aos stos ñe nelles Respondeo q avia não lhe lembra o quē na sua mocidade q assim se dixerá

em alguãs pregações em pulpitos e q então lhe ficou isto ate ora, perguntado q se elle tem isto no entendimento por certo inda agora et entende q não eera nisto q donde lhe nasceo logo visse ora accusar a esta mesa disto dixे que no cadafalso que se fez em outubro proximo passado em olinda de pernãobuco ouvio elle pubricurem huã sentença de hum penitenciado q arrenegara da cruz e dos sanctos o q dalli ficou elle logo suspenso e q per isso se vem ora accusar a esta mesa e que daqui por diante crera e tera o q nesta mesa lhe for insignado et mãodado o q ẽ essa tenção vem a ella p^a se elle esta errado deixar seu erro sendo lhe nella declarado e insignado porq sua tenção nunca foi nem he crer nem ter nem ir contra a verdade da sta madre Igreja, e que nunca ate agora entendeo ir contra ella mas parecendo lhe que açertava teve e dixे o q ditto tem e q se esta errado pede misiricordia de sua culpa e doutrina da verdade pera salvacão de sua alma e foi lhe logo mandado pello sor visitador q falle cõ o p^o frei damiam da fONSEQUA e com outros padres letrados q lhe serão nomeados pera cõ elles cõmonicar e tratar sua cõncientia e que tornará a esta mesa quando lhe for mandado pera nella se lhe dar o remedio e dotrina saudavel e elle assim o prometeo de comprir e lhe mãodou mais o sor visitador q não se meta en fallar cousas q não entende e as pergunte aos doctos e perguntando mais se leo algũs livros luteranos ou

herejes ou cõmonicou com elles ou andou em suas terras Respondeo q não".

Neste exaustivo documento estão compreendidas algumas das maiores preocupações do clero daquela época. O passo era asiago para a igreja católica da colônia, que via os mares infestados por corsários luteranos, da mesma casta dos que em 1570 tinham morto os quarenta jesuitas a caminho do Brasil. Avalia-se a inquietação dos pastores, quando percebiam que o perigo externo encontrava correspondência no âmago da colônia. Estavam o comércio e os dízimos em mãos de conversos suspeitos. Multiplicavam-se no rebanho dos cristãos velhos, alarmantes repetições de heresia, além de que estrangeiros esgueirados na população através da mercância, não perdiam vasa em empeçonhar as consciências da clientela. As denúncias contra um flamengo, completam de certo modo a confissão de Baltasar da Fonseca. O casal Agostinho de Olanda e sua mulher, depoz perante o visitador Heitor Furtado de Mendonça, que estando á mesa com André Pedro, "*mercador estante nesta villa. . . se moveo entre elles pratica acerca de hums clerigos desta villa que estavam amancebados e viviam mal, então sobre este preposito disse o ditto flamengo André Pedro que melhor era confessar se huã pessoa ao pe de hum altar a Deos, que confessar se a clerigos, e que na sua terra assim ho faziam e se confessavão a Deos e não a ou-*

tro confessor". Então censurou Agostinho de Olanda ao hóspede, que disse divulgarem os confessores a quem queriam os pecados dos confessantes, pelejando o casal Olanda para que o flamengo não mantivesse taes palavras, mas ele não se desdisse, nem se emendou, muito pelo contrário, manteve-se no que afirmara. O incidente tornava-se tanto mais suspeito de propaganda contra o credo, pela denúncia de Fernão d'Alvares contra, "*Alberto Rõiz framengo... criado do ditto André Pedro e vindo em praticas chamou o ditto Alberto ao ditto Luis Mendes judeu e o ditto Luis Mendes replicando com elle denunciante contra isso lhe dixerão que na sua terra havia luteranos e que se não baptizavão, então o ditto Alberto... dixe as pallavras seguintes, ora calaivos que o vosso baptismo he de merda*".

Fermentos como estes, partindo de estranhos ao meio, podiam prejudicar os costumes pela influên-cia que tinham no espirito de alguns coloniaes fracos ou bisbilhoteiros. Principalmente nos eivados de sangue judeu notavam-se indícios da orijem no bulício das suas ideas e palavras, e sofreguidão com que adotavam e repetiam conciente ou inconcientemente tudo que contrariasse ao clero, a criar atmosfera dissolvente em torno de si. Confessou Estevam Cordeiro, natural de Porto de Mós, lavrador, filho de letrado em leis, e de mulhêr em parte cristã nova, ter dito muitas veses em diferentes lugares e a dife-

rentes pessoas, que *“milhor era o estado dos casados que o de roim frade e roim clerigo. Confessou mais que... dixeu... em Roma andavão as molheres cõ os peitos descubertos e q os padres sanctos concediam indulgencias aos homêns q cõ ellas dormissem carnalmente por despeito de com isso divirtir aos homens de fazer o peccado nefando”*. Vemos nesta mixórdia o mesmo processo de desprestigiar gerarquias e autoridades, por meio de difusão de pretensas injustiças sociaes, ganância do clero ou delitos, escolhidos de preferênciã entre os sexuaes, pela facil impressã que produzem no vulgo. E como muitas vezes acontecia, o propagador do virus estava longe de alimentar perversos desígnios. Continuando a confissão o Cordeiro afirmou assim dizer *“...sem... tenção de contrariar as cousas da sancta madre Igreja”*, no que talvez fosse sincero, *“e logo perguntado pelo sôr visitador de quem aprendeo elle as dittas cousas, Respondeo que não lhe lembra e quẽ já ouvio dizer alguãs das dittas cousas. Perguntando se andou em terras de luteranos ou tractou cõ elles, ou leo seus livros Respondeo que não, e que nunca Sahio de Portugal senão na armada de Rey bastião per africa na qual ficou no mar e depois, veo pera este brazil”*.

Simão Tavares igualmente com *“Rassa de crã. novo”*, apresentava os mesmos sintomas, com a agravante de ser natural da capitania *“de pernãobuco... dos da governança desta terra... mora-*

dor... na sua fazenda dos gararapes", de condição bem acima do reinol de Porto de Mós. A costela cristã nova que o afligia vinha da mãe Felipa Tavares "não sabe de que modo", e era o quanto bastava para o tornar imprudente e irrequieto. Confessou que apesar de bom cristão, costumava em momentos de ira arrenegar a "ley de jesux". Até aqui, nada de mais, porquanto muitos católicos fervorosos faziam o mesmo por hábito ou levados por maus exemplos. Onde o caso de Simão Tavares passava a ser menos inocente era quando costumava repetir, " *que elle duvidava poderem absolver e salvar as pessoas christãas, nem uma gloria as almas do purgatorio com bulas dos papas nẽ cõ contas bentas que dizem ter indulgencias cõcedidas pellos papas, e que isto mesmo consigo et elle mesmo por si, lhe parecia que as ditas bulas e contas bentas cõcedidas pellos papas não podiam ter vertude para as almas, e que tambem per alguãs muitos e em muitos lugares e tempos differentes perante muitas pessoas... disse e assim o tinha e entendia que as offertas q se dão aos clerigos nas Igrejas pellos officios não aproveitavão as almas e que nẽ Deos pellas dittas offertas faria bem as almas, dizendo mais que por mais fizessem as offertas aos clerigos porque cõ o seu cantar não hiam as almas a gloria; confessou mais que muitas vezes despois que sonhava achava que socedia o que sonhava, e assim creio em sonhos, e quando sonhava tinha nos sonhos fee,*

que aviam de acõteçer e sehir verdadeiros; Confessou mais... q algũns oito annos ou dez andando parte delles nos estudo dos padres da companhia desta villa se confessou falsamente... confessou mais q despois de publicados os edittos e papeis do st.º offi.º elle declarou a Simão vaz cristão novo que avia de vir dizer a esta mesa q elle auvira que hum negro dizia q se não o forrassem que elle deria e descobri-ria onde estava huã esnoga de judeus... e... foi perguntado pello sôr visitador se andou por terras de herejes ou luteranos, ou cõmonicou cõ elles, ou leo ou ouvyo ler seus livros, Respondeo que não o que nunca sahio mas q desta capitania até a parahyba”, pelo que lhe ordenaram os inquisidores se confessasse ao padre Luís da Grã do colégio de Jesus, e apresentasse á mesa confissão geral por escrito.

Bastião Pires da Abrugueira denunciou o mercador inglês Alberto Carlos estabelecido em Olinda, porque dissera “*não se poderem chamar sanctos os homens sendo vivos, e alegou com a freira d’Anunziata que lhe chamavão freira sancta, e dizendo-lhe elle denunciante quee era ingres de terra de luteranos onde se não dizia missa o ditto Alberto lhe respondeo que elle era muito bom christão e que inda que na sua terra não se dizia missa que se lhes lia os Evangelhos e criam nelles... e que somente os doze Apostollos de Cristo, fizerão milagres sendo vivos, por que erão homens como nós... e antes de sua*

morte podiam perder a santidade e deixar de ser sanctos". No exposto se reconhece o espirito pratico inglês, assim como não deixa dúvidas de que Alberto Carlos era luterano convito e praticante. Ignoramos quaes as providências do Santo Officio, mas pena de morte por certo não houve, pois no Brasil a inquisição nunca queimou alguém. O mais provavel foi tomarem nota os inquisidores do delicto, deixando a denúncia suspensa á espera de novos incriminações, como faziam tantas veses a respeito de erejes e judeus. Tampouco, devera ter sofrido pena António Carvalho, porquanto haviam de levar em conta os inquisidores, o desalento em que estava quando pecara. Dissera o denunciado a propósito da morte de um parente, "*vedes a quatro dias que morreo meu irmão e já agora não o vejo lembra-me muitas vezes, dizem que ha outro mundo, não sei, repetindo-o duas veses*", tendo os da mesa indagado, si António estava no seu juiso e por que rasão dizia taes cousas.

Muito mais suspeito era o episódio narrado por Bento Teixeira, o trêfego cristão novo mestre de ensinar moços, que tantas menções conta nos registos do Santo Officio. Perguntara-lhe um outro converso Pero Henriques, quaes eram os judeus mais obstinados contra a nossa santa fé, respondendo-lhe que eram os talmodistas e cabalistas. Indagou então o Henriques qual seria a idea dos taes talmodistas acerca de Deus, "*e elle denunciante lhe respondeo*

que erão cegos e pertinaces e que leesse o libro do symbollo que fez frei Luís de Granada e que nelle acharia cousas do seu talmud, que nem brutos podiam ter, lhe referido ainda alguãs cousas do mesmo livro de frei Luis, e lhe perguntou mais ho ditto Pero Anriques, que opiniam tinhão os judeus cabalistas, e elle denunciante lhe respondeu que lesse o tractado que fez o Bispo Hieronimo dosorio contra os judeus e nelle acharia os testemunhos falsos que elles alevãotavão a Xpõ. nosso Redemptor e lhe referio ainda alguns". Denúnciou mais, que tempos antes ouvira Leonor da Rosa, cristã nova, perguntar si os filhos de sua sobrinha casada com o cristão velho Gaspar de Almeida, seriam legítimos caso tivesse casado antigamente no tempo dos judeus. Esta Leonor não declarava o motivo da pergunta, "parecendo-lhe a elle denunciante que ho perguntou em má tenção pella differença de nação, de ho ditto Gaspar d'Almeida ser cristão velho e ella cristaã nova, lhe respondeo que sim ficarião legitimos os tais filhos, então o ditto Gonçallo Nunes (genro de Leonor) respondeo que como podia isso ser por que elle tinha ouvido já pregar que todos os filhos que os judeus fizerão em Babilonia forão lançados fora do templo, ao que elle... respondeo que Deos mãodava aos judeus que indo a guerra, e contentando lhe alguãs gentias captivas que poderão entrar a ellas depois de ellas raparem o cabello e certos dias e noites chorarem os peccados dos pais e que se dos tais gen-

*tios os filhos que nascião não erão reprovados como seriam os outros”, e porisso ficou mal impressionado pelos circunstantes, apesar das mostras exteriores que davam de serem bons cristãos. Denunciou mais, que a mulhêr do inglêz Thomas Babington, mercador em Olinda, a cristã nova de nome Maria de Peralta, em casa de quem ele ensinava o filho a ler e escrever, pediu-lhe certa ves si podia “*tornar em lingoagem huns psalmos, e logo elle denunciante presumindo que ella dizia aquillo com tenção judaica, lhe atálhou e a não deixou fallar mais por diante*”, lembrando-lhe que a inquisição já estava na Baía, acrescentando Bento Teixeira que o resultado fôra, “*lhe tirou o filho da escolla e fallava mal del-le*”.*

As denúncias do professor são acervos de perigosas insinuações contra cristãos novos, além de suspeitíssimas demonstrações de grande conhecimentos de assuntos ebráicos. É possível que simulasse zelo para prestigiar-se junto da inquisição, como também fosse impellido pela rancorosa animosidade que certos conversos de grande ilustração (e Bento era dos mais instruidos da capitania) votavam aos antigos correligionários. Em todo caso, semelhante encarniçamento, não deixa de nos cauzar a desagradavel impressão que ressentimos quando prezenciamos uma traição agravada por delação.

Bento Teixeira poderia alegar em sua defesa que não o animavam tão somente baixos sentimentos, e

cálculos interesseiros, mas impulsos incoercíveis, que o levavam a contender com gregos e troianos numa agitação perpétua. Que culpa tinha ele si herdara aqueles defeitos dos seus avós juntamente com o sangue que lhe corria nas veias e o leite que bebera! No frenesí em que vivia scandalizara a Gaspar Ruiz Cartagena, castelhano, mestiço de judeu, porque lhe dissera certa ves que os homens eram feitos á imagem e semelhança de Deus, e que por isso não lhes imporia penas no outro mundo, porém, neste lhes dera a conciência que os atribulava. De outra feita, demonstrara maus bofes ao ameaçar com um chuçõ a um oleiro, por ser preterido numa encomenda fornecimento de tijolos por causa das obras da matrís. Mais tarde acoutou-se Bento Teixeira entre os beneditinos por ter morto a esposa, e e mesmo aí, e em crítica situação, levantava celeumas a propósito de religião. Armou bulha com frei Damião da Fonseca, presidente do mosteiro na vila de Olinda, e frei Honório, do mesmo, afirmando que Adão não pecara e nem por isso deixara de morrer, e como não se desdissesse, nem se emendasse, mostrou-lhe o frade o livro em que Josephus Angles condenava a heresia por ele proferida, “*então o ditto Bento Teixeira pera conffirmação do que tinha ditto alegou huãs razões filosoficas da composição do homem seer dos quatro elementos das quais razões ora formalmente não está (frei Damião) lembrado nem en-*

tão se satisfez por quanto falou absoluto que avia de morrer Adam inda que não peccara”.

Homem metido em tantas contendias, por força não escaparia ao mexerico campeando nas povoações. Antigos alunos seus propalavam que não lhes dava aula aos sábados provavelmente por continuar judeu. Outros eram mais explícitos em denúncias de carater grave, afirmando o cristão novo Gaspar Rodrigues que *“entrando em casa de Bento Teixeira... o achou lendo per hum livro e lhe perguntou que livro era e elle lhe respondeo que era a Diana, e elle denunciante o reprehendeo logo... pois sabia que era defeso”*. Efetivamente a Diana de Montemor era leitura condenada, mas na conjuntura, defendeu-se Bento prometendo queimar o livro.

Os delitos que tocavam de qualquer forma, o nivel superior dos habitantes da colónia, sucitavam inquietação nos responsáveis pela pas da consciência católica. Um livro era um espantalho. Num tempo em que o schisma pairava no ar, as folhas impressas onde escritores — malfeitores por exelência — derramavam as suas elocubrações, chegavam ao clero envoltas no inconfundível bafio da heresia. Denunciou Amaro Gonçalves a Felipe Cavalcanti, porque achara no engenho de Araribe em Itamaracá, na sala da guarda roupa, *“onde elle se vestia que estava logo allem da primeira salla sobre huã arca hu livro grande de letra grande de impressão e indo elle pera ho abrir perguntando que livro era, lhe res-*

pondeo Gonçallo Mendes Leitão irmão do Bispo Don Pero Leitão que foi deste estado, e cunhado do ditto Felipe Cavalgante. . . que não lesse por aquelle livro e que desse ao diabo ho livro, e quem o tinha em casa, que era a biblia em lingoagem", e que por mais aconselhassem a Felipe a queima-la ele sempre se negava. O denunciante não podia dezejar melhor argumento para prejudicar ao homem que ele dizia ser muito seu amigo. O mesmo praticou Duarte de Sá, com "*raça de christão novo*", em relação ao converso Joam Nunes, "*do qual recebera muitas amisa-des*". Ouvira dizer o denunciante, que o ricaço "*era largo da consciencia nos seus contractos e que elle mesmo lhe disse que tinha a biblia em latim e que a dera ao Padre Frey Melchior commissario dos Capuchos neste Brasil*". Tanto João Nunes como Felipe Cavalcanti, eram pessoas que provocavam inveja no pequenino círculo branco da capitania, o que nos ajuda a compreender, em certos casos, o estranho procedimento de muitos denunciantes. Riquessa ou poderio, talento ou simples felicidade, raramente escapam da repugnante baba da imperfeição humana.

* * *

A ação política da Igreja era enorme nas posições ibéricas, onde se reproduzia o ambiente da metrópole, acentuado nos pequenos povoados colo-

niaes pela superioridade dos missionários no saber e na elevação moral sobre os outros habitantes. Entre jesuitas, franciscanos, beneditinos ou carmelitas, havia homens insignes, possuidores da melhor instrução da época, animados de entusiasmo apostólico só comparavel ao dos primeiros mártires do cristianismo. A luta contra a escravidão dos índios, e mais peias antepostas á obra das missões, não os desviava de outra tarefa, que era cuidar da saude espiritual da população. Política e moral vão juntas, não sendo possivel haver boa administração sem moralidade tanto nos administradores como nos administrados. Todos nós temos deveres a cumprir no governo ou fora dele, e prejudicaremos aos outros, quando os esquecemos, pela perturbação que semeamos na coletividade. Não é só quem manda que arca com a responsabilidade da boa função de um sistema político, mas também quem obedece e facilita o trabalho administrativo, ou acode aos governantes em casos de emergência, ou simplesmente deixa de levantar embaraços á gestão pública.

Assistimos no volume anterior ao conflito entre eclesiásticos e povoadores, uns preocupados pela conversão do gentio; os outros sôfregos por remediar a falta de braços, que lhes demorava o enriquecimento. Acompanhamos neste o trabalho dos missionários, através as mais diversas crises de consciência registradas pelo Santo Officio, que nos faculta perceber o teor dos conselhos e a faina de censo-

res e confessores, como o ilustre jesuita Luís da Grã, ou o severo franciscano Melchior de Santa Catarina. A eles eram remetidos os casos mais sérios de anomalia sexual ou de virulenta erezia, por serem considerados médicos especialistas da alma. O cuidado de tentar a cura, para fugir da aplicação de penas, era regra da inquisição, que primeiro procurava persuadir antes de obrigada a castigar.

Um dos delitos freqüentes nos processos inquisitoriaes era o de bigamia, próprio, por sinal, de regiões onde imperava a antiga imigração. As distâncias, o ermo, as dificuldades de comunicação, o costume de homens casados deixarem as mulheres no reino para procurar fortuna em terras longínquas, predispunham ao voluntário e involuntário delito, por parte de uns e outros, dos que iam e dos que ficavam. Nem sempre povoadores perdidos no interior das capitánias, lembravam-se da medida pleiteada por João Ramalho quando queria saber por intermédio dos padres jesuitas, antes de se unir a uma índia, si a esposa ainda vivia em Portugal. Muitos foram os depoimentos em que o acusado confessava ter sido vítima de notícias, que davam como falecido ao longe o outro cônjuge. Daí, as medidas tomadas em Olinda por volta de 1589 pelo bispo D. António Barreiros, que ordenava sob ameaça de excomunhão *late sententiae*, fossem embarcados para o reino todos os homens lá casados, "*sem excepção de*

pessoa alguma, com pena mais de suspensão de seu officio e beneficio”.

Adulterios também davam que fazer no meio restrito onde campeava a maledicência de censores pouco criteriosos. O vigário de Santo Amaro, Francisco Pinto Doutel, era dado ao vinho, e quando pregava aos fieis desmandava-se em palavras, por dar ouvidos aos diz-que-disse dos compadres e comadres. Certa vez vociferou para edificação das ovelhas, segundo a denúncia do cristão novo Simão Fernandes, *“quereis saber que tal he esta vossa freguesia que ha nella dous rapazes que inda não sabem atar bem as ceroilas, e já tem feito doze ou quatorze adulterios, e outra vez disse, vós outros homens não quereis senão fazer adulterios a vossas mulheres, pois desenganaivos que ellas na mesma moeda volo pagão; e outra vez disse que ho homem que se avia de amancebar antes com mulher fermosa que fea, e se avia de embebedar antes com bom vinho que com vinagre e outras muitas cousas”*, em que se verifica não ter o vigário compostura, mostrar-se indiscreto e até enredador de intrigas, levantando inquietação na classe dos maridos ciumentos.

Este mesmo padre Francisco Pinto Doutel passou de denunciado a denunciante contra um seu collega, depondo, *“que avera dous ou tres annos na villa de Olinda em dia de Sam Pedro e Sam Paulo solemnizando a sua festa na igreja matriz do Salvador sendo junta toda a clerezia e povo com cos-*

tumão no tal por ser a principal confraria dos sacerdotes pregou o vigario da vara o Licenciado Diogo do Couto, o evangelho quem discunt homines esse filium hominis e estando pregando tratou da vida dos clerigos, reprehendendo alguns vicios e com agastamento disse estas palavras, ha pesar de Deus duas vezes". Infelismmente, no caso, tinha o padre Diogo rasão, á vista do comportamento de clérigos amancebados com índias, ou cometendo adultérios com brancas, tanto mais escandalosos quando comparados aos missionários. Ante o triste espetáculo relaxavam-se os costumes dos habitantes da capitania, nada havendo de admirar que em atos e palavras se mostrassem esquecidos dos mandamentos. Denunciou á vista disto Maria Rodrigues o lavrador Xisto Vaz, que dissera numa ceia á "*sobremesa vindo-se de pratica em pratica, ella denunciante para remocar... Isabel Bezerra, de que não presumia bem de não guardar lealdade a seu marido, disse que se ella fora confessar que ouvera de dar grandissimas penitencias ás molheres casadas que fizessem adulterio a seus maridos, então o Xisto Vaz rindosse disse que isso não era peccado mortal, então ella... lhe foi á mão que não dicesse tal, então elle disse, sim he, mas absolvem disso facilmente e nesta materia não se tractou mais*".

Por veses os adultérios decorriam em atmosfera de comédia, em outras, transformavam-se em tragédias, quando rugia o ciume ibérico. Na car-

ta geral do governador e conselho flamengo mandada em 1638 de Pernambuco para o Olanda, ha pormenores relativos aos portugueses que tinham ficado na provincia. Os rostos das mulheres eram pouco formosos, as quais perdiam cedo os dentes, tornando-se lerdas e gordas, sendo "*quasi incrível o ciume que o português sente por esses mastodontes, cercando-se de precauções para evitar namoros da esposa com outros homens. Daí as portuguesas terem pouquíssimas oportunidades de se moverem, obrigadas á clausura imposta pelos maridos*". Poderiam os missivistas acrescentar, e, pela tradição peninsular, que desculpava o uxoricídio quando provocado pela infidelidade da consorte. No depoimento de Gonçalo Ferreira encontramos o modo de pensar do povo a respeito. Certa vez, "*veo a falar acerca dos homens desta terra que são ciosos das molheres dise elle denunciante que bom era acautellarem-se os homens e guardarem-se dos azos por não virem a matar suas molheres, então o ditto Estevão Barbosa respondeo que não era peccado mortal nem venial matar hum homem sua molher por lhe fazer adulterio... e o ditto Estevão Barbosa ficou em seu ditto sustentando-o, e allegando com a lei de Moisés*".

Pyrard de Laval prezençou uma dessas crises conjugaes quando estava no Brasil, sucedida a um filho do vice rei Dom Francisco de Meneses: "*Durant que iestois là, son fils aisné fut trouve couché*

avec une Dame Portugaise, & surpris par le mary qui le blessa un peu, mais il se sauva; & la femme eut cinq ou six coups d'espée, dont elle ne mourut pas; toute fois ie ne scay ce qui en arriva depuis". Por influência do meio, todos se eivavam de ciúmeiras, perigosas para os D. Juan fatigados de índias e mamelucas, e bastante imprudentes para deitar olhos cubiçosos na mulhêr do próximo. Arriscava a vida quem assim procedesse, fosse vilão ou filho de vice-rei, bastando as veses simples suspeitas para deflagrar conflitos sangrentos. Indivíduos de profissões pacatas, mercadores ou técnicos do assucar, cristãos novos tidos por acomodaticios, enfureciam-se como os demais, não sendo Bento Teixeira o único a proceder a execuções sumárias por se julgar ultrajado.

Um dos meios de corrigir, ou pelo menos conter o enxurro de paixões, era o ensino da mocidade. Neste campo, os jesuitas brilharam tanto como no das missões onde doutrinaram o gentio. Recem vindos nas ordens religiosas europeas, sobrepujavam a todas, inda as mais antigas e experientes, sendo lícito a Companhia de Jesus comparar a educação da juventude, á estaca que no horto faz a planta nova crescer reta e viridente. Não ha dúvida, que muitos dos grandes homens saídos dos colégios inacinos, deviam a sua ilustração a qualidades próprias, que sempre os elevaria acima dos colegas em qualquer casa de ensino. Mas é preciso distinguir, de par com

o saber dependendo da capacidade de trabalho e inteligência do estudante, o extraordinário cunho religioso e moral, que os antigos pupilos jesuíticos aparentaram nos momentos culminantes da sua vida pública e privada. Alguns abandonavam a crença, outros tornavam-se indiferentes, contudo, quasi sempre, conservavam no íntimo alguma semente da messe, que podia ser opulenta, ou falha segundo o terreno, mas nunca deixava de germinar.

A superioridade da educação religiosa sobre a leiga decorre de causas fáceis de se perceber. A primeira se debilita quando mal ministrada; em compensação produz efeitos espantosos ao ser bem dirigida. O fenómeno não é, por sinal, raro onde um conjunto de fatores converge para uma ideologia apaixonante, e encontra hábeis propagandistas. No caso de religiões, aprimoradas por séculos de esforços no sentido do bem, temos no cristianismo a sublimação moral, de que outras correntes de caracter mais exclusivamente político cogitaram, porém nunca conseguiram atingir.

Os exemplos da história dão que pensar a respeito. Vemos na catequese do gentio um pugilo de missionários reduzir á obediência, com parquíssimos meios, em pleno sertão, a centenas de selvajens. Inversamente, sucedem-lhes funcionários de potências europeas, providos de abundantes recursos, e fracassam no intento. Quando depois de largo período de lutas conseguem algum tanto pacificar o

gentio das colônias, divizamos atrás do funcionalismo do Estado o moderno missionário, que até na França anti clerical doutrinava nas colônias a pedido das autoridades. A causa da diferença e sempre a mesma; de um lado temos o funcionário que se crê desobrigado junto á coletividade depois do seu trabalho diário; de outro, o servo de Deus, que tem de prestar a todo momento contas ao poder divino.

Passando agora para outro setor situado no recesso das metrópoles, vamos aproximar os antigos governantes dos expoentes anti religiosos que os substituíram. Um monarca de outras eras receava molestar os inermes súditos, sob a influência do ensino que recebera, religião que praticava e círculo social em que vivia. A côrte era composta de príncipes criados na infância por mães cristãs, instruídos a seguir pelos mais eminentes vultos da igreja. Entre os soberanos que influíram nos destinos do Brasil, pode-se afirmar que a maioria era virtuosa. Além desses varões, temos ainda nas famílias reinantes relacionadas com a lusitana, inúmeros reflexos da elevação de sentimentos que proporcionam a religião e educação conjugadas, mesmo entre os que não as praticam mas lhe sofrem a ação indireta. Em frases como a de Luís XVIII depois da tormenta revolucionária, dita a um reacionário, encontramos indícios dos mais expressivos "*Em a nossa família não assassinamos, somos assassinados*"; ou en-

tão na famosa contenda de Frederico o Grande com o moleiro de Sans Souci, em que o soberano absoluto reconhece os direitos do súdito desarmado.

Houve, por certo, encadeiamento de fatalidades políticas (e quasi não ha outra cousa neste setor) que levaram Portugal ao regalismo do século 18. Influências externas fizeram degenerar, o antigo acatamento da coroa pelos foros e privilégios do povo, caídos sob o guante pombalino que, na sombra manejava D. José I. Inda assim nesta conjuntura, preferimos o estadista do passado aos senhores e donos das mais poderosas nações do presente. Por odiosos que pareçam Luís IX ou Felipe II, acoimados de políticos sem entranhas, perzistimos em considera-los infinitamente superiores aos que séculos depois lhes sucederam no poder (67). Deixando de lado os cultores da violência, para tratar somente dos tiranos que preferem meios mais hábeis de persuasão (dos quaes o vulgo costuma dizer á guisa de maior elogio, "*ele não furta nem mata*") acompa-

(67) *"The doctrine of Divine Right of Kings has been so much reviled and ridiculed by mineteeth century historians that its good side has often been forgotten. To Philip his Divine Right meant a personal responsability to God for the welfare of every one of his subjects individually, and, consequently, a passion for social justice and for the protection of the poor against their oppressors. The nobler the office of King the more work and self-abnegation it demanded from the office-holder. Hence Philip set out in life to train himself for the duties of a King. He gradually acquired an*

nhamos a fatalidade que os verga aos imperativos da força sobreposta ao direito, sem a qual não poderão reinar. De uma feita invadem a vida privada dos cidadãos, investigando si são casados ou solteiros, si têm filhos ou não, si económicos ou perdulários; de outra, roubam-lhes a herança si esqueceram de testar, ou não o tenham podido fazer em tempo. Simultaneamente descambam num torvelinho de despesas e de impostos, de decretos e de compressões, que no fim de certo espaço tornam a existência do povo intoleravel. Todo governante absoluto, por bem intencionado que seja, acaba prisioneiro do regime que adotou. O esforço que dispende para agradar ás massas populares, e aos que detêm a força armada, acarreta a hipertrofia do sistema político numa proporção sem limites, a semear ruinas atrás de si. Até hoje não houve exeção á regra, e duvidamos que possa haver. Vemos na crónica de Portugal, onde mais interessante se nos afigura joeirar exemplos, um soberano como D. José I, que prometia na acla-

iron self-control expressed in immobile features that would register no sign of emotion... His father in his many papers of instruction had written one sentence that seemed to be graven into his soul, as though with a chisel of steel into a rock: "Depend on none but yourself". R. Trevor Davies. The Golden Century of Spain. Na pena do autor protestante este retrato moral do soberano das Espanhas, Índias e Brasil, particularmente abominado por luteranos e calvinistas, assume extraordinária sinificação.

mação governo comedido e pacífico, influenciado pelas ideas do tempo para maior benefício do povo lusitano, e que no correr dos anos se revelou monstruoso de crueldade. No entanto, a contar do físico, a aparência de S. M. inspirava confiança. Meão, algum tanto barrigudo, com aspéto de bom burguês, e demais predicados atinentes, preferindo cozinhar os “*casos*” políticos em água fria, empregando largamente a corrupção quando esbarrava em dificuldades, cioso como ninguém do poder, embora fingindo dar carta branca aos ministros, a ponto de parecer abúlico aos ingênuos, tornou-se D. José responsável por um dos governos mais insuportáveis da sua época.

A calamidade pertence, em que pese certos autores, ás “*repetições da história*”. É o tributo pago por um governante á corrente irresistível que ele desencadea e não pode dominar, desde que esteja contagiado por uma das mais virulentas moléstias da patologia política — a embriaguês do mando. Em outras condições, e outros tempos, o herdeiro do “*Sardanapalo de Odivellas*”, como lhe chamavam os historiadores liberaes, teria sido um exelente magistrado constitucional. Em uma monarquia do século 18, transformou-se em déspota e algós.

O que devemos observar em sucessos deste gênero é apenas a interação entre indivíduo e regime, que tudo subverte, fazendo recair sobre ele o fardo das máculas do desgoverno. Ninguém foge ao des-

tino imposto pela compressão política, que elimina as garantias de vida e dos bens dos administrados. Perde o governante com o arbítrio a válvula de desafogo á responsabilidade dos administradores, e zelo algum aplicado nas outras repartições da máquina administrativa poderá compensar o mal.

Contamos entre nós, neste jogo de aproximações bazeado na ação do ensino e da religião sobre o cabeça do Estado, um episódio de grandeza de ânimo, e do mais belo que se pode imaginar, no procedimento do último imperante do Brasil. Será justiça tampouco esquecer, o da sua augusta filha, não menos admiravel em idênticas condições. Infelizmente, foi preciso que acontecimentos sucedidos muito depois da queda do antigo regime, viessem por em relevo os tesouros que encerrava sob a inspiração dos seus monarcas. Criticou-se entre nós D. Pedro II, porque impunha o decoro da justiça em primeiro lugar nas preocupações do governo, da mesma forma que se atacava o beatério da condessa d'Eu, como si fosse uma calamidade ameaçando a vida e os direitos do povo. Inúmeras maldosas anedotas circulavam sobre a princesa. Diziam que a família imperial se esquecia dos deveres políticos, abandonando ministros e audiências, ao saber que um príncipe fugira de palácio e estivera em teatrinhos de variedades. Parecia-lhe que o infante corria risco de perder a alma, perspeti-

va atrás para a virtuosa grei, abalada por sentimentos cuja sinificação, pelo acima exposto, deveria logicamente inspirar mais admiração que doestos. Com efeito, não tardou a se manifestar a influência do ambiente religioso e moral que cercava o imperador. Preferiu a 15 de Novembro de 1889, D. Pedro II (pessoalmente nada beato, pelo contrário, desprezava os diplomatas, desconfiava de militares e aborrecia o clero) perder o trono a derramar uma gota de sangue dos súditos. Não nos parece que semelhante milagre se repetiria, nos países onde o sucessor do monarca absoluto por direito divino, vende a alma ao diabo para chegar ao poder, e nunca mais deixá-lo enquanto tiver forças e dispuzer do tesouro.



Quando o jesuita Cristovam de Gouvea, acompanhado de Fernão Cardim, chegou a Recife em 1583, ia bem adiantado o trabalho educativo dos seus irmãos de roupeta. Teve ocasião de ver o quanto aproveitavam os estudantes de humanidades de Olinda, *“que são filhos dos principaes da terra”*, á espera dos visitantes para os quaes tinham preparado *“um breve dialogo, bôa musica, tangendo e dançando muito bem; porque se prezam os paes de saberem elles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, relíquias, etc...”*. A boa disposição dos habitantes confir-

ma o entusiasmo com que os jesuitas noticiaram a recepção de Manoel da Nóbrega em Pernambuco trinta e dois anos antes. Nas vilas habitadas pela governança e mercadores ricos, eram os padres apreciados no seu justo valor pelos benefícios que prestavam, ao invés de serem perseguidos por proteger os índios como sucedia com as populações ruraes. Infelizmente, o morticínio de Inácio Asevedo e companheiros privou a Nova Lusitânia do auxílio espiritual que esperava. Não bastava o pugilo de jesuitas dispersado no Brasil, para instruir a mocidade branca, e doutrinar o gentio. Multiplicavam os seus esforços, realizavam milagres na empresa que tinham iniciado com tão poucos elementos, mas deveriam ser dez vezes mais numerosos para atender á imensidade da tarefa. Sobrevinham ainda accidentes, moléstias, agressões de índios para reduzir-lhes os efetivos. Mesmo assim, com poucos meios, dispensavam aos pernambucanos algumas aulas geraes, em 1568 na vila de Olinda. Com o progresso da capitania insistiram os habitantes para que se fundasse entre eles um colégio igual aos dos padres em outras partes do Brasil. Alegavam os de Olinda segundo Serafim Leite, *“entre outros motivos, o existir ali muitos moços que queriam estudar, e muito clero que precisava de teologia, e haver á roda muitas povoações e engenhos, com muita escravidão, necessitada de quem a doutrinasse e a ensinasse. E nada disto era possível sem aumentar o nú-*

mero dos Padres e os Padres só aumentariam se houvesse ali colégio”.

Informa ainda o erudito pesquisador, que em 1575 o P. Vallereggio, procurador em Lisboa dos assuntos da Índia e do Brasil, anunciava para Roma a fundação de um estabelecimento deste gênero em Pernambuco. O áto provinha de requerimento dos naturaes da capitania, e em consequência, providenciou D. Sebastião na data de 6 de Janeiro de 1576 concedendo o mantimento de vinte padres. Os olandeses que invadiram Pernambuco meio século depois gabavam o colégio. Descrevia o pastor João Baer a vila de Olinda, situada *“no espigão de alto monte, do qual uma extremidade é mais alta que a outra. Na superior, achava-se o convento dos jesuitas”*. Continuando a pintura do quadro o protestante abrangeu numa vista geral outros estabelecimentos de ensino: *“para o lado sul encontra-se o convento dos Franciscanos, que tem um bonito pátio com uma bela fonte onde o povo se abastece de água. Descendo o monte, a partir do convento dos Jesuitas, depara-se novamente uma eminência onde se eleva a primeira igreja paroquial da vila, chamada do Salvador; a casa da Câmara, e debaixo dela o açougue, e á direita um pouco acima, a prisão, e uma grande parte da cidade, sendo a eminência em cima plana e igual. Ali existe também uma bela e larga rua ultimamente chamada Rua Nova, que foi a mais importante da cidade. Porém, no extremo*

sul, em que esta situado o hospital chamado da Misericórdia, deca o monte com tão abrupto declive, que não é possível galga-lo sem grande esforço e trabalho, nem deca-lo sem perigo de cair, apesar de ver-se deante de si. Chegando em baixo do vale, ha uma encruzilhada na qual os mercadores se reuñem e costumam constituir a bolsa. Sobe-se logo de novo outra ladeira, mas não tão empinada e alta como a primeira, ahí encontrando a outra igreja parochial chamada de S. Pedro, á volta da qual elevam-se belas casas e muitos armazens, porque este é o extremo da praça limitada pelo rio que vem do Recife em direção ao ocidente. As casas não são baldas de conforto, cômodas e bem feitas arejadas por grandes janelas, ao nivel do sotam ou celeiro, mas sem vidros. As escadas são belas e cômodas, feitas de pedra para dar acesso ás pessoas de qualidade que moram todas no alto. Os caixilhos das portas e janelas são de pedra dura e pesada. A cidade conta como já dissemos com duas igrejas parochiaes... com cinco conventos, a saber: dos jesuitas dos Franciscanos, dos Benedictinos, dos Carmelitas, e convento das Freiras. A todos exede o primeiro, que é uma vasta e formosa construção em forma de quadrado, tendo ao centro um pátio. Tem dois andares, com duplas galerias ao longo do mesmo, pelas quaes entra-se nos quartos situados ao redor, em número aproximadamente de quarenta. Existem ainda alguns conventos e igrejas nas cercanias de

Olinda, como nos arrabaldes, denominadas N. S. do Amparo, S. João, N. S. de Guadelupe, e outra em cima do morro por isso chamada N. S. do Monte. A igreja matrís e as dos conventos são ricamente ornadas com dourados e ricos altares, mas desprovidos de quadros de qualquer valor”.

O remate é bem flamengo, partindo de quem cultuava a magnífica pintura da sua terra e sentia-lhe falta na povoação portuguesa. A mesma carência não impediu Barleus de admirar a séde jesuítica, dizendo ante a paisagem de Olinda, “*A parte mais alta, erguia-se o convento dos jesuitas, de construção elegante e rico de benefícios, levantado por el-rei D. Sebastião. Era o primeiro que apparecia com seu aspecto agradável a quem vinha do mar alto*”, e depois de se referir aos conventos de outras ordens, acrescenta, “*Calculavam-se em 2000 o moradores, (homens) fora eclesiásticos e escravos, distribuidos em quatro companhias (de guerra) de número desigual, como de costume. Eram mais ou menos duzentos os mais ricos*”. As outras povoações pernambucanas dignas de menção na época de Barleus, eram Igarassú (68), habitada por portugueses “*de condição mais umilde, que viviam de artes mecânicas*”; S. Miguel de Ipojuca, “*muito po-*

(68) Escrevemos Igarassú enquanto tratarmos do século 16, de acordo com os documentos da época, e Iguarassú do século 17 em deante, segundo a deturpada consagração local.

pulosa, a dez léguas do Recife. Tem 13 engenhos que produzem annualmente grande quantidade de assucar"; a que se seguia Serinhaem com 12; S. Gonzalo de Una com 5; e por fim Porto Calvo; e as duas Alagoas do norte e do sul, produtoras de gado e tabaco.

Voltando á Olinda, temos a rua Nova com a igreja principal e as melhores residências. Mais abaixo a de S. Lourenço, com as suas "*logeas colmadas de mercadorias do reino*", e os donos á porta discutindo negócios, ou esmiuçando alguma erva digna de ser comunicada ao Santo Offício. Outras ruas ferviam de atividade, como a rua do Rocha ou de Janafonço, que davam á antiga vila de Duarte Coelho o aspéto de rica, próspera, invejada pela própria Baía, no momento em que sobre ela desabaram os invasores. Nos colégios, educavam-se os jovens a exemplo dos fidalgos, que no reino procuravam imitar os príncipes de sangue. Aprendiam os pernambucanos sob as vistas de mestres; muitos dos quaes podiam exhibir bons constados de nobresa; a assimilar o espírito lusitano, que mais tarde serviu de anteparo contra o belga. Língua, religião, costumes, orgulho, erguiam-se contra as tentativas do adversário, justificando a opinião de Barleus, de que só pela mais violenta das compressões, suportavam os brasileiros a presença dos olandeses.

No lar, continuavam a receber a tradição ibero europeia, quando os paes ao depois da vida diuturna,

voltavam-se para a lembrança das Espanhas, suavizada pela contínua comparação com a rude América, aformozeada a Europa pelas saudades que lhe iluminavam as cousas boas e apagavam as más. Ao lado da casa grande o pequeno crioulo branco encontrava o elemento nativo, seu mestre das cousas brasílicas, de onde lhe vinha o interesse pela terra. Os índios se pareciam com a natureza, *“Vivem ao leo, descuidosos do dia seguinte, avessos ao trabalho, apenas á cata de bebida, tecendo alguns panos para as camisolas das mulheres e timões para si”* diz o cronista de Nássau. Demonstravam mais uma cousa, espantosa para olandeses e europeus em geral; *“Não se importam com dinheiro, a menos que seja para comprar vinho espanhol e aguardente. Alentados por promessas, ou pela esperança de vir a receber estas cousas, suportam alegres, quaesquer labores e sem o seu estímulo, mostram má vontade e tristesa”*.

Depois do caçador e pescador índio, que ensinava como se armavam arapucas, ou se encontravam pelas capoeiras os visgos de pegar pássaros, vinha o negro tristonho no eito, compenetrado nas procissões, e doidamente folgasão aos domingos. Pyrard considerava um praser ve-lo nos dias de festa ajuntar-se nas ruas e praças, dançando em público, *“car ces jours lá ils ne sont pas sugets à leurs maistres”*. O negro dançava sem parar durante horas até ficar alucinado, ao som dos instrumentos que importava ou reproduzia dos da África. Muí-

tas dessas danças eram rituaes ou guerreiras, levando os dançarinos para os sítios de reunião a única arma que lhe era permitido arvorar nessas ocasiões, uma espécie de acha d'armas que segundo Zacarias Wagener, chamava-se "Canodgen". Nas danças homens, mulheres, velhos e crianças, agitavam-se exitados por libações de aguardente de cana, que de primeiro denominavam garapa (conta-nos Zacarias) e, depois cachaça. No fim do dia estavam quasi inconcientes "*a ponto de muitas veses não se reconhecerem tão surdos e ébrios ficam*", diz o informante. Os senhores rasoavelmente os consideravam estúpidos e obstinados, narrando Zacarias que vira, "*muitos deles serem castigados suspensos pelos pulsos a um poste, os corpos nus terrivelmente açoitados por chibatas, sem pedir miséricórdia, nem prometer emendar-se, os dentes trincados deixando que lhes lacerassem á vontade os dorsos negros*". Por aí vemos também o quanto era pesado o fardo de um senhor de engenho, obrigado a lidar com escravos cheios de ódio, prestes a se vingarem si lhes deparasse a oportunidade. Escreve a respeito Zacarias, "*O seu modo de vida é comparavel ao dos tapuias (que era o gentio mais bárbaro de pernambuco), não se importam com o futuro e cuidam somente em encher bem as panças aquí na terra. Crêm contudo numa vida melhor no outro mundo, porquanto quando vão sepultar alguns dos seus parceiros fazem-n'o com estranhos e ridículos clamores,*

sentam-se em redor da cova e perguntam ao morto, cantando em côro: Hey, hey, hey, por que morreste? Hey, hey, hey, faltou-te pão, faltou-te farinha, fumo ou cachimbos? Depois dessas várias perguntas inúteis, atiram para dentro da cova pedaços de fumo e toda casta de raises, afim de que o defunto possa continuar a goza-los na outra vida, e voltam do enterro dançando e cantando”.

Em matéria de religião os negros de princípio mostravam-se relutantes ao cristianismo. Alguns de orijem maometana, eram por completo inassimiláveis. Talvês o fossem em parte, pelo motivo que hoje na África progride o Islam além da região moura até nos confins da Togolândia. Impressiona muito mais ao primitivo africano, amador de danças, negras e cachaça, as promessas de encontrar depois da morte as hurís do Nirvana, do que se entreter com os bemaventurados do paraíso católico. Apesar deste enorme obstáculo, aos poucos intervinha na escravaria o cristianismo, com a sua elevação e seus mistérios, insensivelmente sorvidos no meio da sociedade branca. Tinham os pretos em Olinda uma irmandade e igreja, a do Rosário, igual a dos mulatos em N. S. de Guadalupe, e continuavam nos quilombos onde se refugiavam, a reproduzir a liturgia católica, com os seus sacerdotes e cerimônias, numa grosseira mas sinificativa recordação da antiga permanência nas senzalas.

“Os nascidos no Brasil”, prosegue Zacarias “são chamados Criolos que os portugueses doutrinam na crença católica e os neerlandeses na calvinista. A mulher negra não menos esbelta e bem proporcionada que os homens (os flamengos como se verifica apreciavam a graça das negrinhas), mas nem por isso eram poupadas no trabalho, niveladas ao esforço dos maridos e filhos, tendo de executar pesadíssimos trabalhos nos engenhos e canaviaes”. Ademais, o costume não é imputável aos portugueses mas sim a África, onde inúmeras das suas cabildas rezervavam ás mulheres o plantio das roças e outros cuidados, enquanto os homens caçavam ou guerreavam. A caça, porém, preferiam os senhores que ficasse a cargo de índios, e a guerra ao mameluco; voltando á descrição de Zacarias, temos ainda a tarefa da negra nas cidades; “algumas dentre elas, conhecem o dinheiro espanhol (69) e olandês, que andando saiam a vender pelas ruas galinhas pás-saros, peixes secos, e toda casta de fructas magníficas, mas si a moura não é muito ladina e aceita dinheiro falso, ou de volta á casa deixa de dar conta ao senhor da féria do dia, nem que seja de um soldo, é incontinenti amarrada num poste e cruelmente fustigada. Por isto aceitam os trabalhos mais

(69) Entenda-se como dissemos, português quando é um estrangeiro que escreve,

duros a serem ocupadas nesta desagradavel mercância”.

Os senhores portugueses facilitavam sob pressão religiosa, e pelo exemplo dos grandes da governança, que os escravos comprassem a sua alforria. Em 1594 declarou perante o Santo Ofício, António da Conceição, *“criolo nascido na cidade do Porto, filho de indio (da Índia do oriente) e de negra da Guiné, escravo dos herdeiros de Bento Dias Santiago com os quais tem já contratado que dando elle noventa mil rês por si fique forro e livre e anda ajuntando o ditto dinheiro para se forrar... residente no engenho da Moribara dos ditos herdeiros de Bento Dias na freguesia de Sam Lourenço”.* O caso não era raro e representava uma das maiores vitórias dos missionários em benefício dos escravos.

Na residência das classes abastadas, eram requeridos negros da Guiné, por serem mais civilizados, limpos, e conhecedores de trabalhos caseiros. Para outros misteres serviam os angolas, robustos e bastante tranqüilos, em contraste com os da costa setentrional. Os ardras segundo Barleus, eram preguiçosos, teimosos e estúpidos, assim como os de Calabar. Os da Serra Leoa e Cabo Verde aproximavam-se dos da Guiné, *“mais polidos, mostrando algum gosto para a elegância e para os enfeites, principalmente as mulheres”.* Os de Congo e Sonho, visinhos dos angolares, davam bom serviço na pe-

sada faina dos canaviaes e caldeiras, rasão pela qual tanto os lusos com os neerlandeses, procuraram na África a amisade dos “condes” da região.

Pairava sobre a família dos senhores de engenho, no recesso da casa grande, outra influência da escravidão negra. Vinha das mucamas empregadas na criação da prole dos donos, que se multiplicavam em cuidados, afagos, mimos, com prodigiosa paciência. Para dar idea de tanta dedicação vem de molde o retrato da mãe negra pintado por Wilbois, no seu livro sobre a costa do Camarão: “*Ce Noir, en effet, n’a aucune idée d’une éducation systématique. Pourtant il adore ses petits. La mère, sitôt mère, se consacre uniquement, pendant près de deux ans, à nourrir le bébé de son lait. Lorsqu’il est malade et qu’elle doit le conduire à quelque hôpital ou quelque pouponniere, pendant qu’on l’examine et qu’il crie, aucun regard européen ne se compare à ses regards d’angoisse. Partout elle le porte sur son dos et il reste comme attaché à son corps. A quatre ou cinq ans, il se fait encore porter sur la hanche d’une soeur ou d’un frère à peine plus haut que lui. Il devient singulierement paresseux et gâté. Car on ne lui refuse rien. On ne le gronde jamais*”. A mesma solicitude, feita muito mais de instincto que discernimento, ajudava a criar a filharada da sinhá branca, e das suas filhas, noras, e netas, adensando de ano para ano os habitantes da casa patriarcal.

Aparece-nos o herdeiro brasílico do senhor de engenho através da descrição de Wilbois, com todos os defeitos, manhas, caprichos, maus hábitos de que a mucama criadeira era a principal responsável. Daí os estágios por onde passava o rebento senhorial, recebendo influência africana na infância, índia na adolescência (quando escapava de casa para pescar, caçar e vadiar), e europeia no colégio, sob o ensino do padre de origem, ou formação portuguesa.

Dobrada tarefa esperava o educador que devia instruir garotos, e lutar com a péssima carga a pezar-lhes sobre a infância. Quanto mais importantes os paes, mais deploravel cunho exercia a escravaria nos filhos, e maiores defeitos que corrigir deparavam-se aos que deviam prepara-los á vida. Em todo lugar onde apareciam os filhos de senhores de engenho, fosse na séde da capitania fosse na cabeça da colónia, ou na capital do reino, provocavam "*casos*" e incidentes. Muitos dos que mais tarde foram para Coimbra, mostravam-se tão vadios quanto indisciplinados, não conhecendo outra norma sinão o bel prazer das suas vontades. Contudo, nestes pequenos turbulentos, também influiu beneficentemente a religião, suprema autoridade a que era preciso obedecer, acima de paes condescendentes e escravos passivos.

Os que seguiam por ânimo religioso os imperativos da madre igreja, ao invés de conservar os perniciosos hábitos inculcados pela mãe negra, emen-

davam-se, modificavam-se e se tornavam muitas vezes aptos ao serviço da república colonial. Outros avessos a sacrifícios, proseguiam como estavam, sem concerto possível. Vimos linhas adiante, inda em épocas da maior religiosidade, quando mais unísono se mostrava o meio, e predominava rigorosa moral cristã, a presença de espíritos rebeldes, mal dispostos ou indiferentes, que desprezavam os preceitos religiosos. Contra esse veso, atribuído a falhas da primeira educação, embalde se esforçavam os guias espirituaes da coletividade sob a tradição luso católica. Daí, surgiam os inevitáveis contrastes da história, em que temos de um lado, os coloniaes tão fieis á igreja e reverentes a S. M. como os mais puros reinos, ao passo que os religiosos promotores desse procedimento, aluiam na Europa a obediência ao trono com os relatos dos seus trabalhos na América. Os filhos dos senhores de engenho, sentiam com o tempo a idade vencer-lhes os defeitos, tornando-se de insubordinados aos mestres, homens tranqüilos e indiferentes á paisagem que os cercava, enfadados da selva e dos seus habitantes. Na outra marjem do oceano a polida mocidade dos colégios que era o orgulho da civilização europea, apaixonava-se pelas lições das *Cartas Edificantes*, supondo com exaltação crescente existir um gentio felís, longe de uma organização absurda, simbolizada pela monarquia absoluta. No seu entender, era preciso em nome da

liberdade, derrubar para todo sempre, aquelas instituições perdidas pela ambição dos civilizados.

Alguns jovens brasileiros, dentro do espírito da época, pertencentes por inclinação ou necessidade á classe intelectual, como sucedia aos que abraçavam o sacerdócio, cursavam escolas europeas e viviam na metrópole, também reproduziam este modo de pensar. Escrevia Sousa Caldas em 1784, aos vinte e um anos de idade, sob influência do discurso de Rousseau sobre a orijem da desigualdade dos homens (que, por sua vez, impressionara-se pelas narrativas de viajantes e missionários em terras exóticas), a seguinte ode ao selvajem:

“Ó homem, que fizeste? tudo brada:
 Tua antiga grandeza
 De todo se eclipsou: a paz dourada,
 A liberdade com ferros se vê preza,
 E a palida tristeza
 Em teu rosto esparzida desfigura
 Do Deus que te criou, a imagem pura.

.....

Ó Razão, onde habitas?... na morada
 Do crime furiosa,
 Polida mas cruel, paramentada,
 Com as roupas do Vicio; ou na ditosa
 Cabana virtuosa
 Do selvagem grosseiro?... Dize... aonde?
 Eu te chamo, ó philosopho! responde.

.....

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.

E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.”

...

Na mesma época, respirando na mesma atmosfera, escrevia José Bonifácio; o futuro patriarca da independência:

“Tu Monstro horrendo, horrendo Despotismo
Maldição sobre ti, Monstro execrando
Que a Humanidade aviltas!
Possam em novos mares novas terras,
Por Britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestígios,
Os filhos acoitar da Liberdade!”

Em 1857, dedicava um outro poeta Gonçalves de Magalhães, a *Confederação dos Tamoyos* ao imperador constitucional do Brasil, enaltecendo a solicitude de D. Pedro II pela completa liberdade da imprensa, independência da tribuna, tolerância dos cultos, os públicos empregos franqueados a todas as aspirações, o estímulo extendido à capacidade e talento, a produção desentravada; em suma; o contrário de tudo que praticam os diversos regimens totalitários, dirigidos por homens sem talento nem capacidade, a não ser para a intriga.

Os tres poetas marcam o ápice de duas eras, proporcionando uma lição histórica, em que se evidencia para a felicidade de todos, perdurar o velho provérbio consolador, assegurando não haver no mundo bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.

BIBLIOGRAFIA GERAL

A

- Abreu, João Capistrano de — Capítulos de Historia Colonial. Briguiet e Cia. in 8.^o. Rio de Janeiro. 1928.
- Agostinho, fr. v. Santa Maria.
- * Almeida, Fortunato de — Historia de Portugal. 6 vols. in 8.^o Coimbra 1910. (*).
- Almeida, Fortunato de — Historia da Igreja em Portugal. 8 vols. in 8.^o. Coimbra.
- Almeida Prado, J. F. de — Primeiros Povoadores do Brasil. 2.^a ed. in 12.^o. S. Paulo. Editora Nacional. 1939.
- Alves Camara, A. — Ensaio sobre construções navaes no Brasil. Rio in 4.^o 1888.
- Américo Elysio (José Bonifácio de Andrada e Silva) — Poesias Avulsas. Bordeos in 24.^o 1825.
- Anchieta, Joseph (S. J.) — Cartas. Ac.^a. Bras.^a de Letras. Rio. in 4.^o. 1931.
- Andrade Silva, J. J. de — Collecção Chronologica da Legislação Portuguesa. 10 vols. Lisboa in 8.^o. 1854-59. Anaes da Biblioteca Nacional. Rio. Em curso de publicação.
- Anaes Marítimos e Coloniaes. Lisboa 1840-46.
- Annunciação. v. Frei Miguel Arcanjo da.

(*) Os volumes precedido de um asterisco são particularmente interessantes para o assunto da obra.

- * Antonil, André João (S. J.) — *Cultura e Opulencia do Brasil*. Rio. in 8.º. 1837.
- Antonio de Santa Maria Jaboatão (O. S. F.) *Novo Orbe Seraphico*. Lisboa in fol. 1761.
- Antonio de Santa Maria Jaboatão (O. S. F.) — *Catalogo Genealogico*. in *Rev. Inst. His. e Geo.* Rio.
- * Arquivo Colonial Português, Lisboa.
- Arquivo Histórico Português, Lisboa.
- * Arquivo Nacional da Torre do Tombo — Lisboa.
- Azevedo, Pedro de — *Documentos das Chancelarias Reaes*. Coimbra.
- Azevedo, João Lúcio d' — *Artigo in Rev. do Inst. Hist. e Geo. Brasileiro* n. 91. Rio.
- Azevedo, João Lúcio d' — *Épocas de Portugal Económico*. Teixeira. in 8.º. Lisboa 1929.
- Azevedo, João Lúcio d' — *Novas Epanáforas*. Teixeira. in 8.º Lisboa 1932.
- Azevedo, João Lúcio d' — *Artigo, in História de Portugal*.

B

- * Baldus, Herbert — *Ensaio de Etnologia Brasileira*. vol. 101. Editora Nacional. S. Paulo. in 8.º 1937.
- Baldus, Herbert e E. Willems — *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. Ed. Nac. in 8.º S. Paulo 1939.
- Baldus, Herbert — *artigos in Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*.
- * Barbot, John — *A Description of the Coasts of North and South Guinea*. in fol. London 1732. faz parte das *Viajens de Churchill*.
- Barleu, C. — *Rerum per octenium in Brasiliae*. trad. Cláudio Brandão. in fol. Bib. Nacional. Rio 1940.
- Barrere, Pierre — *Nouvelle Relation de la France Equinoxiale*. in 12.º Paris 1743.

- Bataillon, Marcel — Erasme et l'Espagne. in 4.º Droz
Paris. 1937.
- Bevilaqua, O. — Artigo in Rev. Bras. de Música 1937.
- * Borges da Fonseca, A. V. — Nobiliarchia Pernambucana.
2 vols. in 4.º. Bib. Nac. Rio 1935.
- Brito Freyre, Francisco de — Nova Lusitania in fol. Lis-
boa 1675.
- Brunet et Giethlen — Dahomey et Dépendances. in 4.º
Paris. Challamel 1901.
- Burton, Richard — The Lands of Cazembe. J. Murray in
12.º. London. R. Geo. Scty. 1873.

C

- Calendar of Letters and State Papers. London, de 1892
em deante.
- * Cardim, Fernão (S. J.) — Tratados da Terra e da Gente
do Brasil. in 12.º. J. Leite. Rio 1925.
- * Cartas Jesuíticas. publ. pela Acad. Bras. de Letras. in 8.º.
Rio. 3 vols. 1931-33.
- Claude d'Abbeville (O. S. F.) — Histoire de la Mission des
Peres Capucins. Paris in 8.º. 1614.
- * Coelho, Duarte — Cartas a El-rey. in Hist. da Col. Port.
no Brasil.
- * Commelyn, I. — Histoire de la Vie de Frederic H. de Nas-
sau. in fol. Amsterdam 1656.
- * Confissões de Pernambuco. Torre do Tombo. Lisboa.
Corpo Chronologico, in Arquivo Nacional da Torre do
Tombo.
- Corpo Diplomatico, in Arquivo Nacional da Torre do Tom-
bo. Lisboa.
- Costa Lobo, A. S. I. — Historia da Sociedade em Portugal
no seculo XV. in 8.º Imp. Nal. Lisboa 1904.

Costa Santos, Seb. da — A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos 1565-1775. pub. p. Faculd. de Med.^a. Lisboa, in 4.º. 1925.

Costa Santos, Seb. da — O Tratamento das Boubas no Hospital Real de Todos os Santos. Lisboa in 4.º. 1916.

D

Dapper, Dr. O. — Description de l'Afrique. Amsterdam in fol. 1681.

Dellon, M. — Nouvelle Relation d'un Voyage. Paul Marret. Amsterdam in 12.º. 1699.

Denucé, J. — Privilèges Commerciaux, in Arquivo Historico Portuguez. Lisboa 1909.

* Dialogos das Gandesas do Brasil. Pub. pela Acad. de Letras do Brasil. in 8.º. Rio 1930.

Documentos Historicos. pub. pela Biblioteca Nacional. Rio.

E

Ehrenberg, R. — Das Zeitalters der Fugger. Iena. in 8.º. 1896.

Enformação do Brasil e de suas capitánias. in Rev. do Inst. Hist. e Geo. Bras. Rio.

Evreux, Yves d' — v. Yves.

F

Febvre, Lucien — La Terre et l'Evolution Humaine. in 8.º. Paris. La Renaissance du Livre. 1922.

Fernandes Gama, J. B. — Memorias Historicas para a Provincia de Pernambuco. 4 vols. 2.^a ed. in 8.º. Recife 1844.

- Ficalho, Conde de — Garcia da Horta e o seu tempo. in 4.º Lisboa. 1886.
- Ficalho, Conde de — A Pimenta Malagueta. in pub. da Acad. de Sciencias Lisboa.
- Ford, J. D. M. — Letters of D. João III. in 8.º. Cambridge Mass. U. S. A. 1931.
- Freitas, Otavio de — Molestias Africanas no Brasil. vol. 51 Brasileira. Ed. Nacional. S. Paulo in 12.º 1934.
- Freyre de Oliveira, E. — Elementos... Municipio de Lisboa, a partir de 1882.
- Friederici, Georg — Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer. Perthes. 3 vols. in 8.º Stuttgart-Gotha. 1925-1936.
- Froes de Abreu, S. — Na Terra das Palmeiras. in 8.º Rio. 1931.

G

- Gama Barros, Henrique da — Historia da Administração Publica em Portugal. 4 vols. in 8.º Lisboa 1885-1922.
- Gama, v. Fernandes Gama.
- Gandavo — v. Magalhães.
- * Garcia, Rodolpho — in Prefacio da Primeira Visitação do Santo Officio em Pernambuco. in 4.º S. Paulo 1927.
- * Garcia, Rodolpho — Documentos Historicos publ. pela Bibl. Nacional. Rio.
- Gomes de Carvalho, M. E. — D. João III e os Franceses. Lisboa in 12.º Teixeira 1909.
- Gonçalves de Magalhães, J. — A Confederação dos Tamoyos. in 4.º Rio 1857.
- Guerreiro, Fernão (S. J.) — Relação Annual. publ. por Artur Viegas. 2 vols. in 4.º Coimbra 1930-33.

H

Herckmans, Elias — General beschrigwinge van de Capitanie Paraiba. Bizdragen en Medelelingen. 8. Utrecht II. 1879.

Herrera, Antonio de — Historia General de las Indias Occidentales. 4 vols. in 4.^o Amberes 1728.

História da Expansão Portuguesa no Mundo. Em curso de publicação. Lisboa.

* História da Col. Portuguesa no Brasil. 3 vols. in fol. Porto 1922.

* Hoehne, F. C. — Botanica e Agricultura no Brasil. (Sec. XVI) in 12.^o Ed. Nacional. S. Paulo 1937.

I

Ibero-Amerikanisches Archiv. F. Dümmlers Verlag. Bonn und Berlim, em curso de publicação.

J

Jaboatão, António de Santa Maria (O. S. F.) — v. Santa Maria.

Jimenez de la Espada, M. — Viage del Capitán Pedro Teixeira in Boletin de la Sd. de Geo. de Madrid XIII.

L

La Roncière, Ch. de — — Histoire de la Marine Française. 6 vols. in 8.^o Plon Paris 1909-1932.

- * Labat, le Pere (O. D.) — Voyage aux Isles d'Amérique. 6 vols. in 12.º. La Haye 1724.
- * Labat, le Pere (O. D.) — Voyage du Chev. des Marchais en Guinée. 4 vols. in 12.º. Paris 1730.
- Lannoy, C. de — L'Expansion Coloniale du Portugal. Bruxelles, Alcan in 8.º 1907.
- Leite, Serafim (S. J.) — História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa em curso de publ.
- Lemos, Maximiano — Historia da Medicina em Portugal. Doutrina e Instituições. 2 vols. in 8.º. M. Gomes editor. Lisboa 1899.
- Lery, Jehan de — Histoire d'un Voyage. A. Chuppin. La Rochelle in 8.º 1578.
- Lippmann, Ed. von — Geschichte des Zuckers. 2.ª ed. Berlin. Springer. in 4.º 1929.
- Linschotten, J. H. de — Voyage. Amsterdam in fol. 1638.
- Lopes de Sousa, Pero — Diario da Navegação, pub. por Varnhagen. Lisboa in 8.º 1839.
- Loreto Couto, Dom Domingos (O. S. B.) — Desagravos do Brasil. in Anaes da Bib. Nac. XXIV e XXV. Rio

M

- Magalhães, Pero de (Aliás Gandavo) — The History of Brasil. Anot. por J. B. Stetson Jr. 2 vols. in 12.º New York 1922.
- Martius, K. F. P. von — Natureza, Doenças, Medicina e Remedios dos Indios Brasileiros. Publ. e anot. por Pirajá da Silva. vol. 154 da Brasiliana. Ed. Nacional. S. Paulo in 12.º 1939.
- Martius, K. F. P. von — Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis. in 8.º Lipzig. 1843.
- Memorias e Documentos da Real Academia de Historia Portuguesa. Lisboa.

- Mentzels, C. — *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae*.
Staats bibliothek. 4 vols. in fol. Berlin.
- Merriman, R. B. — *The Rise of the Spanish Empire*. 4
vols. in 8.º MacMillan. New York. 1936.
- * Metraux, A. — *La Civilisation Materielle des Tupi-Gua-
rani*. Paris in 4.º Geuthner. 1928.
- * Metraux, Al. — *La Religion des Tupinamba*. Paris in 8.º
Geuthner. 1928.
- * Metraux, Al. — *Les Migrations Historiques*. Paris in 8.º
Geuthner. 1927.
- Miguel Arcanjo da Anunciação (O. S. B.) — *Cronica do
Mosteiro de S. Bento em Olinda*. in 8.º Pernambuco
1940.
- Mocquet, Jean — *Voyage en Afrique, Asie, etc...*
- Monteiro e Gamitto — *Viagem, in Burton, The Lands of
Cazembe*.
- Monteiro, Prof. Hernâni — *Origens da Cirurgia Portuense*.
Araujo e Sob.º Porto, in 8.º 1926.
- Moreau, P. — *Histoire des Derniers Troubles au Bresil*.
Paris. in 8.º 1651.

N

- Nanninga Uiterdijk, Y. — *Aen Kampfer Handelshuis te
Lissabon*. 1934.
- Nieuhoff, J. in *Voyages and Travels*. in col. Churchill.
London 1703.
- Nóbrega, Manoel da (S. J.) — in *Cartas Jesuiticas*. Publ.
pela Academia Bras. de Letras.

O

- Ordenações Manuelinas*. 5 vols. in fol. Coimbra 1797.
- Ordenações Filipinas, in Candido Mendes*. 3 vols. Rio. in
8.º 1869-70.

P

- Pereira da Costa, F. A. — Capitães Mores, Governadores etc... in *Rev. Inst. Arch. Pernambucano*.
- Pereira de Sousa Caldas, Antonio — *Obras Poeticas*. anot e publ. por F. de B. G. Stockler. Coimbra in 24.º 1836.
- Pirenne, Henri — *Mahomet et Charlemagne*. Bruxelles. Alcan 5.ª ed. in 8.º 1937.
- Pirajá da Silva — *Natureza, Doença e Medicina dos Índios do Brasil*, de K. F. P. von Martius. vol. 154 da *Brasiliana*. Ed. Nacional. S. Paulo. in 12.º 1939.
- Pison et Marcgrav — *Historia Naturalis Brasiliae*. Elzevir. in fol. 1648.
- * Pyrard de Laval — *Voyage*. in 4.º Paris 1679.

R

- Ramos, Artur — *As Culturas Negras no Novo Mundo*. Bib. de Dif. Scientifica. Rio. in 12.º 1937.
- Recalde, Dr. J. F. — in *Rev. do Arquivo Municipal de S. Paulo*. XLII.
- * *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*. S. Paulo.
- Revista Brasileira*. Rio.
- Revista Brasileira de Musica*. Rio.
- Revista de Historia*. Lisboa.
- * *Revista do Inst Arch. e Hist. Pernambucano*. Recife.
- * *Revista do Inst. Hist. da Paraíba*. João Pessoa.
- * *Revista Trimensal do Inst. Hist. Brasileiro*. Rio.
- Revue d'Histoire des Missions*. Paris.
- Rischoffer, Ambrosio — *Diario de um soldado*. Publ. e trad. por Augusto de Carvalho. in 12.º Recife 1897.
- Rodrigues, Francisco (S. J.) — *Historia da Companhia de Jesus em Portugal*. Porto. Em curso de publ.

- Rodrigues de Brito, João — Cartas Economico Politicas sobre a Agricultura. in 8.º Lisboa. 1821.
- Rodrigues de Mello, José (S. J.) e Prudencio do Amaral (S. J.) — Georgicas Brasileiras. Comtdo. por Regina Pirajá da Silva. Pub. pela Acad. Bras. de Letras. Rio. in 4.º 1941.
- Roulox Baro — Histoire des Troubles — Paris. in 4.º 1651.

S

- Santa Maria, Frei Agostinho de (O. C.) — Santuario Mariano. 9 vols. in 8.º Lisboa 1722-23.
- Santa Maria Jaboatão, Antonio de (O. S. F.) — Novo Orbe Seraphico. in fol. Lisboa 1761.
- Santarem (Visconde de) e Rebello da Silva — Quadro Elementar. Lisboa.
- Sassetti — Lettere. in Biblioteca Economica Hoepli. Milano 1880.
- * Schweinfurth, Georg — Was Afrika an Kulturpflanzen Amerika zu verdanken hat und was es ihm gab. in Festschrift Eduard Seler. Strecker und Schröder. Stuttgart. in 4.º 1922.
- * Soares de Sousa, Gabriel — Tratado Descritivo do Brasil. vol. 117. Col. Brasiliana. Ed. Nacional. in 12.º S. Paulo.
- Sousa Caldas, v. Pereira
- Sousa Leão, Joaquim de — Album de reproduções de quadros de Franz Post de sua propriedade. Rio 1939.
- Steinen, Karl von den — Entre os aborigenes do Brasil Central. S. Paulo. in 4.º 1940.
- Staden, Hans — Warhafftige Historia. Marpurg. in 4.º 1556.

T

- Thevet, André — *Les Singularitez de la France Antarctique*. Paris. in 4.º 1557.
- * Thomsen, Th. — *Albert Eckhout*. in 4.º Kopenhagen. in 8.º 1938.
- Trevor Davies, R. — *The Golden Century in Spain*. Mac-Millan. London. in 8.º 1937. ◦

U

- Ulloa, Jorge Juan y Antonio de — *Noticias Secretas de America*. Londres. 2 vols. in 8.º 1826.

V

- * Varnhagen, F. A. de — *Historia Geral do Brasil*. 4.º ed. Weiszflog. 5 vols. in 8.º S. Paulo 1918.
- Vicente do Salvador (O. S. F.) Frei — *História do Brasil*. Weiszflog. in 8.º S. Paulo 1918.

W

- Wäetgen, Hermann — *Das Holländische Kolonialreich in Brasilien*. Andreas Perthes, Gotha, in 8.º 1921.
- Wäetgen, Hermann — *Das Judentum und die Anfänge der modernen Kolonisation*. Kohlhammer. Berlin, in 8.º 1914.
- Wäetgen, Hermann — *Der Negerhandel in Westindien und Süd-Amerika*. Hansische Geschichtblätter, 1913.
- Wagener, Zacarias — in *Rev. do Inst. Hist. Arqueo. Pernambucano*. Recife.

Y

- Yves d'Evreux (O. F.) — *Voyage dans le Nord du Brésil*. Paris. in 8.º 1864.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abbeville, v. Cláudio d'
- Afonso, João — 73.
- Afonso, Martim — 80.
- Albuquerque — 75, 184, 189, 199.
- Albuquerque, Da. Beatrís de — 234.
- Albuquerque Coelho — 188.
- Albuquerque Coelhos — 147.
- Albuquerque Melo, Jerónimo de — 20, 125, 126.
- Albuquerque Melo — 186.
- Albuquerque, Jerónimo de — 207.
- Albuquerque, João de — 208.
- Albuquerque, Matias de — 195.
- Alençon, Duque de (Monsieur) — 199, 200.
- Almeida, Gaspar de — 255.
- Almeida, D. Jerónimo de — 236, 238.
- Almeida, Maria de — 208.
- Almeida Nogueira, Batista Caetano de — 108.
- Álvares, Fernão d' — 250.
- Álvares, Margarida — 50, 51.
- Álvares, Nuno — 126, 127, 138.
- Alves Câmara, Almirante — 169, 173.
- Alviano — 42, 43, 44, 45, 46, 54, 60, 62, 73, 74, 78, 132,
145, 146, 166, 219, 222, 229.

- Anchieta — 212, 220, 225, 226.
Andrade Caminha, António de — 219.
Andrade, Francisco de — 219.
André, Jorge — 219.
Andreoni — 30.
Antónia, mameluca — 208.
Antonil — 25, 27, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 68, 71, 107, 120, 183.
António, João — 66.
António de Santa Maria Jaboatão — 51, 136, 193.
Angles, Josephus — 257.
Annuniação, frei Arcângelo da — 124.
Anriques (ou Henriques) Pero — 225, 255.
Aranha de Vasconcelos, Luís — 136.
Araujo, Gonçalo de — 205.
Araujo, Manuel de — 137.
Artischau Arciszewski, Crestofle d' — 202.
Assento de Pássaro — 51.
Avicena — 5.
Avilla, Rodrigo d' — 68, 138.
Azevedo, João Lúcio d' — 123, 147, 148, 149.
Azevedo, Inácio — 201, 273.

B

- Babington, Tomás — 256.
Baer, João — 274.
Baldus, Dr. Herbert — 97, 173.
Barbosa, Estevam — 264.
Barbosa, Frutuoso — 49.
Barbosa da Silva, Francisco — 207.
Barbot — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11.
Barleus — 30, 34, 151, 276, 277, 282.
Barreiros, D. António — 261.

- Barreto, Florentino — 189.
Barreto, Jorge — 137.
Baro, Roulox — 88, 92.
Batista Caetano — 108.
Bento do Rio Douro — 123.
Beringel, senhor de — 190.
Bernardes, Manoel — 38.
Berquó, Francisco António — 227.
Berredo — 213.
Bevilacqua, O. — 104.
Bonifácio, José — 287.
Borges da Fonseca, A. V. — 20, 186, 189.
Borges, Luzia — 239.
Braço de Peixe — 51, 66.
Bragança, D.^a Catarina de — 168.
Brandões — 29, 75.
Brandônio — 25, 39, 40, 43, 44, 45, 50, 52, 53, 54, 55, 59, 60,
61, 62, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 132, 135, 136, 145, 146, 147,
150, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 173, 183,
186, 196, 203, 215, 216, 222, 228, 229.
Bras, Jerónimo — 204.
Braun, Sebastião — 221.
Brito Freyre — 76.
Brown, Robert — 9.
Brunet et Giethlen — 85.
Burton — 2, 3, 8, 10.

C

- Camelo, Francisco — 206.
Cañete, Marquês de — 132.
Cardim, Fernão — 17, 53, 59, 63, 71, 72, 74, 87, 93, 97, 217,
225, 226, 272.

- Cardoso de Barros, António — 134, 181.
Carlos, Alberto — 253, 254.
Carlos IX — 215.
Carneiro, Gonçalo — 137.
Carvalho, António — 254.
Carvalho de Andrade, Francisco — 189.
Carvalho, Francisco — 206.
Castelo Branco, Camilo — 122.
Cavalcanti, Felipe — 142, 258, 259.
Cavalcantis. — 75, 144, 186.
Chipendale — 112.
Cesar — 20.
Cláudio d'Abbeville — 98.
Coelho, Duarte — 68, 80, 141, 147, 160, 161, 162, 177, 189, 216,
277.
Colombo, Cristovam — 217.
Comilão — 165.
Commelyn — 27, 55, 57.
Conceição, Bento da — 282.
Costa Calheiros, Manoel da — 67.
Costa, Domingos da — 219.
Costa Santos, Sebastião da — 217.
Cordeiro, Estevam — 250, 251
Correa, Francisco — 196.
Couto, Diogo do — 247, 263.
Crasto (ou Castro) Manoel de — 66.
Crato, Prior do — 198, 200.
Cubas, Bras — 80.
Cuthbert Pudsey — 104, 105.

D

- Dalgado, Monsenhor — 108.
Dapper, Dr. — 1, 5.

- Dias, António — 66.
Dias, Bastião — 138.
Dias, Branco — 138.
Dias de Carvalho, Enrique — 11.
Dias Santiago, Bento — 282.
Diaz de Isla, Ruy — 217, 230.
Dioscorides — 71.
Domingos, Francisco — 66.
Doutel, v. Pinto Doutel.
Duarte, Gaspar — 242.

E

- Eanes, João — 66.
Eckhout — 17, 101.
Erkmans, Elias — 93.

F

- Falcão, Simão — 243.
Felipa, mameluca — 208.
Felipe II — 53, 132, 133, 197, 222, 268.
Felipe III — 136.
Felipes — 123, 163.
Fernandes, Aleixo — 143.
Fernandes, André — 150.
Fernandes, Diogo —
Fernandes, Domingos — 143.
Fernandes, Diogo — 125.
Fernandes, Gabriel — 66, 240.
Fernandes, Gaspar — 66, 239.
Fernandes, Jácome, Simão — 195.
Fernandes, Francisco — 139.

- Fernandes, Jerónimo — 66.
Fernandes, João — 137.
Fernandes, Jorge — 205.
Fernandes, Leonor — 209.
Fernandes, Manoel — 66.
Fernandes, Marta — 140.
Fernandes, Miguel — 205.
Fernandes, Simão — 262.
Fernandes, Vasco — 181.
Fernando, João — 16.
Fernando e Isabel — 194.
Ferrás, Francisco — 137.
Ferrás, de Lacerda, Pedro — 140.
Ferreira, Gonçalo — 15, 264.
Ficalho, Conde de — 115.
Figueira, Luís — 187.
Fonseca, Baltasar da — 243, 249.
Fonseca, Damião da — 257.
Fracastor — 218.
Francisco, Bras — 66.
Francisco, Domingos — 235.
Francisco, Gaspar — 137, 139.
Frederico o Grande — 268.
Frezier — 85.
Froes — 181.
Froes, Leonardo — 126.
Furtado de Mendonça, Heitor — 249.

G

- Galeno — 71.
Gama, Mécia da — 207.
Gandavo — 87, 157.

- Garcia de Ávila — 54.
Garcia, Belchior — 138.
Garcia, Rodolfo — 15, 70, 205.
Garcia da Horta — 217, 230.
Garro, Manoel — 235.
Godinho, Simão — 138.
Goes, Damião de — 119.
Gomes, António — 220.
Gomes de Abreu Soares — 195.
Gomes, Luís — 50, 51.
Gomes Martins — 235.
Gomes, Martins — 66.
Gomes da Silveira, Duarte — 39, 47, 50, 76, 186, 231.
Gonçalves, Amaro — 258.
Gonçalves, António — 66.
Gonçalves Manaya, António — 234.
Gonçalves, Francisco — 239.
Gonçalves, Diogo — 138.
Gonçalves, João — 225.
Gonçalves de Magalhães, D. — 287.
Gonçalves, Manoel — 66.
Gonçalves, Pero — 66, 204.
Gouvea, Cristovam de — 226, 272.
Grã, Luís da — 253, 261.
Granada, Luís de — 255.
Groussac, Paul — 124.
Guardes, Inês — 189.

H

- Habsburgos — 133.
Haro, Cristovam de — 146.
Henriques, Pero — 254.
Herculano, Alexandre — 195.

- Hoehme — 24, 32, 48, 92, 107, 178, 19, 182.
Homem, Manoel — 138.
Honório, frei — 257.

J

- Jaboatão, Atnónio de Santa Maria — 51, 136, 193.
Jácome, Simão Fernandes — 195.
Jimenez de la Espada — 64, 170, 171.
João II — 194.
João III — 130.
João IV — 123, 141.
José I — 268, 269, 270.

K

- Kirkpatrik — 116.

L

- Labat — 83, 84, 85, 220, 221.
Laet, Jean de — 89.
Lagoa, João de — 209.
Lâncaster, James — 172, 197.
Lannoy, de — 152.
Ledifino — 46.
Leitão, António — 123.
Leitão, Martins — 194.
Leitão, Pero — 259.
Leite, Serafim — 226, 273.
Lery, Jean de — 89, 92, 94, 157, 171, 174, 230.
Lins — 75, 142, 144, 186.

- Lippmann, Edmund von — 70, 71, 119.
Lopes de Abreu, Gregório — 195.
Lopes da Rosa, Francisco — 49, 50.
Lopes, Pero — 73.
Lopes de Sousa, Pero — 161, 162, 168, 171.
Luís, Francisco — 234.
Luís IX — 268.
Luís XIII — 215.
Luís XVIII — 267.
Lucas, Pedro — 66.

M

- Macedo Soares, 108, 110.
Machado, Henrique — 68.
Madeira, Domingos — 241, 743.
Magalhães, Fernão de — 82.
Magalhães, Pero de (do Gandavo) — 88.
Maia, Manoel da — 205.
Manoel I — 151, 194.
Manoel, Gaspar — 239.
Marcgraf — 9, 23, 88, 92.
Marques, Manoel — 138.
Martins, Francisco — 66.
Martins, Lopo — 137.
Martius, K. P. von — 216, 225.
Matos, Gregório de — 111.
Matuca — 51.
Maximiliano de Áustria — 118.
Mêdicis — 198.
Mendes, Beatris — 211.
Mendes Leitão, Gonçalo — 259.
Mendes, Luís — 236, 238, 250.

- Mendes, Vicente — 139.
Menezes, D. Diogo de — 70, 155.
Metraux — 87, 97, 98.
Miranda, Salvador de — 66.
Monteiro, António — 139.
Montoya — 96.
Moraes e Silva — 108.
Morand, Paul — 62.
Moreau — 89.
Moreira, Martim — 195.
Moura, D. Francisco — 15.

N

- Namminga Witerdijk — 151.
Nantes, Martim — 49.
Nássau, Maurício de — 45, 93, 278.
Negra, Inês — 143.
Nelt, Afonso — 66.
Nieuhoff — 16, 32, 33, 77, 86, 93, 95, 96, 100, 101, 158, 164, 174.
Nóbrega, Manoel da — 161, 212, 220, 273.
Nordenskiöld — 111.
North, Lord — 172.
Nunes, João — 140, 259.
Nunes, Manoel — 137.
Nunes, Gonçalo — 255.

O

- Olanda, Agostinho de — 249, 250.
Olandas — 75, 142, 144.
Orsini, Alexandre — 199.

Osores, António — 126.

Osório, Jerónimo — 255.

P

Pacheca, Violante — 218.

Paes Barreto, João — 51.

Paes Barretos — 75, 186, 189.

Paes, João — 189, 205.

Paz, João de — 208.

Pedr'Álvares — 66.

Pedro, André — 142, 249, 250.

Pedro II — 271, 272, 287.

Peralta, Maria de — 256.

Pereira Troncoso, António — 126.

Pereira, Sebastião — 126, 207.

Pereira Osores — 126.

Pigafeta — 82, 171.

Plínio — 115.

Pinto, padre — 222.

Pinto, Manoel — 66, 235.

Pinto, Doutel, Francisco — 242, 262.

Pirajá da Silva — 216, 220.

Pires da Abrigueira, Bastião — 253.

Pires, António — 212.

Pires, Francisco — 66.

Pires, Miguel — 66.

Pirenne, Henri — 115, 116.

Piso — 9, 23, 30, 38, 77, 220.

Pombal, Marquês — 143, 226.

Post, Franz — 21, 31.

Pousadas, Inês — 209.

Prado, Condes do — 190.

Prado, Eduardo — 242.

Prado, Paulo — 242.

Proença, Simão de — 246.

Pyrard de Laval — 120, 124, 125, 127, 130, 136, 141, 151, 183,
185, 192, 264, 278.

Q

Quejada — 196.

Quesada — 196.

Queixada — 196.

R

Rabello, Francisco — 207.

Rabello, Pedro — 15.

Ramalha, Jellonia — 208.

Ramires, Branca — 212.

Recalde, J. F. — 96.

Ribeiro, João — 66, 219.

Ribeiro, Manoel — 138, 140.

Rocha Dantas — 54.

Rocha, Marques da — 66.

Rocha Paris, João da — 138.

Rodrigues, Afonso — 67.

Rodrigues, Alberto — 250.

Rodrigues, Bento — 125.

Rodrigues Carthagená, Gaspar — 126, 257.

Rodrigues, Fernão — 244.

Rodrigues, Ferreira, Alexandre — 175.

Rodrigues, Gaspar — 205, 236, 243, 258.

Rodrigues, Maria — 263.

Rodrigues de Melo — 37.

- Rodrigues, Salvador — 212.
Rodrigues Vila Real, irmãos — 126.
Rodrigues Vila Real, Francisco — 126.
Rodrigues Vila Real, Gonçalo — 126.
Rodrigues Vila Real, Manuel — 126.
Rosa, Leonor da — 255.
Roulox Baro — 82, 92.
Rousseau — 286.

S

- Sá, Duarte de — 259.
Sá, Mem de — 122.
Salvador, mameluco — 207.
Salvador, frei Vicente do, v. Vicente.
Sanches, Francisco — 137.
Santa Catarina, Fr. Melchior de — 259, 261.
Santa Cruz, D. Álvaro de Bazán, Marquês de — 200.
Saint-Hilaire — 38.
Santos, Manoel dos — 215.
Seler, Eduard — 4.
Sebastião I — 130, 251, 276.
Schweinfurth — 4, 8, 227.
Serápio — 5.
Sheraton — 112.
Silva, Melchior da — 66.
Simonsen, Roberto — 148, 149, 163.
Siqueira, Manoel de — 140.
Soares — 186.
Soares, Fernão — 127, 143.
Soares, Diogo — 127.
Soares, Gaspar — 241.
Soares, Manoel — 235.

- Soares, Margarida — 219.
Soares, Francisco — 225, 226.
Soares de Figueiroa, Lourenço — 133.
Soares, Gabriel — 8, 22, 23, 32, 35, 36, 40, 48, 51, 53, 57, 58,
60, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 107, 171, 172, 173, 178, 179,
180, 181, 217, 220, 223, 224, 231.
Soeiro, Simão — 219.
Sousa Caldas — 286.
Sousa, frei Luís de — 147.
Sousas (de Ajudá) — 110 .
Sousa Henriques, D. Luís de — 180.
Sousa, Tomé de — 133, 181.
Southey, Robert — 197.
Staden, Hans — 91, 162, 11, 172.
Steinen, Karl von den — 93, 103.
Strozzi, Felipe — 198, 199, 200.
Stuart, Carlos — 168.

T

- Tavares, André — 205.
Tavares, Felipa — 252.
Tavares Guardes, Maria — 189.
Tavares, Simão — 251, 252, 253.
Teles Barreto, Manoel — 125, 134.
Teixeira, Bento — 244, 245, 254, 256, 257, 258, 265.
Teixeira, Lourenço — 138, 139.
Thevet, André — 90, 94, 156, 157, 171.
Toledo, Diogo — 66.
Trevor Davies, R. — 269.

U

- Ulloas — 144.

V

- Vallereggio — 274.
Van der Dussen — 30, 31.
Van der Ley — 186.
Varnhagen, F. A. — 80.
Vasco da Gama, 118.
Vasques, Catarina — 209.
Vau de Claye — 198.
Vaz, Simão — 253.
Vaz, Xisto — 263.
Velasques de Selidar — 186.
Velho Barreto, António — 189.
Velho, Bernardo — 66.
Vespúcio, Américo — 82, 156.
Vicente do Salvador — 39, 48, 70, 122, 135, 150, 167, 172, 173,
180, 194, 195.
Vieira, Gonçalo — 66.
Villa Lobos — 218.
Vimioso, Conde de — 200.

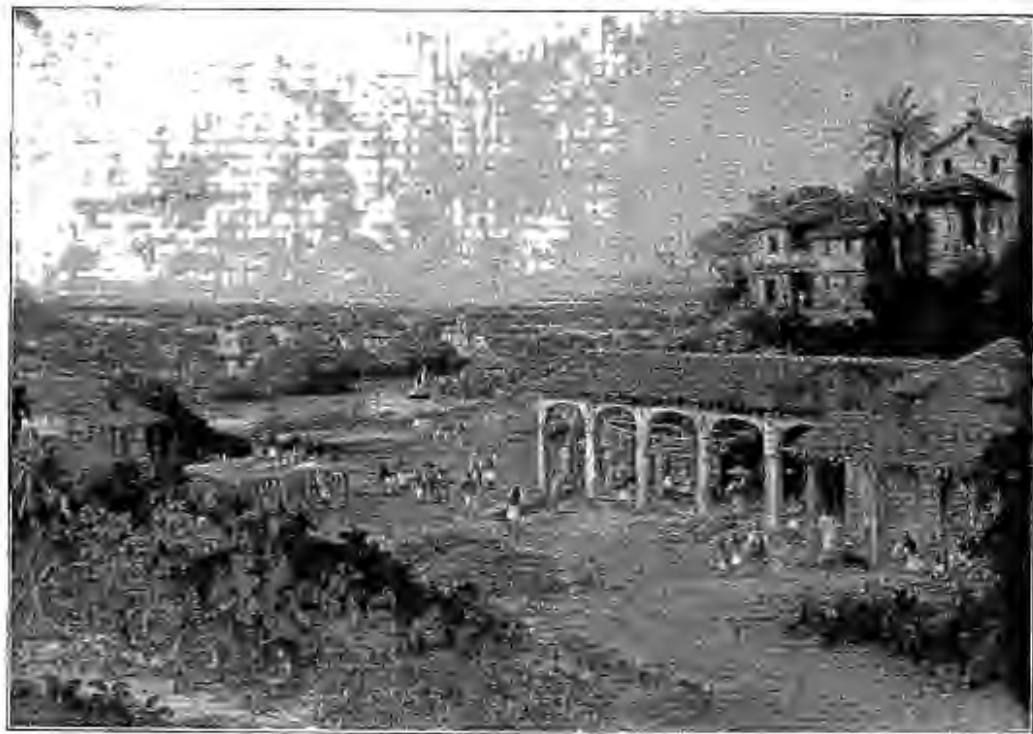
W

- Waetgen — 34, 45.
Wagener, Zacarias — 228, 279, 281.
Wilbois — 283, 284.

Y

- Yves d'Evreux — 171, 220, 228.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em março de 1942.*



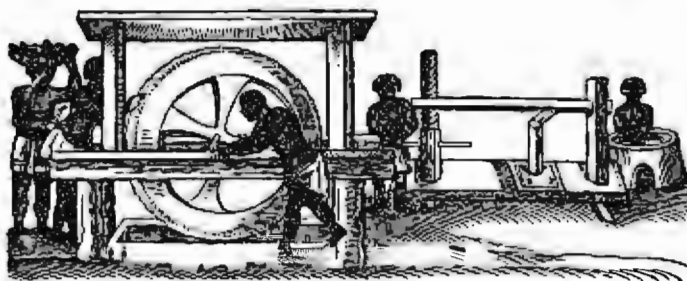
Engenho pernambucano.

Atribuído a Franz Post, Kunstsalon Ahl, Köln



Engenho de cana

Franz Post. Barleus.



Moagem da mandioca

Piso.



Caldeiras e casa de purgar

Piso.



Mercado de escravos

por Eckhout no Theatrum Naturalium Rerum Brasiliae.



O marechal Strozzi, primo de Catarina de Médicis,
suposto vice rei secreto do Brasil.

(Biblioteca Nacional de Paris).



Mameleuo
par Kekhoué



Dança de Negros

por Eckhart im Theatrum Naturalium Bernae Brasiliæ.



Vista de Olinda

de uma antiga estacada holandesa.